

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA MESTRADO EM
LITERATURA**

Cristiano Mello de Oliveira

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL
DE MÁRIO DE ANDRADE: *O TURISTA APRENDIZ***

Florianópolis

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA MESTRADO EM
LITERATURA**

Cristiano Mello de Oliveira

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL
DE MÁRIO DE ANDRADE: *O TURISTA APRENDIZ***

Dissertação submetido(a) ao Programa
de pós-graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre

Orientador: Prof. Dr Patrícia Peterle.

Florianópolis

2011

Catlogação na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

A ficha catalográfica é confeccionada pela Biblioteca Central.

Tamanho: 7cm x 12 cm

Fonte: Times New Roman 9,5

Maiores informações em:

<http://www.bu.ufsc.br/design/Catalogacao.html>

Walter Condack e Luzia Mello de
Oliveira são os inspiradores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai, Walter Condack, a estimulação nas leituras e devida interlocução nesta minha pesquisa.

A minha mãe, Luzia Mello, a esperança de enxergar outros horizontes para seu filho.

Ao meu irmão, Túlio Mello, o diálogo.

A minha companheira, Clarita Gonçalves de Camargo, o esforço no acompanhamento e a dedicação nas interlocuções de meu trabalho.

Ao casal de amigos Fernando Otavio de Freitas e Luciane Maria Gonçalves Franco, a leitura e interlocução poética.

Aos mestres Fernando Gebra e Raquel Llescas Bueno, o espírito motivador para estudar o escritor Mário de Andrade.

Agradeço aos amigos que percorreram os créditos realizados, aos funcionários da Biblioteca da UFSC e à eterna Dona Elba, secretária do Programa de Pós-graduação em Literatura.

A professora Telê Porto Ancona Lopez pela interlocução de sua aula no IEB-USP e sua posterior entrevista concedida.

A Vera pela acurada leitura e revisão do texto.

Ao CNPq, ter concedido uma bolsa de estudos para conclusão de minhas pesquisas.

Aos mestres da Pós-graduação da UFSC, Patrícia Peterle, Andrea Saturbano, Rosana Kamita, Susana Scramim, Tânia Ramos, Claudio Celso Alano Cruz, Simone Pereira Schmidt, Antonio Esteves, Gilberto Martins, dentre outros, o incentivo e a confiança em meu trabalho acadêmico.

RESUMO

Esta dissertação investiga a posição do intelectual Mário de Andrade, ao se referir à obra *O turista aprendiz*, no que concerne a sua representação e a seu desempenho como escritor voltado a compreender os problemas sociais, durante sua estada nos estados do Norte e do Nordeste brasileiro. O bojo das visitas etnográficas embutido na obra é sua atenção ao público proletário, na busca pela formulação de uma cultura popular nacional. O escritor modernista assume postura de intelectual comprometido com a sociedade que ele busca representar, em seus escritos e crônicas de viagens dessa mesma obra. Buscamos ensaiar, exclusivamente, sua atuação durante suas andanças nas principais cidades do Norte e Nordeste Brasileiro, com a preocupação de integrar a seus escritos um caráter social. Também abrimos uma investigação sobre as principais vanguardas europeias, assim como sobre as facetas intelectuais de Mário de Andrade, a fim de rastrear seu potencial de artista polígrafo, perfazendo seu movimento nos diversos meios artísticos durante sua vida. As vanguardas europeias oriundas de Mário de Andrade são fruto de grande relevância social e literária inserida em seus contextos de época, onde agem como desencadeadoras e antecipadoras de outras obras de grande valor. Com rigor, problematizamos todo esse material artístico, buscando possíveis respostas para seu estilo eclético, frente às responsabilidades que ele assumiu como intelectual múltiplo, defendendo o povo e da cultura brasileira. Mário de Andrade, ao se aproximar do povo, gerou inúmeras contribuições sociais. Por esse motivo, utilizamos muitos fragmentos extraídos da própria obra, para evidenciar nosso mote de pesquisa, sob a luz dos teóricos que dão consistência ao objeto de análise. Diante dos fragmentos iluminados, buscamos: levantar interpretações, esmiuçando-os, para buscar elementos que esbocem as relações abrangentes, sob a luz do cabedal teórico justificado e escolhido; e trazer o pensamento de Mário de Andrade, como representação canônica de um modelo literário. Fechamos o trabalho com o levantamento de um debate imaginário com o escritor Mário de Andrade, fazendo com que ele especule suas principais respostas e busque, ainda mais, indagar alguns assuntos pertinentes ao ofício do escritor e do intelectual.

Palavras-chave: Mário de Andrade. *O turista aprendiz*. Intelectual. Crônicas de viagem. Contribuições sociais. Povo.

ABSTRACT

This dissertation aims at investigating the perspective of the intellectual Mario de Andrade in his work *O turista aprendiz*, in relation to his representation and performance as a writer who is concerned with comprehending the social problems he witnessed during his stay in the North and in the Northeast Brazil. The core of his ethnographic visits, embedded in his work, is the attention devoted to the proletariat audience, in the search for the formulations of a popular culture, aimed at a national level. We understand that the modernist writer assumes the position of an intellectual committed to the society he aims at representing through his writings and the travel chronicles present in the aforementioned work. We shall discuss, exclusively, his performance in his trips around the main cities of North and Northeast Brazil, with the concern of integrating a type of social character to his writings. This work also opens a discussion about the main European avant-gardes, as well as intellectual aspects of Mario de Andrade, attempting to trace his potential as a polygraph artist, comprising his movement in the various artistic means during the trajectory of his life. The European avant-gardes derived from Mario de Andrade are results of a great social and literary relevance inserted in his time contexts, in which they act as triggers and anticipators of other works of great value. Accurately, we problematize all this artistic material, searching for possible answers for his eclectic style facing the responsibilities he assumed as a multiple intellectual who defends the people and the culture of Brazil. When approaching the people, Mário de Andrade produced social contributions that permeate all this dissertation. For this reason, we use many fragments extracted from de Andrade's work to highlight our research motto, under the light of the theorists who will give consistence to our analysis object. Facing the enlightened fragments, we will try to raise some interpretations, in detail, scrutinizing them in order to examine and search for elements that can outline the broad relations under the light of the justified and chosen theoretical parameters. Furthermore, we bring Mário de Andrade's thoughts as a canonic representation of a literary model. Finally, we will examine and end our work with and imaginary debate with the writer Mário de Andrade, making him speculate his main answers and look for more questioning of some subjects concerning the work of the writer and of the intellectual.

Keywords: Mário de Andrade. *O turista aprendiz*. Intellectual. Chronicles travel. Social contributions. People. Popular.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	27
1.1 NOTA BIOGRÁFICA.....	41
1.2 SOBRE UM CONCEITO APROXIMADO DE CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS.....	46
2 REFLEXÕES SOBRE AS “CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS” NA OBRA <i>O TURISTA APRENDIZ</i> DE MÁRIO DE ANDRADE.....	51
2.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS – PRIMEIRA VIAGEM – BREVE APRESENTAÇÃO.....	51
2.2 CRÔNICAS DE VIAGENS E A OBRA <i>O TURISTA APRENDIZ</i> – CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO.....	58
2.3 MÁRIO DE ANDRADE – ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO SOCIAL.....	70
2.4 MÁRIO DE ANDRADE – <i>O TURISTA APRENDIZ</i> E A LINGUAGEM POÉTICA E SOCIAL.....	80
2.5 MÁRIO DE ANDRADE E OS PREPARATIVOS PARA A SEGUNDA VIAGEM.....	87
2.6 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES SOCIAIS DE MÁRIO DE ANDRADE – <i>O TURISTA APRENDIZ</i>.....	92
2.7 O TURISTA APRENDIZ E A MÁQUINA FOTOGRÁFICA COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO SOCIAL.....	95
2.8 POSSÍVEIS DIÁLOGOS PARA A CONFECCÃO DOS DIÁRIOS DE VIAGENS DA OBRA <i>O TURISTA APRENDIZ</i>.....	100
3 AS FACETAS INTELECTUAIS DE MÁRIO DE ANDRADE – O INTELECTUAL DE MÚLTIPLAS FACES.....	107
3.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS.....	107
3.2 MÁRIO DE ANDRADE E AS VANGUARDAS EUROPEIAS.....	110
3.3 MÁRIO DE ANDRADE – A CONSTRUÇÃO DO INTELECTUAL INQUIETO E SOCIAL.....	122
3.4 MÁRIO DE ANDRADE – A CONSTRUÇÃO DO INTELECTUAL HUMANISTA.....	140
4 POR QUE UMA PREOCUPAÇÃO MARXISTA NA OBRA <i>O TURISTA APRENDIZ</i>?.....	157
4.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS CRÔNICAS DA OBRA <i>O TURISTA APRENDIZ</i>.....	159
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203

REFERÊNCIAS.....	214
APÊNDICE A - ENTREVISTA IMAGINÁRIA REALIZADA NA CAPELA MORTUÁRIA DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO EM SÃO PAULO.....	223

1 INTRODUÇÃO

Telê Porto Ancona Lopez, em sua introdução à obra *O turista aprendiz*, intitulada *Diário de bordo*, desvela a relevância de compreender a obra de Mário de Andrade, quando diz: “É importante que se divulgue esta obra de Mário de Andrade, ainda que não esteja em uma versão definitiva, porque ela nos fornece elementos importantes para o estudo do seu pensamento, de sua expressão dentro da prosa modernista”.¹ Trata-se de erudição coberta de preocupações literárias instigantes e, ao mesmo tempo, excelente sugestão investigativa para valorizarmos novas perspectivas a ideologia andradiana. Embora a estudiosa do Instituto de Estudos Brasileiros da USP privilegie, em sua introdução, elementos que caracterizam a gênese literária dessa obra, assim como as possíveis ligações com o contexto histórico artístico da época (assunto que a pesquisadora do IEB retoma à amplitude de apenas cinco páginas), percebe-se que seu texto oferece vários desdobramentos que buscam o alicerce daquilo que será a característica primordial na feitura da obra *O turista aprendiz*, ou seja, as crônicas de viagens ou prosa de viagens.

Redigir e investigar *O turista aprendiz*, do escritor Mário de Andrade, presente em toda sua trajetória de intelectual social, implica uma densa tarefa de análise histórica e hermenêutica.² Ao pesquisador-investigador cabe confrontá-la com outros estudos já publicados,³ servindo-se deles apenas como balizamento, assim como para realizar a leitura do período histórico brasileiro em que Mário de Andrade está situado. Aliás, pensar sobre a literatura de Mário impregnada nas crônicas de viagens da obra *O turista aprendiz* é enveredar por um

¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Diário de Bordo*. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.39.

² A estudiosa Telê Porto Ancona Lopez (1972, p.11) aponta algumas direções úteis para a pesquisa na obra de Mário de Andrade: “Em 1950 Cavalcanti Proença mostrou que o caminho para a compreensão da obra de Mário de Andrade deveria ser o da pesquisa, pois ela poderia proporcionar a interpretação correta, livre de apriorismos e projeções. Acredito que o caminho seja válido também para entender a totalidade dos escritores ligados ao Modernismo e as demais estéticas que marcaram a Literatura Brasileira. Nossa crítica não pode ainda ser dar ao luxo europeu da interpretação pura, enquanto a documentação continuar arqueologicamente sepultada”.

³ Referimo-nos, aqui, aos estudos pioneiros realizados pela estudiosa e crítica Telê Porto Ancona Lopez. Citaremos quase todos eles, ao longo desse caminho de pesquisa.

contexto nacional densamente observado durante sua trajetória de viagens. Por outro lado, a instigação a esse estudo, presente nesta dissertação, será prolífico, já que compreender as reflexões acerca da posição do intelectual social e próximo do povo, bem como os efeitos das contribuições sociais deixadas pelo escritor paulista, fortalecerá possíveis considerações que serão canalizadas de maneira contributiva. Tendo em vista seu consagrado poder ideológico e pensamento polígrafo, é através dessas modelações que exploraremos nosso objeto de maneira analítica: a proximidade de Mário com o popular e o social e suas consequentes objetivações para uma cultura nacional mais independente.

Salientamos que a escolha desse autor, e especificamente dessa obra, remete a uma preocupação com entender como se processam, dentro do universo da literatura brasileira, certos fenômenos de representação social e do popular de época. Pretendemos enfatizar que faz sentido pensar nessa aproximação com o povo e o popular daquele período, como fator preponderante para a construção de seus diários de viagens. Outrossim, mostraremos como se organiza e articula o contexto histórico e sociológico, tendo em vista as fortes mudanças políticas e culturais ocorridas entre os anos de 1920 e 1945. Eventualmente, traremos referências dos fatos em anos anteriores ou posteriores, visando a discutir e aprofundar temas da obra póstuma *O turista aprendiz* com outros temas e escritos, que têm relação com mote aqui investigado e fazem alusão a ele.

Contextualizaremos, dessa forma, alguns leves toques históricos do período ao qual Mário estava diretamente envolvido como fator referencial a seus escritos e ao momento que representou os locais visitados. Por isso, também contracenaremos, brevemente, os escritos de Mário de Andrade com os de outros escritores, ao remeter aqueles a um panorama brasileiro. Tentaremos, ao menos, amarrá-los por suas semelhanças e distinções. Com efeito, conjugaremos o potencial intelectual de Mário de Andrade, através de algumas breves facetas, e buscaremos tecer genuínos comentários e considerações necessárias, sem a intenção de criar dogmas ou fundar outras ideologias. Em suma, para a revisão crítica do projeto artístico ao qual Mário estava diretamente e indiretamente vinculado, este estudo busca contextualizar a obra marioandradiana, levantando questões sobre sua personalidade social, em um contexto cultural brasileiro, especialmente no que concerne à proposta estética e política de apropriação, inclusão e fusão

de elementos das culturas subalternas no espaço da representação simbólica da nação.⁴

A presente dissertação emprega uma sequência textual que se locomove para verificar progressivamente como ocorreu o interesse e a preocupação posterior do escritor Mário de Andrade frente aos desafios da sociedade e do popular.⁵ Junto a isso, buscaremos tecer gradativamente esse olhar social e humanístico de Mário de Andrade em relação àquilo que estava a seu redor, tentando, através de algumas observações, levantar os primeiros pressupostos de suas hipotéticas motivações em aproximar sua identidade, assim como uma proximidade física com a cultura das redes sociais de época. Uma das proposições deste estudo é perquirir essa trajetória social e popular gradativamente, através de uma leitura mais detalhada e aprofundada da obra *O turista aprendiz*, buscando localizar suas motivações de aproximação com o povo.

A metodologia que adotamos no trabalho sugere ampliar e difundir suas reflexões sociais e sua ideologia próxima do povo, o que propomos pelo método da interpretação e reflexão, glosa da bibliografia vigente, análise e diálogo de suas ideias e principais discussões. É sabido que suas investigações, as quais já foram percorridas sobre o escritor, tiveram muito mais um papel cultural do que preocupação com o social. No entanto, isso ocorre pelas variadas circunstâncias, ou seja, de maneira relativa, o escritor paulista acabou, ocasionalmente, modificando as distintas injustiças sociais que malogravam as esperanças daquele povo ao qual ele representou através de seus escritos. Mesmo com certo distanciamento ou pela necessidade de articular conceitos etnográficos, como veremos nos capítulos adiante, Mário participou efetivamente da vida dessas pessoas, às quais representou através de suas crônicas de viagens publicadas no jornal

⁴ O crítico e estudioso Raul Antelo (1986, p.23-24) problematiza toda essa conjuntura: “Antes de 30, a possibilidade de aplicar a teoria marxista para a análise da realidade brasileira; e, além disso, a atenção para a nova práxis histórica que estava sendo intentada no Leste europeu; são dois caminhos vedados ao escritor paulista. Sendo assim, pode-se afirmar o caráter parcial e fragmentário desse projeto, na medida em que não é capaz de incorporar elementos políticos-culturais vindos daqueles povos, onde a estrutura social estava em processo de transformação. Em consequência, é lícito apontar o limite teórico do desvairismo. As pesquisas folclóricas e o debate sobre nacionalismo e dependência cultural marcarão a virada que complementarará esse esboço ideológico, a partir de 1926. Afinal, o Oriente surrealista é a viagem a Minas e as descobertas do turista aprendiz...”.

⁵ Dizemos posterior, porque, a nosso ver, o escritor paulista demonstrará melhor essa aproximação do povo, durante a segunda parte da obra *O turista aprendiz*.

Diário Nacional, de São Paulo. Por esse motivo, buscamos rastrear e refazer o trajeto cronológico das peculiaridades sociais e populares que atingiram o escritor, não deixando de falar também do cultural ao qual ele estava diretamente envolvido. Portanto, o recorte mais específico dessa etapa é atender ao período artístico e literário das duas viagens, dando maior ênfase aos anos de 1927, 1928 e 1929.

Como lastro teórico, pautamo-nos em analisar e interpretar alguns teóricos que mais ajudaram a compreender o panorama reflexivo social onde Mário estava mais diretamente envolvido, tendo em vista o repertório conceitual escrito anacrônico, porém limitado, de Silviano Santiago (2006), Antônio Candido (2000), Spivak Gayatri Chakravorty (2010), dentre outros importantes teóricos que irão enfileirar nossas discussões. Para ficar mais conhecido, desses mencionados respectivamente discutiremos⁶ *Ora (direis) puxar conversa!* (especificamente o conceito estabelecido nesse mesmo ensaio “de puxar conversa com pessoas humildes” sobre a aproximação do social examinada por Silviano Santiago nas cartas de Carlos Drummond de Andrade. Tal ensaio busca evidenciar que Mário tinha forte vontade de dialogar com pessoas humildes e simples, reforçando ainda mais a defesa de nosso objeto nas crônicas que analisaremos). Em um segundo momento, que já foi objeto de muitas citações, abordaremos a obra *Literatura e sociedade* (especificamente o capítulo “Escritor e o público”, em que o crítico tece algumas considerações sobre a importância da sociedade na obra literária e vice-versa).⁷ Em um

⁶ Alguns desses conceitos operatórios já foram selecionados e mencionados anteriormente no corpo desses escritos que fazem parte do fundamento teórico desse mesmo projeto, apenas os enfatizamos aqui de forma mais sistemática e detalhada para a compreensão do leitor.

⁷ A nosso ver, é muito válido e sintomático utilizarmos os conceitos operatórios do crítico Antônio Candido (1993), para analisar as crônicas do *turista aprendiz* no terceiro capítulo, por motivos quase óbvios, pois o estudioso fora amigo pessoal de Mário de Andrade e chegou a escrever uma carta em comemoração ao próprio escritor paulista. Resolvemos resgatar o excerto principal dessa carta, onde o crítico afirma ter recebido os originais do *turista aprendiz*: “Em meados de 1943 você me mandou os originais do *Turista aprendiz*, perguntando se valia a pena publicar. Normalmente eu deveria estourar de orgulho, vendo um bamba do seu quilate pedir opinião de um jovem principiante. Você sempre deu muita força aos meus artigos críticos, apesar de algumas restrições ocasionais, como escrevi sobre Gonçalves Dias o denominado ‘Mestiçagem e literatura’ e você me mandou uma longa carta mostrando a bobagem do meu ponto de vista, baseado no que é acessório, como físico, raça, circunstâncias da vida e outros tópicos que servem para explicar

terceiro momento, abordaremos a obra *Pode o subalterno falar?* (especificamente o conceito da condição do intelectual de abrir espaços para representar o subalterno). Sob essa ótica, através desses autores, teceremos uma leitura acadêmica de forma pormenorizada dos capítulos que abrangem a presente dissertação.

Obviamente, esses teóricos serão cotejados transversalmente no decorrer do trabalho, a fim de estimular ao máximo a sustentação do corpo do trabalho, no que se refere a nossa interpretação. A justificativa da escolha desses aportes teóricos para explorar o assunto do (terceiro capítulo) reclama uma possível discussão enviesada de analogias que, a nosso ver, são pertinentes aos fragmentos das crônicas sobre as quais refletiremos e as quais interpretaremos diretamente no terceiro capítulo. Pautamo-nos na ideia de que todo recorte é, antes de tudo, uma escolha socioideológica, justificando aquilo que o filósofo francês Michel Foucault afirma, ou seja, que não se “[...] tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa”.⁸ Desse modo, todo discurso, seja literário ou não, é localizado contextualmente através de datas e alicerçado em condições que o tornam possível no ambiente histórico-literário. Outrossim, salientamos que não apenas abordaremos esses conceitos como palavras-chave de leitura para adentrar as considerações que aqui redigiremos e os fragmentos retirados da própria obra, mas também acrescentaremos outros estudos pertinentes, que orquestrarão o fio desta presente dissertação.⁹

O interesse de realizar essa pesquisa surgiu há algum tempo, mais precisamente durante a leitura da obra *O turista aprendiz*, no ano de 2008 e 2009. Durante essa época, estivemos envolvidos com intensas leituras e pesquisas que provocaram e evidenciaram uma investigação mais aprofundada a respeito da aproximação do povo e do popular que aparece nessa obra. O aprofundamento dessas leituras foi frutífero e conquistou novas formas e liames de problematizar os assuntos pertinentes ao projeto de pesquisa encaminhado ao Departamento de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2009, sob orientação da Profa. Dra. Patrícia Peterle. Especificamente na linha de pesquisa Literatura e memória, esse projeto

qualquer coisa. Mas no fundo, mesmo discordando, você me dava força” (p.22). In: LUCAS, Fábio. *Cartas a Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁸ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999. p.11.

⁹ Esses conceitos serão mais enfatizados no terceiro capítulo desta dissertação, onde se encontra a maioria dos fragmentos selecionados e extraídos da segunda parte da obra *O turista aprendiz*.

busca amarrar ainda mais a literatura de Mário de Andrade contida nas crônicas da obra *O turista aprendiz* como escritos que remetem aos registros e às referências de viagens como recordações da nação brasileira de época. Em consequência dessas leituras, o leque de artigos e ensaios foi dando luz a outros estudos, congressos e artigos, que foram produzidos no mesmo ano e no ano consequente. Diante do projeto de pesquisa, tivemos de direcionar e adaptar muito daquilo que iríamos produzir, em consequência da função do espaço e do tempo necessários para confeccionar os primeiros esboços redacionais daquilo que se tornaria os primeiros capítulos da presente dissertação.

É lógico que também nos preocupamos em levantar diálogos e citações que situam o escritor paulista na mesma questão, bastante peculiar ao aparato que aqui defendemos: as consequentes “contribuições sociais”. Por isso, ao esmiuçar suas crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*, devemos estar preliminarmente embasados quanto ao fato de que suas fortes aproximações com o proletário e o popular de época já faziam parte de um envolvimento literário social e de um planejamento estratégico que não ocorreu por acaso ou foi um fato inusitado e isolado para as questões de época. Com efeito, a leitura e a releitura de sua obra artístico-literária permitiria a criação de um painel figurativo sobre seus pensamentos sociais mais polêmicos e irreverentes, corroborando a criação de um panorama daquilo que o escritor paulista mais enfatizou durante o período de escrita dessas crônicas de viagens que foram publicadas, no calor da hora, no Diário Nacional de São Paulo e que posteriormente também completariam o livro *Os filhos da Candinha* (1942).¹⁰

Não devemos nos furtar a que a construção do mito Mário de Andrade, como expressão da nacionalidade e defensor dos direitos dos proletários e dos menos privilegiados, se fez ao longo de um percurso

¹⁰ Sobre o jornal Diário Nacional, resgatamos alguns dizeres do historiador Nelson Werneck Sodré (2004, p.366): “A 14 de julho começou a circular o Diário Nacional, tendo como superintendente Joaquim Sampaio Vidal, que era o principal acionista da empresa; como diretores, funcionavam Paulo Nogueira Filho e José Adriano Marrey Júnior; como redator chefe, Amadeu Amaral, como secretário, Pedro Ferraz do Amaral; e como gerente, Sergio Milliet. A 30 de março, o Diário Nacional publicava o quadro completo dos feitos da Coluna Prestes e, a 19 de abril, o trabalho ‘O pensamento político de Luis Carlos Prestes’, – entrando na linha tenentista e concretizando a aproximação entre os militares rebelados contra a ordem das coisas vigentes e forças políticas civis organizadas, o que constituiria a última etapa das ações preparatórias contra a situação dominante”.

histórico de vários anos,¹¹ não somente com base na obra *O turista aprendiz*, mas em torno de outros projetos de escrita, que também serão mencionados neste trabalho. Nesse percurso, eles combinaram-se com as realizações materiais em favor das classes pobres e a sistemática confecção e o registro daqueles que estavam ao seu redor e nas suas circunstâncias. Mário não seria, pois, na elaboração dessas realizações, apenas “o agente social dos pobres”, na frase que poderíamos tomar como simples chave de interpretação e tencionamento das crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*, a qual analisaremos no terceiro capítulo. Assim, seria isso e bem mais do que isso, na medida em que teria corporificado a nacionalidade como expressão de um Brasil mais soberano e moderno, consequentemente, verificaríamos obviamente as “contribuições sociais” que buscamos gradativamente dissertar e provar, ao longo desta investigação. É óbvio que esse escopo sociológico, o qual investigaremos em detalhes, não é tarefa simples e tampouco resolvida aqui. No entanto, sabemos que essa “chave de leitura” não explora apenas a relevância social como um todo hermético, mas servirá de aparato relativo para explorarmos nosso objeto de estudo, sendo assim, ao seguirmos essa direção, provavelmente, não cairemos em possíveis digressões para com o acervo cultural de um período histórico, distanciando assim nosso olhar do respectivo objeto.

Novamente, podemos citar e recuperar a erudição de Telê Porto Ancona Lopez, quando diz, em preliminar introdução de sua obra ensaística *Mário de Andrade: Ramais e caminhos* que, para Mário de Andrade compreender e conhecer o povo brasileiro, seria necessário e básico entender que: “A assimilação da literatura popular vai sedimentando a linha do compromisso, levando-o à análise do povo. Torna-se sua ponte de ligação mais nítida com a realidade brasileira, pois recebe da criação popular sua dimensão psicológica e mesmo

¹¹ Sobre essa questão, o crítico Raul Antelo (1978, p.49) assevera que: “Pelo contrário, o nacionalismo de Mário, em 1928, atravessa um período de transição de uma fase ufanista e aproblemática, para uma fase em que ele se vincula à sociedade de classes, como instrumento para a luta por uma nova hegemonia. Trata-se de um nacionalismo representativo do ponto a que chegava o processo de contradições de uma sociedade em transformação. Penso que é impróprio aproximar um nacionalismo, onde o real é redutível a zero, de outro que propõe exagerar, ciente de que na dessemelhança está o princípio da semelhança e do conhecimento. Apesar do inevitável autoritarismo intelectual, este tipo de nacionalismo deriva do pressuposto de que o verdadeiro conhecimento é aquele que parte do ponto de vista dos dominados, processado segundo as exigências do distanciamento crítico. É neste ponto que o intelectual orgânico pode vir a colaborar com um processo do qual faz parte, embora não seja protagonista”.

sociológica”.¹² Para Ancona, a ideia de realizar uma pesquisa por parte de Mário seria interesse inevitável, já que tudo aquilo circunstanciava seu ofício de escritor e jamais poderia se afadigar ou se exaurir, ou seja, aproximação das pessoas como fundamento básico para adquirir o respectivo conhecimento da realidade local contido no vocábulo “compromisso” que a própria estudiosa utiliza. Certamente, dessa forma, segundo a autora, o escritor paulista conseguiria assimilar a devida responsabilidade e o entendimento para formular uma compreensão do popular e do povo. A referência da pesquisadora é importantíssima, no que concerne aos estudos e a nossa leitura, assim como o fio condutor da obra *O turista aprendiz*. Outrossim, essa vontade de investigar o povo acaba aparecendo como uma preocupação, tão enfatizada por Ancona em seu prefácio de *O turista aprendiz*,¹³ em suma, o embasamento e a canalização que iriam proporcionar e instigar novos estudos e investigações no campo das principais considerações reflexivas.

Nesse sentido, a insinuação que aqui perseguimos é trabalhada com questões amplas e difusas do prolífico conhecimento do escritor paulista sobre as humanidades. Obviamente, pela extensa fatura de sua obra, resolvemos privilegiar alguns assuntos mais pertinentes e que atendem aos interesses do trabalho proposto. Com efeito, escolhemos aqueles que melhor atendem ao percurso da leitura e de nossa problemática. Mário foi um pesquisador incansável da realidade brasileira, alimentou e tateou profundamente, ao longo de suas obras, uma espécie de luta progressiva e inquietação de um intelectual próximo da sociedade e persuasivo naquilo que propunha realizar. Dentro dessa musculatura, a abrangência de seu potencial artístico-social nos conduz a enxergar uma maneira de tentar, ao menos, expandir e glosar novas interpretações daquilo que aqui defendemos, ao longo desses três capítulos. Portanto, a ampliação de suas interpretações da sociedade de época e de seus principais dizeres nos direciona a uma possível reflexão sobre suas “contribuições sociais” e o respectivo porvir de suas idealizações.

¹² LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária, 1972. p.11.

¹³ É importante frisar que o vocábulo “preocupação” aparece diversas vezes no prefácio *Viagens Etnográficas de Mário de Andrade*, de Ancona. A título de exemplificação, a autora escreve: “[...] e sua preocupação [de Mário] com as condições de vida e de trabalho do povo.” (LOPEZ, T. P. A. *Viagens etnográficas de Mário de Andrade*. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.20).

É difícil fugir da tentação de investigar as crônicas de Mário de Andrade no livro *O turista aprendiz*, pois o autor, mentor de uma criatividade de nação brasileira, mesmo nos expedientes árduos que mantinha na posição de intelectual polígrafo e renomado, soube dar originalidade a seus escritos e registros. Essa constatação do potencial expansivo de sua redação, redigida em forma de crônicas de viagens na obra *O turista aprendiz*, denota o entusiasmo visceral da paixão pela literatura e pela representação do povo no período em questão. É possível depreender uma maneira peculiar de canalizar todo repertório cultural que se integra, de forma amistosa e solidária, ao escrever o Brasil pelo todo que significava naquela época. Por esse motivo e viés, Mário de Andrade busca, a partir de sua aproximação com o social, elaborar e fermentar, tanto no documento como na ficção,¹⁴ o reflexo de seus dizeres que perpetuam e sintetizam sua maneira de enxergar e representar esse imenso Brasil. Para plasmar essa substância e sociabilidade intelectual peculiar do escritor paulista, concomitantemente, convergência e divergência de formas artísticas prolíficas, formas que estavam entrando e saindo da polêmica o tempo todo, não hesitamos em experimentar situações densamente genéricas que pudessem salientar a problemática maior encontrada entre sua razão e sua emoção, destacadas como alicerce de seu caráter, quase sempre polêmico. Em suma, podemos verificar um Mário preocupado com as justificativas de uma vanguarda intelectual social que mesclasse autonomia e razão, para lutar pelos projetos de criação e de nação.

No primeiro capítulo, denominado *Reflexões sobre as contribuições sociais na obra O turista aprendiz de Mário de Andrade*, tentaremos basicamente delinear alguns dos principais episódios introdutórios da obra *O turista aprendiz*, buscando situar e afunilar nosso objeto de análise investigatória. Para isso, foi necessário, através de um recorte mais específico, recontar tais acontecimentos e verificar como progridem os principais laços sociais nas primeiras crônicas escritas por Mário, tanto na primeira viagem quanto, progressivamente, na segunda.

Na sequência, evocaremos os principais trechos que possam evidenciar esses laços sociais, privilegiando uma parcela contextual

¹⁴ Em variados momentos da obra *O turista aprendiz*, é possível verificar a mescla entre a realidade e ficção. Para fins de exemplificação disso, citamos a elaboração da tribo de Índios Do Mi Sol, em que fica nítida essa mescla (ANDRADE, 1976, p.129): “Mas, por intermédio desta tribo, poderei criar todo um vocabulário de pura fantasia”.

daqueles laços que Mário chega a realizar com seus pares e colegas intelectuais, ou melhor, verificaremos como se oferta o laço de amizade ao longo desse trajeto, rastreando tais atitudes como fator desencadeador das respectivas aproximações com o povo, que ocorrem com frequência na segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Delineando, assim, uma maneira mais específica, podemos gradativamente realizar contextualizações e compará-las com outros acervos literários escritos pelo autor. Problematizaremos como de fato foram ocorrendo essas aproximações do social, que conseqüentemente desembocariam nas crônicas para análise contextualizada na segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Dessa forma, também apontaremos reflexões e interpretações na linguagem da obra, fatores de influências literárias que Mário tenha absorvido, enfim, dividindo tudo isso em subtítulos que busquem sintetizar e compartilhar alguns anseios pelo viés literário de como a obra pode ser investigada.

No segundo capítulo, denominado *Facetas intelectuais de Mário de Andrade – O intelectual de múltiplas facetas*, refletiremos sobre a influência das vanguardas europeias e algumas facetas intelectuais exercidas e praticadas por Mário de Andrade, durante parte de sua vida e obra. O recorte a ser feito dessas complexas e cambiantes facetas será pela nomenclatura sugerida pelo embasamento dos assuntos que o escritor paulista mais elaborou e representou, no decorrer de seus escritos. A escolha dessas reflexões ocorreu através da leitura da obra *O turista aprendiz*, na busca por investigar os aspectos de vanguardas europeias e como foram os singulares aspectos de sua personalidade como intelectual ao longo dessas duas viagens, bem como dialogar com eles. A título de exemplo, sobretudo, exploraremos o intelectual inquieto e social junto com o intelectual humanista, sob uma roupagem reflexiva ao objeto em análise, buscando investigar os possíveis liames que pactuam com alguns dos fatos e episódios que mais marcaram as viagens da obra *O turista aprendiz*, assim como obras de Mário que correspondem de forma correlata ao assunto. É notável que, durante a confecção deste capítulo, ocasionalmente venhamos a aproximar e criar critérios de juízo que apontem para os acontecimentos da época. Possivelmente, alguns desses critérios acabem esgrimindo ideias antagônicas e difusas, em busca de uma possível resolução de seus dizeres. Esse capítulo, por fim, concentrar-se-á em tecer algumas considerações reflexivas, nas retomadas e aproximações do viés biográfico do escritor e obra e das vanguardas europeias absorvidas, com o objetivo tanto de demonstrar a relação possível entre a prática da literatura como o ofício de intelectual, apontando, principalmente, para

um desdobramento sobre o papel de seu desempenho intelectual ligado ao contexto cultural do Brasil.

Encerraremos nossa caminhada de viagem, no terceiro capítulo, denominado *Por que uma preocupação marxista na obra O turista aprendiz?*, onde buscaremos selecionar os principais fragmentos (essencial documentação) da segunda parte da obra *O turista aprendiz*, trechos que mais evidenciam a temática da aproximação do escritor Mário de Andrade com o povo e o popular, passando também a enxergá-los e interpretá-los sob a ótica das consequentes “contribuições sociais” supostamente deixadas por ele mesmo. Na sequência, a leitura e a releitura desses episódios selecionados permitirão alcançar e aproximar um grau maior ao objeto que defendemos ao longo desta dissertação. Somando-se ao que já foi mencionado, a partir de uma leitura detalhada, analítica e selecionada, dentro do cotejo das posições, a pretensão acaba sendo, também, a partir do levantamento dessas evidências com o popular e o social, buscar as preocupações e as potencialidades poéticas e literárias de Mário, para descrever esses episódios, sendo essa a opção aqui adotada.

Para tanto, faremos, primeiramente, um recorte de leitura aprofundado, no qual a crítica Telê Ancona reforça as crônicas da segunda parte, que: “[...] é marcada pela tentativa constante de fazer análise socioeconômica e pelo entusiasmo para com elementos do marxismo”.¹⁵ Assim, identificaremos, a nosso ver, os principais fragmentos que articulam e evocam essa tentativa de aproximação do popular, com base em suas análises e visitas nas indústrias de cana-de-açúcar, visitas às pequenas cidades, às moradias dessas pessoas, descrição das migrações por melhores condições de trabalho, onde o escritor paulista busca evidenciar sua análise socioeconômica.¹⁶

É importante frisar que o pensamento da estudiosa Telê Ancona percorre majoritariamente todos os capítulos aqui apresentados, assim como a reflexão de seus principais estudos, investigações e últimas pesquisas, bem como, em menor grau, as reflexões do crítico Raul Antelo, especificamente suas conceituações sobre o papel de Mário na sociedade latino-americana. Cabe lembrar que, durante a análise desses fragmentos, enfatizaremos, visando a dialogar com maior profundidade, os conceitos de nosso lastro teórico, já abordado nessa introdução. Portanto, dentro desse enfoque exposto por Ancona buscaremos

¹⁵ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.51.

¹⁶ Idem.

problematizar e oferecer uma análise aprofundada da questão do proletário e do patrão.

Por último, nas considerações finais, teceremos reflexões que abarcam os três capítulos anteriores, buscando frisar e amarrar os principais conceitos discutidos e realizados sob a luz de nossa interpretação, assim como o cabedal teórico abordado, e sobre uma leitura específica da obra literária de Mário de Andrade, buscando revelar e reatualizar suas considerações para um contexto ao qual possamos aludir outros desafios e implicações. Em outras palavras, retomaremos questões anteriores, sistematizando-as, pontuando-as para levantar algumas passagens da dissertação, visando a discutir também alguns desafios perpassados durante o segundo e terceiro capítulos. Além disso, sugerimos outros estudos para levar novas postulações, desafiando ao pesquisador acadêmico posteriores investigações que possam ampliar o estudo desse objeto.

Como apêndice desta dissertação, deixamos o ensaio *Entrevista imaginária sobre o ofício do escritor e do intelectual*,¹⁷ para buscar refletir sobre a amplitude de seus dizeres e pensamento, com isso, visamos, de maneira dialógica, a trazer suas lembranças e seu pensamento para uma suposta atualidade, bem como fortalecê-los. Assim, inserindo uma discussão com propósitos definidos, que serão justificados no decorrer desta dissertação. Para isso, utilizaremos a metodologia indutiva,¹⁸ tecendo novas hipóteses, dando harmonia a suas idealizações, imbricando seus apontamentos, concatenando suas considerações, repensando seus conceitos estéticos e sociais, remetendo-os, de maneira geral, a um grau de originalidade e ajustamento possível da realidade vivida na época, condicionando novos olhares. Outrossim, uma entrevista concedida pela estudiosa Telê Porto Ancona Lopez finalize a nossa empreitada sobre o processo de estabelecimento do texto da obra *O turista aprendiz*.¹⁹

¹⁷ A presente entrevista faz parte do livro de nossa autoria *Ficção e documento: debates imaginários sobre temas polêmicos com Mário de Andrade*, que se encontra em fase de publicação.

¹⁸ Em linhas gerais, a metodologia indutiva seria o: “Processo mental que, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (SILVA, E. L. e MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa*. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>. Acesso em: 04 set. 2011.

¹⁹ Conforme aula inaugural sobre a segunda parte da obra *O turista aprendiz*, assistida no dia 06 de agosto de 2012 no Instituto de Estudos Brasileiros na

Com efeito, acreditamos que, com a totalidade dos assuntos registrados e abordados ao longo dessa longa caminhada, dividida em capítulos e subcapítulos, o conteúdo desta dissertação possa tomar por inteiro e em conjunto a importância de uma investigação maior, empreendida no próprio título como um todo.

Dado o preâmbulo metodológico, resta esquematizar o elenco geral das questões que problematizará a presente dissertação. Eis, em resumo, algumas indagações e questões colocadas sob a luz das leituras realizadas no decorrer dos seus três capítulos. No primeiro capítulo, temos estas: Como o escritor busca aproximar-se das pessoas e dos seus pares intelectuais de época? Qual seria a estratégia social para convencer seus amigos em relação a seus trabalhos e pesquisas? Como se forma essa rede solidária que Mário busca construir ao longo de suas andanças? Quais seriam os outros trechos das cartas e das obras literárias que buscam falar de uma arte literária fundada em representar e interpretar uma determinada sociedade ou o próprio povo? Como se forma a personalidade do Mário social e popular? Como se forma a personalidade do Mário humanista e dedicado aos assuntos fraternos da sociedade de época?

No segundo capítulo, podemos questionar: Como ocorre o panorama das vanguardas europeias na literatura de Mário de Andrade? Qual seria o cenário dessas vanguardas? Qual seria o resultado dessas vanguardas? Como é construída a personalidade do intelectual social inquieto? Como é construída a personalidade do intelectual com enfoque sociológico? Como é construída a representação do intelectual humanista, tendo em vista as fortes aproximações do escritor paulista frente aos variados desafios daquele período? Como e por que o escritor Mário de Andrade desenvolvia suas facetas intelectuais frente à sociedade daquela época?

Por fim, no terceiro e último capítulo, temos estas: Quais seriam os principais fragmentos das crônicas literárias da segunda parte que comprovam maior aproximação do popular e do social que o escritor paulista estava buscando representar? Como se encaixariam nesses fragmentos os teóricos já mencionados? Quem seriam os homens e as mulheres participantes dessas crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*? Qual seria o retrato social panorâmico dessas crônicas escritas por Mário de Andrade? De que modo ocorrem essas aproximações e quais são os principais atores e lugares visitados? Como

foi o comportamento e a voz de Mário frente àquilo que observava? Obviamente, essas indagações não seriam as únicas que guiam nosso roteiro problemático, mas as principais, tendo em vista a brevidade que desejamos alcançar com a análise de nosso objeto. Acreditamos que, ao argumentarmos e questionarmos através desse elenco de indagações, relativamente, seremos capazes de levantar e provocar outros estudos possíveis, assim como compreender analiticamente todo o contexto problemático que estava inserido o próprio escritor.

A finalidade da presente dissertação não é postular uma verídica legitimação dos selecionados pensamentos literários, sociais e populares do escritor paulista, tampouco esgotar o manancial das “contribuições sociais” deixadas por ele, mas discuti-las sobre a perspectiva do diálogo, sob a luz da glosa de suas concepções, retiradas de sua obra selecionada. Correlacionaremos seu pensamento social, verificando a possibilidade de uma interpretação mais acurada e determinada sobre tal perspectiva. Na verdade, articulando e utilizando basicamente os fragmentos que comprovam melhor sua aproximação do social – mote maior desta pesquisa –, amparada nos textos do escritor modernista, a investigação aqui realizada busca um panorama das “contribuições sociais” que mais enfatizou Mário de Andrade durante seus escritos. Outrossim, acreditamos que, por esse caminho, conseguiremos atingir um caráter do ineditismo desse assunto, tendo em vista que outras investigações não seguem esse percurso nem se preocupam com abordar tais vertentes. Portanto, esta pesquisa baseia-se numa possível projeção para o fortalecimento dos estudos literários da obra *O turista aprendiz*, sob o viés da perspectiva literária e sociológica em que embasamos tal estudo.

Esperamos, ao longo desse percurso, inserir e revelar a divulgação da pesquisa da obra *O turista aprendiz*, e, como extensão, o projeto social de Mário de Andrade no debate atual da relevância da sociedade, como papel preponderante na articulação das ideias do escritor paulista, assim como sua busca pelo popular e sua aproximação do público proletário de época. O cunho científico desta dissertação está diretamente relacionado a contribuir para a importância de relacionar seu estilo e valor agregado às obras²⁰ do escritor Mário de Andrade

²⁰ Apesar da vida de intelectual fechado aos livros e enciclopédias, o escritor Mário sempre foi um agente social em seu aspecto mais pungente, por isso, é notório verificar que ele não gostava de ficar isolado e sozinho por muito tempo. Em carta ao escritor Carlos Drummond de Andrade, notamos esse desabafo: “Depois passei à máquina e então tomei a nota sobre a espécie da minha solidão, mesmo quando estou sozinho. (E não será isso que faz de mim um infatigável escrevedor de cartas? ...) Não vou procurar agora, mas me lembro meio esgarçado que já numa das

como fator desencadeador para formular seus escritos da segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Postulamos reconhecer se essa obra literária, tida como híbrida na literatura brasileira, pode servir como ferramenta para realmente interpretarmos o Brasil cultural, social e geográfico de época, tendo em vista o número grandioso de cidades visitadas pelo escritor modernista e sua real vontade de conhecer *in loco* toda essa conjuntura artística que estava impregnada no folclore dessa sociedade, avaliar, como por meio dessas letras brasileiras, as muitas experiências que comprovam o nosso maior mote de investigação: sua aproximação com o social e com o popular ao contexto de época; em uma análise acurada e formal, encontrar os mecanismos discursivos e linguísticos utilizados pelo escritor Mário de Andrade que mais demonstrem por vias subjetivas sua real preocupação paralela com o social, tendo em vista também o aspecto cultural; compreender, enfim, como se formulam por vias literárias artísticas, muitas vezes tumultuadas e polêmicas, essas aproximações sociáveis de contato entre a intermediação do escritor com o público proletário e as respectivas autoridades; trazer uma grande contribuição social, entendida sempre como uma posteridade significativa e resultante daquilo que o escritor modernista observou e não deixou permanecer ausente, mas sobremaneira desejou resgatar, para fins de progresso daquela sociedade que representava e outorgava, por meio de seus escritos e palavras. Portanto, acreditamos que contribuiremos, de alguma forma, para a recepção e a devida reatualização do pensamento e da obra *O turista aprendiz* de Mário de Andrade em pleno século XXI.

Por fim, abordaremos, a seguir, de maneira sintética, uma nota biográfica sobre o escritor paulista, justificando seu denso perfil artístico e detalhando-o, para aqueles que desejam conhecer um pouco mais sobre sua trajetória de vida e sua obra.

1.1 NOTA BIOGRÁFICA²¹

minhas duas viagens mais longas, a do Amazonas ou a do Nordeste” (ANDRADE, 1988, p.35).

²¹ Para maior aprofundamento e detalhamento dessa biografia, ver alguns referenciais. O desenvolvimento/organização desses parágrafos iniciais /recompõe-se/fundamentam-se nas leituras: LOPEZ, Telê Porto Ancona *Mário de Andrade. Cronologia da vida e da obra*. In: A imagem de Mário. *Fotobiografias de Mário de Andrade*. São Paulo: Edições Alumbramento, 1998. Salientamos que a construção desses parágrafos implica numa leitura biográfica com razões de ordem panorâmica que abrangem de forma breve a vida do escritor Mário de Andrade.

Homem alto, magro, calvo, tez morena, olhar ainda tímido e ao mesmo tempo curioso, Mário Raul de Moraes Andrade viveu durante a maior parte de sua vida na cidade de São Paulo, onde nasceu no dia 09 de outubro de 1893. Residiu boa parte de sua infância e juventude na Rua Aurora, 320. Desde muito cedo, apresentou fortes curiosidades por temas relacionados às ciências humanas e artísticas, buscando aplicar tudo isso em seus escritos. Seus pais, Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luisa Leite Moraes Andrade, foram responsáveis por sua criação desde jovem já incentivaram o filho aos estudos humanísticos. Foi no ano de 1899 que Mário de Andrade começou seus estudos regulares no curso primário, no Grupo Escolar da Alameda do Triunfo. Nessa mesma época, sua família passou a residir no Largo do Paissandu, ofertando melhores condições para sua juventude. Durante esse mesmo ano, com apenas seis anos, ele começou uma paixão incontrolável por Maria da Glória Capote Valente, que durou até o fim de sua adolescência e foi mote de alguns de seus versos poéticos. No entanto, essa paixão tão marcante não passaria de uma aventura amorosa juvenil, não chegando a vingar qualquer compromisso.

No dia 08 de dezembro de 1904, com apenas 11 anos de idade, o escritor paulista realizou sua Primeira Comunhão na Igreja N. Sra. do Carmo, em São Paulo. Em 1905, Mário ingressou com toda dedicação no Ginásio N. Sra. do Carmo dos Irmãos Maristas, na cidade de São Paulo, no qual estudou e amadureceu suas relações sociais. Sua completa formação ocorreu no ano de 1909, quando se tornou bacharel em Ciências e Letras. Durante aquele ano, Mário visitou o litoral pela primeira vez, numa viagem para Santos, a convite de seus parentes, buscando usufruir um pouco de suas férias. O registro desses episódios ficou marcado na crônica *O mar*, de 1932, em que Mário evidencia toda uma conjuntura familiar de encontros carinhosos. No ano de 1911, o escritor paulista iniciou seus estudos em Música, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, condicionando seu olhar para novos horizontes. No entanto, foi no ano de 1914, início da Primeira Guerra Mundial, que o escritor modernista, então aluno de música, participou de audição pública, interpretando peças de piano, na data de 30 de novembro. Ainda, ele escreveu, durante esse ano, vários contos que integraram a coletânea *Primeiro andar*, no ano de 1926.

Somente em 1916, Mário oficialmente começou suas atividades como professor de piano, no próprio ambiente do Conservatório. No desenrolar do mesmo ano, já bastante amadurecido, solicitou ao Vigário Geral do Arcebispado de São Paulo permissão para ler *Salambô*, *Maeterlinck*, *Madame Bovary*, do escritor francês Gustave Flaubert.

Nesse ano, concluiu, como voluntário, o Serviço Militar no Rio de Janeiro. Em 1917, o escritor paulista obteve o diploma de Professor de Piano do Conservatório, formalizando seu ofício e aperfeiçoamento. No mesmo ano, Mário se deparou com uma triste notícia, que lhe deixou abalado: seu pai falecera. Após a morte de seu pai, Mário reergueu seu pensamento e recuperou-se da tragédia, e assim escreveu e publicou, no mesmo ano, a obra *Há uma gota de sangue em cada poema*, cuja poesia teve grande influência e repercussão na Primeira Guerra Mundial.

Em 1919, Mário realizou sua primeira viagem a Minas Gerais, e contatou com o barroco mineiro, através de grandes obras artísticas. Ele visitou também o escritor mineiro Alphonsus Guimarães. Posteriormente, em 1920, Mário solicitou permissão eclesiástica e licença para realizar leituras das obras do INDEX. Ainda durante 1920, Mário começou a integrar o grupo dos modernistas da cidade de São Paulo, e assim fortaleceu suas amizades e parcerias. Daí em diante, seus escritos ganharam outros horizontes em revistas e periódicos. Iniciou suas colaborações como crítico literário e cronista nas revistas *Papel e Tinta* (São Paulo), *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro – até 1926) e na *Ilustração Brasileira* (Rio de Janeiro – até 1921). Em 1921, o escritor paulista passou a residir na Rua Lopes Chaves, 526, no bairro da Barra Funda. Nesse mesmo ano, iniciou suas atividades de professor de História da Arte no Conservatório.

O ano de 1922 é o mais profícuo para Mário de Andrade, pois ele trabalhou firme com a intenção de implantar a Semana da Arte Moderna, buscando novas inspirações nas vanguardas europeias como fator dos rompimentos de paradigmas. Nesse ano, ele se titulóu como professor catedrático de História da Música e Estética no Conservatório. Integrou sua participação no grupo dos modernistas ao evento da Semana da Arte Moderna, em São Paulo, entre os dias 13 e 18 de fevereiro. Escreveu e publicou a obra *Losango caqui*, poemas. Escreveu e publicou a obra *Pauliceia desvairada*, poemas. No ano de 1924, o escritor viajou pela segunda vez para Minas Gerais, com o grupo dos modernistas; o artista Blaise Cendrars estava entre os viajantes. Mário começou a colaborar nos periódicos *América brasileira* (contos de belazarte), *Estética* e *Revista do Brasil*, todos do Rio de Janeiro. Durante essa etapa em Minas Gerais, os pensamentos de Mário já estavam mais maduros e conscientes da realidade cultural nacional. Ele escreveu *Noturno de Belo Horizonte* e *O poeta come amendoin*, os poemas do *Tempo de Maria (Remate de males)* e o romance *Fraulein* (que seria chamado: *Amar, verbo intransitivo*). Em 1926, Mário passou férias no

sítio de seu tio Pio, e escreveu a obra *Macunaíma*. No mesmo ano, escreveu a obra *Clã do Jaboti*.

Durante os anos de 1928 e 1929, de dezembro a março, o escritor paulista tornou-se membro do Partido Democrático e realizou sua segunda viagem mais duradoura ao Norte e Nordeste do Brasil. A simples justaposição dessas duas datas é bastante reveladora, tendo em vista o forte anseio de Mário de descobrir um Brasil mais nacionalista. No ano de 1930, Mário de Andrade apoiou a Revolução. Durante esse mesmo período, escreveu e publicou *Modinhas imperiais*, crítica e antologia. Foi no ano de 1935 que ele colaborou na *Revista do Arquivo Municipal* e em publicações médicas; organizou o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo; inaugurou ainda a Discoteca Pública Municipal e convidou sua fiel amiga Oneyda Alvarenga para dirigi-la. No ano posterior, abandonou a profissão de professor no Conservatório, pois fora nomeado Chefe do Departamento de Cultura (em 4 de julho) da prefeitura, da gestão do prefeito Fábio Prado. O ano de 1938 foi um tanto frustrante para a carreira cultural de Mário de Andrade, pois ele recebeu a péssima notícia de sua demissão do Departamento de Cultura de São Paulo. Aproveitando o péssimo caótico e verificando a possibilidade de começar algo novo, Mário de Andrade transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro.

Em 1938, ele foi nomeado professor-catedrático de Filosofia e História da Arte na Universidade do Distrito Federal (24 de julho) e diretor do Instituto de Artes. No ano de 1939, houve o panorama histórico do início da II Guerra Mundial. Foi durante esse ano que o Departamento de Imprensa e Propaganda foi criado, e muitos intelectuais se envolveram com ele nesse período, buscando melhor posição e condicionamento para seus ganhos. Ainda nesse ano, o escritor paulista tornou-se um peregrino permanente na cidade do Rio de Janeiro. Seu endereço na cidade maravilhosa foi na Rua Santo Amaro, n. 5, no bairro da Glória. Em 1941, ele mudou-se para São Paulo, no mesmo endereço anterior: Rua Lopes Chaves, e continuou trabalhando para o SPHAN. Durante sua trajetória no SPHAN, promoveu o restauro do Convento do Embu e da igreja de São Miguel Paulista. Em 1942, Mário de Andrade continuou suas colaborações nos jornais Diário de São Paulo e na Folha de S. Paulo, escrevendo colunas quase diárias. Sua obra *A expressão musical*, escrita nos Estados Unidos, recebeu tradução na Argentina. Ainda nesse ano, Mário escreveu e publicou *Pequena História da Música* e fundou a Sociedade dos Escritores Brasileiros.

Posteriormente, em 1943, ele escreveu os poemas de *Carro da miséria* e consequentemente escreveu e publicou *Aspectos da Literatura*

Brasileira, O baile das quatro artes, crítica, e *Os filhos de Candinha*, crônicas. No ano de 1944, Mário escreveu e publicou *Lira paulistana*, poemas, e também escreveu e publicou, na folha de S. Paulo, *Mundo musical* e a obra inacabada *O banquete*. No trágico ano de 1945, já bem adoecido, Mário de Andrade morreu, vítima de enfarte do miocárdio, em sua residência, na Rua Lopes Chaves, 546, e foi enterrado no Cemitério da Consolação.

Seria árduo e trabalhoso apresentar na íntegra a longa carreira intelectual artística do escritor paulista, dando conta de todos seus escritos, cartas, conferências, aulas, palestras, materiais produzidos etc. Obviamente, o detalhamento disso tudo resultaria em muitas informações que apenas fortaleceriam o contexto referencial ao qual o autor esteve inserido. Não devemos esquecer que suas correlações artístico-literárias se estendem por todo meio acadêmico e intelectual brasileiro e da América Latina

É possível direcionar nosso olhar para uma frase que foi inserida em um de seus textos, e ficou marcada nitidamente por sua ousadia de enfrentar aqueles que duvidavam de seu potencial artístico-literário ou simplesmente frustraram muito de seus ideais: “Eu sou trezentos... Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta [...]”.²² Essa frase composta por Mário refaz e batiza seu perfil arrojado, destemido, capaz de enfrentar as mais inúmeras barreiras que os inimigos invejosos lhe impuseram. Essa frase de época sintetiza todo seu potencial, a fúria de sua arte e a sublimidade de suas palavras no seio da humanidade. Sua formação intelectual de cidadão brasileiro, sem limites geográficos, como ele mesmo gostava de escrever e dizer, fez de Mário um homem íntegro de coração e compromissado para com os problemas do povo e da nação brasileira.

Em última análise, para finalizar nossa abordagem dos pressupostos, refletiremos sobre a chave de leitura sob a qual construímos nossa linha de raciocínio nas próximas etapas, em maior densidade, no terceiro capítulo, onde rastreamos uma leitura por esse direcionamento. A motivação encontrada para tecer o próximo subcapítulo foi pensada propositalmente, ao se estabelecer um conceito que confirmasse aquilo que aqui resolvemos tematizar de forma gradativa, nos demais capítulos que integram esta dissertação. Nesse sentido, dada a importância daquilo que seguiremos abordando, resta concluir que refletiremos sobre uma conotação para a expressão

²² ANDRADE, Mário de. Eu sou trezentos... In: *Seleção*. 5.ed. São Paulo: Global S. A., 2003. p.99.

“Contribuições sociais”, que funcionará como senha para a abertura dos demais capítulos e subcapítulos. Em suma, vejamos em linhas posteriores como isso poderia ser diluído em considerações explicativas a esse respeito.

1.2 SOBRE UM CONCEITO APROXIMADO DE CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS

Se buscássemos compreender o real significado da expressão “contribuição social”, teríamos de remontar nossa trajetória ao passado, a alguns autores clássicos que investigaram tal temática. Antes de executar essa missão histórica e sociológica, podemos ao menos buscar tal significado e respectiva carga semântica utilizando basicamente e preliminarmente alguns conceitos que ampliam o uso dessa expressão, que ganha a maior parte de sua carga no contexto ao qual está diretamente inserida. Para isso, podemos tecer algumas considerações iniciais que, a nosso ver, são válidas para, ao menos, conjugarmos olhares e ideias de como essa expressão pode ampliar nosso grau de especulação e análise. Significado próximo das políticas trabalhistas de cunho contemporâneo ou expressões afins, não podemos cair no senso comum,²³ já que tal expressão, em tempos atuais, remete a pensar taxas e recolhimentos por parte de pessoas físicas trabalhadoras, no sentido de buscar uma condição de aposentadoria durante a velhice.

Todavia, ao abordarmos e nos debruçarmos no entendimento da expressão contribuições sociais, é mais profícuo começar com o conceito de “social” (isto é sociológico) do que com a praticidade que esse termo representa, pois o “social” pode ser constituído por distintos fatores e circunstâncias, tal como pelo sociológico, que partiria mais para um conjunto de regras científicas que examina determinada sociedade. Nessa abordagem, vislumbramos melhor carga semântica para aquilo que propomos, que é de extrema importância para balizar tal entendimento e compreensão a respeito de toda carga semântica. Para esse resgate de entendimento, deve nos valer que essa expressão possa

²³ Sobre a questão da ciência e suas correlações, o crítico Gaston Bachelard (2008, p.18) reforça: “A ciência, tanto por sua necessidade de coroamento como por princípio, opõe absolutamente à opinião. Se, em determinada questão, ela legitimar a opinião, é por motivos diversos daqueles que dão origem à opinião; de modo que a opinião está, de direito sempre errada. A opinião pensa mal; não pensa; traduz necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los. Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado”.

estar atenta especificamente às mudanças e transformações do próprio conceito,²⁴ especialmente ao período em que estamos analisando a obra *O turista aprendiz* de Mário de Andrade. Tendo em vista que conceitos operatórios, obviamente, não são parte de dizeres filosóficos vagos e generalistas, mas formaram, ao longo do tempo, a história, o caráter social e estão enraizados em um contexto preliminarmente nacional, eles deverão ser elucidados dentro desse mesmo enfoque que aqui analisamos.

Na verdade, o significado básico e primordial de social é também o mais frequentemente exposto e utilizado, que partiria do pressuposto daquele vocábulo que estará sempre imbricado ao popular e ao povo. Sua filiação comporta esse jogo sinonímico e ao mesmo tempo paralelo, que outorga proximidade com o espontâneo e o rústico, dentro da situação literária da obra *O turista aprendiz*, ou seja, o sujeito social que foi o escritor Mário de Andrade ao longo de suas visitas às cidades do Rio Grande do Norte e da Paraíba, buscando retratar os aspectos sociais em seus escritos, como veremos no último parágrafo desse subcapítulo. Por outro lado, o sintagma “ser social” conota aquele que deseja manter e fazer relações sociais. Sua suposta relevância é respaldada pela capacidade de interagir socialmente, ao contrário de ficar isolado ou se manter no anonimato da multidão de pessoas. Por esse motivo, homens e mulheres fazem parte de grupos que desenvolvem atividades sociais e compartilham anseios e inquietudes mútuas. Esses grupos dividem opiniões, gostos, semelhanças, angústias, enfim, uma série de características em comum, que prevalecem para sua própria formação. Com efeito, muitos concordariam que a expressão contribuições sociais se desenvolve em vários níveis e patamares de significados. Por esses motivos, seu grau de aplicabilidade irá variar de investigação para investigação, conforme o propósito estabelecido, tendo em vista o resultado que se deseja atingir.

A indagação aparece assim: Como esculpir ou lapidar melhor esse conceito para formar aquilo que desejamos discutir ou comprovar

²⁴ Novamente, o crítico Gaston Bachelard (2008, p.76) esclarece algumas considerações sobre a elasticidade do uso e manejo dos conceitos: “Seria preciso criar uma nova palavra, entre compreensão e extensão, para designar essa atividade do pensamento empírico inventivo. E que tal palavra tivesse uma especial acepção dinâmica. De fato, a nosso ver, a fecundidade de um conceito científico é proporcional a seu poder de deformação. [...] Para incorporar novas provas experimentais, será preciso então deformar os conceitos primitivos, estudar as condições de aplicação desses conceitos e, sobretudo, incorporar as condições de aplicação de um conceito no próprio sentido do conceito”.

nos escritos de Mário de Andrade? Na verdade, nem a definição subjetiva nem a objetiva e pragmática são satisfatórias, e ambas podem levar a diversos equívocos. De qualquer maneira, o agnosticismo²⁵ é a mais fácil ou talvez mais conveniente maneira de um teórico nesse campo de estudo, e, portanto, as considerações aqui elaboradas não possuiriam definição única e *a priori* de o que podemos compreender em favor das contribuições sociais. Como hipótese investigativa e progressista de nossas especulações, a trataremos nos moldes que aqui exploramos e nas aplicabilidades que desejamos atingir, tendo em vista o repertório de fragmentos da obra *O turista aprendiz*. Nesse sentido, trabalharemos esse conceito como uma espécie de subsídio depositado nos escritos de Mário, que fortaleceram a maneira de enxergar o Brasil naquela mesma época, sobretudo, escrito em forma de dizeres sociais que comungaram com uma dose de aproximação social e popular. No entanto, não podemos estabelecer que esse seja o “porta-voz” ditado pelo escritor paulista durante suas visitas, mas sim a forma mais coerente que ele encontrou para buscar uma possível integração dos seus estudos teóricos, como intelectual comprometido com a sociedade que representava. O surgimento de um grupo de vozes de algum pensamento subsidiário para a nação não seria a forma única de aqui explorarmos, tais contribuições, mas tendo em vista que o mote principal dessas reflexões acerca dessa expressão seria a defesa de uma linha de raciocínio sobre como esse termo é utilizado e como ele ganha significado ao longo de nossas interpretações. Portanto, seria lógico levantar seu potencial conotativo frente aos escritos que ganharão forma e conteúdo ao longo desta dissertação.

Em seu clássico estudo *Literatura e sociedade*, o crítico Antonio Candido corrobora várias considerações reflexivas para a total compreensão do papel do escritor em determinada sociedade. É sabido que, nesse estudo, Candido remonta em verdadeira fibrilação e vigor, ao descrever que todo escritor está inserido em determinada sociedade e como essa mesma sociedade se relaciona com o próprio escritor, ou seja, o escritor representa a sociedade através de seus escritos e investigações, assim como a sociedade aparece e exerce papel preponderante na obra de todo escritor. Para o crítico, o escritor seria um membro privilegiado da sociedade, porque possui “originalidade”, mas, ao mesmo tempo, exerce e pratica uma função social. Antonio Candido salienta que o

²⁵ Segundo o Dicionário Aurélio (1986, p.63): “Posição metodológica pela qual só se aceita como objetivamente verdadeira uma proposição que tenha evidência lógica satisfatória”.

escritor inserido em uma sociedade seria aquele capaz de desempenhar “[...] um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores”.²⁶ A nosso ver, algo semelhante, sem o crítico mencionar o nome do escritor paulista, ocorre com a representatividade da escrita social das crônicas da obra *O turista aprendiz*, que parece conter em sua própria estrutura a materialidade extraída do popular e do povo.

Retomando as palavras de Candido, esse escritor que ocupa “um papel social” é aquele capaz de corresponder a seus leitores. A maior problemática disso é que não temos como calcular o público leitor de época do Jornal Diário Nacional, de São Paulo, em que as crônicas de Mário foram inicialmente publicadas, tampouco seria esse o objetivo deste trabalho, tendo em vista uma direção diferenciada que aqui tomamos. Por outro lado e voltando a nossas considerações, podemos postular que, por se tratar de uma novidade histórica do conceito moderno de contribuições sociais, o melhor modo de compreender sua real natureza e aplicabilidade seria seguir aqueles que, metodicamente, começaram a operar com esse conceito no discurso literário e histórico. Diga-se de passagem, na obra *Literatura e sociedade*, do crítico literário Antonio Candido, já começa a aparecer um grande e vantajoso sentido para as contribuições sociais na literatura e vice-versa. Obviamente, Antonio Candido foi um dos principais teóricos literários a manejar e articular o efeito operatório social como análise literária e vice-versa, ou seja, a sociedade atuava sobre o escritor e ele, por sua vez, na própria sociedade que representava através de suas palavras. A suposta digressão se faz necessária, e acreditamos ser nada pouco ociosa, tendo em vista que pode ser a chave de leitura para aquele leitor mais entendido da literatura e de suas ramificações, enquanto crítica para a formulação de novas considerações.

Em síntese, o conceito de contribuições sociais que aqui discutimos através dessas variadas considerações pode simplesmente aludir a uma conjuntura estável e necessária, e urge a importância de mencioná-las e objetivá-las, para seguirmos nosso fio de investigação nesta dissertação. Junto a isso, provocarmos posteriormente nossas respectivas conclusões e resultados, ou seja, após rastreamos os fragmentos justificados em linhas anteriores, verificaremos as respectivas contribuições sociais depositadas em cada episódio, como forma literária que provoca fenômenos na sociedade. Cabe ressaltar que, ao mesmo tempo em que sistematizamos essas contribuições sociais,

²⁶ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T&A Editor, 2000. p.74.

não seríamos ingênuos de não ponderarmos que essa relação entre a figura do escritor e a sociedade não se oferta de maneira prática e mecânica ou por vias diretas, e, sim, subliminarmente, pelo próprio leitor. Isso implica melhor caracterização e qualificação dessa expressão que, em suma, seria definida objetivamente e iluminada através dos escritos que apresentassem estes segmentos: melhorias ao meio ambiente (através das inúmeras vezes que Mário consegue falar da instalação de novas indústrias na região Nordeste); melhorias de moradia ao proletariado (são feitas inúmeras alusões ao contexto arquitetônico das residências espalhadas pelos locais visitados, ao longo das crônicas); melhorias salariais aos trabalhadores (através dessa caracterização, o escritor paulista – que realizou variadas visitas às indústrias de cana-de-açúcar – refez um olhar crítico às precárias condições salariais às quais os trabalhadores estavam submetidos); melhorias na infraestrutura das cidades (Mário verifica que as cidades visitadas poderiam ter melhores condições de estrutura urbana, que atendessem melhor ao público que lá reside); algumas reflexões sobre o conteúdo das migrações internas (Mário verifica o lado pejorativo das densas migrações da região Nordeste para o Sudeste); enfim uma ampla conjuntura, que Mário verificou e focalizou ao longo de suas andanças.

|

2 REFLEXÕES SOBRE AS “CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS” NA OBRA *O TURISTA APRENDIZ* DE MÁRIO DE ANDRADE

2.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS – PRIMEIRA VIAGEM – BREVE APRESENTAÇÃO²⁷

A burguesia rasgou o véu de sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias.

Max Weber

Mas com a borracha, o açúcar e o café e a carne nós podemos alargar a economia humana.

Mário de Andrade

Num alegre e ensolarado dia de verão na cidade de São Paulo, vemos um homem em seus 34 anos de idade²⁸ – pele pálida devido à falta de sol – andar um pouco desengonçado e olhos instigados pela curiosidade insaciável de enxergar e provar *in vivo* suas experiências e peregrinações culturais rumo ao Norte do Brasil, Bolívia e Peru. Provavelmente, ele, inquieto para verificar *in loco* a quantidade de materiais primários e rústicos – observa a pressa frenética da capital paulistana com certo receio da falta de tempo para cumprir seus compromissos, protocolos e agendamentos. O mesmo sujeito ainda lembra em sua memória fresca e lúcida as árduas andanças pelo interior

²⁷ O introito faz-se necessário para situarmos a primeira viagem de Mário de Andrade e direcionarmos nossa glosa através de um novo narrar desses fatos e episódios, buscando outorgar algo de genuíno para aquilo que tanto serviu de pressuposto para o entendimento da primeira parte da obra *O turista aprendiz*. Referimo-nos ao período em que o escritor estava envolvido com as variadas visitas sociais na cidade do Rio de Janeiro. O desenvolvimento e a organização desses parágrafos iniciais recompõem a leitura das seguintes páginas e crônicas, respectivamente, bem como e fundamentam-se nelas: 07 de maio de 1927; 09 de maio; 10 de maio.

²⁸ O crítico literário David Arrigucci (1999, p.289) relata que: “Em 1927, aos 34 anos, Mário de Andrade viveu a experiência ímpar de uma viagem ao norte do Brasil na companhia de duas belas mocinhas de quinze anos e de uma elegante mulher madura, embarcados em alegre camaradagem ao longo dos rios amazônicos. A viagem, em princípio uma excursão modernista para coleta de material etnográfico e reconhecimento do país, parece ter dado também em outras praias, tornando-se importante para o escritor, sob vários aspectos. Foi parcialmente relatada, como se sabe, no diário de bordo de *O turista aprendiz*.; nem tudo, porém, se acha ali”.

de Minas Gerais no ano de 1924.²⁹ As imagens da última viagem ainda aparecem de forma momentânea nas breves recordações de seu pensamento. Estamos no ano de 1927, exatamente no dia 07 de maio, e o viajante destemido pensa em retornar para sua humilde casa no bairro da Barra Funda, na rua Lopes Chaves. Lembranças de seu gabinete de reflexão e leitura soam como vontade nostálgica e cômoda de desistir da própria viagem. “As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões”.³⁰ Ele verifica e confere na bagagem os pertences que lhe ajudarão a perquirir melhor suas andanças.

O trem já estava estacionado na estação local, e o turista aprendiz ainda não tinha chegado até seu lugar de partida. “Faltam apenas cinco minutos pro trem partir”.³¹ O nervosismo da pressa de chegar a tempo no local de partida toma o vulto de uma angústia e inquietação ansiosa pela dúvida cruel de viajar e deixar entes e amigos queridos na sua nostálgica *Pauliceia desvairada*. A incerteza daquilo que viria pela frente e o jogo inusitado dos acontecimentos provocavam diversos sintomas de euforia e medo, que simbolicamente nutriam suas dúvidas. “Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto”.³²

Pouco tempo depois, o poeta paulista já se encontrava na cidade do Rio de Janeiro, no dia 08 de maio de 1927, almoçara junto com seu fiel amigo e companheiro de intelectualidade Manuel Bandeira, e aproveitou para apresentar suas propostas de viagens e atualizar os comentários que, até então, apenas eram realizados através de cartas. Essa proposta seria endossada pelos variados contatos e visitas ao longo de sua trajetória. Enquanto isso, o jovem paulista refez algumas observações sobre a arquitetura local da cidade maravilhosa, mostrando sua argúcia para interpretar a psicologia dos cariocas e o espaço

²⁹ Ancona Lopez (1972, p.109) reforça essa justificação: “Viajante à roda de seu quarto, acompanhado no século XVIII a procissão mineira do Triunfo Eucarístico em Conferência na Congregação Mariana, Mário parte, em 1924, na “Viagem da descoberta do Brasil”. Não vai sozinho. Integra a Caravana dos modernistas de São Paulo, que, na companhia de dois de seus Mecenas – René Thioiller e D. Olívia Guedes Penteado – assim como hóspede ilustre Blaise Cendrars, percorre a Minas Gerais da tradição, deslumbrando-se com as cidadezinhas, cores e formas, as perseguido pelas vanguardas da Europa, seria, para nós, simplesmente, o reconhecimento de nossa sensibilidade”.

³⁰ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.51.

³¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.51.

³² Idem.

citadino. “O mais importante de observar são as ruas dos bairros de residências e os subúrbios pobres”.³³ Era normal que durante essas primeiras etapas o escritor paulista usufruísse do seu ócio de homem artista e aproveitasse tudo isso para deleitar na sua trajetória de turista aprendiz. Por outro lado, seu olhar social e fraterno ia revelando sua personalidade bem antecipada de o que viria pela frente, os problemas do povo e daquilo que estava a seu redor. “E a pobreza, os operários dos subúrbios não têm a menor dignidade arquitetônica de seu estado: casas enfeitadíssimas, miseráveis, anti-higiênicas e enfeitadas, bancando alegria e festa”.³⁴ Essa precipitação, progressivamente, trar-lhe-ia uma espécie de preocupação com os menos privilegiados e afastados do progresso capitalista.

Posteriormente, no amanhecer do dia 09 de maio encontramos Mário de Andrade junto ao criador da obra *Retrato do Brasil*,³⁵ homem culto e experiente, dotado de grande senso de percepção da nação brasileira, Paulo Prado. Os dois intelectuais, se assim podemos dizer, almoçaram fraternamente juntos, em um cenário tendencioso para tal ocasião: o espaço interno e fresco do calor do famoso Copacabana Palace, então construído há apenas quatro anos. Os diálogos de ambos se aproximavam para uma convivência harmônica e audaciosa perante o destino que ali cruzara suas inquietudes e satisfações pessoais. Além de Paulo Prado, Mário também encontraria com Graça Aranha, que permaneceria até o final do protocolo de amizades guarneçadas pela vaidade intelectual e pelos sentimentos condecorados com muita alegria e arrependimento: “O Paulo Prado, quando pode, me conta que na véspera, depois de termos combinado o almoço de hoje, o Graça Aranha lhe dissera que iria almoçar com ele”.³⁶

Após o encontro tão desejado e já marcado pelo autor do clássico *Retrato do Brasil*, Mário encontraria a noite fresca no encantador bairro de Santa Teresa, na graciosa residência do fiel escudeiro Manuel Bandeira. Lá eles sentiram as emoções da brisa nostálgica com conversa do também fiel Rodrigo de Mello Franco, em meio à paisagem bela e harmônica, coberta de arquitetura ainda colonial, do alto da residência de seu carismático amigo Manuel Bandeira. A rede solidária de amigos fortalecera ainda mais a persistência e o grau de convencimento de

³³ Ibidem.

³⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.52

³⁵ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1962.

³⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.52.

Mário para enfrentar a exótica viagem que viria pela frente, a bordo da embarcação denominada D. Pedro I.³⁷ Essa rede precisaria ser completada de forma amistosa, já que os amigos da *Pauliceia desvairada* estavam tão afastados e longínquos da real situação que vivenciavam. Sentimentos solidários e nostálgicos foram trocados frente a frente, como se fosse uma última foto no porta-retrato de uma estante velha, esquecida e empoeirada. No entanto, antes de continuar seguindo adiante o escritor paulista teve mais um dia de visita, no dia 10 de maio, com Manuel Bandeira, no ateliê do pintor Ismael Néri, e saboreou o jantar na companhia do amigo Dantas com sua esposa, representando um cartão postal da famosa Lagoa Rodrigo de Freitas, na cidade maravilhosa. Durante o desenrolar dessas primeiras páginas, Mário de Andrade frisou a vontade de realizar algumas incursões sociais no meio intelectual de época, e começou sua longa jornada por outros laços sociais que surgiriam em consequentes etapas. Por último, para terminar e concluir aquelas andanças com boa esperança e entusiasmo de recordar, Mário sonhou e delirou que encontrou o escritor Machado de Assis, no inferno de Dante.

Pronto e feito, estavam escritas e confeccionadas as três primeiras crônicas de viagens que narrariam seu fiel e desejado encontro com a comitiva de amigos que partiriam juntos ou não para a longa viagem de pesquisas culturais e etnográficas que tanto permeou a cabeça do escritor modernista nos anos anteriores. Via de regra, são crônicas escritas com inspiração nos moldes modernistas, frente aos verdadeiros anseios e inquietudes daquilo que viria nos outros encontros. Resultado dessa ansiosa situação foi a quantidade de cartas que Mário trocou com seus colegas e amigos antes de elaborar a própria viagem.³⁸ E quais seriam esses companheiros ou não de viagens? Por ironia do destino,

³⁷ A estudiosa Telê Porto Ancona Lopez (1993, p.8) ressalta essa questão: “Vencendo as racionalizações, o Turista se prepara. Compra botas e bengala, chapéu e roupas cáqui de explorador inglês, bonés para a perfeita elegância. A Amazônia é um antigo sonho; deve servi-lo, afinal... E guardá-lo nas imagens que trouxe. Esta viagem a Codaque não perde. Como o lápis, a caneta, o bloco, o caderninho, segue, companheira e arrimo. Como eles, acena com a volta ao gabinete.”

³⁸ Em carta do dia 19 de maio de 1926, o escritor paulista reforça a tese de sua viagem com o poeta e amigo Manuel Bandeira: “Pois é, estou de viagem marcada pro norte. Vou na Bahia, Recife, Rio Grande do Norte onde vive um amigo do coração que no entanto nunca vi pessoalmente, o Luis da Câmara Cascudo” (ANDRADE, 1986, p.134, In: *Cartas a Manuel Bandeira 1922-1935*. São Paulo: Ediuouro).

embarcaram apenas suas amigas D. Olívia Guedes,³⁹ sua sobrinha Margarida Guedes e a filha da pintora Tarsila do Amaral, Dulce do Amaral. Em boa companhia de mulheres requintadas e adornadas de gracejo e simpatia, o escritor paulista não pensou mais do que uma vez em desistir ou abandonar aquela privilegiada situação ocorrida no meio de tantas belas mulheres.

É lógico que toda essa prosa aqui descrita e reunida ilustra o preâmbulo da primeira viagem de Mário rumo ao tão sonhado, porém, exótico e inusitado Norte Brasileiro, Peru e Bolívia, onde encontrou os saudosos amigos Joaquim Inojosa e Câmara Cascudo. “Luis da Câmara Cascudo, além do mais, é uma crônica viva das tradições norte-riograndenses”,⁴⁰ afirmou em crônica empolgadamente Mário, no dia 24 de janeiro, vangloriando o folclorista. O trajeto inusitado, por motivos do itinerário de viagem oficial ainda não estava definitivamente traçado e pronto. Outrossim, podemos postular que a maturidade intelectual de Mário sobre alguns aspectos da geografia local estava ainda um tanto imatura, devido a seu forte despreparo frente às vicissitudes distintas que a cidade de São Paulo apresentava diante das outras cidades visitadas,⁴¹ ou seja, havia um enorme abismo cultural e de contraste distinto diante de tantas novidades que viriam pela frente. Dessa primeira etapa de viagem, que se iniciou no dia 07 de maio de 1927 e terminou no dia 14 de agosto do mesmo ano, já resultaram os esboços das fiéis e romanceadas redações publicadas posteriormente no jornal paulista *Diário Nacional*.⁴² Tais crônicas tiveram como mote a

³⁹ O escritor Carlos Heitor Castello Branco (1970, p.16), em seu acurado ensaio sobre a obra *O turista aprendiz*, *Macunaíma* e *a viagem grandota*, reforça a ideia de que Mário possuía uma comitiva de mulheres importantes. “A comitiva embarcava com Olívia Guedes Penteadó, dona de um dos derradeiros salões de São Paulo, rival de madame Santos Lobo, que imperava no Rio, duas últimas Mecenas que reuniam os intelectuais ansiosos por fazer seus trocadilhos, alimentar as fofocas da época, ou talvez atraídos pelo bom jantar, que o famoso ‘chá das cinco’ proporcionava ao depois, enchendo o bandulho dos homens de letras. Ainda se vivia um pouco dos floreios da Belle Époque”.

⁴⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.303.

⁴¹ É lógico que não podemos generalizar, já que o escritor paulista teve acesso a muitos livros e enciclopédias que retratavam o assunto dessas regiões. Portanto, trata-se apenas de uma visão relativa daquilo que Mário supostamente apresentava pouca familiaridade no assunto.

⁴² Sobre esse aspecto a estudiosa Ancona (1972, p.55) aponta que: “Em 1929, ele iniciou no *Diário Nacional* de São Paulo, órgão ligado ao Partido Democrático, sua nova seção, *Taxi*. Escrevia crônicas quase diárias, demonstrando intensa

constituição de futuros diários de viagens da primeira parte da obra *O turista aprendiz*, tendo em vista que o escritor paulista almejava apenas sintetizar todo esse manancial cultural e expô-lo no futuro para seu público leitor.

Após terem passados longos três meses de viagem de estado em estado, de cidade em cidade, de geografia em geografia, mudando de um clima ameno para intempéries bruscas, ares rarefeitos de variados dias de árduo trabalho, com várias colheitas de materiais etnográficos, estudos e alguns encontros com intelectuais, o escritor paulista retomou suas atividades em sua cidade natal. Acomodado confortavelmente na cidade de São Paulo, Mário já desejava outros projetos e pesquisas que viriam pela frente. O cheiro dos livros ia se tornando cada vez mais necessário, para colocar em pauta aquilo que tinha observado. Como isso ocorreria pela frente? Pouco a pouco, Mário tirou a “fantasia” de turista para colocar o figurino de “burocrata intelectual” e se condicionar aos pacatos expedientes de seu gabinete cultural. Possivelmente, dentro de seu escritório, na rua Lopes Chaves, o escritor iria maturar e lembrar tudo aquilo que observara e criara para seus futuros projetos. Com efeito, as andanças lhe rederam amadurecimento e experiência para novas propostas que se delinearam ao longo de sua carreira artística e literária. Portanto, esse manancial ele aproveitou para elaborar novos escritos em seu laboratório de intelectual paulista.

Partindo de dados pontuais, de volta à cidade de São Paulo, estação de trem de Mogi das Cruzes, exatamente no dia 15 de agosto do mesmo ano, Mário, exausto e cansado das andanças pelo Brasil a fora, tinha apenas a preocupação de se despedir da ilustrada comitiva de viagem e tomar o automóvel mais próximo, que já se encontrava à espera dele, rumo a sua bucólica residência na rua Lopes Chaves. Gradativamente, a primeira viagem se encerrava, e no fundo do pensamento de Mário permaneciam os resquícios e as saudades das variadas cidades visitadas e dos múltiplos amigos que ficaram para trás. No trajeto até sua casa, o escritor paulista dividiu ainda suas angústias com outro cidadão, que pegara o mesmo veículo e, com ar de boa prosa e companhia, compartilhara momentos únicos. “Aceito a companhia, que hei-de-fazer! recuso a rachação, o auto já estava alugado mesmo, seria uma indelicadeza pra comigo mesmo aceitar”.⁴³, afirma o escritor em crônica datada de 15 de agosto na cidade de São Paulo. Ao que tudo

participação na realidade nacional e procurando se comunicar com seus leitores, despertar-lhes o sentido crítico.”

⁴³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.197.

indica, a interjeição no fragmento caracteriza a falta de opção e a escolha definitiva para com o resultado alcançado. Enfim, descarregando a grande mochila e trocando o uniforme de explorador e de etnógrafo literato para trajes mais confortáveis, o escritor paulista chegou bem esgotado a sua casa, por volta das 14 horas, e fez questão de evidenciar a saudade de seus entes queridos e descansar na tão sonhada paz do senhor.

Em uma primeira parte, essa seria a síntese de alguns acontecimentos mais circunstanciais da pioneira viagem do escritor paulista pelo Norte brasileiro, Peru e Bolívia. Foi há aproximadamente oitenta e dois anos que Mário teria viajado pela primeira vez rumo aos exóticos e desconhecidos rincões desses países visitados, viagem que lhe proporcionou muita sabedoria e conhecimento daquilo que um olhar paulista desconfiado e ingenuamente incipiente apenas observava em enciclopédias e compêndios geográficos e literários.⁴⁴ Tal erudição livresca era impregnada das leituras realizadas no gabinete de sua casa em São Paulo e somada à proximidade social que teve com várias pessoas no espaço da rua e dos locais percorridos. Com efeito, o escritor paulista sabia que toda essa etapa teria sido crucial para formular e armazenar todo um amálgama do folclore, das tradições locais, das danças típicas, músicas, enfim, uma série de conjuntos artísticos que fortaleceriam seus posteriores estudos e pesquisas. “Ao longo de suas leituras de obras de folclore, Mário irá entendendo o Norte e o Nordeste como ricos repositórios de tradição e cultura popular, que anseia conhecer diretamente”.⁴⁵ Se a primeira parte as crônicas tiveram preocupação etnográfica, já a segunda, que investigaremos em maiores detalhes e será objeto específico de nossa análise através de um recorte mais social, terá uma inusitada ação de Mário em se aproximar com maior eficácia da sociedade, com um viés maior de investigação aos

⁴⁴ O poeta Manuel Bandeira (2008, p.102) comenta e corrobora nossa afirmação desta forma: “E foi esse amor estudioso pelo Brasil que o levou o ano passado aos confins do Amazonas e agora ao Nordeste donde acaba de regressar após três meses de convivência estreita com a população cantadeira dos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte”. Ainda, para complementar a volta para casa, no dia 20 de agosto do mesmo ano, o escritor Mário de Andrade (1983, p.29) concedeu uma entrevista ao jornal *Diário Nacional*. Quando foi questionado se tinha escrito bastante durante a excursão, o escritor paulista respondeu eufórico: “Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomarão corpo num livro de viagens: O turista aprendiz e que, talvez, sirvam para uma série de artigos sobre a Amazônia, seus produtos, folclore, possibilidades e belezas”.

⁴⁵ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.16.

anseios populares de época. É claro que o escritor paulista não deixou de fazer etnografia, apenas adicionou uma peculiar maneira de se aproximar mais dos cidadãos. Ao mesmo tempo, tal priorização do social não significa que a nossa análise omitirá o cunho estético literário, artístico e sublime. As questões estéticas, a nosso ver, estão intrinsecamente associadas às questões sociais que têm a ver com a estratificação social estabelecida nas comunidades visitadas por Mário de Andrade ao longo de suas viagens e paradas.

2.2 CRÔNICAS DE VIAGENS E A OBRA O TURISTA APRENDIZ – CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

Como se constitui o esqueleto de uma obra literária de viagens? Viagens que comportam jogos poéticos como efeito artístico, viagem que horizontaliza e verticaliza maneiras de trazer o sublime para sua respectiva tessitura textual. Os vértices se encontram em um mesmo patamar comum: questionar o homem e os lugares visitados pelo homem. Viagem que se une com a literatura para evocar mensagens e dizeres que perpetuarão na mentalidade de seus leitores. Com efeito, trata-se de uma respectiva viagem que explora o subconsciente das humanidades e coloca à tona novas maneiras de enxergar e projetar as respectivas vidas que estão inseridas nesse contexto. O narrar do viajante nem sempre é imaginar radicalmente comunidades e sociedades, mas compreendê-las harmoniosamente e oferecer apenas em tom pragmático a realidade de época, o que, na pena do literato, acaba ganhando completude mais criativa e imaginativa para aqueles fatos que o cercam. Esse narrar questiona, indaga, disserta, participa e, ao mesmo tempo, consegue ser filosófico e literário. Portanto, essas reflexões são apenas alguns modelos hipotéticos de como a viagem e os viajantes são apaixonados pela literatura e vice-versa.

Na realidade, a literatura de viagens coloca em jogo esses limites que articulam uma sociedade com seu respectivo passado e o ato de diferenciar-se dele, nessas linhas que riscam a imagem de uma atualidade, interagindo com seu outro, modificando ou atenuando, paralelamente, a volta de momentos passados. Nesse sentido, é possível verificar toda essa conjuntura na obra *O turista aprendiz*, tendo em vista o forte manancial entre os aspectos temporais representativos exercidos por Mário de Andrade. A delicada e útil fronteira entre um objeto no passado e uma prática atual se movimenta de maneira entrelaçada. Por isso, o postulado ficcional de informações a compreender, desse mesmo viajante, permuta-se com o teste de uma operação quase sempre

contagiada por determinismos e sempre a retornar, em condição do espaço onde se efetua uma dada sociedade.

1924 foi o grandioso ano em que o escritor paulista realizou sua primeira grande viagem, rumo aos rincões do interior mineiro. Especificamente, ele visitou as cidades de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rey, e outras próximas a essas. Inusitadamente, o poeta francês Blaise Cendrars, que buscava empreender algumas pesquisas e investigações em suas visitas a Minas Gerais, visitou Mário. Segundo a crítica Telê Ancona, o escritor Mário também visitou essas cidades durante o período da Quaresma e da Semana Santa, propositadamente, por serem datas festivas importantes, como consequência da reunião maior de pessoas e de movimentos artísticos.⁴⁶ Além do poeta francês, outros homens e mulheres importantes estavam incluídos nessa odisseia, como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Paulo Prado, Godofredo da Silva. A exótica viagem teve um curioso apelido, que serviu como título ou motivação para uma nova abordagem cultural denominada “viagem de descoberta do Brasil”.⁴⁷ Possivelmente, durante a extensiva viagem, Mário amadureceu muitas ideias e projetos sobre o movimento nacionalista no Brasil, já tão presente nos dois anos anteriores, na Semana da Arte Moderna. Na mesma época, Oswald de Andrade e o próprio Mário de Andrade publicaram respectivamente as obras *Pau Brasil* (1925) e *Clã do Jaboti* (1927), com isso, ajudaram a iluminar outros ilustres projetos que ganharam consistência na volta para a cidade de São Paulo.

Devemos salientar que a obra *O turista aprendiz* foi escrita entre os anos de 1928 e 1930, em forma de diários de anotações e crônicas de viagens. Em um primeiro momento, o escritor paulista publicou originalmente esses escritos no jornal Diário Nacional, nas mesmas datas. Nessa mesma época, Mário quase concomitantemente desempenhou a função de redator instantâneo sobre esses escritos e os enviou ao próprio jornal. No entanto, a publicação oficial do livro saiu após os textos serem publicados no jornal, em edição organizada por Telê Ancona Lopez, quase cinquenta anos adiante, em 1976.⁴⁸ Por outro

⁴⁶ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Viagens etnográficas de Mário de Andrade. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.16.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ O crítico Davi Arrigucci (1999, p.290) escreve: “Um notável trabalho de crítica textual, feito por Telê Porto Ancona Lopez, permite a quem lê o gradativo descobrimento da gênese dessa história: desde a mais funda origem, quando a situação vivida durante a viagem se incorpora à experiência do escritor, até todo o

lado, o texto da obra *O turista aprendiz* é apresentado estruturalmente como gênero híbrido, muito próximo ao do diário de viagens (documento histórico e literatura), e na época em que foi publicado, foi muito criticado por apresentar caráter fragmentado, assim como frases indecisas e sem subordinação, pouco definidas, e estrutura interrompida,⁴⁹ que aqui se permite chamar de irrupções circunstanciais do vaivém dos intervalos da escrita.⁵⁰

A obra *O turista aprendiz* não possui capítulos formalizados, numeração de sequências ou divisão de textos que possam remeter à ideia de um livro programado.⁵¹ A separação dos episódios e a mudança de localidades são realizadas à medida que Mário vai registrando dia após dia, durante a viagem, ou seja, a sequência temporal utilizada pelo escritor paulista se encarrega de conduzir e direcionar o leitor aos acontecimentos e às viagens. Uma interessante digressão se faz necessária: se levássemos em conta o indexador da obra, teríamos a respectiva classificação ou a projeção de seu gênero: “Brasil: Descrição

desdobrar-se do processo de composição, quando ela é visada diversas vezes em recortes diferentes de escrita e representação literária”.

⁴⁹ Segundo a crítica Telê Porto Ancona Lopez (1994, p.69) o caráter fragmentário: “A falta de acabamento, o projeto incompleto em determinadas partes que o compõem, o preparo distante no tempo, paradoxal no presentificar o fluxo da criação na pena que correu ou na máquina que disparou, rabiscos e rasuras imediatos lutando pela sintonia entre ideias e execução, esquecido por vezes a gramática, valem como a memória que respalda o texto impresso, esclarecendo soluções mais elaboradas que nele se encontram. E ampliam, em suma, a compreensão da obra de um autor percebendo o desdobramento do ‘scriptor’ um leitor e crítico de Mário de Andrade”.

⁵⁰ Sobre o gênero híbrido atingido por Mário de Andrade, sua crítica Telê Ancona (1976, p.31) reforça: “Desde as primeiras declarações do escritor, ficam claras suas intenções quanto ao gênero do livro: um diário, cuja abertura para a narrativa de viagem visava não deixar escapar o peso de uma ótica impressionista, capaz de unir a referencial idade à poeticidade, transformando a experiência vivida (o sentido, o pensado, o biógrafo – o real, enfim), em um texto com finalidade artística que é burilado em termos de distanciamento no arte-fazer. O confessional do diário e o referencial pertencente ao dado de viagem, embora filtrados pela arte, ainda permanecem com elementos do real, dado o hibridismo do gênero mas a seu lado, firme, intromete-se a ficção. Diário de bordo. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

⁵¹ Telê Porto Ancona Lopez (1998, p.63) relata que: “O que diferencia a primeira viagem, à Amazônia, é que ela é programadamente um diário destinado a livro e não um conjunto de textos feitos diretamente para o jornal”. In: *O cronista Mário de Andrade*. São Paulo. 1992 (Tese de livre docência) – USP, São Paulo.

e viagens”; “Brasil: Folclore”; “Diários: Literatura brasileira”.⁵² Por fim, mas não menos importante, a própria capa da obra produzida pela Livraria Duas Cidades, editora de *O turista aprendiz*, no ano de 1976, estampava o escritor paulista folheando um livro com os seguintes dizeres: “Art Populaire”, o que inexoravelmente assegura uma dimensão mais popular e mais social daquilo que buscamos defender ao longo desta dissertação.

Por outro lado e ainda sobre a materialidade da composição da obra *O turista aprendiz*, o sumário elaborado por Mário aparenta as normativas de um livro de viagem padrão. As etapas de viagens, aproveitadas como títulos, com as datas e os nomes das cidades, são inseridas como fator de organização e localização para o leitor menos experiente no assunto. O prefácio somente seria escrito dezesseis anos adiante, acompanhado das páginas e intitulado: “49 Prefácio”; “51 São Paulo, 7 de maio de 1927”, e assim respectivamente.⁵³ A única desvantagem é que o escritor paulista pouco menciona os temas abordados, como títulos ao longo de seu texto. Mesmo assim, a variedade temática abordada em quase todas essas crônicas foi limitada, pois, por mais que Mário buscasse “dar conta” da maior quantidade possível de informações, através de sua voz enunciativa e representativa, não conseguiu abordar cada uma dessas crônicas com o mesmo interesse e dedicação. Possivelmente, ao tomar consciência de que desejava publicar a obra em forma de livro, o escritor paulista tivesse providenciado a elaboração do sumário posteriormente. Portanto, a maior parte dos títulos dessas crônicas que são estabelecidas no sumário contém apenas a data da localidade visitada, impedindo assim, por parte do leitor, melhor compreensão da cidade abordada.

A questão toma forma: Qual é a norma representativa das crônicas escritas por Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz*? Seria o resultado de paródias de grandes viajantes anteriores ou apenas o rescaldo de suas influências? Podemos postular que a possível correlação literária é a já apontada por Ancona Lopez, que sugere que o escritor Mário de Andrade bebeu nas fontes das leituras das crônicas de Pero Vaz de Caminha, *Viagens na minha terra*,⁵⁴ do escritor português

⁵² Informação contida da contracapa da obra *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

⁵³ Informações contidas no índice da própria obra *O turista aprendiz* e dele reproduzidas.

⁵⁴ GARRET, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ediouro, 1985.

Almeida Garret, e contemporaneamente na obra *Pathe Baby*,⁵⁵ do escritor Alcântara Machado, já em pleno período modernista. A última dessas crônicas, seja mera coincidência ou não, foi publicada dois anos antes da viagem de Mário ao Norte do Brasil. Supostamente, Mário estiliza muito da linguagem de Alcântara Machado, já que seus períodos e frases comportam olhares similares ao *turista aprendiz*. Ao ler esses textos de viajantes e romancistas dispostos a registrar suas viagens, Mário tomou conhecimento das belezas e dos encantos de terras brasileiras desconhecidas e se sentiu encorajado e destemido para empreender sua própria viagem. Ora, essas respectivas obras mencionadas comportam e alimentam a mescla de referência documental e ficcional, buscando, como Mário fez em seu *turista aprendiz*, outorgar uma possível “[...] ficção a partir da realidade experimentada ou observada, fazendo questão de explorá-la em dois aspectos: o real e o ficcional, partindo desse mesmo real”.⁵⁶ Como salienta Ancona Lopez, através desses desdobramentos, a própria literatura do escritor modernista fomentava e fornecia para seu público leitor a mescla de fantasia a partir de uma realidade vivenciada de suas crônicas publicadas no Diário Nacional de São Paulo e posteriormente no lançamento póstumo e oficial da obra no ano de 1976. O próprio Mário escreveu, em forma de ironia em crônica do dia 27 de maio na cidade de Belém: “Nestes ‘apontamentos de viagem’, como dizia meu avô, Leite de Moraes, às vezes eu paro hesitando em contar certas coisas, com medo que não me acreditem”,⁵⁷ asseverando a dificuldade de escrever coisas nas quais as pessoas não acreditem ou das quais duvidem. Em suma, as influências dessas respectivas obras literárias somente reforçam a tese de que Mário de Andrade buscou respaldar seus escritos perante um manancial mais similar e canônico.

A problemática e o questionamento maior é que não poderíamos deixar de dizer que a prosa de Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz* se aproxima da crônica de jornal, por motivos quase óbvios, mas sequer imaginados como problema convincente para a contemporaneidade. É sabido que o material substancial da crônica é fugaz e passageiro, já que possui o foco de informar de forma lúdica o leitor de acontecimentos do presente. Como afirmamos em linhas anteriores, Mário escreveu esses escritos de viagem no jornal Diário

⁵⁵ Um estudo específico comparativo desse autor com Mário de Andrade constituiria, a nosso ver, significativa contribuição para os estudos literários.

⁵⁶ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.40.

⁵⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.70.

Nacional, objetivando informar o que estava acontecendo durante sua viagem. O problema é que muitos desses escritos atualmente perderam boa parte de suas referências e dados, pela falta de conhecimentos históricos entre os leitores. Por outro lado, muitos desses escritos foram planejados para ser publicados em forma de livro, como o autor mencionou em várias cartas. Se pensássemos dessa forma, automaticamente, optaríamos por essa hipótese no gênero de prosa de viagens, ou seja, o relato do que ocorreu com determinado viajante durante seu período de viagens. Em suma, a problemática vigente e difícil de ser resolvida apenas ilustra o que poderia ser ao menos solucionado. O pesquisador Raul Antelo garante que a mescla disso tudo resultaria em uma acurada reflexão. A citação merece transcrição integral:

A contrapartida do livro-como-viagem é a viagem-como-texto e não mais a viagem pitoresca e histórica, ao modo dos cronistas metropolitanos. *O turista aprendiz* de Mário de Andrade é uma tentativa de explorar o simultaneísmo de pontos de vista (o intelectual de elite urbana, o intelectual provinciano, o primitivo), gerando uma multiplicidade de discursos; o diário de viagens, o ensaio, o documento de análise antropológica, o lirismo narrativo e o prosaísmo poético.⁵⁸

Por outra perspectiva, o crítico Tzevetan Todorov, em seu ensaio *A viagem e seu relato*,⁵⁹ reconduz genuinamente às grandes odisséias reais ou fantasiosas dos grandes protagonistas da história universal, ao tratar de Marco Pólo, Cristóvão Colombo, John Mandeville, dentre outros. Todorov, ao compor esse trabalho, teve forte preocupação em caracterizar as populares andanças de boa parte daqueles que estavam enquadrando o contexto das grandes localidades visitadas através de suas palavras. Apesar de pecar pela variância de viajantes, díspares nos seus períodos históricos, Todorov consegue sustentar algumas de suas exemplificações, tendo em vista o forte anseio de atender a suas preocupações literárias. Mesmo assim, podemos concordar que Todorov mergulhou no êxtase geográfico dessas paisagens, buscando outorgar

⁵⁸ ANTELO, Raul. *Na ilha de Marapatá. Mário lê os hispano-americanos*. São Paulo: Hucitec, 1986. p.95.

⁵⁹ TODOROV, Tzevetan. *Viagem e seu relato*. *Revista de Letras*, São Paulo: Unesp, v.39, p.13-24, 1999.

uma voz ensaística para denominar uma espécie de legitimidade sobre tais fatores. Portanto, dentro desse amálgama, Todorov investiga os “relatos de viagem” como aquilo que compreende descrições de localidades visitadas: cartas, diários, documentos, folhetins, crônicas, buscando conceder um olhar *in loco* sobre tais perspectivas.

Octavio Ianni, em um de seus ensaios sobre a literatura dos viajantes, também dedicou algumas páginas ao assunto. O sociólogo, em seu intitulado *A metáfora da viagem*,⁶⁰ busca compreender o aspecto panorâmico histórico das viagens como fator determinante e inevitável para locomoção de todos os homens e mulheres. Ianni parte do pressuposto de que, nas ciências humanas, a característica da viagem se encontra implícita ou explícita através das palavras de cada escritor. Imaginárias ou não, as viagens sempre preencheram o cardápio literário e histórico de vários intelectuais e escritores. Para Ianni,⁶¹ “Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias”, ou seja, agindo como “realidade” ou “metáfora”, toda viagem busca empreender algo que pode estar visto ao vivo ou implícito, como nas obras de muitos escritores justificados por Ianni. Enfim, isso de fato combina e problematiza as fronteiras híbridas que o escritor Mário rechaçou nas suas crônicas de viagens, tencionando o real e o ficcional, assim como ocorre a interdisciplinaridade nas ciências humanas.

Paulatinamente, em um contexto ainda mais contemporâneo, teremos a erudita análise de Silviano Santiago, em seu ensaio *Por que e para que viaja o europeu*,⁶² buscando refletir o diálogo da visão do europeu sobre as conquistas e as viagens. O crítico reforça de maneira aguçada os motivos e as razões das viagens para cada sujeito e cidadão. Consequentemente, isso significa também a formulação de diários e anotações que justificam uma suposta “ética da aventura”, que pode ser assimilada. Segundo Santiago, o objetivo “[...] do romance escrito a partir do século XVIII é o de instituir como verdadeira e justa uma ética da aventura para o homem moderno”,⁶³ ou seja, Santiago postula que, para justificar as ousadias de aventura e capacidade de se afastar dos seus rincões de origem, o viajante pode também se justificar por

⁶⁰ IANNI, Otávio. *A metáfora da viagem e Transculturização*. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁶¹ IANNI, Otávio. Op cit., p.30.

⁶² SANTIAGO, Silviano. *Por que e para que viaja o europeu*. In: *Nas malhas das Letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁶³ SANTIAGO, Silviano. Op.cit., p.227.

interesse de produzir algo investigativo ou apenas fictício, que pudesse compensar tal experiência arriscada. Portanto, análise feita por Santiago, a nosso ver, completa em maior grau a “aventura para o homem moderno”, como Mário de Andrade estava buscando ensinar em suas crônicas de viagens.

A propósito, todo viajante, como foi o caso de Mário, objetiva conhecer outros lugares e ultrapassar novas fronteiras. Sua curiosidade será sua primeira aliada para enfrentar essa destemida luta ou batalha. A temática da literatura de viagens apenas trata de pensar os episódios já constituídos pelo olhar do viajante em objetos já historicizados, através de estruturas de adensamento retóricas e organização da narrativa. A prática e a experiência da literatura de viagens são sempre contextualizadas, enquanto a tessitura de viagens está sempre contaminada pela própria experiência do escritor viajante. Não obstante, a literatura de viagens desmistifica em demasia o que outrora atravessara sem indagações e questionamentos, na própria confecção de algumas narrativas, estilos, observações e descrições etnográficas. Consequentemente, ela favorece uma notável visibilidade das construções narrativas, num sentido aberto e poético pelos artefatos culturais, que são elaborados e ajustados como produto valorizado e significativo.

Esforcemo-nos para compreender que os andarilhos viajantes são muitos e lutam freneticamente para lograr êxito em seus grandes descobrimentos. Fincar suas insígnias ou bandeiras resume todo o sistema de conquista e avanço territorial, como os antigos conquistadores logravam.⁶⁴ Se fôssemos lembrar o passado histórico da América Latina, poderíamos aqui brevemente simular alguns deles: Pedro Alvarez Cabral queria alcançar as terras brasileiras, Robinson Crusoe, algum navio que o resgatasse da ilha perdida, Américo Vespúcio lutava para encontrar o continente americano. Se fôssemos buscar paralelamente as grandes buscas ficcionais, destacaríamos aqui: Ulisses queria alcançar Ítaca, Capitão Frágoso queria alcançar a República 3000, dentre inúmeras outras representações narrativas de viagens. Por fim, podemos perceber que esses conquistadores comumente escreviam relatos sobre cada local almejado por eles, para que pudessem ser posteriormente transformados em livros. Em suma,

⁶⁴ A temática da conquista já teria rendido para Júlio Verne *Os conquistadores*, por sinal muito majestoso, quando empreende o percurso desenvolvido por Colombo e Pizarro, dentre outros.

cada um desses conquistadores alimentava seus respectivos discursos, ora com o documental, ora com o ficcional.

Sistematizando um pouco, é comum verificar no conteúdo substancial do romance de viagens algumas categorias expressivas linguísticas que remetem à constante marca temporal e a retomam como aspecto da representação artística de cada escritor. Dentro desse arcabouço aventureiro, é normal observarmos em crônica do dia 07 de maio registradas na cidade de São Paulo no ano de 1927: “Partirei de São Paulo... [...], me perdi a hora de partir... [...] Faltam apenas cinco minutos..., [...] Mês despeço de todos... [...] já parti, nem posso me arrepender...”,⁶⁵ dentre outras frases que exploram retoricamente a maneira como, pelas circunstâncias, são permeadas as respectivas ações. Tal repertório linguístico reforça ainda mais o quanto é importante fazer uso de tais expressões, assim como elaborar outras para formular um possível acervo expressivo. Nesse sentido, os movimentos de homens e mulheres referenciais ou não precisam ser marcados pelas expressões que evocam a questão do tempo, e Mário, como cronista viajante, consegue fazer isso com bastante maestria e ousadia da prosa modernista, em seu livro *O turista aprendiz*. Em algumas dessas crônicas, o desejo de realçar escritos que possam revelar aspectos da vida cotidiana, assim como uma habilidade de descrever os locais visitados confere ao público leitor matizes de viajantes assíduos e contempladores da geografia brasileira.

Em resumo, cada escritor viajante possui horizontes de sabedorias distintas, visões de mundo de acordo com suas práticas vividas, por isso, sua forma de olhar e compreender uma obra nunca poderá ser neutra, terá sempre traços subjetivos, por mais que isso tente ser evitado. “É assim que eu me vejo, viajante, arqueólogo do espaço, tentando em vão reconstituir o exotismo com o auxílio de fragmentos e destroços”,⁶⁶ escreve Lévi-Strauss, em sua obra *Tristes trópicos*, desejando estabelecer suas experiências e reconhecer que o caminho é continuar insistindo no objeto desejado. Essas sabedorias são acumuladas de acordo com a experiência de cada olhar e personalidade. Esse jogo frenético de informações geralmente é arquivado em uma espécie de banco de dados (diários, livros de notas, mapas, fotos, objetos coletados etc.), que são utilizados sempre quando necessário. “Trata-se de unir a arte e a vida, escrever o que se vive. Experiência vivida e escrita

⁶⁵ Expressões tiradas da página 51 da obra *O turista aprendiz*.

⁶⁶ STRAUSS, Claude Lévi. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. p.47.

imediate, quase escrita automática”,⁶⁷ relata o teórico argentino Ricardo Piglia, ao examinar os escritos de viagens de Ernesto Che Guevara.

Na realidade, a maior parte das narrativas de viagens é condicionada aos respectivos dados que são moldados e lapidados em novas condições discursivas, incorporando novos eventos e ampliando ainda mais as distintas experiências narrativas. Não obstante, durante a confecção de tal *corpus* literário, é necessário separar o trabalho de pesquisa de campo das redações finais que esse escritor deseja formular e do universo ficcional que pretende evocar. Concomitantemente, durante tal processo de montagem, ele também filtra a realidade discursiva do campo a dos interlocutores individuais. No entanto, os sujeitos entrevistados ou aquele cenário deslumbrado serão intermediários cruciais para mesclar as devidas circunstâncias que agregam valores a uma boa narrativa. Enfim, existe por trás disso tudo, durante as maturações do escritor, um jogo de negociações vocabulares conflitantes e ansiosas para determinar aquilo que fica e aquilo que será jogado fora.

Por outro viés de análise, a experiência da viagem e a produção de relato praticada por Mário de Andrade implicavam a adequação de variadas linguagens e ritmos. Percorrer longos trechos e escrever sobre a viagem acabava parecendo, no texto final, um desdobramento de momentos de uma singular experiência, no entanto, sabemos que Mário era um escritor preocupado com os arremates, e isso sintetizava vários momentos de produção e consciência do modelo quase perfeito. “Falei pra mim: este vapor navega com literatura. Isso me amolou bem porque esta viagem eu queria que fosse bem antibrasileira, bem longe da literatura...”,⁶⁸ desabafa de forma poética, em crônica do dia 04 de dezembro na cidade do Rio de Janeiro, buscando se ausentar de suas responsabilidades. Outrossim, o escritor viajante paulista buscava se localizar através dos bastidores da escrita para vivenciar um pouco do olhar e conseqüentemente da leitura do leitor. No prefácio da obra, o próprio escritor paulista salienta a consequência e as circunstâncias desses efeitos da escrita e da linguagem: “Notas rápidas, telegráficas muitas vezes. Algumas porém se alongaram mais pacientemente, sugeridas pelos descansos forçados do vaticano de fundo chato [...] Mas, quase tudo anotado sem nenhuma intenção da obra de arte, reservada para elaborações futuras [...]”.⁶⁹ Ao utilizarmos o vocábulo “bastidores”

⁶⁷ PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.109.

⁶⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.210.

⁶⁹ Idem, p.49.

para definir a posição buscada por Mário para simular o papel de leitor e ao mesmo tempo ter noção suficiente de conduzir a escrita como projeto de um bom entendimento, podemos refletir que o escritor paulista teria interesse de continuar escrevendo e registrando fatos, para fins de autenticidade.

Panoramicamente falando, a literatura de viagens ou prosa de viagens escrita por Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz* une exploração, etnografia, folclore, ficção, referência documental, análise econômica, leitura dos povos e das cidades visitadas, amalgamando um tipo singular de impressão e registro de época. Há algum tipo de objetividade científica ou ficcional nesses grandiosos relatos e diário? A resposta mais coerente seria que o *status* científico e a arte ficcional estão no limiar dessas fronteiras, ora atinge a comprovação, ora a imaginação. “O pioneirismo e a originalidade, ambas em graus de riqueza intelectual, se localizam e caminham paralelas, escrita e leitura de viagem”,⁷⁰ rechaça a crítica Ancona Lopez, visando a situar o grau estilístico do escritor que se sujeita a escrever suas crônicas. Por isso, é interessante verificar que Mário faz de sua escrita de viagens um produto de sua vivência direta, especificamente por revelar o novo e o inédito daquilo que não teria condições de revelar enfiado em seu gabinete de trabalho na rua Lopes Chaves. Em suma, a narrativa de viagens detalhadas por Mário vai revelando uns pelos outros, vai fundindo olhares e perspectivas, vai formando um documento que é, antes de tudo, testemunho nostálgico de uma realidade integrada como protagonista.

A questão brota naturalmente: Como esses escritos foram formulados e orquestrados por Mário de Andrade, ou melhor, qual seria o gênero aplicado e tencionado pelo escritor modernista na confecção dessa escrita tão representativa da realidade brasileira? Nesse sentido, por algumas leituras realizadas, podemos verificar e reconhecer habilmente que Mário de Andrade escreveu tais crônicas de acordo com suas motivações internas e psicológicas de época. Como salienta Ancona Lopez: “O coloquialismo desejado das crônicas marioandradianas, que absorve conscientemente os ‘erros’ para ganhar em vivacidade e que reconhece seu próprio caráter transitório e precário, funciona como um registro quente e dinâmico do tempo, irmanando-se ao público”.⁷¹ Nesse sentido, o escritor modernista nutrido de

⁷⁰ LOPEZ, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade, impressões que historiam. In: *A crônica*. Campinas: Unicamp, 1992. p.165.

⁷¹ Idem, p.168.

expedientes circunstanciais de escrita dessas crônicas, rotineiros de idas e vindas, sem espaço bem definido, improvisado no convés das distintas embarcações que projetou na condição de passageiro, ou seja, fora do seu cômodo gabinete de leitura da rua Lopes Chaves. “O que eu sinto, ou o que eu faço é enquanto estou escrevendo, e até lendo, é ter o quarto habitado, em geral um, raro dois amigos, que estão ali, juro que estão, lendo por cima dos meus ombros o que escrevo, me aconselhando, me dirigindo [...]”,⁷² escreve Mário, definindo suas inspirações longe de casa, mas, ao mesmo tempo, sentindo-se em casa. Podemos deduzir que, cada parada do barco de viagem, descanso na rede do convés, visita nas localidades ribeirinhas, à espera de alguém, sombra de uma árvore, tudo era observado e calmamente anotado. Enfim, os diários e a obra póstuma acabam não correspondendo ao anseio da perfeição e muito menos buscam uma estética organizada.

Na verdade, o panorama da escrita exercido por Mário de Andrade nesses diários de viagens, enquanto expedientes circunstanciais, eram cercados de informações novas, nomes de localidades, indicações de novos contatos, objetos exóticos, rios, árvores, aldeias indígenas, plantas, tudo. “Depois Óbidos. Recepção do intendente, em cuja casa provo licor de taperebá, muito bem feito. É delicioso. Com menos açúcar seria magnífico. Visita ao forte tradicional [...]”,⁷³ informa o escritor paulista com poucas palavras e expressões um grandioso manancial de informações. Somente nesse fragmento encontramos sumariamente informações da cidade peruana, chegada de uma visita, tipo de bebida, sabor da bebida, visita a um ponto turístico local. O diário de viagens de Mário, com suas anotações, era seu mais íntimo amigo, aquele para quem ele podia confessar e que guardaria seus segredos mais ousados. As informações eram guardadas vivas, retidas daquele olhar minucioso, cobertas de criatividade despojada, muitas impossíveis de ser lembradas no futuro, ou melhor, eram frutos da experiência imediata e vivida no ato daquilo que Mário enxergava com seus olhos instigantes e curiosos. Esse testemunho pessoal agia como uma espécie de reportagem para aqueles que desejavam conhecer um pouco mais a realidade dessas culturas. Portanto, na ansiedade de cumprir à risca o desejo de um bom observador, remetendo aspectos criativos ao texto, Mário possivelmente não desperdiçou tempo em realizar a seleção dos assuntos que trataria, assim como a revisão em uma leitura bem rápida do próprio texto.

⁷² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.77.

⁷³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.76.

Instigante e curioso disso tudo é que Mário de Andrade buscou empreender uma espécie de denúncia social que outorgasse os dizeres indignados do povo,⁷⁴ em boa parte das crônicas da obra *O turista aprendiz*. Em maiores detalhes, devemos salientar que a obra encontra-se dividida em duas partes essenciais de crônicas de viagem: na primeira, o escritor paulista descreve a trajetória do Estado do Amazonas até o Peru, entre os meses de [inserir mês] (1927) até agosto de (1928), já na segunda ele detalha profundamente os trabalhos etnográficos realizados no Norte e Nordeste Brasileiro. Foi, especificamente, nos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, entre os meses de dezembro (1928) a janeiro (1929),⁷⁵ ou melhor, foi nessa mesma época que Mário, imbuído voluntariamente de suas visitas aos meios proletários, acabou sendo mais do que um simples transcendente das vozes humanas. Internamente preocupado com o que observava, o escritor ainda foi atormentado pela precariedade em relação ao trabalho quase escravo, angustiado por transformações externas, aflito pelas condições caóticas de trabalho e insatisfeito por completo em não conseguir fazer algo prático e imediato voltado aos mais desfavorecidos e quase marginalizados. Em suma, essas pessoas marginalizadas praticamente foram os protagonistas da segunda parte dos seus diários de anotações, como examinaremos em maiores detalhes, da obra *O turista aprendiz*.

2.3 MÁRIO DE ANDRADE – ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO SOCIAL

Como ocorre essa construção da aproximação social de Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz*? Como em seus escritos aparece um olhar mais popular e preocupado com descrever os acontecimentos de

⁷⁴ Ancona Lopez (1992, p.29) ressalta que: “Para ele, o povo brasileiro, e especialmente o nordestino, estaria no meio do caminho entre o primitivo e o civilizado, e a conotação de civilizado, aqui, despia-se de um sentido valorativo maior, equivalendo apenas no lógico” In: *O cronista Mário de Andrade*. 1992. Tese (Livres-do-cência) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁷⁵ Novamente, segundo Ancona Lopez (1972, p.51): “A viagem ao Norte segue-se a viagem ao Nordeste no ano seguinte, 1928. As duas viagens têm como consequência as duas séries das crônicas do *O turista aprendiz*. A primeira é a descrição geral da viagem e suas emoções, com exceção da deliciosa crítica feita à sociedade civilizada através da apresentação dos costumes dos pacaás novos. A segunda série, a da viagem ao Nordeste, é marcada pela tentativa constante de fazer análise sócio-econômica e pelo entusiasmo para com elementos do marxismo”.

época? Em algumas linhas anteriores, já deixamos algumas pistas de como isso vai progredindo e acontecendo, agora evidenciaremos em maiores detalhes todo esse fator especulativo e instigante, especificamente alguns apontamentos sobre o possível viés teórico. Durante as variadas incursões no papel de turista aprendiz, percebemos uma forte vontade do escritor paulista de tecer repetidos comentários sociológicos sobre os acontecimentos que vivenciou naquela época. É notável que essa rede de amigos intelectuais gradativamente influenciou a maneira de Mário encarar a realidade, assim como sua grande solidariedade para com os homens e mulheres que ele representaria brevemente. É lógico que tudo isso não ocorreu por acaso ou foi fruto de algum fator inusitado dentro de sua vida, ou de sua personalidade. Possivelmente, por trás disso tudo existe parcimônia de formulações teóricas tecidas por Mário de Andrade ou outros, que ajudam a compreender melhor toda essa sua inclinação para se aproximar do povo e do popular.

A rigor, a aproximação da sociedade significava e transmitia para Mário de Andrade um melhor estudo aprofundado e organizado das tradições populares e o ajuntamento das rústicas técnicas de artesanato ao elaborar artístico da arte culta. Sobre a questão da fala popular, o escritor Mário ressalta na sua inacabada *Gramatiquinha*: “O povo não é estúpido quando diz ‘vou na escola’, ‘me deixe’, ‘carneirada’, ‘mapear’, ‘besta ruana’, ‘farra’, ‘vagão’, ‘futebol.’” A sociedade lhe garantia um olhar mais solidário e fraterno, que já ia se construindo, à medida que ele deixava de lado as teorias livrescas e partia para uma proximidade maior com o povo e o popular. E termina dessa forma: “É antes inteligentíssimo nessa aparente ignorância porque sofrendo as influências da terra, do clima, das ligações e contatos com outras raças, das necessidades do momento e de adaptação, e da pronúncia, e do caráter, da psicologia racial modifica aos poucos uma língua [...]”⁷⁶ Na concepção do escritor paulista, as fontes primárias da cultura popular seriam aquelas que guardam aspectos da autenticidade da arte e da própria espontaneidade do povo. O angariamento desses materiais e a formulação dessas impressões possibilitavam um olhar mais profundo e sensível para aquilo já feito, mas não questionado e problematizado. A criticidade desse olhar seria aquela que busca desestruturar aquilo que já se encontra pronto, e não foi devidamente investigado, isto é, para o

⁷⁶ PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990. p. 315, p. 318

escritor paulista, não adiantava apenas ler um compêndio inteiro de danças dramáticas,⁷⁷ sem ao menos experimentar e testar ou, até mesmo, fazer parte desse acontecimento, assim como buscar em seu bojo o efeito e a motivação dessas danças. Daí vem a real curiosidade de saber como tudo funciona, como se estrutura e se comporta, frequentando tais ambientes e divulgando-os para a nação brasileira.⁷⁸

Nos anos de 1928 a 1930, Mário aproveitou com maior intensidade toda essa conjuntura de viagens como fator preponderante para sua aproximação com o social,⁷⁹ tendo em vista que teve maiores oportunidades para visitas aos amigos de longa data e correspondência. Essa curiosidade sobre o povo e a nação, especificamente a cultura com enfoque sociológico não era, evidentemente, desinteressada. Mário tinha relativamente enorme vontade de inspecionar argutamente como eram constituídos a base e os pressupostos dos modelos folclóricos, mesmo sabendo que aquilo tudo já tinha sido elaborado e reelaborado pelos pesquisadores daquele período. O sucesso ou não desses seus empreendimentos dependeria da comprovação e consequentemente da desconstrução dos modelos vigentes. Desconstruir significava colocar um novo olhar criterioso sobre o objeto pesquisado e, junto a isso, formular novos conceitos e abstrações. Exemplo notório disso é quando Mário investigou pessoalmente as tradições folclóricas e originárias do Boi-Bumbá, mesmo sabendo que a simbologia representava uma forma de olhar ancorada em pressupostos da religiosidade ancestral do popular de época. Registro feito em crônica na cidade de Belém no dia 24 de

⁷⁷ Em crônica *Onde estão as riquezas do folclore brasileiro*, publicada no suplemento *A Província*, datada de 17/03/1929, o escritor Manuel Bandeira (2008, p.102) escreve: “Mário voltou do Nordeste convencido que ali estão as reservas mais ricas do nosso folclore musical. Era, aliás, coisa sabida e sentida. O instinto musical dos cariocas é conhecido pela quantidade de sambas e marchas de carnaval. O que nem todo o mundo sabe é que as raízes profundas dessa florescência anual gostosa música descem muitas vezes de uma toada velha do Norte, de um coco natalense, de um martelo pernambucano. Exemplos: a *Cabocla de Caxangá*, o *Meu boi morreu*, o *Pinião*”.

⁷⁸ Nesse fragmento, é fácil notar a comprovação de tal atitude pelo escritor paulista em suas anotações esparsas localizadas no fim do livro (ANDRADE, 1976, p.354): “Amanheci bem disposto. Fui fazer coisas na cidade. De noite afinal fui fechar o corpo no catimbó de dona Platina, no Alecrim. Os mestres da cerimônia foram os feiticheiros Manuel dos Santos e João Germano. Noite inesquecível”.

⁷⁹ É lógico que não podemos generalizar e dizer que foi apenas durante esses anos (1928-1930) que Mário se aproximou mais de seus amigos e pares. Não devemos nos furtar que a viagem de 1924 às cidades mineiras foram também situações tendenciosas para a construção de uma forte aproximação popular e do povo.

maio. “Noite, fomos ao ensaio do Boi-Bumbá, no curral do Boi-Canário. As notas disso estão entre meus papéis sobre Bumba-meu-Boi”,⁸⁰ escreveu Mário, ressaltando a importância da visita. Portanto, suas leituras sobre o assunto não fizeram com que ele ficasse satisfeito com aquilo, então, foi verificar como isso se representava.

É comum encontrarmos, no decorrer dos escritos e das primeiras redações e esboços da obra *O turista aprendiz* do escritor paulista, tanto na primeira viagem como na segunda, expressões e palavras que reforçam a amplitude de uma busca constante dessas fontes primárias e rústicas, assim como a proximidade do popular e do povo, através de uma linguagem mais espontânea e comovente. Assim, “o trabalho do homem”, “a glória do homem”, “os operários dos subúrbios”, “gente proletária” são exemplificações fortemente aparentes em toda a obra⁸¹, palavras ou expressões, dentre muitas outras, rechaçadas pelo imaginário popular, que Mário tanto utilizou e frisou em seus escritos e investigações. A conotação dessas expressões, que aparecem múltiplas vezes em suas crônicas, prolifera o caráter social e solidário que o escritor Mário estava disposto a resgatar como cidadão intelectual brasileiro, buscando representar a sociedade da melhor e mais solidária maneira possível. Isso tudo, como mencionamos na introdução, gera, nas contribuições sociais: vontade de progresso, vontade de melhorias habitacionais, melhorias trabalhistas, enfim, um rol de aportes e subsídios que poderiam ao menos resultar em comoção por parte das autoridades que liam essas crônicas no Jornal Diário Nacional.

Para isso, através da linguagem poética e sublime, Mário contemplava, como um homem comprometido com as causas sociais, tudo aquilo que observava em seus escritos, como homem de letras vocacionado a compreender as manifestações culturais e a arte literária, especificamente. Mário observava aquelas situações precárias e insalubres das moradias, do cotidiano, dos hábitos, e as colocava num patamar poético e sublime com esses moradores locais, mediante linguagem coberta de elogios e figurações metafóricas. O escritor paulista usou e abusou da poeticidade para conseguir expressar suas ideias e anotações e convidar o leitor a um universo mais contemplativo. Por exemplo: “Belém é a cidade principal da Polinésia”,⁸² sentido figurado; “Ignorância é pedra: quebra”, sentido figurado e metafórico;

⁸⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.68.

⁸¹ Expressões colhidas de forma aleatória durante o ato de nossa leitura.

⁸² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.63.

“Cultura é vácuo: aceita”,⁸³ sentido figurado novamente, ambas respectivamente, registradas nos dias 20 de maio e 10 de junho. Com efeito, para emoldurar conceitualmente todo esse aspecto do trabalhador intelectual próximo do povo, Mário buscou interpretar a realidade local com base nas novas leituras e experiências práticas nos escritos que já outorgava. Enfim, o escritor paulista, ao longo dessas andanças, tomou notas, rascunhou, esboçou, esquematizou todo esse documento realístico que posteriormente seria fruto de novos diálogos e pesquisas.

Curiosamente, opondo-se à ideia anterior, em crônica intitulada *O pesadelo de outro dia*, datada de 08 de julho, o escritor diz: “Não tem nada de mais, nenhuma originalidade, mas prova que não fui feito pra viajar, meu destino é viver em casa, entre meus livros, sem lidar com muita gente estranha”.⁸⁴ Ora, a expressão “gente estranha” acaba entrando em um discurso que rema contra tudo aquilo que Mário sempre pregou, que seria a proximidade com as pessoas e o povo. Talvez, Mário tenha escrito isso em um ato inocente ou desmotivado por algo, como o próprio nome da crônica indica, pela palavra “pesadelo”.⁸⁵ Já em outro momento, em crônica do dia 01 de agosto, o escritor novamente espantou os protocolos de despedida e escreveu que aquilo tudo lhe causava irritações: “O Baependi se afasta lerdo do cais, nestes protocolos desagradáveis da partida. Digo adeus e mais adeuses”,⁸⁶ desabafa Mário. Deixemos de lado essas enunciações contraditórias e partamos para outros tópicos que aqui refazem um apanhado daquilo que serviu de estratégia de ganho social. Pouco a pouco, o intento de ser um aprendiz de turista e ao mesmo tempo levantar contribuições sobre os aspectos populares e sociais, buscando projetá-los para uma espécie de consciência de nação, ganha espaço em suas crônicas.

Retomando a aproximação de Mário aos aspectos sociais, teremos o escritor paulista enfaticamente desejando buscar algumas formas de agir socialmente com aqueles que estavam a seu redor. Em crônica escrita na cidade peruana de Nanay, no dia 24 de junho, Mário evidencia sua vontade interna de conversar e dialogar um pouco: “Não eram cinco

⁸³ Idem, p.94.

⁸⁴ Ibidem, p.143.

⁸⁵ É possível contrastar essas frases escritas com aquilo que as pessoas pensam e imaginam do sujeito paulista, quando Mário, em crônica do dia 25 de dezembro, desabafa: “Nosso orgulho, nossa independência e altivez, nosso sentimento organizado de pátria... estadual, nosso desprezo pelo alheio, dedicação ao trabalho, conceito fechado de família, secura no trato, etc., etc., tudo isso é falso” (ANDRADE, 1976, p.247).

⁸⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.184.

horas, e saí de pijama no deque pra assuntar um pouco a vida”.⁸⁷ Ora, o cansaço e a rotina dos estudos na cabine da embarcação faziam com que Mário sentisse necessidade de comungar seu lado social e arrumar uma forma de espairar, refrescar as ideias naquela jornada tão inóspita e cansativa. Não foi à toa que sua iniciativa de diálogo acabou rendendo um grandioso encontro com um índio local. Com efeito, a conversa fluiu naturalmente, tendo em vista que o homem indígena também ficou curioso para saber o que tanto Mário escrevia naquela caderneta: “_ Me falaram que o senhor faz cantigas, o senhor estava escrevendo num papel...”⁸⁸ Esse fragmento comprova o jogo especulativo do escritor paulista para com os moradores locais e vice-versa.

Ao resgatar essas expressões sobre o acervo da proximidade com o popular e o povo exercida e escrita por Mário de Andrade, não estamos rotulando ou enfatizando que o principal objetivo da obra *O turista aprendiz* é retratar esses aspectos, assim como, por analogia, Jorge Amado, ao escrever a obra *Cacau*, indagou a si mesmo: “Será que escrevi um romance proletário?”⁸⁹ Embora o escritor baiano tenha achado que escrevera um romance que resgata as crises e as condições precárias de trabalho das fazendas de cacau no Sul da Bahia, ele afirmou que essa não era a finalidade ou intenção de sua literatura. Jorge Amado descreve nesse romance de fôlego um grande panorama das principais situações que envolviam o trabalho dos proletários nas propriedades de cacau. Devemos lembrar que, naquela época, o escritor baiano também estava vinculado ao partido comunista, assim como havia várias tendências a explorar temáticas trabalhistas em seus romances. Aliás, parece que incidentalmente o escritor baiano tenta explicar uma situação em que, sem propósito nenhum, tivera de solicitar desculpas sobre a escrita de sua própria obra.

Por outro lado, ou melhor, por um viés quase semelhante, não podemos afirmar de forma acurada também que Lima Barreto escrevera *Clara dos Anjos*,⁹⁰ buscando evidenciar variados aspectos das condições de vida da população carioca em pleno subúrbio ou mesmo que seus escritos teriam cunho marxista.⁹¹ “Toda essa gente que vai morar para as

⁸⁷ Idem, p.115.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ SANTOS, Itazil Benicio dos. Jorge Amado. *Retrato incompleto*. São Paulo: Record, 1993. p.18.

⁹⁰ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

⁹¹ O autor Mauricio Pedro Silva (2006, p.70) salienta em sua obra *A hélade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*: “Lima Barreto consolidou-se na literatura brasileira como o primeiro romancista a destacar as áreas suburbanas

bandas de Maxambomba e adjacências só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente”,⁹² relata o narrador barreteano, supostamente analisando o povo e o subúrbio. Talvez, inconscientemente, Lima Barreto tenha retratado todo esse universo suburbano, sem saber os reais propósitos ou leituras de sua obra feitas por seus leitores. Para alguns leitores, Lima fez crítica social e análise das condições de vida do proletário no subúrbio carioca, para outros, ele apenas colocou esse pano de fundo como aspecto de cenário e configuração ainda um tanto genuína para aquela mesma época. É uma tarefa um tanto problemática, que precisa ser sempre tratada com olhar minucioso frente ao contexto do próprio período.

Digressão à parte, diante disso, a prosa de viagens de Mário de Andrade enriquece e captura a condição subalterna do popular e do enfoque sociológico: “Casinhas de proletários pobres, não tirando a gente do bem-estar”.⁹³ Paradoxalmente à exibição da falta de modéstia (“As casas têm aquela humanidade feliz de certos bairros burgueses de São Paulo, não chamam a atenção”⁹⁴), o sentimento solidário ao próximo (“[...] um socialista me afirmou que a situação dos proletários é medonha em Natal [...]”⁹⁵), por outro lado, há a inocuidade desse espírito fraterno e amigo (“[...] e um ricoço com psicologia de filho de senhor de engenho me garantiu que não tem pobreza na cidade”⁹⁶), especulações da miséria local embrenhada nas fofocas da burguesia. Regressando um pouco, na cidade peruana de Nanay, em crônica do dia 24 de junho, o escritor paulista identificou que ali moravam pessoas de baixa renda que, porém, não deixavam de manter suas casas belas e bonitas (“Bairro pobre com casitas mui lindas, mais que as brasileiras”⁹⁷). Estratégias de aproximação ou não do social, o certo é que são frases poéticas com elevado grau de sinceridade e harmonia, para com aqueles proletários que se encontravam na condição de despossuídos e desfavorecidos da própria sociedade. Outrossim, figura-

como cenário privilegiado dos seus romances. As implicações estéticas dessas duas escolhas são evidentes, já que a definição espacial acaba condicionando as escolhas de outras categorias composicionais do romance, como as personagens, o enredo, a linguagem e as próprias idéias presentes na obra”.

⁹² BARRETO, Lima. Op.cit., p.96.

⁹³ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.233.

⁹⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.233.

⁹⁵ Idem, p.258.

⁹⁶ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.258.

⁹⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.118.

se nessa prosa uma espécie de comunhão com o sofrimento alheio, que busca sentido através de um jogo retórico, uma forma de comoção por parte das autoridades e sociedade de época. Portanto, lidando com as contradições da vida e o sentimento de não conseguir dar conta da linguagem poética como um todo espiritual e ao mesmo tempo libertário, Mário apenas joga sua espontaneidade humanística com os seus escritos e para a representação do povo.

Dentro dessa musculatura poética, devemos lembrar que isso não quer dizer que Mário faria apologias ao gosto daquilo que o povo idolatrava, buscando, dessa forma, facilitar a interpretação de sua obra literária. Por isso, o escritor sempre buscou problematizar e questionar essas leituras de mundo já percebidas e não dialogadas com os populares que ajudaram a realizar todo esse processo artístico. “A gente pode lutar com a ignorância e vencê-la. Pode lutar com a cultura e ser ao menos compreendido, explicado por ela”,⁹⁸ escreveu o escritor paulista, em crônica do dia 10 de junho, utilizando linguagem popular, mas buscando questionar de forma polêmica algumas reflexões. Trocando em miúdos, ele não precisaria de facilitar o vocabulário de sua prosa para obter suposta aproximação ou mesmo colocar temáticas populares em seus escritos, para seus respectivos leitores. Provavelmente, essa não seria uma de suas preocupações, tampouco aquilo que lhe mantinha vigilante. Mesmo sabendo que seria importante insistir em uma arte literária de combate ou militante, o escritor paulista sabia que seu compromisso seria muito mais do que esses mecanismos de representatividade. Portanto, Mário articulou de forma pormenorizada muito bem essas características de vocabulário para com a sociedade que desejou representar.

É curioso que o contexto popular que Mário, na condição de agente folclorístico e literário, buscava evidenciar nesses seus escritos da segunda parte da obra *O turista aprendiz* é característico de vários fatores e formas. Tais fatores podem ser conjugados e elencados como: o resgate das raízes que estavam se perdendo com as transformações externas da modernidade; a comunicação espontânea e “cara a cara”; o aproveitamento das fontes primárias e rústicas como entendimento da cultura popular e do povo; a denúncia das injustiças praticadas pelos burgueses patrões; enfim, uma série de resquícios populares que ainda estavam imbricados e acobertados sem uma profunda análise e merecimento investigativo. Contaremos com algumas hipóteses a respeito disso em maior grau, no terceiro capítulo, em que a devida

⁹⁸ Idem, p.94.

investigação dessas características poderá levantar tais fatores e formas. A envergadura da inquietude humanista e emotiva de Mário, como aspecto preponderante do homem vocacionado a diagnosticar esses fatores, teria atingido em Mário uma força que até então não tinha apresentado nenhuma postura intelectual. Teria Mário a capacidade de evocar esses valores contraditórios aos povos menos privilegiados? Por fim, como criar o elenco dessas primeiras indagações que supostamente poderiam iluminar os próximos itens a ser seguidos ao longo desse percurso?

No entanto, uma indagação mais ampla e difusora pode ser formulada para efeito retórico e reflexivo: Como é possível investigar e rastrear as características sociais e populares numa obra inacabada e ao mesmo híbrida, intertextual, no contexto das ciências humanas, e complexa, como *O turista aprendiz*, diante do emaranhado jogo especulativo que foi palco das cidades do Norte, Nordeste Brasileiro, Peru e Bolívia, no início do século XX? Trata-se de regiões e países atravessados pelos vestígios da incipiente industrialização e do movimento migratório da classe operária. Essas migrações foram revigoradas pelos andarilhos viajantes e escritores que fizeram parte do mesmo contexto, batizada como cidades do folclore e centro de variadas problemáticas no país, mas distante de ser plenamente unificada pelos outros estados. Como ainda confrontar os variados diários de escritos de Mário, levantando as contribuições sociais e os experimentos artísticos que Mário colocou em voga, cobertos de otimismo nacionalista e receosos dos rivais que não compartilhavam as mesmas ideologias? Políticos e intelectuais rivais viam com olhos invejosos e com a sombra de dúvida que cobria o cenário das principais discussões políticas e sociais do marcante triênio 1927, 1928 e 1929. Essas discussões polêmicas desafiavam a identidade nacional, assim como as variadas questões da vanguarda europeia, à moda dos escritores vanguardistas; que se chocavam acirradamente com outros ideais. Como poderemos identificar tais trechos e evocá-los para uma profunda discussão e consequentemente outorgá-los para novas pesquisas ou mesmo despertar a consciência que Mário de Andrade teve ao formular um trabalho tão original e coberto de pesquisas inerentes às mais diversas áreas do conhecimento humano?

Há uma resposta simples e, como nesses casos, quase sempre pouco iluminadora, e uma brevemente mais complexa, e provavelmente mais vantajosa, para que se responda à longa indagação formulada acima. A resposta simples seria que, nesses casos, a investigação desta dissertação seria ofertada por uma leitura e releitura, buscando

identificar trechos que serviram de base e inspiração para gerar outros fragmentos que foram confeccionados, projetando novas análises, portanto, maneiras de enxergar possíveis interpretações acuradas. A resposta mais complexa seria rastrear, como se fosse uma espécie de “detetive intelectual”, as principais circunstâncias que envolveram Mário, para colocar em pauta todo esse material referencial e ficcional. Para isso, seria necessária uma verdadeira análise embrionária de fontes, ou melhor, genética, tentando ao menos levantar vicissitudes históricas, influências literárias, diálogos com amigos, enfim, uma conjuntura que pudesse dar conta de toda a formação estrutural da obra *O turista aprendiz*. Obviamente, essa atitude interpretativa implicaria, por parte do investigador-pesquisador, maior aprofundamento e certamente visitas e viagens aos locais apontados por Mário durante sua primeira e segunda viagem. Apontadas as dificuldades já postuladas, escolhemos a resposta simples, para tentar possíveis considerações ao longo desta dissertação.

Diante dessa longa conjuntura problemática exposta, seria quase impossível verificar todo esse manancial de efeitos sociais, mesmo se conseguíssemos alcançar a resposta simples, pois a literatura de Mário na obra *O turista aprendiz* segue itinerários que margeiam e acabam ultrapassando as barreiras do estético e da arte literária, e levam a dizer aquilo que não se pode dizer ou escrever, levam a uma reinvenção da própria linguagem. Daí vem a real necessidade de aqui realizarmos um recorte mais específico, delineando uma direção a ser tomada, assim como privilegiando trechos que mais dialogam e mais aprofundam temas populares e sociais nesses escritos.⁹⁹ Essa tarefa realizaremos mais adiante, no terceiro capítulo desta dissertação. Por outro lado e viés, não queremos dizer aqui que o escritor paulista projetou colocar a arte literária dentro das ciências sociais, mas sim absorvê-la como atitude de fruição investigativa, para respaldar sua visão de turista e sociólogo. Salienta o crítico Eric Hobsbawn: “Entretanto, se quisermos entender a história humana em um sentido global e de longo prazo, como a utilização e transformação progressivamente mais eficazes da natureza pela humanidade, então é essencial o conceito de trabalho

⁹⁹ Como qualquer produção acadêmica, recortes precisaram ser feitos, delimitando ou simplificando objetos. Por vezes, limites são impostos para levantar certo grau de especificidade e aprofundamento no assunto. É através desses limites que buscaremos balizar tais perspectivas. Justifica Foucault (1999, p.08-09): “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar qualquer coisa”.

social em geral”.¹⁰⁰ Ora, o historiador Hobsbawn corrobora algumas reflexões sobre o ambiente sociológico de forma prolífica e certamente nos permite aproximar que Mário também busca no universo “econômico-social” o entendimento dos cidadãos daquelas regiões visitadas.

Tal efeito provocado por Mário acaba sempre numa reinvenção de palavras e histórias que são quase todas infiltradas na memória do seu coletivo e do individual como nação. Por esse motivo, não foi à toa que Mário se apropriou da história global e de conceitos de filósofos, assim como dos escritores marxistas, para exercer na prática essas leituras. Um exemplo bem nítido disso ocorre em crônica datada do dia 17 de janeiro na cidade de Natal. “E a gente percebe aliás que o nordestino já está se convencendo disso; o que é melhor do que achar o Brasil uma boniteza e discutir a intensidade de calor entre o Nordeste, Manaus, Rio e Buenos Aires”,¹⁰¹ escreveu o escritor paulista, intensificando a cor local e ressaltando alguns efeitos comparativos da produção local. Possivelmente, a linha de força desses explícitos ou implícitos aspectos sociais esteja diretamente ligada ao inconsciente popular que permanece no jogo do não-dito, estabelecendo o desafio renovador constante e ao mesmo tempo instigante e curioso. Por enquanto, vejamos como o fio da linguagem poética e social percorre quase toda a obra *O turista aprendiz*, movimento que tentaremos rastrear a seguir.

2.4 MÁRIO DE ANDRADE – *O TURISTA APRENDIZ* E A LINGUAGEM POÉTICA E SOCIAL

No âmbito da linguagem poética e do máximo das ricas potencialidades da nossa herdada Língua Portuguesa, Mário de Andrade explora densamente tudo isso em seu *O turista aprendiz*, a começar pela variedade de tradições e lendas populares que angariam e respaldam esses aspectos. Por exemplo, aspectos poéticos da natureza local e das figuras míticas registradas em crônicas diversas (“A noite já entrara quando portamos num porto-de-lenha. Céu do Equador, domínio da Ursa Maior, o grande Saci...”¹⁰²); ditados populares (“A gente pode lutar com a ignorância e vencê-la”¹⁰³); inúmeras descrições de sublimes

¹⁰⁰ HOBSBAWN, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p.80.

¹⁰¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.286.

¹⁰² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.97. Em nota de rodapé respectiva página a crítica Telê Ancona acredita que estaria a chave da obra *Macunaíma* na expressão Ursa Maior.

¹⁰³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.94.

sonhos (“O que não posso explicar é ter sonhado que dirigia um automóvel esta noite. O sonho, que eu sabia, não abusa assim das antíteses.”¹⁰⁴); máximas (“Não te enganes jamais de camarote, sem licença da proprietária”¹⁰⁵); superstições e lendas populares (“No Amazonas não corta o rabo de cachorro, pra ele poder se equilibrar em cima da estiva”¹⁰⁶); nomes exóticos de comidas (“Gosma de rã jagaretê-cunuguaru”¹⁰⁷), (“Mujanguê: ovo de tracajá batido com farinha e sal”¹⁰⁸); trechos paisagísticos e poéticos (“Os pássaros cantavam no vôo e as bulhas das iererês dos flamingos das araras das aves-do-paraíso [...]”¹⁰⁹), enfim outras que enumeram essa tapeçaria poética. Mediante circunstâncias contemplativas, numa exuberante variedade verbal, as crônicas da obra *O turista aprendiz* extraem a criatividade literária e linguística popular, amalgamando suas anedotas, conversas informais, canções comunitárias, gírias do povo, enfim, uma série de incrustações ousadas da simplicidade do popular e da simples observação da vida.

Não devemos nos furtar a que Mário de Andrade, dentro desse âmbito estabelecido pelo jogo poético das palavras, não desejava apenas rechaçar aspectos das temáticas populares, mas, acima de tudo, atingir democraticamente todos os tipos de público. Em seu inacabado projeto da obra *Gramatiquinha*, o escritor paulista tece algumas formulações a esse respeito, cujos trechos que é tão necessário apresentarmos: “As observações e pesquisas sobre a língua nacional não devem ser feitas exclusivamente entre pessoas das classes proletárias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural”,¹¹⁰ escreveu Mário, ditando os principais direcionamentos que sua linguagem deveria atingir. Assim, ele pretendia abarcar os sentimentos de todos aqueles que estavam a seu redor, buscando atingir as vicissitudes humanas e circunstanciar os acontecimentos de época. Em suma, tanto o rico quanto o pobre, o caipira, o cidadão, todas as classes deveriam ser representadas da melhor maneira possível, sem restrições e atitudes distanciadas de visão.

¹⁰⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.247.

¹⁰⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.58.

¹⁰⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.72.

¹⁰⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.69.

¹⁰⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.100.

¹⁰⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.60.

¹¹⁰ PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990. p.338.

Toda essa conjuntura, marcada pelo olhar distinto daquele que: “[...] não dilui a singularidade no pitoresco, uma vez que não se mostra espectador embevecido, mas o criador capaz de perceber criticamente a realidade”,¹¹¹ assevera e contribui a crítica Ancona Lopez. Assim, Mário embevece seu discurso na realidade e depois o transforma de maneira referencial e ao mesmo tempo poética, utilizando aquilo que Ancona Lopez aponta como “ótica surrealista”.¹¹² Poderíamos listar uma série de outras expressões, todas, no entanto, remontam ao mesmo modelo que aqui buscamos exemplificar brevemente. Desse modo, são constantes os recursos adotados por Mário para aproximar sua pessoa do povo que estava representando: “[...] já me acamaradei com tudo”,¹¹³ frisando a política da boa vizinhança; “O Nordeste se tornará facilmente um dos maiores, senão o maior, produtores de algodão do mundo”,¹¹⁴ elogiando a produção e a autoestima fabril das terras do Nordeste e do povo nordestino. Por outro lado, o escritor frisa muito bem a questão dos próximos protocolos dos brasileiros em receber seus amigos e anfitriões: “Mas brasileiro gosta de abraçar mesmo e sob esse ponto-de-vista a ignorância do abraço camarada que há nos filmes norte-americanos está desraçando uma expressão da gente”,¹¹⁵ escreveu Mário em tom de comparação tardia aos gracejos amistosos entre os americanos e brasileiros. Ao mesclar e extrair tudo isso, do popular e da sensibilidade espontânea do povo, Mário encorajava seu espírito modernista, e com toda harmonia conseguiu evocar um ar de originalidade com leve toque de nostalgia em relação aos fatos e acontecimentos anteriores.

Reforçando ainda mais o paralelo poético, muitas das páginas da obra *O turista aprendiz* são escritas dessa forma, repleta de aliterações, figuras de linguagem e rimas. Nesse contexto, é possível que Mário tenha aproveitado seu ideal de poeta dotado de profundos conhecimentos da linguagem para engrandecer e edificar sua prosa de viagens através de seus relatos. Ao que tudo indica, durante esses excertos, Mário ousa ao captar e tatear com a máxima inspiração tudo aquilo que cerca seus olhos e o deixa cristalizado. Para exemplificar isso melhor, basta o leitor mais atento verificar a proporção de palavras que remetem a uma situação de cunho extremamente sensorial, evocando cores, cheiro, toques, enfim, uma série de artifícios poéticos estratégicos

¹¹¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. A bordo do diário. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.42.

¹¹² LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.42.

¹¹³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.63.

¹¹⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.286.

¹¹⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.203.

para enriquecer uma de suas crônicas mais sublimes e contemplativas, que corresponde a uma de suas descrições do cruzamento das águas dos rios amazônicos, datada do dia 05 de julho. Nela, há aspectos que enfatizam o papel do cheiro: “Uma aroma vago, quase só imaginado, porque os rios da Amazônia não têm perfume, um perfuminho encanta os ares [...]”. Por outro lado, há as variadas cores: “Antes de qualquer prenúncio de claridade no céu, é o rio que principia a alvorada e se espreguiça num primeiro desejo de cor”; “O azul se define, cor de enfeite de Nossa Senhora. Um roseado sem muita graça, trêmulo, maleiteiro se arroja no ar e logo tem um desmaio sem alarde, vira dum amarelo incolor [...]”. Por último, há a sensação sinestésica maior que essas palavras conjugam em favor de uma escrita mais sublime: “Mas o ouvido acordado se abstrai do murmulho das águas fendidas e do arfar binário das caldeiras e consegue distinguir uns trinadinhos sem valor, suspiros”.¹¹⁶ Os vocábulos que seguem adiante, em forma de hipérbole, também enriquecem a prosa modernista das crônicas de viagens. Em diversos momentos, Mário abusa desses artifícios gramaticais: “Caceteações de recepção oficial [...]”;¹¹⁷ “As cunhas que estavam despeitadíssimas, se reuniram furibundas [...]”,¹¹⁸ escreveu, em tom de exagero, o escritor paulista. O problema disso tudo é que podemos considerar que todos esses efeitos separados como exemplificações tiram o sabor de uma leitura mais íntegra e perceptível ao que aqui analisamos.

Outro aspecto relevante à linguagem seria o apelo ao humor, à oscilação satírica e às piadas, que termina ou inicia alguma dessas crônicas de viagens. Por esse motivo, as crônicas de viagens de Mário ficam sempre guarneçadas de um espírito genuíno de fazer literatura, mesclado com leves toques de ironia. Ao leitor mais conhecedor do estilo e da própria linguagem do escritor paulista, é comum verificar nessas passagens um profundo grau de conhecimento de outras obras, assim como a prosa inovadora modernista. Diversas passagens dessas crônicas são enriquecidas pela linguagem humorística, que desvia um pouco a seriedade e a referencialidade da linguagem formal. Por exemplo em registros diversos: “E como o exercício do chilro o enchera muito de ar, peidava com melancolia”;¹¹⁹ “Vida de bordo. Isso da gente ser o único homem duma viagem com mulheres pode ser muito muito

¹¹⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.137.

¹¹⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.138.

¹¹⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.93.

¹¹⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.129.

masculino, mas [...]” e “Com os preconceitos dos semicultos não há esperança de vitória ou compreensão [...]”,¹²⁰ dentre tantas outras que ocupariam uma lista grandiosa de frases e expressões que distanciam o olhar daquele viajante já exausto e do leitor dessas crônicas, que deseja um bom gracejo de risos e gargalhadas.

A rigor, se fôssemos explorar e abstrair a carga semântica da expressão “turista aprendiz”,¹²¹ poderíamos brevemente remontar uma série de correlações linguísticas importantes para a ampliação do significado contextual e reflexivo da obra. Além de uma implicação primeira de sujeito que aprende a ser turista, a expressão representa, no contexto da obra marioandradiana, aquele sujeito que segue para conhecer as cidades de maneira bastante instigante e curiosa. Todo aprendiz é curioso por algum motivo, e isso corresponde à própria personalidade de Mário, como homem vocacionado a compreender as inquietudes plurais da natureza artística humana. Sabemos que a palavra ou a expressão solta não ganha toda a pertinência textual e contextual dentro dos aspectos linguísticos e literários daquilo que Mário sempre desejou tematizar e intitular em seus diários e escritos. Por exemplo, algo relacionado à obra, talvez transfira a inexperiência e ao mesmo tempo alguém que aprende a ser turista. Obviamente, todo turista contribui socialmente com suas visitas programadas ou inusitadas, deixando marcas e registros onde visita. Um jogo de mão dupla ocorre: ganha o turista socialmente e ganha o lugar que ele visita com suas experiências. Em consequência, o significado isolado ou despido da palavra “turista” apenas parafraseia outras conotações não tão importantes ao contexto que estamos analisando. Já o vocábulo “aprendiz” subjuga uma série de elementos na ordem de suas correlações adjetivas (aplicado, diligente, zeloso, inexperiente) como mencionamos. A fusão desses significados comporta maneiras e olhares específicos para detalhes ainda não imaginados pelo leitor, ou seja, para aquele turista que precisa aprender com o povo e com a nação, não bastando apenas o conhecimento dos livros e enciclopédias, mas a sabedoria popular que Mário sempre frisou ser de tamanha importância para a compreensão nacional.

¹²⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.94.

¹²¹ Ancona Lopez sugere que a expressão remonta uma inspiração que Mário sofrera: “É nessa ocasião que batiza publicamente a obra: *O turista aprendiz*, título em que talvez esteja oculta uma homenagem a Paul Dukas, compositor bastante valorizado pelos modernistas, autor de *O aprendiz de feiticeiro* (Um projeto de livro. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.30).

Não é difícil descobrir a fascinação de Mário por uma linguagem ainda mais distinta e exótica, os vocábulos do escritor paulista constantemente inovam e atingem o grau da invenção e da esquisitice. Muitas dessas palavras e expressões foram lapidadas ao longo de sua gradativa inserção nos diários de viagens. Obviamente, isso ocorre de maneira ociosa e buscando outorgar um sentimento genuíno para tais palavras. É possível notar que não se trata de singular capricho de Mário, mas de algo que ganha sentido na necessidade de inovar na linguagem, durante alguns de seus percursos de criação, facilitando assim sua invenção e criatividade, que resultariam na ampliação dos múltiplos neologismos existentes na prosa de viagens de *O turista aprendiz*. “Mas, por intermédio desta tribo, poderei criar todo um vocabulário de pura fantasia [...]”,¹²² escreveu Mário, em crônica do dia 01 de julho, desejando mais uma vez criar palavras novas para subsidiar majestosamente suas ficções.¹²³ É óbvio que ele fazia tudo isso durante um grande intervalo de tempo, já que as anotações são rápidas e quase sempre no calor do ofício, assim como o escritor mineiro Guimarães Rosa fizera ao confeccionar os escritos do denso e longo romance *Grande Sertão: Veredas*.¹²⁴ O escritor mineiro lapidou várias palavras, antes de colocar e esboçar as redações de seus principais textos. Na obra *O turista aprendiz*, as exemplificações são variadas, e resgatamos brevemente algumas, justificando apenas esse caráter reduzido: “ponhamos”¹²⁵ soa estranho, porém, é verbo utilizado para facilitar o uso da oralidade; “serrapilheira”¹²⁶ provavelmente é usada para expressar o movimento dos pacas; “A copacabanização de Natal é um fato”¹²⁷ expressa aparências similares ao conteúdo geográfico carioca; “Degringolando das alturas de Petrópolis [...]”,¹²⁸ evidencia o itinerário rápido da saída de um bairro de Natal. À parte desse estilo coloquial, elevado, poético ou amplamente realista, no tocante ao universo popular

¹²² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.129.

¹²³ Sobre os neologismos, podemos também mencionar, segundo Ancona Lopez: “Respeitamos rigorosamente a sintaxe e o léxico do autor por sabermos que são construções que participam de seu projeto de língua nacional, que propunha ‘encurtar as distâncias entre a língua geral e a língua literária’” (A edição de “O turista aprendiz”. In: *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.38).

¹²⁴ ROSA, Guimarães João. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

¹²⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.93.

¹²⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.92.

¹²⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.255.

¹²⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.247.

e próximo da representação do espontâneo do cotidiano vivenciado, Mário demonstra grande capacidade de inovar no léxico salpicado de vivências experimentais, garantindo ao leitor um contemplativo grau de satisfação durante o ato da leitura. Outrossim, a representação de palavras em letras maiúsculas ou em negrito, provavelmente, enfatiza algum tipo de valorização ao próprio vocábulo: “[...] às vinte e 30 no **Caixeiro Viajante**”¹²⁹ evidencia um local determinado para um suposto encontro com um amigo em crônica do dia 13 de dezembro. Mário também resgata as gírias locais, expressões utilizadas pelos povos, e as escreve em seus diários, buscando maior proximidade com a oralidade e os costumes deles. Ele usa exemplificações e quase sempre emprega o conjunto do falante oral. Por exemplo, para indicar o tipo de indivíduo no Pará ele escreveu em duas crônicas distintas: “Quando se vê uma menina boa, no Pará, dizem que ‘fulana é um casquinho’”;¹³⁰ “[...] aqui no norte usam chamar de ‘munheca de samambaia’”.¹³¹ Concluindo, sua prosa é ligada a termos característicos de seu próprio imaginário, que sempre denota algo que os simples e conhecidos vocábulos não conseguiriam atingir no contexto das referências e ficções da obra *O turista aprendiz*.

Para refletir sobre a linguagem e seus aspectos na obra *O turista aprendiz*, é necessário também levantar algumas considerações a respeito do estilo do narrador empregado por Mário de Andrade em seus relatos de viagens. O vocábulo “relato” já implica e sugere algo confessional e subjetivo, que se solidifica no aspecto da primeira pessoa, ou seja, a capacidade de inventariar, com os conhecimentos adquiridos nas enciclopédias, a realidade vivenciada. Sutilmente, a subjetividade inventariada por Mário acaba penetrando nas fissuras das frases e evidencia aquele escritor comprometido com o contemplativo e o poético. Com certeza, tudo isso revela um bom tempero para continuar viajando pelas regiões visitadas. Por exemplo: “Estou lustroso de felicidade”,¹³² escreveu o escritor paulista, para evidenciar sua felicidade em último e maior grau. Em outros momentos, ele faz questão de evidenciar alguns lembretes: “Me esqueci de contar que já estamos na Paraíba”,¹³³ disse, em crônica do dia 13 de dezembro, soando como uma espécie de esquecimento momentâneo realizado posteriormente. Na

¹²⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.228.

¹³⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.136.

¹³¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.128.

¹³² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.63.

¹³³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.227.

mesma linha de raciocínio, sua atitude implica também a impressão que causa, um impacto que remete a um olhar demorado e condicionado para algumas surpresas, tanto do escritor como do leitor. Partindo do pressuposto de que Mário, quando narrava, já possuía sólidos conhecimentos daquelas localidades, através do álbum de fotos e descrições dos viajantes de época, e que apenas pratica e testa tais conhecimentos, ampliando-os diante de localidades desconhecidas e situações um tanto inusitadas e exóticas, percebe-se que Mário sabia exatamente seu papel no conjunto itinerante e aproveitava essa condição para angariar confiança e determinação àquilo que executava.

Concluindo, é instigante notar que durante a confecção desses relatos de viagens, o olhar que geralmente deseja ser amistoso e participativo, assim como apaixonado pela exuberância e o exotismo, à espera de acontecimentos inusitados, do escritor etnógrafo e do viajante inexperiente, se converte, gradativamente, desde o início dos acontecimentos e episódios, em observação exaustiva e cansativa, desejando a chegada rápida a alguns destinos e talvez a volta para casa. Aliás, calor excessivo, poeira na cara, desconforto, animais venenosos: não faltam registros de anotações e irritação por parte de Mário de Andrade. Mas, se ocorre de desabafar e maldizê-las, é porque em nenhuma ocasião o escritor paulista questionou ou limitou seu projeto inicial de viagem: a investigação etnográfica e cultural do povo brasileiro como fonte de material primário para suas pesquisas e estudos. Em crônica do dia 22 de janeiro atravessando de automóvel as adjacências da cidade de Natal. “Não estou fazendo literatura não. Eu tenho a coragem de confessar que gosto de literatura”,¹³⁴ escreveu Mário tentando desistir, mas ao mesmo tempo observando a necessidade de manter a perseverança na voltagem de sua ambição. Resumindo, seu projeto o determina e o deixa otimista em relação às anotações dos diários e às pesquisas do cotidiano, mesmo em alguns episódios em que ele se mostra desmotivado pelas condições climáticas e adversas da localidade que estava visitando. Vejamos, a seguir, os principais preparativos para a segunda viagem de Mário de Andrade.

2.5 MÁRIO DE ANDRADE E OS PREPARATIVOS PARA A SEGUNDA VIAGEM

Depois de exatos três meses e doze dias na cidade de São Paulo, o escritor Mário de Andrade colocou novamente seus cadernos e sua

¹³⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.301.

mochila nas costas, juntamente com seus blocos de notas, para se preparar progressivamente para sua segunda e mais amadurecida viagem.¹³⁵ Essa iniciativa seria capitaneada por seu profundo gosto de conhecer a realidade social brasileira e o verdadeiro arquétipo do homem nordestino, e lhe renderia novos frutos e horizontes para aprimorar suas investigações epistemológicas no campo das ciências humanas e das artes. Na bagagem, o turista paulista levou maturidade maior poética e muita sede de radiografar todo esse manancial das enciclopédias de seu escritório, na rua Lopes Chaves. Nesse sentido, Mário estava certo de que então iria olhar e marcar presença ao vivo e tirar proveito de tudo aquilo que observaria. Não esqueceu da máquina fotográfica, que lhe auxiliava em todos os momentos, o registro mais fiel e documental de tudo aquilo que ele podia observar. Podemos supor que, nessa época, o escritor paulista estivesse com seus ideais mais convictos, assim como outros maiores projetos em torno dessa segunda e tão esperada etapa de sua vida.

O ano ainda é 1927, porém, no dia 27 de novembro, noite agradável e pacata. Marcava o relógio do cronista aprendiz exatamente 21h, de agitação e ansiedade. O cenário local, quase o mesmo anterior, remontava com oscilação a toda aquela etapa cruel e duvidosa de encarar os inusitados e imprevisíveis episódios que viriam pela frente. “Mas é isso mesmo. Barulho afobado de estação, o trem-de-ferro vai partir, todos esses amigos, alunos, me cercando...”¹³⁶, escreve Mário deixando clara a impressão de ansiedade. O escritor paulista ainda guardava em sua lúcida memória sua despedida local rumo ao Amazonas. As variadas lembranças soavam como ar de saudade e, ao mesmo tempo, melancolia do desconforto que qualquer viagem pode desencadear em alguém tão acostumado a sua cidade natal. “Está provado que não fui feito pra viajar”,¹³⁷ lamentava bem anteriormente Mário de Andrade, com quase total certeza do que está repetindo e dizendo, dúvida cruel e necessária, que alimentou o início dessa viagem,

¹³⁵ Novamente, temos a reflexão de Ancona Lopez (1985, s.p.): “A importância das manifestações da cultura popular anima o turista aprendiz a empreender em 1928 uma segunda viagem. Se pegara, por acaso, a melhor época para a coleta folclórica do Norte, o meio do ano da renovação da terra nas chuvas, agora, planeja, cuidadosamente o trabalho que deseja fazer no Nordeste. Vai em dezembro, quando as festas marcam o solstício do verão, e fica até o Carnaval. Atende os convites dos amigos de Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba, modernistas e interessados também em cantoria, danças dramáticas e religiões afro-brasileiras”.

¹³⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.201.

¹³⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.51.

como vontade de ficar em casa, mas, ao mesmo tempo, a missão de seguir em frente e apostar naquilo que poderia melhorar sua carreira de escritor e pesquisador.

Sua estada foi maior no Rio de Janeiro,¹³⁸ onde permaneceu do dia 28 de novembro até o dia 03 de dezembro, então, embarcou em nova viagem rumo ao Nordeste Brasileiro, que conhecia apenas por fotos.¹³⁹ Esse cenário exótico era conhecido por boa parte das leituras e das correspondências de seu fiel amigo Câmara Cascudo, dos longos compêndios geográficos, dos diários de outros viajantes e das fotos trocadas com outros intelectuais. Era esperado que, durante sua permanência na cidade fluminense, o escritor paulista passasse a explorar melhor o contexto do povo carioca, assim como a exuberante cidade em seus aspectos urbanísticos e arquitetônicos. Assim, ele sentiria na pele maior proximidade com as questões da sociedade e do povo daquele local, bem como, pouco a pouco, a aproximação, que aperfeiçoaria seu lado mais humano e carismático, com os problemas alheios. Por esse motivo, o escritor paulista visitou lugares ainda não conhecidos e passeou com o olhar de observador atento ao exótico, buscando retomar o precioso tempo para objetivos sem maiores causas e protocolos. Não poupou tempo para fazer variadas comparações entre as mulheres cariocas e paulistas, e refez sempre aquele olhar cristalizado de paulista em terras tropicais e exóticas para um paulista na Cidade Maravilhosa em crônica registrada no dia 01 de janeiro. “A carioca, muito mais uniforme na genealogia, é no entanto muito mais cosmopolita. Esse cosmopolitismo sei bem que devirá muito da coexistência do mar que falta pra paulista [...]”,¹⁴⁰ escreveu Mário, buscando outorgar seu critério de juízo e opinião sobre ambas essas mulheres. Durante sua estada em terras fluminenses, o escritor paulista teve maior tempo de ociosidade para visitar e marcar encontros com seus pares e amigos de longa data. Possivelmente, o escritor modernista

¹³⁸ Novamente, temos a reflexão de Carlos Heitor Castello Branco (1970, p.18): “A recepção que tiveram terá sido das mais festivas. O Rio de Janeiro não tinha mais o Morro do Castelo; o desmonte criou a esplanada e a Avenida Beira Mar, que roubou espaço aos domínios de Neturno”.

¹³⁹ Um bom argumento encontrado nessas passagens justifica muito bem o entrosamento do escritor Mário de Andrade (1976, p.210) com as questões sociais: “Não tem dúvida que estou um bocado com vergonha de me entregar assim às delicias refinadas da tonteira. Isto me desumaniza, e principalmente me desoperariza. Perco esta parte de operário que tem em mim, tão vasta e muito nobre – a melhor parte de mim”.

¹⁴⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.207.

visava dessa maneira o fortalecimento das relações pessoais, buscando um futuro contato ou até mesmo um possível engajamento posterior nas rodas intelectuais e políticas de época. Em suma, Mário antecipou e projetou o chamado conceito de *networking*, tão pregado pelos norte-americanos na atualidade.¹⁴¹

Caminhar, visitar, pernoitar, fotografar, escrever, comer, caminhar, esses talvez sejam os verbos mais utilizados por Mário de Andrade durante essa intensa epopeia geográfica e aventureira, que foram suas andanças pelo interior do Brasil. A indagação nasce naturalmente: Como atravessar esses variados estados do Nordeste diante de tantos trajetos e percursos a serem percorridos em um Brasil ainda sem estrada e sem rodovia? Carro, barca, caminhão, carroça de bois são os únicos meios para percorrer esse itinerário serpenteado, tão cansativo e longo.¹⁴² Apenas no comando do D. Pedro I, embarcação do Lloyd Brasileiro,¹⁴³ Mário de Andrade e sua comitiva percorreram boa parte do percurso e repousaram nas mais variadas cidades, buscando levantar aspectos culturais e etnográficos. Ora, possivelmente foram

¹⁴¹ Apesar da vida de intelectual fechado aos livros e enciclopédias, o escritor Mário (ANDRADE, 1983, p.70) sempre foi um agente social em seu aspecto mais pungente, por isso, é notório que não gostasse de ficar isolado e sozinho por muito tempo. Em carta ao escritor Carlos Drummond de Andrade, notamos isso, em desabafo: “Depois passei à máquina e então tomei a nota sobre a espécie da minha solidão, mesmo quando estou sozinho. (E não será isso que faz de mim um infatigável escrevedor de cartas? ...) Não vou procurar agora, mas me lembro meio esgarçado que já numa das minhas duas viagens mais longas, a do Amazonas ou a do Nordeste”.

¹⁴² Durante as etapas de viagem observamos nitidamente variados comentários do escritor paulista em relação aos veículos que possibilitaram suas visitas às cidades. Em crônica intitulada *Automóvel*, de 19 de janeiro, o escritor Mário evidencia bem esse contraste de trepidações e solavancos nas estradas das pequenas cidades atravessadas, assim como os meios de transporte: “[...] inauguração do trem de ferro de Mossoró até aqui.”; “pinoteando nos trilhos dos carros-de-boi...”; “O automóvel enveredou pro abismo [...]” (ANDRADE, 1976, p.289, 290, 291).

¹⁴³ Sobre esse aspecto, cabe esclarecer que a navegação costeira no país era realizada por várias companhias marítimas até a década de 1960, que faziam o transporte de passageiros e de cargas. A história da navegação mercante do Brasil passa principalmente por duas empresas: a Companhia Nacional de Navegação Costeira e o Lloyd Brasileiro, que tinha, em sua frota, os navios Dom Pedro I, Dom Pedro II, Mauá, Almirante Jaceguay, Almirante Alexandrino, Rodrigues Alves, Campos Sales, Buarque, Cantuária e Raul Soares (este serviu como navio prisão na Revolução de 1964) (GIRAUD, Laire José. *As viagens pela costa do Brasil*. Disponível em: <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=16962>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

mais de 3.000km percorridos arduamente, em cima desses úteis, mas, ao mesmo tempo, rústicos meios de transportes, que vantajosamente serviram ao protagonista paulista no decorrer de suas longas andanças. Mesmo pela tamanha variedade de cidades visitadas, Mário e sua fiel comitiva não abandonaram e não isolaram a possibilidade de caminhar por longos trajetos. Percorrer com vasta curiosidade esses estados deste enorme Brasil significava para os integrantes mapear uma parte de suas tradições e lendas, investigar as vicissitudes paradoxais, pavimentar ao longo do caminho as desigualdades sociais e também buscar uma possível solução para a projeção de um progresso, tanto para as cidades como para seu povo local.

Indubitavelmente, durante essas suas andanças, o escritor paulista buscou ampliar e divulgar seu pensamento nesses encontros sociais tão marcantes, que serviriam apenas de preâmbulo de sua longa odisseia, na condição de turista aprendiz – odisseia exótica, tão social e necessária, que deixou Mário um tanto mais otimista e disposto a deixar seu cômodo gabinete e sua confortável escrivaninha de escritor na *Pauliceia desvairada*. Por isso, ele fez questão de enfatizar sua chegada ao Rio de Janeiro através de cartas trocadas com seus correspondentes na mesma época. Ora, é notável o agendamento sociológico desses compromissos e livres protocolos com distintos pares artísticos e intelectuais: a cantora Julieta Telles de Meneses, o compositor Luciano Gallet, o amigo Cícero Dias, enfim, outras amizades isoladas que acabaram se encontrando no jogo inusitado das idas e vindas na cidade carioca. “Mas o que estava apreciando por dentro era a proibidade artística com que Julieta Reis de Menezes e Luciano Gallet trabalhavam”,¹⁴⁴ escreveu Mário, enfatizando o comportamento amistoso de seus amigos. A pauta dessas discussões girava em torno das possíveis parcerias e trocas de ideias sobre obras já produzidas pelo escritor paulista e que brevemente tomariam o rumo da própria produção literária. No prelo ou não, tais obras seriam fruto de um aval ou de um condicionamento respaldado de seus pares e amigos. Esses compromissos lhe renderam um olhar mais social e mais participante na nação brasileira, antecipando desde já os acontecimentos populares que viriam no Nordeste Brasileiro. Foi à bordo da embarcação denominada Manaus que Mário projetou suas investigações etnográficas e populares rumo ao exótico horizonte quase desconhecido.¹⁴⁵ Em suma,

¹⁴⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.203.

¹⁴⁵ Sobre o aspecto da embarcação, Mário (ANDRADE, 1976, p.210) escreve poeticamente: “Enjoar, não estou enjoado não, tenho fome e autoridade, porém o Manaus com as suas mil toneladinhos dele é um barco de cenografia e balança por

Mário evidenciou que precisava ser um agente social enquanto homem das letras, pois o vaivém dos diálogos amplia ainda mais sua tarefa de cidadão brasileiro e solidário perante suas amizades. Vejamos como isso ocorre e quais seriam essas primeiras aproximações sociais dentro da própria obra *O turista aprendiz*.

2.6 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES SOCIAIS¹⁴⁶ DE MÁRIO DE ANDRADE – *O TURISTA APRENDIZ*

Restabelecida a via de peregrino quase permanente, em pleno Rio de Janeiro, a proximidade com o social e as questões amplas do povo foram ganhando força na altitude de seu pensamento e em suas idealizações de escritor modernista. Mário encontrou sem nebulosidade, nessa toda e complexa altitude, fortes tendências a ganhar votos de confiança no jogo do carisma fraterno e solidário, que já alimentava em sua fiel epistolografia. “Não posso mais... Três dias de amigos, gente que quero bem particularizadamente, um por um...”¹⁴⁷ escreveu ele, no dia 30 de novembro, com ar de graça, buscando evidenciar suas aproximações na Cidade Maravilhosa. Por esse motivo, já é possível encontrar um grau de maturidade reflexiva em seus diálogos com pessoas importantes e participantes da vida ativa política e social da nação. A proximidade com seus amigos faria maior sentido espiritual na vida do escritor paulista. Mário desenvolveu o potencial amistoso e uma atmosfera intimista com seus amigos e pares intelectuais e artísticos. Enfim, podemos perceber que, ao mesmo tempo em que Mário precisava do confinamento na condição de escritor e intelectual, não podia também abrir mão da proximidade com as pessoas e seus entes queridos.

Evidentemente, o fortalecimento dessa prática foi acumulando em Mário novos experimentos e novas oportunidades de encontros e ganchos intelectuais, como no futuro a produção de artigos voltados a atender a demanda da classe erudita. Esses experimentos agiram como um “laboratório social” para formar sua personalidade e seu caráter ao longo de suas perquirições e andanças. “José não sabe o que se passa

demaís. As sacudidelas que ultrapassam a naturalidade e se tornaram uma expressão”.

¹⁴⁶ Utilizamos esse título por crermos na hipótese de que Mário construiu gradativamente uma rede social de amigos que no futuro iria facilitar e fortalecer sua personalidade próxima do povo e do popular, que ele mais frisou durante as visitas às cidades da segunda parte da obra *O turista aprendiz*.

¹⁴⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.205.

dentro de mim... Nem eu também, aliás. Um caos temível”,¹⁴⁸ escreveu Mário, ainda no dia 30 de novembro, tentando confiantemente adquirir algum tipo de consolo a suas tristes recaídas e situações mal resolvidas. Posteriormente, a intensa prática¹⁴⁹ do gênero epistolar abasteceria os diálogos e aprimoraria sua capacidade de cativar as pessoas e trazê-las para seu lado fraterno e amigo. Por isso, outrora em sua primeira viagem, houve os intensos encontros com pessoas que mudaram a história da nação, como os intelectuais: Graça Aranha, Paulo Prado, Rodrigo de Mello Franco e outros. Enfim, parece que Mário tinha a fidedigna facilidade de expandir suas redes sociais, seu círculo de pares intelectuais, e articulá-las a seu favor e da nação brasileira.

Devemos salientar que esses encontros acabam ficando ainda mais nítidos, ou seja, regados aos variados agendamentos de almoços e jantares, assim como satisfações pessoais que são enriquecidas de um sufrágio sublime e ao mesmo tempo cheio de saudades.¹⁵⁰ É dominante o uso dessas informações para buscar uma espécie de proximidade com seus amigos e pares. Esses registros e referências foram anotados, ou melhor, registrados preliminarmente por Mário em um simples diário de 28 páginas, em formato de agenda de bolso, conjugando letra miúda, aproveitando ao máximo o espaço da caderneta.¹⁵¹ Por exemplo, em anotações diversas, “Almoço com Peixoto – Augusto Frederico Schmidt e Lourenço Fernandez vem me visitar”;¹⁵² “Janta com Holanda casa Rodrigo M. F. Andrade”;¹⁵³ “Almoço casa Prudentinho”;¹⁵⁴ “Almoço com A. e Stella, feijão e peixe de coco”.¹⁵⁵ Uma característica básica dessas anotações quanto ao recurso estilístico adotado por Mário é que

¹⁴⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.206.

¹⁴⁹ Segundo Antônio Candido (1992, p.209): “Para ele escrever cartas era tarefa de tanta responsabilidade moral e literária quanto escrever poemas ou estudos. Esse madrugador que dormia pouquíssimo tinha a religião da correspondência, aplicando nela a correção escrupulosa dum guarda-livros”.

¹⁵⁰ Sobre esse aspecto, a estudiosa Aracy Amaral (2010, p.266) diz: “O modernista Mário de Andrade foi por toda parte recebido com homenagens oficiais. Isso significa que, pequeno ainda o número dos adeptos do Modernismo, estes de qualquer forma representavam um respeitável núcleo intelectual no país, e não apenas em São Paulo. Ou seja, a intelectualidade era o sistema”.

¹⁵¹ O próprio escritor paulista afirma (ANDRADE, 1976, p.64): “Estas notas de diário são sínteses absurdas, apenas pra uso pessoal, jogadas num anuáriozinho de bolso, me dado no Loide Brasileiro, que só tem cinco linhas pra cada dia”.

¹⁵² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.341.

¹⁵³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.341.

¹⁵⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.342.

¹⁵⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.345.

elas mantêm variados recursos condensadores de expressões normalmente regidos pela concisão ou pela rapidez na linguagem, remetendo à ideia de elipse e ao mesmo tempo vivacidade no discurso. Ao reduplicar o vocábulo “almoço”, Mário guarda o significado espontâneo, amistoso e aclimatado à realidade brasileira das confraternizações e amizades realizadas no decorrer de suas visitas. O próprio substantivo “almoço” conota algo na primeira pessoa do plural (Nós almoçamos – coletivo), algo amistoso, amigável, aproximativo das redes sociais, enfim, pretexto inteligente para uma oportunidade de “puxar conversa”. Em quase todas as curtas anotações de viagens, é notória a preocupação de Mário com registrar esses momentos tão ricos de calor humano e nostálgico de beleza espontânea. Esses cruzamentos sociais fortaleceram o índice das redes de amizades e daquilo que promoveria o desencadeamento posterior de ações voltadas a atender às causas coletivas na segunda parte da obra *O turista aprendiz*.

Outra característica marcante nesses registros anotados ao correr da pena e no calor da escrita são os chamamentos aproximativos que o escritor paulista evidencia como forma de carinho e sentimento fraterno frente a seus principais amigos e pares. É comum que, no decorrer desses encontros regados a um almoço ou um lanche no fim da tarde, o escritor Mário de Andrade reforçasse a tese dos registros elaborados em função de vocativos eloquentes e destemidos. Geralmente, esses escritos são despidos de privilégio em relação ao tratamento com os outros, pois buscam atingir os pares numa enunciação íntima, cordial e jogada na proximidade. Por exemplo: “me esperavam Cascudinho, Antônio Bento”,¹⁵⁶ “Puxa! É o Graça Aranha [...]”,¹⁵⁷ “[...] Paulo Prado sim com Marinette e mais...”.¹⁵⁸ Muitos desses inesperados chamamentos, registrados em crônicas diversas, apresentam quase as mesmas características, ou seja, expressões de empolgação, admiração, surpresa, alegria, dentre outras. Concluindo, o escritor paulista emprega com frequência o diminutivo das palavras como forma de carinho e motivação pessoal para com o próximo, o que implica uma configuração mais harmônica e fiel a seus companheiros intelectuais.

Em última análise, a simples repetição desses vocativos tão fraternos já sugere uma proximidade maior e mais humana com aqueles que estavam a seu redor e, no futuro, formariam novas parcerias intelectuais dentro de seu projeto de escritor. Essa repetição enfatizava

¹⁵⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.231

¹⁵⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.52.

¹⁵⁸ Idem.

cada vez mais o potencial social que Mário desejava imprimir em seus escritos, bem como reforçar o viés amigável que posteriormente desembocaria nas aproximações sociais da segunda parte da obra. Nessa linha associativa, as comunhões fraternais dos chamativos formam o mais sincero patrimônio generoso entre o escritor paulista e a sociedade que estava desejando representar. Essas evidências demonstram a total vontade de Mário de se aproximar daqueles que seriam seus saudosos amigos. Além disso, a quantidade de adjetivos utilizados para engrandecer seus companheiros intelectuais ou até aqueles homens mais simples que estavam a seu redor fortalece a ideia de que Mário agia muito pelo lado cordial,¹⁵⁹ antecipando ou confirmando, provavelmente, a teoria e as reflexões do escritor Sérgio Buarque de Hollanda, no ensaio *Raízes do Brasil*.¹⁶⁰

2.7 O TURISTA APRENDIZ E A MÁQUINA FOTOGRÁFICA COMO ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO SOCIAL

A nosso ver, outra possível estratégia de aproximação social articulada pelo escritor paulista é o uso da máquina fotográfica para registro de todas as situações e acontecimentos a seu redor.¹⁶¹ A inseparável máquina fotográfica seria a mais integrante aliada para o pretexto das longas conversas e posteriores parcerias.¹⁶² Muitas das

¹⁵⁹ O próprio escritor comenta, em uma desavença com seu amigo Graça Aranha: “[...] que eu não tinha nada contra o Graça mais, e ele respondia pela minha cordialidade” (ANDRADE, 1976, p.52).

¹⁶⁰ HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

¹⁶¹ Sobre esse aspecto Ancona Lopez (p.111, 113) reforça: “Entre 1923 e 1926 poucas são as imagens – parentes e amigos em Araraquara, em São Paulo. Amadurece a preocupação com o enquadramento em instantâneos e poses, algumas calculadas para ele próprio. Durante a viagem à Amazônia, desponta, de fato, o fotógrafo na plenitude do olhar criador, aliado à busca da precisão técnica. A máquina brasileira rebatizada Codaque, o turista aprendiz inventa o verbo ‘fotar’. Atento, prova possibilidades de uma arte nova para ele, até pouco tempo admirada somente no trabalho de outros, no cinema ou nas revistas modernas da França e da Alemanha que se encarregavam, também, de apresentar a contribuição dos ingleses, austríacos e norte-americanos” (In: *Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1993).

¹⁶² Um notável exemplo desse pretexto para puxar conversa ou para se aproximar das pessoas é o episódio em que o escritor Mário de Andrade (1976, p.55) busca e imagina como se dará sua proximidade com uma mulher estrangeira: “É uma americaninha, girl etê, com muito açúcar e fotografia duma vez. Faz de conta que

fotografias que compõem a obra *O turista aprendiz* são enriquecidas com paisagens e pessoas com quem Mário teve contato, fortalecendo seu poder de aproximação social e espontaneidade para com o povo. Mesmo naquelas fotos que tirou sozinho, é também possível verificar o grau de alegria e contemplação aos locais visitados. Além disso, o escritor paulista tinha a mania de anotar legendas caracterizando os lugares observados, possivelmente, com a finalidade de atingir veracidade sobre os locais visitados, respaldar mais seu olhar de pesquisador e dar ao leitor proximidade com o real.¹⁶³ Em várias passagens de suas crônicas, o escritor busca o ângulo ideal para registrar seus mais sublimes momentos diante da paisagem que observava.¹⁶⁴ As

não sei absolutamente nada de inglês, tiro fotografias. Foi um encanto conversarmos só de olhos e gestos. Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime. Talvez por causa disso ela me amou eternamente, mas foi obrigada a ficar na Bahia porque não posso ter complicações”.

¹⁶³ Flora Sussekind (2008, p.147), em seu ensaio *O Brasil não é longe daqui*, fortalece e aprofunda esses efeitos de veracidade em relação ao documento: “O documento escrito, palpável, parece elemento estratégico de fato importantíssimo para a credibilidade de qualquer relato baseado em coisas – fictícias ou não – vistas ou ouvidas em situação da qual o leitor naturalmente não pode participar in loco, mas em abstrato, pela leitura apenas. E elemento estratégico igualmente para a escrita dos relatos. Daí a quantidade de pranchas, caixas, espécimes vegetais e animais, e anotações que se multiplicam durante as viagens. E nos próprios relatos, nos quais a todo instante se sugere ao leitor que observe uma prancha ou se menciona que alguém se detivera a esboçar algo recém-descrito em particular”.

¹⁶⁴ Em outra passagem e para especificar isso melhor, a crítica Ancona Lopez reflete sobre o fotógrafo e a fotografia: “O turista aprendiz é também o Fotógrafo Aprendiz de Kodak em punho, no exercício de sua arte. Geometriza, procura planos, não teme o close, a figura de costas; estuda a luz, imprime o humor nos instantâneos. Mais tarde, ao colocar legendas no verso das fotos, o poeta se junta ao fotógrafo, achando rimas, trocadilhos, imagens. Em 1927 a viagem enquanto ausência/permanência recebe fotografia sua talvez mais bela expressão. Do deck do vaticano, Mário de Andrade fixa sua sombra nas águas do Madeira e pergunta: “Que-dê o poeta?”. Narciso à beira de seu melhor espelho, um rio da Amazônia, sublime a impossibilidade de ser de lá. Logo em seguida, no Arari, na ilha de Marajó, cuja civilização perdida reverencia, as sombras são duas – ele e o ‘Búfalo vil’. Postando-se ao lado do animal a que repugna, Narciso se conforma. O trocadilho da legenda reforça a estranheza e a inadequação atribuídas: o búfalo é o anti-boi que gosta de lama e macula pureza amazônica. No espaço eleito está também, inexorável, sua realidade de homem do Tietê lamacento, rio anômalo que não deságua no mar, cheio de contradições. A sombra é a alma deste Narciso. No próximo ano de 1928, de volta ao seu meio, a Kodak capta, na terra, um contorno de gigante que merecerá o título camoniano “Sombra minha”... (LOPEZ, s.p. Mas se alguém segura o leme/desta nave incandescente. In: LOPEZ, Tele Porto Ancona; BISSILIAT,

várias fotografias que Mário tirou não foram solitárias tampouco conseguiu tirá-las por sua conta. Por esse motivo, podemos deduzir que ele tenha solicitado a alguém que as tirasse e aproveitado para “puxar conversa” e se aproximar das pessoas, fazendo novas amizades e contatos. Em suma, é possível acreditar nessa hipótese, já que a obra *O turista aprendiz* é recheada de fotografias que condizem com o aspecto de uma obra de viagens.

Seria impraticável falar da pertinência da dualidade entre Literatura e fotografia, sem mencionar o nome de Roland Barthes, e equívoco ainda maior seria tentar traçar um panorama dessa dicotomia tão polêmica e audaciosa sem iniciar pelo seu nome. É ele o estudioso que mais ofertou contribuições, direta e indiretamente, para a evolução desses estudos e de seus principais avatares. O teórico Roland Barthes, em sua obra *A câmara clara*,¹⁶⁵ corrobora de maneira acurada essa relação tão problemática e audaciosa. Embora seu ensaio não exemplifique com obras literárias o potencial fotográfico, é essencial aqui provocar algumas reflexões. O crítico francês segue a linha de raciocínio ensaístico para dizer que, durante o ato da fotografia, existem dois fatores preponderantes: a câmara clara, em que a mão do homem seria justamente necessária, e a câmara escura, que seria uma atitude mais mecânica e o lado humano, desnecessário. Para Barthes: “A fotografia não rememora o passado (não há nada de proustiano em uma foto). O efeito que ela produz em mim não é o de restituir o que é abolido (pelo tempo, pela distância), mas o de atestar que o que vejo de fato existiu”.¹⁶⁶ Ao que tudo indica, esse fragmento possui muita semelhança com aquilo que Mário perfaz em seu ato fotográfico, ou seja, aquele capaz de atestar as situações vivenciadas em suas visões durante as cidades visitadas. Portanto, a teoria refletida da imagem do conceito de Barthes casa-se perfeitamente com os anseios do escritor modernista.

Ao compor sua obra *O turista aprendiz*, Mário de Andrade aproveitou as várias possibilidades de explorar o recurso fotográfico como elemento substancial de sua escrita nos diários de viagens. Nesse sentido, o escritor paulista se vale ora como matéria de fisgar seu texto em uma realidade local vivenciada, ora como maneira estratégica de estabelecer contatos aproximativos com as pessoas que estavam a seu

Maureen; SILVA; Marcos da. *O turista aprendiz*. 18 Bienal de São Paulo. São Paulo: Abril, 1985).

¹⁶⁵ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

¹⁶⁶ Idem, p.62.

redor e, no futuro, também comporiam o acervo de personagens de seus registros e anotações. “No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa”,¹⁶⁷ reflete novamente Roland Barthes. Mário não poupa nada em suas realizações fotográficas, por isso, registrou flora e fauna local, as instituições visitadas, as praias nordestinas, igrejas etc. As passagens e algumas circunstâncias já traçadas remontam ao fio condutor de captar a perspectiva ideal de canalizar seus escritos para evidenciar aquilo que ele buscava. Daí vem o motivo de ele sempre registrar os fatos com sua máquina fotográfica e manter à risca o potencial verídico de que esteve naquele local. A arquitetura de argumentos formulada por Mário, para conjugar a máquina fotográfica com o objeto literário, ganha consistência à medida que as legendas são compostas como fonte de registro sobre os fatos fotografados e alimentados com os indicadores escritos. Portanto, por esse motivo, é comum que, durante essa etapa, Mário fizesse de tudo para registrar com tamanha perspicácia e habilidade, tanto em fotografia quanto em prosa de viagens, as inumeráveis paisagens assistidas.

A estudiosa Ancona Lopez, em seu artigo *O turista aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem*, discorre sobre um panorama de Mário de Andrade como intelectual fotógrafo comprometido com as regiões visitadas naquele período em que esteve no Norte e Nordeste brasileiro. A estudiosa acredita que Mário teve forte motivação para realizar essas fotografias junto a seu material escrito, tendo em vista que o escritor paulista apresenta “[...] uma espécie de impregnação do Brasil, [...]” e “[...] ambas lhe rendem diários textuais e imagéticos, [...]”, em que os “[...] últimos [estão] unindo legendas às fotografias”, escreve a estudiosa. Ancona ressalta a importância que as legendas incorporadas ao rodapé das fotografias tiradas pelo escritor paulista sugerem e que “[...] glosam as representações e o exercício fotográfico, ao construir um texto fragmentário, multifacetado e híbrido, como todos os diários”, e continua, para finalizar sua ideia: “Nele viceja tanto o registro que se propõe fidedigno como a criação literária que exerce o humor, o lirismo e a metalinguagem”.¹⁶⁸ Enfim, percebemos através desses três fragmentos a vontade de Mário de cultivar algo que

¹⁶⁷ BARTHES, Roland. Op.cit. p.62.

¹⁶⁸ LOPEZ, Telê Porto Ancona. O turista aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. *Anais do Museu Paulista História e Cultura Material*, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142005000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jul. 2011.

mantivesse um registro mais dinâmico e perecesse como um arquivo de longa data.

Relato literário e fotografia acabam operando, pois, como uma referência audaciosa e convidativa para aquele leitor que já se acostumou com os livros de viagens cobertos de fotografias e desenhos, que remontam a trajetória do viajante. A nosso ver, as fotografias e as anotações de Mário, além de possivelmente garantirem uma estratégia de aproximação social, garantiriam também o respaldo realístico aos locais visitados. “O princípio da aventura permite-me fazer a Fotografia existir”,¹⁶⁹ novamente assevera Roland Barthes. Essa realidade e a ousadia de Mário formariam a dupla perfeita para angariar maior confiabilidade e ousadia a seus escritos. A problemática maior seria o caso dessas fotografias terem sido montadas ou manipuladas para um grau de imaginação e invenção. Qual seria o grau de fidedignidade dessas legendas e fotos? Será que isso de fato aconteceu? É possível que isso tenha passado longe e despercebido e, ao que tudo indica, Mário não iria inventariar e ficcionalizar as legendas incluídas nas fotografias, já que isso não favorecia um trabalho de pesquisa tão honesto e ligado às investigações, que ele pretendia realizar.

Essa ponte entre literatura e fotografia é essencial para situar a composição genética da obra *O turista aprendiz*. Obviamente, seria impossível prever os reais propósitos de Mário de Andrade, como fotógrafo amador, buscando apenas situar e registrar episódios importantes, portanto, não podemos deixar de acreditar que podemos ao menos construir hipóteses curiosas. Não é por acaso que, em diferentes episódios e acontecimentos da obra *O turista aprendiz*, o escritor paulista aproveita o pretexto da máquina fotográfica para realizar críticas e fazer novas amizades. Mário realiza fortes especulações sobre as fotografias que inventa tirar ao calor da hora, e as submete a várias análises. “O mesmo com este convento de S. Francisco: fotografia mal focada, sem interesse, não mostrando os valores da arquitetura”,¹⁷⁰ escreveu Mário, em crônica do dia 30 de janeiro no estado da Paraíba, buscando realizar formulações de juízo sobre algumas de suas fotos. É comum que Mário procurasse registrar tudo aquilo a que assistiu e presenciou, por isso, a obra *O turista aprendiz*, para um bom fotógrafo, pode ser grandiosa para um possível aprofundamento e pesquisa. Concluindo, a leitura dessas imagens pela teoria semiótica engrandece aquele olhar mais nostálgico aos acontecimentos de época, por isso, é

¹⁶⁹ BARTHES, Roland. Op.cit., p.36.

¹⁷⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.313.

normal que todo esse acervo não permaneça tão atual, tendo em vista as cinco décadas já perpassadas.

Na verdade, se fôssemos aqui ampliar o estudo das fotografias da obra *O turista aprendiz* como aspecto investigativo da inserção na obra, assim como as legendas tecidas por Mário que descrevem os episódios de época, teríamos um grandioso acervo de pesquisa. Esse material seria indispensável para efetuarmos algumas digressões necessárias para uma compreensão mais aprofundada das respectivas aproximações sociais do escritor Mário de Andrade. Contudo, muitas dessas fotografias trazem resquícios e pistas do manancial genético e histórico para compreender toda essa conjuntura, fato um tanto grandioso, para provocar um estudo direcionado a esse tipo de temática. Possivelmente, isso resultaria em outras investigações, fugindo daquilo que buscamos delinear e seguir ao longo deste percurso. Mesmo com alguns apontamentos estabelecidos aqui, são pesquisas/investigações que a academia ainda não solucionou, ou não se interessou por problematizar.

2.8 POSSÍVEIS DIÁLOGOS PARA A CONFECÇÃO DOS DIÁRIOS DE VIAGENS DA OBRA *O TURISTA APRENDIZ*

Na realidade, Mário de Andrade observa o processo de alienação e emprego forçado ao aumento do capital desenfreado pregado pelos donos do poder.¹⁷¹ Ele percebe nitidamente também que esses trabalhadores braçais estão condicionados a ficar mumificados de criatividade por um longo tempo.¹⁷² Talvez seja isso uma de suas principais preocupações, tendo em vista sua forte valorização da liberdade criativa e intelectual dos brasileiros, que exemplificamos aqui com o personagem Janjão da obra *O banquete*¹⁷³. Biográfico ou não, a possibilidade de Mário ter refletido o seu comportamento de personalidade em Janjão evidencia mais ainda uma arte desvinculada de

¹⁷¹ KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes*. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

¹⁷² Sobre esse aspecto, cabe afirmar que o escritor paulista defendia uma postura mais libertária aos anseios da arte como movimento livre e independente: “Meu maior sinal de espiritualidade é odiar o trabalho, tal como ele é concebido, semanal e de tantas horas diárias, nas civilizações chamadas ‘cristãs’. O exercício da preguiça, que eu cantei no Macunaíma, é uma das minhas maiores preocupações” (ANDRADE, 1983, p.41).

¹⁷³ ANDRADE, Mário de. *O banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

interesse, assim como imbuída de aspectos sociais.¹⁷⁴ Sob essa ótica, seu pensamento sociológico está completamente imbricado com o fazer político, na medida em que sua literatura também é produto social, ou seja, sua escrita acaba condicionando aspectos culturais e econômicos que envolvem, em um único denominador: literatura e denúncia social.

Cabe alertar que não podemos generalizar tal dicotomia (Literatura e denúncia social), e sim agir com ponderação e relatividade, na medida do possível ou tentar, ao menos, obter alguns resultados plausíveis. Lembramos novamente que a parte social não seria algo fechado e resolvido por completo em suas crônicas de viagens. Dentro desse raciocínio, sabemos que a obra *O turista aprendiz* contém variados efeitos discursivos que ampliam em demasia o acervo textual, e não poderíamos aqui apenas resumir essa interpretação. O efeito desse condicionamento age como se fosse uma leitura infiltrada de discursos sociais estabelecidos na própria arte, que visa a confeccionar os diários do *turista aprendiz*, ou seja, abre portas para metaforizar e apresentar explícita ou implicitamente novos discursos sociológicos. Aí reside sua permanente preocupação: romper o isolamento da classe operária, vista por ele como a herdeira de uma possível tradição carregada de valores simplórios, mas culturalmente expandidos. Assim é, em seu aspecto mais pungente, a experiência que Mário de Andrade tem do sociológico: um presente de linguagem no limiar das contradições e das problemáticas que observava, desmistificando com seus olhos desviados na meditação de seu passado.

Inicialmente, não podemos deixar as sugestões do crítico Raul Antelo a respeito das possíveis influências de Mário ao compor seu *O turista aprendiz*. Para o crítico argentino, Mário embeveceu seus escritos na fórmula literária de alguns escritores latino-americanos. O primeiro seria a fórmula extremamente curiosa de Guiraldes narrar suas viagens em forma de anotações, no ano de 1916, visitando Chile, Peru e Antilhas. Ao juntar fatos referenciais com a mescla ficcional, Antelo acredita que Mário manteve fortes correlações literárias com a obra *Xaimaca*,¹⁷⁵ inclusive, para fins de comprovação, Antelo encontra

¹⁷⁴ O escritor reforça e afirma em depoimento no exemplar Mensagem de data de 15 de novembro de 1939: “A principal desculpa já é muito conhecida: é a famosa história da ‘arte social’. Certos artistas brasileiros descobriram de repente em sua ignorância que a arte deve ter uma função social. Ora, a arte sempre teve função social. Nasceu como coisa social e sempre como coisa social que é” (ANDRADE, 1983, p.74).

¹⁷⁵ Sobre o enredo da obra *Xaimaca*, o crítico Raul Antelo (1986, p.57-58) escreve: “*Xaimaca* narra a relação de Clara Ordóñez e Marcos Galvan, através dos portos, em

algumas anotações marginais na própria obra, na biblioteca do escritor paulista. Por outro lado, Antelo também acredita que, tanto *Xaimaca* como as crônicas da obra *O turista aprendiz*, podem ter anunciado a obra póstuma *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*,¹⁷⁶ escrita no ano de 1969, do escritor peruano José Maria Arguedas.¹⁷⁷ De acordo com Antelo, tanto Mário como Arguedas adotaram a temática social, assim como a mescla de fatores referenciais com ficcionais. Enfim, são vanguardas literárias que submetem o novo olhar crítico para possíveis sugestões de pesquisas e investigações comparativas.

Por outro lado, não devemos exagerar no contraste entre *O turista aprendiz* e a obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*. As duas obras, inacabadas e publicadas postumamente, compartilham uma série de características visíveis e semelhantes: o *status* incerto dos textos devido às variadas lacunas encontradas; o paralelo das culturas indígenas apresentadas de forma singular;¹⁷⁸ a evidência geográfica de que tanto Mário como Arguedas estiveram no Peru; e até mesmo sua situação cultural como obras culturais para ampliação do conhecimento e personalidade de ambos os escritores. Tanto *O turista* como *El Zorro* são frutos de especulações ensaísticas culturais, e compartilham até mesmo suas referências ao contexto do panorama econômico de época: Mário declara-se conhecedor da realidade das indústrias e dos engenhos de cana-de-açúcar e da situação dos proletários e José Arguedas fala da situação da Serra e da Costa Peruana, pela economia das indústrias pesqueiras instaladas desenfreadamente no litoral e pelo movimento

que o Aysen faz escala, a caminho dos trópicos. No fim da viagem, Penalba, irmão de Clara, evita a continuação da aventura amorosa e Marcos Galván desiste da luta, sem demonstrar maior perturbação por uma decisão que lhe é parcialmente alheia”.

¹⁷⁶ ARGUEDAS, José Maria. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica. Eve-Marie Fell (coordinadora). 2.ed. Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Río de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

¹⁷⁷ Finalmente, não devemos esquecer que, durante a jornada de viagens pela nação peruana, o escritor paulistano chegou a visitar a cidade que foi o pano de fundo da obra *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*, como podemos verificar no trecho do *O turista aprendiz*: “Paramos madrugadita no porto-lenha de Chimbote. A bordo ma crilada maleitosa” (ANDRADE, 1976, p.111).

¹⁷⁸ Sobre esse aspecto, temos o depoimento do escritor peruano José Mariategui (1928, p.33): “La suposicion de que el problema indígena es un problema étnico se nutre del más envejecido repertorio de ideas imperialistas. El concepto de las razas inferiores sirvió al Occidente blanco para su obra de expansion y conquista. Esperar la emancipacion indígena de um activo cruzamiento de la raza aborígen com inmigrantes blancos, es una ingenuidad antisociológica, concebible solo em la mente rudimentaria de um importador de carneros merinos”.

forte e migratório para a cidade de Chimbote. Em suma, surpreendentemente, ambas as obras são discutivelmente marcadas pelas tradições narrativas proletárias e econômicas, explicitamente mencionadas em *O turista aprendiz* e mais subjacentes em *El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo*.

A título de exemplo bastante análogo e bem mais contemporâneo poderíamos submeter as análises sociológicas de Mário de Andrade ao que os dois heróis andarilhos Che Guevara e Aberto Granado, na obra *Primeiras viagens*,¹⁷⁹ fizeram, ao atravessar as variadas nações. Os dois protagonistas refizeram um enorme trajeto, ao percorrer arduamente longos percursos em cima de uma velha motocicleta nas nações da América Latina. Ao chegar ao norte chileno, Che e Granado, depararam-se com a mina de minério Chuquicamata e, conseqüentemente, realizaram uma pesquisa sociológica e denúncia social à maneira bem próxima da realidade com a qual estavam envolvidos. Vejamos o trecho: “O que conta é o entusiasmo com que o operário vai arruinar sua vida em troca das migalhas que lhe permitem a subsistência”,¹⁸⁰ escreveu Guevara em um de seus diários de viagens. Portanto, é quase óbvio que ambos os aventureiros ficaram inquietos e surpreendidos ao observar toda aquela forma caótica de empregar a força de trabalho.

Na verdade, os dois viajantes argentinos, assim como o escritor paulista, não tinham a completa intenção de reescrever todas as situações sociológicas, mas, por ironia do destino e por se encontrarem diante desses fatos, acabaram os retratando através de seus escritos.¹⁸¹ Foi a partir daí que uma simples viagem em busca de coisas exóticas e desconhecidas, pôde proporcionar novos horizontes para conceber outras maneiras de pensar a realidade vivida. Em outro momento, aconteceu quase a mesma situação. “No norte se paga melhor ao operário nas minas de cobre, salitre, enxofre etc., mas, a vida é muito mais cara, faltam em geral, muitos artigos de consumo de primeira necessidade [...]”.¹⁸² Portanto, o resultado dessa clivagem sublime é a

¹⁷⁹ GUEVARA, Ernesto. *Primeiras viagens*. São Paulo: Scritta, 1996.

¹⁸⁰ GUEVARA, Ernesto. Op.cit., p.52.

¹⁸¹ Semelhanças que podem ser encontradas através de uma leitura mais atenta, conseqüentemente desdobra-las em outras investigações, o escritor Mário, assim como Ernesto Che Guevara, apontam a lepra como uma doença que precisa ser diagnosticada e combatida. Em crônica de 05 de janeiro, na cidade de Natal, Mário registrou: “Um dos problemas que, atacado a tempo no Rio Grande do Norte, já está quase resolvido, é o da lepra. Por mim confesso inda não topei com leproso declarado por aqui” (ANDRADE, 1976, p.263).

¹⁸² GUEVARA, Ernesto. Op.cit., p.64.

autenticação de uma obra que pode ser comparada a grandes obras literárias, refazendo assim uma espécie de interlocução latino-americana atemporal de ambos os escritores.

Outro exemplo, já mencionado em subcapítulo anterior, relacionado, ao que aqui estamos analisando é a obra *Tristes trópicos*, do escritor francês Claude Levi-Strauss, publicada quase quinze anos depois das crônicas da obra *O turista aprendiz*. É comum que o escritor francês, ao iniciar sua viagem pelo território paulista, chegasse a tecer algumas semelhanças em comum, em seus escritos de viagens, aos diários de Mário de Andrade. O efeito dessa proximidade já pode ser calculado pela quase concordância de opinião em relação às viagens pelo Brasil, quando Mário diz: “Não fui feito pra viajar, bolas!”.¹⁸³ “Está provado que não fui feito pra viajar”,¹⁸⁴ afirma e justifica¹⁸⁵ o escritor modernista em sua obra *O turista aprendiz*. Já, o escritor francês diz com palavras e expressões análogas: “Odeio as viagens e os exploradores”, em sua obra *Tristes trópicos*.¹⁸⁶ Por outro lado, outras semelhanças podem clarear melhor e aproximar aquilo que aqui estamos defendendo sobre as contribuições sociológicas. “Para norte e leste ainda se encontraram os restos de algumas cidades mineiras hoje desertas e cujos monumentos arruinados [...] Fervilhantes enquanto as minas eram exploradas, tanto quanto estão agora letárgicas [...]”.¹⁸⁷ Ora, coincidência ou não, tanto Levi-Strauss como Guevara e Granado refizeram um olhar social para as condições de trabalho e para as cidades ricas em minérios na América Latina. Apesar da disparidade geográfica, São Paulo até o norte do Chile, isso não faz tanta diferença para ambos os escritores narrarem em detalhes a profundidade da força de trabalho humana, assim como a proximidade da sociedade na época.

Curioso e instigante seria também imaginar que o escritor Mário de Andrade teve acesso à obra *Tacão de ferro*,¹⁸⁸ do escritor norte-americano Jack London. A nosso ver, não interessa examinar aqui a obra propriamente dita, mas verificar a condição do personagem

¹⁸³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.51.

¹⁸⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.201.

¹⁸⁵ Em outra passagem, o escritor Mário de Andrade (1988, p.112), em carta de 16/04/1944 ao fiel amigo Newton Freitas, faz questão de enfatizar que não gosta de viajar: “Antes de mais nada é um caso psicológico detestável, eu não sei viajar, não gosto de viajar, perco noventa por cento de mim, sobretudo liberdade de pensar, elogio tudo, fico amável sem gosto, e me sinto besta e aviltado”.

¹⁸⁶ STRAUSS, Claude-Levi. *Tristes trópicos*. Lisboa: Martins Fontes, 1961.

¹⁸⁷ STRAUSS, Claude-Levi. *Tristes trópicos*. Lisboa: Martins Fontes, 1961.p.142.

¹⁸⁸ LONDON, Jack. *Tacão de ferro*. São Paulo: Hemus, 2008.

chamado Ernest Everhard, que exerce a função de líder proletário. Sujeito cheio de vigor, dotado de forte sentimento de revolução socialista, combate todos os males existentes entre patrões e empregados, assim como, relativamente, Mário de Andrade faz com suas crônicas na segunda parte da obra *O turista aprendiz*.¹⁸⁹ No ano de lançamento dessa obra nos Estados Unidos (1905), o escritor paulista tinha apenas 22 anos, e com certeza não teria tanta facilidade para ler em língua inglesa essa acurada obra literária. Um dos episódios mais marcantes é quando Ernest encontra um dos trabalhadores, chamado Jackson, que perde seu próprio braço trabalhando pesadamente em uma das máquinas de uma indústria local. Devemos lembrar que Jack London, autor da obra, era um homem corajoso para lidar com os problemas da sociedade, assim como antecipar a luta de forma enérgica entre os proletários e a burguesia. London trabalhou arduamente em várias indústrias, chegando até mesmo a participar da corrida do ouro nos Estados Unidos. Além disso, viajou por diversas cidades no continente norte-americano, resgatando através dessas experiências uma possível representação de aventuras em seus escritos.

Contemporaneamente falando e refletindo, poderíamos tentar aproximar o estilo de ofício praticado por Mário com o estilo de Rubem Braga, já que ambos foram correspondentes jornalísticos durante suas viagens. Tanto Mário como Rubem Braga escreveram crônicas de viagens por onde passaram, e registraram seus fatos e episódios. Mário foi correspondente do Jornal Diário Nacional e Rubem Braga, correspondente do Jornal O Globo. Enquanto Mário perambulava pelo Norte e Nordeste do Brasil em 1928 e 1929, Rubem Braga narrou, em época posterior (1944-1945), os bastidores da Força Expedicionária Brasileira, durante sua visita à Itália. Apesar de a distância cronológica ser pouca, tanto um como o outro não chegaram a manter diálogo ou conversa paralela sobre seus ofícios. Será que Rubem Braga leu as crônicas da obra *O turista aprendiz* ou será que Mário imaginou que Rubem seria um grande cronista de viagens quando retornasse ao Brasil e publicasse sua obra *Com a FEB na Itália*,¹⁹⁰ justo no ano da morte do escritor paulista. Aspecto intrigante ou não, é certo que uma leve

¹⁸⁹ Trecho que possivelmente pode aludir a uma forte influência nos escritos de Jack London ou algo similar, em crônica do dia 22 de janeiro na cidade de Natal: “[...] não é possível pregar revolução nesse país. Na certa que haverá traidores. O que nós carecemos é dum gangaço secreto, matando friamente fulano que é gatuno, fulano que é burro, fulano que é abúlico, assim [...]” (ANDRADE, 1976, p.300).

¹⁹⁰ BRAGA, Rubem. *Com a FEB na Itália*. Rio de Janeiro: Valverde, 1945.

comparação de ambas as obras renderia uma excelente investigação no campo dos estudos literários.

Em última análise, outro aspecto interessante a ser levantado aqui seriam as críticas e formulações de juízo que Mário tece a respeito de algumas obras literárias que chamaram sua atenção durante o desenvolvimento de suas crônicas de viagens na obra *O turista aprendiz*. Por esse motivo, é notável que o escritor paulista interrompa seus respectivos escritos para perfazer alguns comentários sobre alguns autores e obras que cativaram seu olhar e pensamento. “Pois eu garanto que *Os sertões* são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. [...] O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial, porém uma falsificação hedionda”,¹⁹¹ relata em crônica na cidade de Caicó, no dia 21 de janeiro. Em outro fragmento: “Ora no fundo o espírito do *Retrato do Brasil* é isso mesmo. Paulo Prado é uma inteligência fazendeira prática”; “Vamos pra Areia, tudo verde, zona do ‘brejo’ como chamam, contada por José Américo Almeida na *Bagaceira*”,¹⁹² ele descreve ambos os comentários em crônica datada de 03 de fevereiro na cidade de Alagoinha. Em suma, Mário resgatou o manancial poético dessas obras, realizando críticas e inventariando suas formulações de juízo sobre esses autores tão característicos, com o perfil de intelectuais, próximos do povo e da nação brasileira.

¹⁹¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.294.

¹⁹² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.317-318.

3 AS FACETAS INTELECTUAIS DE MÁRIO DE ANDRADE – O INTELECTUAL DE MÚLTIPLAS FACES

3.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

No capítulo anterior, verificamos as primeiras etapas de viagens do escritor paulista, ressaltando algumas considerações da construção do aspecto social, especificamente como essa construção se estabeleceu em um panorama delineado pelas características de sua própria personalidade de escritor e de seu caráter próximo das redes sociais que estavam em seus arredores. Dando sequência a nosso raciocínio, refletimos sobre as principais estratégias delineadas pelo escritor modernista para buscar melhor aproximação com o público popular, o qual ele representava. Enfatizamos, sobretudo, como essa aproximação ocorreu, desde o período ao qual ele estava mais diretamente envolvido com a produção dos escritos da obra *O turista aprendiz* até sua participação preocupada como sujeito ativo da sociedade que representava e da qual buscava se aproximar.

Dessa maneira, tecemos algumas considerações a respeito da categoria e do gênero das crônicas de viagens, buscando também aproximar os principais escritores que fizeram parte desse mesmo acervo literário. Cogitamos também sobre alguns aspectos da linguagem impregnada nas expressões e palavras na obra *O turista aprendiz*, tentando destrinçar alguns aspectos poéticos, estilísticos, assim como assuntos enfatizados, figuras de linguagem, variadas terminologias, enfim, uma gama de artefatos vocabulares que enriqueceu a prosa de viagens e as anotações de Mário de Andrade. Buscamos novas interpretações para fins de investigação, exemplificando-as, através de fragmentos, depurando-as, à luz de conceitos operacionais já anunciados em alguns trechos da dissertação. Por último, atribuímos considerações interpretativas sobre as possíveis influências literárias romanescas que o escritor Mário de Andrade tenha lido e resgatado para compor o arcabouço ficcional e referencial da obra *O turista aprendiz*.

Neste presente capítulo, tentaremos construir um panorama que busque analisar e refletir as categorias intelectuais do escritor paulista frente a seu ofício de artista e intelectual comprometido com a nação brasileira. Justificaremos esses diálogos com o lastro teórico de Walter Benjamin,¹⁹³ sobre o papel do escritor e o público proletário; de Nicolau

¹⁹³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Buckarin,¹⁹⁴ sobre a função do materialismo histórico, ao qual o próprio Mário tenha embevecido, como afirma Ancona Lopez em seus estudos; Eric Hobsbawn,¹⁹⁵ sobre a importância do pensamento de Marx nas conceituações dos historiadores e dos literatos; dentre outros, buscando concatenar os fragmentos recortados com esses teóricos. Não desejamos apresentar neste capítulo direções objetivas sobre as facetas intelectuais de Mário, tendo em vista que o próprio escritor não desejava ser rotulado por modelos vigentes. Portanto, será nosso interesse apresentar esses tipos de personalidade de maneira discursiva e problemática, tendo em vista que Mário desempenhou uma parcela desse seu perfil em alguns momentos da obra *O turista aprendiz*.

Dando continuidade, também encenaremos ensaisticamente a proximidade do escritor paulista com as vanguardas europeias e sua posição no Brasil. Em progresso, justificaremos esse manancial reflexivo com o lastro reflexivo de Gilberto Mendonça Teles;¹⁹⁶ com o acervo das vanguardas, especificamente do futurismo de Marinetti, para o qual o escritor paulista chegara a redigir uma crônica na mesma época; com o crítico Raul Antelo;¹⁹⁷ com as correlações vanguardistas do escritor paulista e a conjuntura latino-americana; por último, com o pensamento de Telê Porto Ancona Lopez,¹⁹⁸ que já percorre toda a linha de raciocínio desta dissertação. Em suma, Mário conduz seus escritos sobre a tarefa de um intelectual comprometido e destemido, através das indicações e dos apontamentos para o futuro escritor. Homem de letras e intelectual comprometido, Mário de Andrade estava devidamente armado para aplicar sua resistência às ilusões impostas pelo capitalismo e voluntarioso para uma digna revolução. Portanto, a preocupação do escritor modernista no que toca esse assunto evidencia cada vez mais um agir reflexivo, que buscava compreender novas ferramentas para a satisfação plena do ofício de escritor.

¹⁹⁴ BUCKARIN, Nicolau. *Tratado do materialismo histórico*. São Paulo: Centro do Livro Brasileiro, 1986.

¹⁹⁵ HOBBSAWN, Eric. *Marx e a história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

¹⁹⁶ TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1992.

¹⁹⁷ ANTELO, Raul. *Na Ilha de Marapatá. Mário de Andrade lê os Hispano-Americanos*. São Paulo: Hucitec, 1986.

¹⁹⁸ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

Nesse sentido, o escritor paulista foi responsável por uma série de investidas intelectuais, desestruturou variados pensamentos e ideologias reinantes, buscando aproveitá-los para um confronto maior. Não ficou satisfeito somente com a reescrita de suas leituras e investigações, perquiriu novas iniciativas e apresentou comportamento inquieto, para fins de autonomia intelectual. Portanto, pensou, dissertou, elaborou, filosofou, empreendeu, desmontou e montou todas suas inquietudes artísticas. Coincidentemente ou não, podemos valorizar essa passagem sugerida pelo próprio Mário em uma de suas crônicas: “Os gênios [intelectuais] nacionais não são de geração espontânea. Eles nascem porque um amontoado de sacrifícios humanos anteriores lhes preparou a atitude necessária de onde podem descortinar e revelar uma nação”.¹⁹⁹ Dessa forma, Mário ganhou a confiança de seus pares, conjugou-os de maneira fraterna e solidária, não deixou quase nenhum aliado ou inimigo próximo sem resposta.

A maioria das ideias de Mário de Andrade sobre o ofício do intelectual, assim como da própria profissão de literato, foi publicada em crônicas do *Diário Nacional* e posteriormente nas cartas, junto com o escritor Fernando Sabino.²⁰⁰ Em tais cartas, é perceptível um “elã” otimista, um olhar intelectual aos escritos, generosidade honesta e confiança depositada no outro, de sorte que nenhum acontecimento lhe parecia, *a priori*, incapaz de ser resolvido ou questionado. Mesmo sabendo dos paradoxos nos quais estava inserido naquela época, Mário precisou tomar consciência para absorver e lutar também com os impasses e fraturas que circunscreviam seu trabalho. Todavia, Mário sabia que a vida cotidiana dos jornais e da imprensa estava cercada de controvérsias e situações mal resolvidas. Em suma, percebemos, ao longo desses escritos, um ar de magistério confessional sobre os hábitos de uma escrita combatente e capaz de transformar uma nação. Mário conduz esse seu magistério com bastante dedicação quando ensina as bases do ofício de escritor para seus discípulos.

Sobretudo, Mário agiu como um conselheiro e eterno aprendiz daquilo que tinha curiosidade de pesquisar a fundo. Nesse sentido, ele buscava motivar sua palavra, utilizando-a com pertinência e eficácia. Pensar as facetas intelectuais de Mário de Andrade somente reforça a tese de investigação dos possíveis liames genéticos de escrita e de

¹⁹⁹ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p.72.

²⁰⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. São Paulo: Record, 1993.

personalidade que favoreceram a construção de suas anotações e, junto a isso, formularam seu próprio pensamento. A obra *O turista aprendiz*, por si, já revela muito dessas características intelectuais, no entanto, esclarecê-las melhor e por outro viés somente fortalece o ambiente investigativo de suas postulações. Obviamente, não somente o potencial literário da obra revela essas facetas, mas é através desses fragmentos que remetemos maior ênfase àquilo que discutiremos. Devemos lembrar que Mário foi um eterno aprendiz de diversas áreas, desenvolveu, ao longo de seu percurso, notórias habilidades para lidar com diversas situações das ciências humanas. Isso não quer dizer que examinaremos seus escritos com condescendência, e sim problematizaremos e aprofundaremos tais considerações. Vejamos, a seguir, a influência das vanguardas europeias e essas facetas mais próximas.

3.2 MÁRIO DE ANDRADE E AS VANGUARDAS EUROPEIAS

Reescrever as vias analíticas e as principais confluências que fizeram com que Mário de Andrade absorvesse os principais mecanismos operatórios de uma vanguarda europeia que ousou diluir as técnicas artísticas existentes no Brasil nos obriga a percorrer um farto manancial intelectual densamente desconstruído, ao longo de seus escritos. Certamente, muitos intelectuais, estudiosos e ensaístas já percorreram esse manancial, buscando confirmar foros de originalidade, problematizando-o, para gerar novas discussões. Esse é um caminho nem sempre fácil de explorar e ser concatenado com as principais discussões, históricas e sociais de época. Devemos ressaltar que não realizaremos um profundo mapeamento desse assunto, embora seja necessário ressaltar os principais vasos comunicantes que fizeram o escritor paulista sentir vontade de pesquisar e angariar essas novas tendências. Um breve “parênteses” no foco de nosso objeto, que é *O turista aprendiz*, se estabelece nas linhas adiante. Tentaremos a sequência ou não dessas partes que podem sustentar a evolução intelectual de Mário e seu possível amadurecimento, frente aos projetos artísticos que viriam pela frente.

Não poderíamos aqui deixar de registrar uma passagem importante no estudo de Ancona Lopez, em seu ensaio *Mário de Andrade: ramais e caminho*, especificamente o capítulo Formação Etnográfica. O raciocínio da estudiosa reivindica que, no ano de 1921, Mário teve fortes preocupações de: “[...] renovar a Literatura Brasileira através da atualização estética e do despojamento das artificialidades da cultura européia do passado, aqui desenvolvidas pelas correntes

literárias então vigentes”.²⁰¹ Ora, Ancona sugere que, após Mário escrever o manifesto devairista e os poemas de *Pauliceia desvairada*, o escritor paulista encontraria enorme vontade pessoal de renovar o estilo literário brasileiro. Ancona ainda salienta: “É preocupação que visa, sem paradoxos, a aprender a lição do modernismo europeu no tocante à tendência geral da adesão as características do século XX e quebra das normas acadêmicas”.²⁰² Diante dessas duas passagens, é notório que Mário não estava convencido, pouco antes da Semana da Arte Moderna, a continuar fazendo literatura nos moldes tradicionais. Enfim, o vocábulo “vanguarda” vai sedimentando a forma de mesclar a realidade brasileira com a europeia, através dos estudos da própria contemporaneidade a que estava direta ou indiretamente submetido.

Não! O modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas conseqüentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor. **E as modas que revestiram esse espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa.**²⁰³

A citação mostra o grau de descontentamento que cercava o ambiente intelectual de Mário, frente às novas técnicas artísticas que adentravam o território nacional. A transposição dessas novas técnicas para a realidade nacional dependeria de boa dose de coerência e determinação por parte do escritor paulista. É possível verificar o apreço do escritor paulista por essa ruptura, que foi tão favorável a nosso movimento ainda arcaico. Ao que tudo indica, Mário fez uma espécie de balanço progressista e densamente sintomático com os modelos vigentes na Europa, almejando mudança de contraste no pensar brasileiro em relação às artes. “Compreende que a impregnação de elementos europeus, de psicologia européia, oriundos da colonização, ou da imitação, se levados ao exagero, culminariam com as águas geladas do

²⁰¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.75.

²⁰² LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.75. Grifos nossos.

²⁰³ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1972. p.225.

Uraricoera, deglutindo *Macunaíma*, o incaracterístico”²⁰⁴ ressalta Ancona Lopez sobre a possível gênese da obra *Macunaíma*. Mário compara a revolta contra nossa chamada Inteligência Nacional com o espírito contextualizado de guerra que sempre reinou em países europeus, especificamente depois da I Guerra Mundial. Por fim, a última sentença completa ainda mais o raciocínio das vanguardas vindas de terras europeias, desmistificadas para a total apreensão nacional ou apenas fundidas a elas, de maneira mais conveniente a nossos meios artísticos.

O estudioso Gilberto Mendonça Teles, em sua obra *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*,²⁰⁵ debruça-se em tecer de forma panorâmica todo o acervo dos principais textos vanguardistas europeus e brasileiros.²⁰⁶ Não interessa examinar aqui todos os manifestos propriamente ditos, mas verificar como o panorama onomástico desses textos ilumina o que Teles enumera com bastante argúcia em seu estudo, e acaba complementando o ambiente descritivo das vanguardas que cercavam a vida do escritor Mário de Andrade. São eles: o futurismo de Marinetti (divididos em *Manifesto futurista*, 1909; *Manifesto técnico da literatura futurista*, 1912; *Suplemento ao manifesto téc. da lit. futurista*, 1912); *O expressionismo* – (vários, *Fim do mundo* – Jakob van Hoddins, 1911; *Arte: nova secessão* – Arthur Drey, 1911; *Os selvagens da Alemanha* – Franz Marc, 1912; *Expressionismo na poesia* – Kasimir Edschmid, 1917); *O cubismo Apollinaire* (*A antitradição futurista*, 1913); *O cubofuturismo* – vários (*Bofetada no gosto público*, 1912); *O dadaísmo* – Tristan Tzara (*Manifesto do Senhor Antipirina*, 1916; *Manifesto Dadá* 1918, 1918; *Proclamação sem pretensão*, 1919); *O espiritonovismo* – Apollinaire; (*O espírito novo e os poetas*, 1918; *O espírito novo* – vários, 1920); *O surrealismo* – André Breton: (*Manifesto do surrealismo*, 1924); *O neovanguardismo* – Pierre Garnier: (*Manifesto para uma poesia nova, visual e fônica*, 1962); por último: *A Vanguarda portuguesa* – vários: (*Ode triunfal* – Álvaro de Campos, 1914; *Manucure* – Mário de Sá Carneiro, 1915; *Manifesto Anti-Dantas* – José de Almada Negreiros, 1915; *Ultimatum* – Álvaro de Campos, 1917; *Ultimatum futurista* – José de Almada-Negreiros, 1917), todos esses formam a conjuntura professoral e didática, em um dos índices do

²⁰⁴ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.198.

²⁰⁵ TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1992.

²⁰⁶ Parafraseamos o índice da página 79 e 80, para deixar mais claro para o leitor-pesquisador a abordagem sistemática aplicada pelo estudioso Gilberto Mendonça Teles.

livro do estudioso Gilberto Mendonça Teles. A questão urge naturalmente e instiga a pensar: será que Mário conseguiu absorver todo esse manancial de manifestos e junto a isso inspirar novas formulações para seus escritos da obra *O turista aprendiz*?

Em relação ao primeiro e mais importante mentor das vanguardas europeias, sobrescrito acima, identificamos a simpatia irreverente de Mário em crônica intitulada *Marinetti*, publicada no Jornal Diário Nacional no dia 11 de fevereiro de 1930:

Marinetti foi o maior de todos os malentendidos que prejudicaram a evolução, principalmente a aceitação normal do movimento moderno no Brasil. Isso aliás é a melhor prova de que o movimento se fez inteiro em S. Paulo, antes de ser adotado noutras partes do país. Só mesmo num meio como o paulistano, em que a cultura italiana tem uma base permanente com os professores italianos e os italobrasileiros que vivem aqui, podia se ter essa atabalhoada lembrança de arvorar como um dos sinais da nossa bandeira (falo em bandeira pano) a figura sorrível desse metralhador conhecidíssimo em nome e não gostado em verso.²⁰⁷

Na citação, percebemos o comentário de Mário em relação a uma possível adaptação dos dizeres e teorias de Marinetti. De fato, o intelectual, nascido em Alexandria, no Egito, encontrou as condições necessárias de diálogo numa comunidade que possuía heranças da colonização italiana, ou seja, as vanguardas pregadas por Marinetti encontram o espaço condicional para penetrar na prosa e na poesia desses escritores brasileiros. Por conseguinte, essa citação comprova que – ao voltar nossa atenção para a produção literária de Mário de Andrade, ignorando um estudo mais amplo de suas inserções no modernismo desses manifestos ou parte deles – temos uma visão parcial, incompleta e fragmentada. Assim, não identificamos todo o conjunto que se estabelece e se relaciona mutuamente e desencadeia novos paradigmas. O escritor modernista faz nessa crônica uma espécie de convite ao leitor menos informado do assunto, buscando promover a vinda de Marinetti ao Brasil de forma crítica, que perpassa seletivamente seu crivo. A visita

²⁰⁷ ANDRADE, Mário de. In: *Táxi e crônicas do Diário Nacional Táxi*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.191.

desses intelectuais ao Brasil significava a criação de um aparato vanguardista essencial para troca de experiências e saudosismos por uma arte mais autônoma e condizente com a realidade de época.

Ao analisar, grosso modo, o ensaio *Movimento Modernista*,²⁰⁸ percebemos que Mário atravessa dois pontos distintos e cruciais para a continuação de seus postulados, o da desconstrução e o da reconstrução de sua arte poética e de sua estética, que está diretamente imbricada nas direções que tomou em seus antecedentes de vida e posteriormente tomara em suas projeções. Mário direcionou essas vertentes para uma espécie de jogo dubio e ao mesmo tempo participativo entre julgador e personagem, que transformou os acontecimentos dessas magnitudes artísticas. Pelo julgador, é capaz de questionar e dissertar sobre os principais problemas que observava nos escritos anteriores à Semana de Arte Moderna, pelo personagem, constrói alegorias que são utilizadas para justificar as razões da existência dessas manifestações artísticas. Em suma, renovar as formas artísticas brasileiras através da remodelagem estética das tradições antigas da cultura do continente europeu e dos antepassados significava ampliar a visão e adesão das peculiaridades dos primeiros anos do século XX e, consequentemente, a ruptura das regras presentes na academia.

Devemos ressaltar que, após o surgimento do modernismo no Brasil, os intelectuais e escritores que pertenciam à mesma comarca de Mário, fizeram de tudo para ampliar a circulação de suas principais produções, com a finalidade de atingir um público não restrito ao pequeno círculo da elite letrada.²⁰⁹ Com efeito, Mário, que não permaneceu na área do canto fúnebre, tampouco das lágrimas, foi o intelectual e, ao mesmo tempo, o homem experiente capaz de levar isso às últimas consequências. Em sua acurada obra ensaística *O empalhador de passarinhos*, Mário afirma com toda propriedade: “O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e vira perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade as promessas da aurora...”²¹⁰ Ora, nessa

²⁰⁸ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

²⁰⁹ Ancona Lopez (1972, p.203) argumenta que: “A intenção de criar uma cultura brasileira, postulado básico do Modernismo, tem nesse momento, 1925, o início de sua dissecação conceitual, isto é, análise em maior profundidade, contando já com o início da prática, como demonstração da eficiência da teoria”.

²¹⁰ ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1975. p.189.

passagem um tanto poética e causal, o escritor modernista mantém uma espécie de sublimidade motivadora para aquilo que virá adiante, com as postulações da Semana da Arte Moderna. Portanto, Mário acreditava em um futuro em longo prazo, ou seja, sem pressa, para que as devidas mudanças fossem contempladas e efetivadas.

Voltando a nossa linha de raciocínio, a estudiosa do IEB argumenta que Mário também começa a evidenciar maior preocupação em relação ao modernismo e a Semana da Arte Moderna. Ao examinar o artigo *Curemos Pery*,²¹¹ Ancona já enxerga uma possibilidade de Mário trazer à tona as experiências do povo brasileiro para seus textos literários, como forma de realidade local, sugerindo uma análise mais articulada e criteriosa de nosso nacionalismo. Ancona Lopez acredita que a polêmica estabelecida com Menotti del Picchia, autor de *Juca Mulato*, faria parte das lutas da criação do próprio modernismo, isto é, a estudiosa verifica, nas entrelinhas do texto, preocupação de Mário com atingir um grau maior necessário de especulações em torno do nacional popular. Nesse sentido, podemos concluir que o escritor modernista buscava sensibilidade maior com os aspectos do povo e da nação, especificamente, a linguagem popular e suas idiossincrasias nacionais, tentando ao máximo provocar novos experimentos na linguagem poética. Portanto, para Mário, a proximidade das vanguardas europeias para com povo brasileiro fazia com que essa envergadura artística ganhasse o tônus necessário para lapidar trabalhos originais.

Se tomássemos apenas o acervo folclorístico como fator preponderante de maior aproximação das vanguardas europeias, poderíamos também destacar algumas leituras sugeridas e pesquisadas por Ancona Lopez, no acervo poético do escritor paulista. Quais leituras seriam essas? Os autores europeus Frazer, Edward Tylor e Levy-Bruhl aparecem como referência de leituras de Mário de Andrade, o que indica forte apoio do escritor aos estudos dos teóricos europeus vanguardistas de época.²¹² Mário escreve: “O modernista brasileiro matou a saudade pela Europa, a saudade pelos gênios, pelos ideais, pelo passado, pelo futuro, e só sente saudade da amada, saudade do amigo... O modernista brasileiro vive, não revive”.²¹³ Apenas na leitura do último autor, realizada por Mário de Andrade e Oswald de Andrade para tecer os pressupostos teóricos do *Manifesto Pau Brasil*, no ano de 1924, notamos

²¹¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.37.

²¹² LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.42.

²¹³ ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T&A Queiroz Editor, 1983, p.18.

um fundo forte de confluências sobreescritas e trabalhadas nas principais entrelinhas. Ancona Lopez ressalta que o antropólogo francês era o autor mais difundido na Europa na década de 1920, conseqüentemente, a leitura de ambos os modernistas favoreceu o alicerce teórico daquilo que seria o modernismo brasileiro. Em suma, essas leituras realizadas por Mário fortalecem ainda mais nossa tese de que houve de fato preocupação teórica especulativa, direcionando um grande incentivo.

Diante dessas considerações, resta uma breve indagação: Qual seria o projeto maior de Mário durante essa época em relação ao povo e a cultura brasileira? Novamente, podemos considerar as acuradas formulações da estudiosa do IEB, quando escreve: “O que propunha era, pois, o conhecimento do povo brasileiro em profundidade, ligando-o a um dever ser social e mesmo político, mas tendo como base do conhecimento o Folclore, em seu conceito amplo”.²¹⁴ Ora, ao que tudo indica, Mário desejava construir e sistematizar melhor sua aproximação com os estudos populares, para compreender melhor a nação brasileira. Logicamente, não seria necessária aproximação ideológica aos interesses políticos, tendo em vista que Mário sempre foi considerado um intelectual afastado dos meios e interesses político-partidários. Além disso, ele mesclava todas essas vanguardas em função da renovação da arte literária brasileira: “Mário de Andrade deseja que a Literatura do Brasil se torne nacionalista, para que mais tarde ela possa chegar ao universalismo”.²¹⁵ Certamente, essas duas passagens de Ancona Lopez reforçam a tese e o fio condutor de nosso raciocínio, de que Mário buscou frisar a importância da compreensão do povo, como projeto maior.

Na realidade, percebemos que muitos projetos, ligados ao povo ou não, acabaram, na criação de Mário, logrando grande êxito, especificamente, quando o escritor paulista teve a oportunidade de confeccionar o projeto do Departamento de Cultura, a mando do prefeito Fábio da Silva Prado e seu chefe de gabinete Paulo Duarte, no dia 30 de maio de 1935. Ambos acolheram a disposição insaciável do líder paulista de ser o mentor desse grandioso projeto. Posteriormente, o mesmo mentor modernista teve a honra de ser nomeado diretor chefe da Divisão de Expansão Cultural desse departamento. Era a chance do escritor paulista buscar maior proximidade de seus escritos com a prática que tanto desejava representar e realizar. Durante tal etapa, existiu, por parte do escritor paulista, forte incentivo à criação de outras

²¹⁴ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.79.

²¹⁵ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.169.

divisões e departamentos, que ampliaram o conceito cultural da cidade de São Paulo e do restante do Brasil: Discoteca Pública Municipal, organização de um curso de etnografia com os sociólogos Lévi-Strauss e Dina Strauss, Missão de Pesquisas Folclóricas, dentre outros. Em suma, podemos dizer que essa conjuntura criativa e cultural foi a continuação das atividades que o “turista aprendiz” teria assimilado no Norte e no Nordeste brasileiro, então recheados de cientificismo e oficialidade.

Por outro lado mais panorâmico, podemos afirmar que esse período fértil, de 1920 a 1930²¹⁶ (Semana da Arte Moderna, Fundação do Partido Comunista Brasileiro, Revolução de 1924, Coluna Prestes, Queda da Bolsa de Nova Iorque, Revolução de 1930) apresenta episódios nacionais e estrangeiros que remontam o olhar para a América do Sul, nas áreas da história, sociologia, literatura, que foram importantíssimos e essenciais para a compreensão das vanguardas. Havia uma conjuntura de profunda reflexão acerca de distintos processos sociais e trabalhistas que envolviam a temática da absorção das vanguardas europeias e da América Latina por Mário de Andrade e alguns pares intelectuais próximos.²¹⁷ No censo demográfico de 1920, a cidade paulista, recém-colonizada por imigrantes europeus (italianos e japoneses), contava com a cifra de 579.033 (quinhentos e setenta e nove mil e trinta e três habitantes), enquanto o Estado de São Paulo oscilava na cifra de 4.592.188 (quatro milhões, quinhentos e noventa e dois mil e cento e oitenta e oito habitantes).²¹⁸ Nesse breve raciocínio, podemos apontar que a crescente industrialização e urbanização da cidade já demonstravam que o público trabalhador deveria ter maiores chances de diversão e acesso à cultura,²¹⁹ isto é, formas de diversão que poderiam entreter todos aqueles que voltavam exaustos do trabalho e, em seus preciosos fins de semana, buscavam maneiras de descansar, para iniciar a semana novamente.

²¹⁶ Estipulamos esse período por saber que Mário de Andrade estava inserido nessa mesma época, devido a suas viagens relatadas nas crônicas *dO turista aprendiz*.

²¹⁷ O ensaísta Octavio Paz (1986, p.161) em sua obra *Tiempo nublado*, complementa o terreno dessa complexa conjuntura: “El caso de America Latina es un ejemplo de la intrincada complejidad de las relaciones entre historia y literature. En lo que va del siglo há aparecido, lo mismo en la América hispana que en el Brasil, muchas obras notables, algunas de veras excepcionables, en la poesia y en la prosa de ficcion”.

²¹⁸ SÃO PAULO. *Evolução da população segundo seus componentes (1900 a 2000)*. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php>. Acesso em: 10 jul. 2011.

²¹⁹ Sobre esse aspecto, ver: SEVCENKO, Nicolau. *Orpheu extático na metrópole*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Nesse sentido, em São Paulo, Mário já observava o crescimento da grande metrópole, muito bem retratado em sua obra poética *Pauliceia desvairada*. Enquanto isso, os jogos dessas ideias importadas incrementavam os laços artísticos e intelectuais que fariam parte do enredo da metrópole. Pouco a pouco, os adventos tecnológicos, a arquitetura da cidade, o sofisticado e acelerado urbanismo, assim como os demais costumes, ganhavam forma no acervo rústico e ainda provinciano da capital paulistana. “Cortada do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo, tal como era figurada pelos seus cronistas, aparecia insistentemente refletida num improvável espelho do futuro”²²⁰ É através da espreita desse espaço temporal, especificamente dez anos, descrito no parágrafo anterior, que brevemente buscamos introduzir algumas variantes das relações e circunstâncias culturais nas cidades visitadas por Mário de Andrade, em suas crônicas da obra *O turista aprendiz*. Nesse sentido, a temática vanguardista europeia que atingiu Mário de Andrade durante esse período, ampliando e condicionando seus planejamentos de sobrevivência artística, teve ampla e brusca trajetória, que coincidiu com o aperfeiçoamento de seu trabalho artístico-literário, ou seja, essas novas tendências artísticas, algumas já traçadas em linhas anteriores, deram novos ares de imaginação a seu consciente e inconsciente ficcional literário. “Esse espelho espectral cintilava ao longe, como se pode supor, nos confins do Ocidente exótico. De modo que, ou esses observadores o viam daqui refletindo as metrópoles europeias e americanas [...]”,²²¹ reflete novamente sobre esse contexto o estudioso Nicolau Sevcenko.

História, antropologia, etnografia, panorama social e cultural que Mário, desde jovem rapaz, acompanhou muito bem e fielmente, já que possuía a atitude de leitor e escritor assíduo da realidade de toda a América. Essa realidade se apresentou bastante fiel e polêmica, quando traçada em suas crônicas publicadas em jornais argentinos e brasileiros: “A literatura brasileira vai aos poucos aguçando o interesse das outras nações hispano-americanas”.²²² Não seria leviano afirmar que muito desse material formulado por Mário manteve fortes entrelaces curiosos com o período histórico-artístico de época, juntamente com as questões literárias registradas na América Latina, ou seja, não somente as

²²⁰ SEVCENKO, Nicolau. Op cit., p.37.

²²¹ Idem.

²²² ANDRADE, Mário de. Vida literária: literatura. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1940, apud ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá. Mário de Andrade lê os Hispano-Americanos*. São Paulo: Hucitec, 1986. p.194.

vanguardas europeias vão contaminando sua forma de pensar, mas também aqueles países que cercavam a nação brasileira. Provavelmente eram esses escritos audaciosos que naquele período transmitiam ao leitor mais encorajado uma série de informações adicionais sobre o panorama da América Latina.²²³ Diga-se de passagem, para Mário, a investigação e o aprofundamento dessas questões sociais dentro de um contexto latino americano facilitariam o entendimento da sociedade em função de suas características etnográficas e culturais. Além disso, o escritor paulista acreditava que estudar todos esses assuntos permitiria inventariar modos e meios para conquistar formas originais de enxergar outras realidades. Talvez tenha sido essa a real curiosidade ou o motivo de ele indagar sobre a identidade semelhante, porém, ao mesmo tempo, com adversas perspectivas geográficas. Na tentativa de apresentar resultados benéficos por essa via de mão dupla que circundava o exercício de prática de Mário de Andrade com aquilo que muitos viajantes trariam de contribuições, o crítico Raul Antelo afirma:

Nos anos 20, a América Latina é concebida como depósito inesgotável de matéria literária, que a velha Europa processaria com as técnicas modernas: a antropologia de Frazer, o inconsciente freudiano, os arquétipos de Jung. Frequentemente, os escritores europeus que, articulavam seu projeto em torno da experiência vanguardista e marginal, tomavam contacto direto com a realidade americana, através das viagens.²²⁴

Podemos supor que, ao término da obra *O turista aprendiz*, o escritor Mário teria um projeto literário de maior complexidade. Um desses supostos motivos que podemos demonstrar é o próprio subtítulo

²²³ Sobre esse aspecto, segundo o crítico Antonio Candido (1989, p. 200): “Mas a realidade é a que ficou indicada no começo e se reflete no temerário deste encontro, cujo pressuposto é a existência de traços comuns às literaturas ibéricas da América Latina = 19 + 1. Estes traços seriam naturalmente devidos ao fato de que os nossos países terem sido colonizados pelas duas monarquias da Península, cujas afinidades eram notórias; ao fato de terem conhecido a escravidão, como regime de trabalho, a monocultura e a mineração, como atividade econômica; de passarem em geral por um processo amplo de mestiçamento com povos chamados de cor; de terem produzido uma elite de crioulos que dirigiu o processo de independência em períodos sensivelmente paralelos, e depois o capitalizou em benefícios próprio, a fim de manter mais ou menos intacto o estatuto econômico e social”

²²⁴ ANTELO, Raul. Op.cit., p.59.

(Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia/por Marajó até dizer chega²²⁵). Podemos inquirir que Mário desejava conhecer outras nações dentro do contexto da América Latina (Peru, Bolívia), e de fato isso se concretizou de forma muito harmônica e amistosa. Essas três frases separadas por vírgula remetem a imaginar que Mário tinha a projeção de incluir outros países em suas andanças sublinhando a ideia de panorama latino americano e ampliando o processo de vanguardas. Segundo o crítico Raul Antelo, Mário não desejava “[...] montar um discurso persuasivo sobre os males da América, mas incorporar aquelas técnicas que permitam ao leitor chegar a vislumbrar essa realidade sofrida”.²²⁶ Outra suposição bastante convincente, que a crítica Telê Ancona trabalha, é o desenho e a ornamentação da capa introdutória do livro. Mário desenha uma indígena com fisionomia tropical, com uma coroa na cabeça, ligada ao estilo europeu.²²⁷ Na parte inferior do desenho, o escritor paulista inclui graficamente a palavra “América”, novamente evocando o planejamento de incluir todos esses países em um único panorama artístico literário.

Nessa linha de raciocínio, o crítico Raul Antelo resgata que Mário de Andrade começara a ter forte participação nas revistas argentinas em meados da década de XX. Antelo aponta suposições de que Mário tenha tomado afinidades com os escritos de Martin Fierro e imbuído suas ideias. Para o autor, Mário: “Nessa procura de organicidade, tenta se informar de maior quantidade de experiências coincidentes tentadas na América Latina”,²²⁸ ou seja, o olhar curioso e instigante sedimentou os pressupostos informativos, para que Mário pudesse desenvolver com maior maturidade os principais aspectos críticos e de juízo do universo literário argentino, consequentemente, o latino-americano. Por outro, o crítico Antelo reforça que Mário, ao analisar algumas obras argentinas, carecia de uma visão maior daquilo que lhe “[...] permitisse situar a obra no conjunto da produção narrativa do período como crítico [...]”,²²⁹ ou seja, o escritor paulista não chegou a ter noção completa desses anseios do conjunto da obra argentina. Posteriormente, o escritor paulista sentiu curiosidade de pesquisar quatro textos, publicados no ano de 1925, que,

²²⁵ Informações contidas na própria capa da obra *O turista aprendiz*, rascunhada pelo escritor Mário de Andrade. Fonte encontrada na página 48 da mesma obra.

²²⁶ ANTELO, Raul. Op.cit., p.62.

²²⁷ LOPEZ, Telê Porto Ancona. In: Um projeto de livro. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.25.

²²⁸ ANTELO, Raul. Op.cit. p.26.

²²⁹ ANTELO, Raul. Op.cit. p.65.

segundo Antelo, teriam contribuído grandiosamente para Mário formular uma espécie de panorama vivo da crítica literária produzida em território argentino. Enfim, foi através dessas leituras que Mário buscou concretizar sua pesquisa e investigação, nutrindo, através de seus expedientes intelectuais, uma nova forma de levar sua contribuição para o restante das nações vizinhas da América Latina.

Por uma perspectiva análoga, a pesquisadora Ancona Lopez registra, no poema *Losango Caqui* do escritor paulista, a primeira preocupação embrionária daquilo que seria uma concepção do continente americano e da América propriamente dita, embora Lopez não deixe claro quais seriam essas preocupações, apontando-as apenas de forma generalizada. “Mário de Andrade, através de leitura atualizada, acompanha a produção de toda a América, a qual estava voltada em sua maior parte, como no Brasil durante o modernismo, para o anseio da afirmação de nacionalidade, através de uma atitude crítica”,²³⁰ ressalta a estudiosa. Nesse sentido, Lopez afirma que Mário refez o itinerário daquilo que seria “caldeamento de raças como renovação” ao analisar os versos desse poema²³¹, ou seja, uma escritura que evidencia a mescla da assimilação-transformação daquilo que o escritor paulista apreendeu de suas leituras e práticas vivenciadas por intelectuais da época. Portanto, ao que tudo indica, nessas reflexões, Mário já tinha convicções suficientes para abastecer seu manancial crítico de boa dose de substância nacionalista.

Volvendo nosso olhar para outras considerações, novamente, temos a voz do crítico Raul Antelo, salientando que, por volta do ano de 1925, o escritor paulista estava destinado a organizar um conceito que atingisse o termo “vanguarda”. Segundo o crítico argentino, Mário estava disposto a fundir a liberdade estética do artista e a responsabilidade do intelectual. Como ocorre toda essa reunião de informações? O crítico arrisca uma resposta: “Nessa procura de organicidade, tenta se informar da maior quantidade de experiências coincidentes tentadas na América Latina”,²³² ou seja, Mário tinha enorme sede de conhecimento, quando o assunto era assimilar uma vasta quantidade de informações sobre questões que abrangiam a cultura da América Latina. Consequentemente, com algumas leituras e a devida atenção ao ultraísmo argentino que aparece nos periódicos de Martin

²³⁰ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.44.

²³¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.46.

²³² ANTELO, Raul. Op.cit. p. 66

Fierro, Mário formulou suas leituras e seus ideais de vanguarda dentro do panorama latino-americano. Retomando as considerações argutas de Raul Antelo a respeito do interesse de Mário como leitor vanguardista, temos a seguinte citação:

Será preciso um longo processo de procura, para que Mário de Andrade, leitor vanguardista, conclua que o poiésis não pode se separar da práxis e que a arte não é apenas uma máquina de produzir comoções, mas uma forma de gerar conhecimento e possibilidades concretas de agir sobre seu meio.²³³

Nessa citação, é possível observar, nos dizeres de Antelo, a realidade dialética da criação com a prática, ou seja, não bastava o escritor paulista tecer um cabedal ficcional sem suposta prática ou exercício. Voraz leitor e curioso contumaz daquilo que estava acontecendo em outras nações, como já mencionamos, Mário teve de se adaptar àquilo que escrevia, visando a uma leitura mais crítica e que pudesse ao menos tomar consciência de suas atitudes. Ao utilizar a expressão “agir sobre o meio”, Antelo busca afunilar e direcionar aquela arte literária que transforma e modifica a maneira de pensar de seus leitores. Antelo, sobretudo, aprofunda sua preocupação ao verificar que a arte literária de Mário não pode ser algo mecânico ou inconsciente, sem seus devidos propósitos, mas algo que realmente ocupa seu lugar no espaço e no tempo e faz daquele receptor seu maior motivo de existência. Em suma, essa arte literária deve caminhar junto no próprio meio vivenciado, tentando sempre, aproximar o artista do público leitor.

Passemos, então, a dialogar com algumas considerações a respeito das principais facetas intelectuais de Mário.

3.3 MÁRIO DE ANDRADE – A CONSTRUÇÃO DO INTELECTUAL INQUIETO E SOCIAL

Como o escritor Mário de Andrade constrói o perfil de intelectual inquieto e social? Podemos cogitar que ele veste a fantasia de um líder inquieto e apresenta a máscara de um sociólogo que abraça sua respectiva causa ou consequência, que faz o escritor paulista buscar soluções possíveis para continuar lutando e perpetuando seus escritos. “Se acaso pretendemos saber o que os nossos intelectuais pensam dos

²³³ ANTELO, Raul. Op.cit. p.11.

problemas essenciais do ser, se fica atônito: não há o que respigar nas obras de quase todos e muito menos em suas atarantadas atitudes vitais”,²³⁴ escreveu Mário em *Elegia de abril*. Aliás, não somente ele vestiu o figurino, mas incorporou essa missão ao longo dessa nossa respectiva leitura sociológico-literária das crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Certo é que essa roupagem sociológica de intelectual inquieto funcionou relativamente como o comportamento de um agente fiscal que protege os oprimidos e combate os privilegiados. Outrora o figurino de um “simples turista” funcionava apenas como efeito alegórico daquele que deseja descobrir algo inusitado, que precisa ser revelado. Era desafiador manter tal postura, ou seja, uma espécie de dialética sobre tal perspectiva alegórica ou não. Portanto, foi essa conjuntura complexa que o escritor paulista fundiu na própria escrita artística.

É possível notar na escrita dessas crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*, que exploraremos com mais profundidade no terceiro capítulo desta dissertação, constantes paralelos com o período histórico vivenciado pelo escritor paulista. O fato é que essa produção histórico-literária estabelecida por Mário, de cunho realista e documental, é frequentemente apresentada pelo caráter da especulação e da denúncia social. Para Mário, escrever tudo isso implicava, naquele período, uma espécie de profissão de fé e uma atitude que transpassava os limites com os quais ele estava diretamente envolvido. Como exemplos dessa especulação, cabe o trecho: “A história da volta sempre do nordestino é uma blague sentimental ridícula. Volta um ou outro apenas. E voltaram principalmente do Acre onde a situação aquática é tão mortífera quanto a seca nordestina”,²³⁵ de uma crônica do dia 21 de janeiro, na cidade de Caicó. Por esse motivo e outros, sua experiência de viagem e cotidiano dessas observações jamais poderia se separar de seu conteúdo textual, tampouco, dissociar-se daquela sociedade que estava tão afastada dos moldes capitalistas. Nesse caso, as crônicas escritas por Mário ganham caráter evidentemente popular e social, de modo declarado. O escritor paulista não se desloca daquela realidade vivenciada, mas experimenta, como se fosse um cientista em seu respectivo laboratório ao ar livre, as variadas implicações que dessa mesma escrita. Portanto, aí está, pois, uma literatura que progressivamente constrói seu espaço e cria maneiras de representar,

²³⁴ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1978. p.188-189.

²³⁵ ANDRADE, Mário de. *Op.cit.*, p.295.

mesmo que na contramão de sua arte ou estética, um aparato social que está a seu redor e para o qual ele jamais poderia fechar os olhos ou, mais precisamente, esconder sua culpa.

Voltando um pouco ao passado, em 1926, pode-se supor que Mário de Andrade realmente já estivesse construindo sua informação sobre o socialismo e o marxismo. Existem obras de Marx, Lênin Trotski, edições de 1924-1926, em sua biblioteca, como ressalta a estudiosa Ancona Lopez.²³⁶ Posteriormente, foi no ano de 1933, segundo Lopez, que Mário teve contato com a leitura da obra comunista *Teoria do materialismo histórico*,²³⁷ do escritor Nikolai Bukharin. “[...] a obra está arrolada na Biblioteca para *Na pancada do ganzá* sob o número 543”.²³⁸ Aliás, segundo a estudiosa, a obra está colocada depois de outras, editadas na mesma época. Provavelmente, após essa leitura, o escritor paulista teve melhor posicionamento frente à ideologia do comunismo e de alguns pressupostos e análise econômica realizadas na segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Diante de tantas evidências de leitura, a crítica Ancona Lopez aponta que essa obra permanecera na Biblioteca de Mário por vários anos, e tinha muitas anotações e apontamentos de caráter reflexivo, ou seja, Mário teve acesso a essa obra, provavelmente buscando assentar algumas inquietações e preocupações a respeito de tais teorias e formulações. O historiador Eric Hobsbawn novamente complementa contemporaneamente que: “A influência de Marx sobre os historiadores [literatos], e não só historiadores [literatos] marxistas, baseia-se, contudo, tanto em sua teoria geral (a concepção materialista da história), com seus esboços, ou pistas, sobre a compleição geral do desenvolvimento histórico [...]”,²³⁹ portanto, como verificamos, as correlações de Marx na literatura e no universo histórico, apontadas por Hobsbawn, ampliam o surgimento de novas ferramentas para análise de nosso corpus.

²³⁶ Ancona Lopez (1972, p.130) aponta, em nota de rodapé, as obras que constavam na biblioteca particular de Mário: “Entre 1924 e 1926 Mário lê os chamados ‘clássicos do comunismo’. Em sua biblioteca estão obras de: ENGELS, F. – *Socialisme utopique et socialisme scientifique*. 2 ed. Paris, L’Humanité, 1924, MARX, Karl – *La gênese du capitalisme: ‘1 accumulation primitive*. Paris, L’Humanité, 1925. *L’imperialisme dernière étape du capitalisme*. 2.ed Paris, L’humanité, 1925. TROTSKY, Leon – *Literature and revolution*. Trad. de Strunsky, Rose. New York, International Publications, 1925”.

²³⁷ BUKHARIN, Nikolai. *Tratado do materialismo histórico*. São Paulo: Centro do Livro Brasileiro, 1986.

²³⁸ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.38.

²³⁹ HOBBSAWN, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo: Cia. das Letras. 1996. p.173.

Encerrando as erudições marxistas de Mário no ano de 1926, a questão surge naturalmente: Será que essa influência guarnecida e assimilada por Mário nas leituras de Bukharin realmente atingiu todas as crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*? As possíveis repostas bifurcam-se nas hipóteses que serão construídas. Certo é que, mesmo existindo várias obras de Marx na biblioteca de Mário, a pesquisadora Ancona Lopez afirma que mais misterioso e enigmático é que esses livros não apresentam notas de leitura que revelem discussão de assuntos ou separação de textos com interesse especial pela concepção ideológica do marxismo. Por outro lado e num sentido análogo, o crítico Terry Eagleton, em seu clássico e referenciado estudo *Literatura e marxismo*, sublinha que: “A crítica marxista tem muito a dizer sobre esta questão, mas é evidente que a análise histórica não começou com o marxismo”.²⁴⁰ Possivelmente, Mário reconstruiu novas perspectivas de enxergar possíveis elucubrações que pudessem alcançar algum resultado. Por via dessas supostas influências de Marx passando por Bukharin, as formas literárias de Mário de Andrade se preocuparam em demasia com as engrenagens sociais, movendo novas discussões e causando distintos julgamentos de seus leitores.

Por outra perspectiva, o crítico Walter Benjamin reforça nossa argumentação: “O escritor progressista conhece essa alternativa. Sua decisão se dá no campo da luta de classes, na qual se coloca ao lado do proletariado”.²⁴¹ Benjamin ressalta a importância daquele intelectual investido de caráter persuasivo e batalhador frente às oposições e os paradoxos do cotidiano que representa, e tudo isso se aproxima bastante do que estamos discutindo aqui. Embora o contexto representado por Benjamin seja o europeu e seus principais episódios históricos a respeito do universo trabalhista e da luta de classes, o fragmento transcrito ilumina por analogia muito bem a questão que Mário empreendeu através de seus escritos. Por esse tipo de análise, percebemos que Mário, ao realizar anotações em seus cadernos e tiras soltas, gradativamente se integrava, cada vez mais, ao papel de literato-sociólogo que busca outorgar sua voz de maneira significativa para tudo aquilo que viu e observou no decorrer de suas andanças. “Além do mais a produção potiguar pode abastecer o mundo quando a indústria se desenvolver completamente”,²⁴² escreveu o escritor paulista, em tom de entusiasmo e

²⁴⁰ EAGLETON, Terry. *Literatura e marxismo*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 50

²⁴¹ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p.120.

²⁴² ANDRADE, Mário de. Op cit., p. 288

otimismo, sobre a produção local do Estado do Rio Grande do Norte. Em suma, Mário visitou as instalações industriais e artesanais localizadas nas respectivas cidades dos estados já mencionados, e ficou bastante impressionado com aquilo que observava.

Contemporaneamente, o escritor paulista, em carta do dia 25 de julho de 1940, a sua querida e fiel amiga Henriqueta Lisboa, definia as categorias do intelectual nos moldes da veracidade e da missão que ele poderia assumir.²⁴³ Ao leitor mais preparado, é possível notar que o escritor paulista ficou preocupado e atribulado com resgatar o compromisso de diagnosticar algumas atitudes de ofício do intelectual, refazendo uma espécie de criação de categorias sobre esse mesmo sujeito. Essa classificação é um tanto detalhada, mas tem o rigor de uma síntese sincera daquilo que perpassava suas ideias no jogo do ir e vir, sem falar na criação filosófica e coberta de floreios, para garantir uma reflexão aprofundada sobre o próprio tema. Essa inquietação lhe garantiu, posteriormente, uma possibilidade mais sistemática e verossímil de acompanhar o cerne do sujeito intelectual honesto e progressivo. Portanto, é comum que nessa etapa Mário tenha explorado a missão desse homem comprometido com a sinceridade de seu ofício, através de definições reflexivas e filosóficas, partindo de suas formulações:

A verdade do intelectual, a “minha” verdade, tem porisso um caracter bem estragoso, é fenômeno de pura contemplatividade, é inútil! Haveria três espécies de verdades... A verdade de Deus, ou da transcendência, ou que nome tenha e eu chamo Deus. A verdade preconcebida, socializadora, defensora, a verdade útil e transitória de todos os pragmatismos do homem coletivo (o homem comum). E a verdade incontestável, achada, experimentada e individual do intelectual. Pouco importa essas três verdades possam às vezes coincidir todas três. Nem me interessa a dúbia verdade científica que vive mudando de pouso, ora pretensiosa querendo atingir a Verdade de Deus, ora socializada e convertida em Bem.²⁴⁴

²⁴³ ANDRADE, Mário de. *Querida Henriqueta. Cartas de Mário de Andrade a Henrique Lisboa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

²⁴⁴ Idem, p.22.

Verificamos no fragmento que a palavra “verdade” é repetida dez vezes, para enfatizar a dignidade do assunto tratado. Esse mesmo vocábulo, “verdade”, soa como uma senha que informa quem a usa: é aquele “sujeito comprometido com o coletivo e o social”. Ao definir a tipologia desse vocábulo em três reais tendências ligadas à personalidade do homem intelectual, temos: “verdade da transcendência”, “verdade preconcebida” e “verdade incontestável”. O escritor Mário também evidencia uma reflexão teórica e filosófica, que respalda aquele intelectual comprometido também com a ética de seus trabalhos, comprometimento que gerou a certeza de interpretar, em suas crônicas de viagens, uma nação mais justa e que buscasse alcançar pleno desenvolvimento. Enfim, todas as tendências do vocábulo “verdade” acabam se aglutinando em um único denominador comum, que seria aquilo que, no fim da citação, Mário expõe sumariamente na frase “Verdade de Deus, ora socializada e convertida em Bem”.

Retornando ao ambiente das crônicas, diga-se de passagem, tais visitas aos engenhos de cana-de-açúcar foram quase inusitadas a seu esquema de viagem ou diário de bordo, tendo em vista preocupação muito mais cultural e estética em relação a seus projetos de escrita, reconstituição de um folclore em constante mudança e a colheita de material etnográfico. “Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... Me interessa pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não, passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto...”,²⁴⁵ afirmou o escritor paulista, registrando em crônica do dia 16 de dezembro na cidade de Natal, buscando problematizar reflexões acerca dos elementos culturais do folclore regional. Atente-se para o fato de que, em nenhum momento Mário de Andrade desejou menosprezar a contribuição cultural literária de seus registros, muito menos das visitas às cidades, embora sempre alertasse para a necessidade de lançar um olhar mais crítico e aguçado sobre tal perspectiva. Com efeito, Mário apenas relativizou, de maneira prioritária, os acontecimentos de época, embora sempre os mesclando com o arcabouço cultural e artístico. Enfim, compreender esses liames relativos à atenção ou ao menosprezo ao manancial cultural sociológico representado por Mário, em suas crônicas, daquilo que estava a seu redor requer, de um bom pesquisador, argúcia e maturação intelectual.

Devemos lembrar que a opção por ser um intelectual social e inquieto pregada por Mário não se ofertou de maneira gratuita e fácil,

²⁴⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.232.

mas surgiu e foi empregada a partir da própria especificidade das projeções literárias que Mário tinha em seu acervo de vida artística, haja vista a denúncia impregnada de suas anteriores atitudes. “Rebate e diviniza o... passado caju, classificando-o, dando, me desculpem, uma concepção marxista da história do caju”,²⁴⁶ escreveu Mário, registrando em crônica do dia 21 de dezembro ainda na cidade de Natal, tentando abstrair alguns componentes econômicos da fruta caju. Ora, o escritor paulista estava articulando, à maneira gradativa, as novas formulações marxistas que ele impregnava na tessitura referencial e ficcional de suas crônicas. É curioso notar que tal estética começou a ser formulada e aperfeiçoada, quando ele realmente decidiu fazer um percurso sociológico, ao visitar as péssimas condições de trabalho nas indústrias de cana-de-açúcar, as caóticas condições de moradia, o não-acesso à cultura, o distanciamento do progresso do Nordeste brasileiro. Pensados nesses termos, literatura, aproximação do popular, denúncia social e especulação sociológica e trabalhista compõem a mesma matriz artística. Essa matriz, que parece ter sido cuidadosamente criada pelo autor paulista, para quem se preocupa com redigir e se aproximar do social, significava atuar e respaldar a sociedade que ele representava através dos dizeres e suas consequentes “contribuições sociais”.

Conectado à conjuntura social e histórica de seu tempo, Mário vê as cidades visitadas do Rio Grande do Norte e da Paraíba como o ponto de encontro entre a comunhão solidária e a possível resolução das desigualdades. Instigante é verificar que tais resoluções permitem conjecturar, através de conquistas intelectuais, que seus escritos foram em demasia eficazes para todos seus discípulos e pares. Em crônica na cidade de Caicó, Rio Grande do Norte, no dia 22 de janeiro, o escritor modernista ressalta, feliz e ao mesmo tempo aborrecido pela saída dos nordestinos em massa para São Paulo: “Isso pra nós sulistas é um benefício enorme, recebendo essa emigração de moços fortes, selecionada pela própria energia de partir sem sentimentalismo”.²⁴⁷ Não obstante, por isso mesmo, suas duas principais reivindicações literárias situam-se numa mesma razão de enxergar uma possível saída e um afastamento de tais contradições. Ao lidar com esses paradoxos, Mário usou uma estratégia bastante eficaz para enfrentar essas dificuldades. Qual foi essa estratégia? Possivelmente, sensibilidade e conhecimento eclético de mundo, que ele adquiriu através de sua formação humanitária e livresca e direcionou para o organismo vivo dos escritos

²⁴⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.241.

²⁴⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.299.

de suas crônicas literárias. Em suma, as junções desses dois fatores dariam maior proximidade com os problemas e uma possível articulação para enfrentá-los.

Ao longo de suas andanças Mário teve a visão de um intelectual inquieto e social, que não aguentava mais observar as disparidades econômicas,²⁴⁸ assim como as injustiças com os menos favorecidos, como as péssimas condições de moradia e trabalho, salários míseros, enfim, uma série de elementos prejudiciais ao progresso das comunidades. Ou, para empregar as palavras de Ancona Lopez “[...] preocupada (o) com as relações de produção e com as classes sociais”.²⁴⁹ Como o escritor paulista agenciou e saneou essas disparidades? A resposta mais cabível é que o escritor paulista não poupou quase nenhum desabafo e indignação nesse respeito. Não obstante, interpreta a vida desses trabalhadores como se fosse um homem comprometido com o bem-estar desses despossuídos. Mário não chegou a negligenciar nenhuma etapa de aproximação desses homens, acima de tudo, teve curiosidade de impulsionar seus aspectos fraternos e seu calor humano para a base das resoluções contraditórias. Dentro de várias passagens, um valioso exemplo seria a preocupação de Mário frente aos trabalhadores da Ford, em crônica escrita no dia 16 de janeiro na cidade de Natal. “O que resta saber agora é se de fato os trabalhadores brasileiros foram readmitidos no trabalho, como conta o prefeito de Santarém”.²⁵⁰ Dessa forma, suas interferências subjetivas, manipulando seus dizeres, levam-no a projetar seus valores e suas convicções em relação ao humanismo que adquiriu em sua trajetória de homem erudito. Em resolução, sua constante preocupação com resgatar o caráter libertário desses proletários pode ser julgada como uma tarefa de um intelectual que não abandonou o gosto pela polêmica e pelos assuntos que atingiam as características universais.

²⁴⁸ Sobre os aspectos da crítica social com viés econômico, Ancona Lopez (1972, p.165) salienta que: “Os problemas sociais com base econômica, focalizados pela literatura popular que o escritor estudou, valem como representação geral de situações vividas pelo povo brasileiro. Nessa representação não há investigações maiores de ordem causal, há apenas a descrição. Mas ela marca o entrosamento do homem ao meio, à região, ainda que de forma bastante primária, inconsciente, e serve de contraponto aos valores de outras estruturas economicamente mais adiantadas que tentam se impor artificialmente. Descrição não que dizer crítica em profundidade, mas os germens da crítica na criação literária do povo, como na sua versão sobre a crise de 1929”.

²⁴⁹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. A bordo do diário. In: ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.41

²⁵⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.285.

O crítico argentino Raúl Antelo relata que Mário de Andrade, nos seus estudos de época, especificamente anteriores à década de 1930, não obteve a total “[...] possibilidade de aplicar a teoria marxista para análise da realidade brasileira e, além disso, a atenção para a nova práxis histórica que estava sendo tentada no Leste europeu são dois caminhos vedados ao escritor paulista”.²⁵¹ O estudioso pondera que Mário não teve tempo suficiente para aplicar essas teorias, inclusive, ou seja, não chegou a amadurecer tais leituras e reflexões de forma construtiva. Para Antelo, as teorias de Marx ainda eram incipientes no Brasil e supostamente estavam sendo amadurecidas, para ser utilizadas de maneira gradativa, possivelmente devido ao desconhecimento e às raras traduções no Brasil. Concordamos em parte com Antelo, pois Mário já tinha conhecimento necessário que angariou nas leituras de Buckarin, intelectual discípulo das leituras de Marx, como demonstraremos adiante. Portanto, se Mário utilizou as teorias marxistas de forma relativa, certamente ousou brevemente especular o pouco que tinha absorvido de Marx, para praticar somente o necessário.

Diante da espinhosa, problemática e urgente preocupação, o Mário inquieto e social aposta nos escritos da obra *O turista aprendiz*, nessa possível solução polêmica, em que explora essa situação, com toda a certeza de angariar no futuro a liberdade, mesmo provisória, desses homens tão afastados de uma vida digna. Dentro desse raciocínio, a interpretação inquieta realizada por Mário desses dizeres do proletariado entra em compromisso com seu próprio ofício de escritor inquieto e combatente, que utiliza as palavras como meio de denúncia social, ora lapidando-as a favor de seu texto, ora ressemantizando-as de forma elástica, a favor do significado mais condizente e próximo à realidade da época. “Isto me desumaniza, e principalmente me desoperariza...”,²⁵² escreveu Mário, já embarcado no navio Manaus, em tom de criação e, como de práxis, utilizando os neologismos condizentes. Por outro lado, o escritor paulista exponencia o otimismo de realizar as distintas formas de liberdade em termos de arte e escrita, rumo ao espontâneo e ao inesperado tão calculado e previsto nos moldes objetivistas dos homens capitalistas. O estilo de linguagem utilizado por Mário, mediado por descrições etnográficas observadas, força por especular sempre com um discurso rival e opositor, com os quais algumas afirmativas posteriores entram em conflitos. Em suma, tais

²⁵¹ ANTELO, Raul. *Mário lê os hispano-americanos*. São Paulo: 1986. p.23.

²⁵² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.210.

unidades significativas remontam à concepção dialética entre dois sujeitos densamente antagônicos: *opressor e oprimido*.

Esse olhar agudo frente à realidade local visitada em suas andanças através de suas aproximações, essa intervenção cultural e ao mesmo tempo social complementam o grau de maturidade para o qual seus escritos já estavam remando nesse mesmo sentido. Mário era um intelectual social, inquieto e curioso para tomar a frente das principais iniciativas que achava necessárias para aquele povo tão sofrido e afastado do progresso social e cultural, tendo em vista a armadilha da alienação que era provocada pelos donos do poder. Em diferentes episódios, Mário busca evidenciar preocupação com o acesso cultural desses homens, sem impor nada em seus escritos, mas sugerindo e colocando suas opiniões como homem de letras e agente cultural. “Também já estou bem popular aqui. Vivo dum lado pra outro em busca de quanta festa, quanta Chegança, quanto Boi se ensaia, quando coco se dança, levando pra casa quanto cantador encontro...”²⁵³, escreveu Mário, em crônica registrada no dia 06 de janeiro, buscando expandir o movimento cultural que existia na cidade de Natal. Por outro lado, toda essa complexidade cultural fazia com que esses trabalhadores pudessem expandir seus horizontes e esquecer um pouco a árdua realidade das péssimas condições de moradia e de trabalho.

Por outra perspectiva menos pragmática, devemos salientar que Mário não teve o papel de um escritor panfletário, e sim realista da condição local para estabelecer coerentemente essa polêmica luta, que ocorreu à medida que Mário avançava em suas especulações em favor da representação do proletariado e do povo em suas crônicas. Não devemos nos furtar a que Mário sempre representou as causas públicas, como cidadão preocupado com interesses da nação, e jamais buscou uma literatura vazia e panfletária, que lhe poderia abrir chances únicas na política. Se seu trabalho era colher material etnográfico, sua real função era registrar aquilo que estava a seu redor, fosse distanciado ou próximo. Nesse sentido, o povo e seus problemas sociais e trabalhistas foram o elemento indispensável para essa dedicação missionária. Além disso, as circunstâncias históricas e sociológicas que cercaram seu objeto de trabalho não poderiam ser desprezadas em nenhum momento. Não foi à toa que, voltando um pouco ao passado, no preâmbulo da Semana da Arte Moderna de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo,

²⁵³ ANDRADE, Mário de. Op.cit. p.267.

ele proferiu ferozmente o poema *Ode ao burguês*.²⁵⁴ Ora, naquela mesma época, o escritor paulista já tinha apresentado a finalidade e a função de seu trabalho de intelectual em defesa dos oprimidos em relação aos donos do poder, e não teve dificuldade para verbalizar seu escrito, que provocou uma série de polêmicas e discussões locais.²⁵⁵

Saindo brevemente da atmosfera de análise da obra *O turista aprendiz*, veremos Mário enveredando para uma tentativa de afastar os dogmas opressores, por meio de suas palavras combatentes de intelectual inquieto, que alimentava projetos e melhorias para todos aqueles que participavam na condição de homens e mulheres em suas respectivas crônicas de viagens. “Imagino que será de muito benefício para o intelectual brasileiro, especialmente nos momentos decisórios de suas atitudes vitais, ele auscultar mais vezes a sua sensibilidade”,²⁵⁶ escreveu novamente Mário, em *Elegia de abril*, publicada em 1941. Ao enxergar a má digestão dessa dicotomia entre *opressor* e *oprimido* o escritor paulista agiu como um “intelectual orgânico”,²⁵⁷ voltado a compreender as razões circunstanciais de um suposto trauma social. Destacamos “opressor e oprimido”, porque se trata de uma dualidade abrangente e ao mesmo tempo polêmica, por aglomerar grande conjunto de significados. Nesse sentido, seu gigantesco esforço esteve centrado em reivindicar a luta em favor das contradições que observou nas cidades em que verificou exploração desenfreada. Tais dogmas são mantidos sob a resistência do patrão-burguês explorador, que jamais

²⁵⁴ ANDRADE, Mário de. *Ode ao burguês*. In: *Seleção*. São Paulo: Global, 2003. p.91.

²⁵⁵ Ancona Lopez (1972, p.37) escreve: “É apenas uma hipótese, mas verdade é que em 1921, quando escreve “Ode ao Burguês”, já tem alguma noção do que seja Socialismo e talvez Marxismo” (In: *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades). Para complementar a explicação de Lopez, cabe expor que o escritor paulista evidencia o seguinte: “Até que um dia percebi que as minhas poesias tinham capacidade para irritar a burguesia. Foi o bastante. Pelo resto de minha carreira literária, observei a mesma linha de conduta. Só público o que pode servir. Todas as minhas obras têm intenção utilitária qualquer. As coisas de pura preocupação estética que fiz durante algum tempo, eu destruí. Só me interessaram a mim, como aquisição de técnica pessoal” (ANDRADE, 1983, p.10).

²⁵⁶ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1978. p.190.

²⁵⁷ Expressão cunhada por Antônio Gramsci, visando a diagnosticar o intelectual defensor de várias causas coletivas. Para maiores detalhes, ver: GRAMSCI, Antônio. *Intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

abre suas portas para um possível diálogo ou contestação dessas indiferenças sociais. Sobre o aspecto de um possível olhar revolucionário e ao mesmo tempo contestador desse modelo de intelectual inconformado, novamente Mário de Andrade desabafa e elucida melhor essa versão tão polêmica e problemática:

O intelectual não pode mais ser um abstencionista; e não é o abstencionismo que proclamo, nem mesmo quando aspiro ao revigoramento novo do "mito", da verdade absoluta. Mas se o intelectual for um verdadeiro técnico da sua inteligência, ele não será jamais um conformista. Simplesmente porque então a sua verdade pessoal será irreprimível; Ele não terá nem mesmo esse conformismo "de partido", tão propagado em nossos dias. E se o aceita, deixa imediatamente de ser um intelectual, para se transformar num político de ação. Ora, como atividade, o intelectual, por definição, não é um ser político. Ele é mesmo, por excelência, o out-law, e tira talvez a sua maior força fecundante justo dessa imposição irremediável da "sua" verdade.²⁵⁸

Percebemos na citação as reflexões do escritor paulista a esse respeito. Notamos que o intelectual diagnosticado por Mário é aquele que não deve se calar diante das circunstâncias que o cercam e regem sua vida. O espaço para contestações é aberto por Mário para postular aquela verdade que somente faz parte do jogo inquieto e polêmico. Ao que tudo indica, Mário investia num fazer constante, num ato que abrisse espaços e indicasse os rumos a ser seguidos. A nosso ver, todo esse ambiente de resistência daria a ossatura das crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Esse viés de interpretar as angústias do público proletariado já teria sido alvo de seu conto *Primeiro de maio*,²⁵⁹ no qual o escritor paulista interpreta as angústias e as inquietudes de um feriado marcado por desigualdades e demonstra de forma perspicaz e convincente seu real interesse pela situação dos pobres na cidade de São Paulo. Provavelmente, esse conto valeu muito para a feitura de suas crônicas na obra *O turista aprendiz*. Vejamos o comportamento do

²⁵⁸ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1978, p.191.

²⁵⁹ ANDRADE, Mário de. *Primeiro de maio*. In: *Contos novos*. São Paulo: Klick, 1998.

personagem-protagonista, que é apenas identificado pelo número 35: “Com seus vinte anos fáceis, o 35 sabia, mais da leitura dos jornais que de experiência, que o proletariado era uma classe oprimida”.²⁶⁰ Ora, é notório um discurso de causa social e de solidariedade aos menos favorecidos e, com isso, o fortalecimento de um revolucionarismo já arquitetado por suas inquietudes. Em suma, ao compor esse conto, Mário faz uma crítica severa à sociedade capitalista, ou seja, o indivíduo, ao ser denominado por seu número, 35, passa a ser reconhecido por este, e não por seu nome de nascimento.

Por tais considerações e motivos, é comum encontrarmos, nas primeiras crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*, a busca por despertar as autoridades para uma sociedade mais plena e solidária. Supostamente, todo esse acervo crítico para uma possível revolução social, foi ganhando o peso de sua arte e da escrita das crônicas. Isso fica nítido nos seus escritos no dia 04 de junho, numa cidade próxima a Manaus. “O governo deu isenção de impostos e passagem livre pela alfândega pra todo o material importado para a construção do edifício [...]”,²⁶¹ assevera Mário, comentando o desperdício de materiais e o privilégio do governo em relação aos estrangeiros. Em outro episódio bastante elucidativo, Mário explica uma situação análoga: “Estávamos visitando as instalações, escola com quarenta alunos atuais, posto de profilaxia contra maleita, fechado porque o Governo não mandava mais remédio [...]”,²⁶² em que alerta para o descaso com o povo daquela localidade visitada, no dia 15 de junho. Assim como ser um intelectual inquieto, ele empenhou-se no dilema de interpretar uma cultura brasileira desvinculada de suas raízes ou esquecida à sombra de olhares gananciosos, que buscavam apenas explorar os humildes trabalhadores sem ao menos valorizá-los espiritualmente. Com efeito, atuou como legislador ou intermediador cultural preocupado, frente aos desafios impostos pela sociedade capitalista e burguesa que pregava apenas o jogo de seus interesses. Enfim, sua visão inquieta e utópica mesclava aspectos fraternos que pudessem ser compartilhados com seus pares intelectuais ou se revertissem em prol da sociedade da época.

Na realidade, a suposta inquietação de Mário em torno dessa mesma temática pode ser comprovada em suas correspondências pessoais da mesma época. Tudo isso age como efeito estimulante para cumprir sua fiel jornada de servir a arte da melhor maneira possível. Em

²⁶⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.43.

²⁶¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.83.

²⁶² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.100.

carta a sua fiel discípula Oneyda Alvarenga, o escritor paulista salienta o jogo dúbio, porém necessário, de seu interesse pelo marxismo e pelo conhecimento social: “Mas incontestavelmente o marxismo contém uma enorme parte da verdade que hoje nem é marxística mais porque incorporada ao conhecimento normal, à verdade geral humana”.²⁶³ Esse fragmento evidencia profunda aflição e ansiedade do escritor paulista de concretizar algo que modificasse a situação precária e acomodada dos menos privilegiados. Ora, se partíssemos para investigar os principais pressupostos sociológicos e marxistas, teríamos de remontar um extenso percurso arqueológico textual daquilo que mais marcou a personalidade do intelectual combatente que foi Mário de Andrade. Portanto, sem divagar por hipóteses ainda mal constituídas, buscaremos evidenciar apenas os pontos mais importantes de sua trajetória de enfoque sociológico.

Seguindo o mesmo raciocínio, verificaremos alguns desses aspectos sociológicos apontados em outras obras. É notável que, no livro *O banquete*,²⁶⁴ o escritor paulista também tenha colocado algumas de suas reflexões sobre o caráter da obra de arte. “Eu nunca me meterei fazendo isso que chamam por aí de ‘arte proletária’, ou ‘de tendência social’. Isso é confusãoismo. Toda arte é social porque toda obra-de-arte é um fenômeno de relação entre seres humanos”.²⁶⁵ Nessa passagem, percebemos o tom de discórdia e exaltação do protagonista Janjão nos dizeres dessas expressões tão correlatas, porém, tão dúbias e ambíguas. Ao colocar voz na personagem Janjão, Mário evidencia a problemática que também fará parte de sua missão de escritor, como homem de letras comprometido com seus afazeres sociais. Trocando em miúdos, a denominação estabelecida pelo autor paulista de “proletária” e “social” seria quase um neologismo criado através da palavra “confusãoismo”, que, remetendo à origem desordenada e confusa, significaria, conseqüentemente, embaralhar as ideias na cabeça de seus leitores. Afinal, Mário, na voz de Janjão, quis alertar que toda arte possui seus valores intrínsecos à própria sociedade que deseja representar.

Em um questionário a um inquérito de época, datado do ano de 1933,²⁶⁶ que supostamente foi enviado pela editora americana Macaulay,

²⁶³ ANDRADE, Mário de. *Cartas Mário de Andrade a Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983. p.212.

²⁶⁴ ANDRADE, Mário de. *O banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

²⁶⁵ ANDRADE, Mário de. *Op.cit.*, p.61.

²⁶⁶ ANDRADE, Mário de. Resposta ao inquérito sobre mim pra Macaulay. São Paulo. Documentação pessoal. Arquivo Mário de Andrade: IEB-USP, 1933.

após a publicação de seu primeiro romance *Amar, verbo intransitivo*,²⁶⁷ o escritor paulista parece que quis frisar seu real desejo de satisfação geográfica nacional, enquanto peregrinou em terras nordestinas. Inclusive, durante essa, passagem o escritor paulista resgatou a tão sonhada proximidade com o povo, que o satisfazia por completo. “Detesto os climas moderados, e por isso vivo, pessimamente, em São Paulo. Também não aprecio a civilização, nem muito menos, acredito nela. [...] Meu maior desejo é ir viver longe da civilização, na beira de algum rio pequeno da Amazônia, ou nalguma praia do mar do Norte brasileiro, entre gente inculta, do povo”.²⁶⁸ Mesmo diante de tais paradoxos, a questão é que a personalidade de Mário estava direcionada a residir em outros lugares distantes de sua terra natal, onde pudesse se sentir próximo do popular. Portanto, é possível que Mário, às vezes, entre em contradição com aquilo que desejava para si, mas é oportuno dizer que existe grande parcela de sinceridade de sua parte, em dizer por último da proximidade que desejava alcançar em relação ao povo.

Podemos postular que o projeto social e popular do intelectual inquieto Mário de Andrade estabelecido na obra *O turista aprendiz* interroga e problematiza amplamente a existência do ser humano como entidade independente, cujo interior permeia, em transformação, o equipamento para diagnosticar o mundo a seu redor. Assim, essas respectivas estruturas sociais agem no pensamento de Mário como formas solidárias de sabedoria e conhecimento. “Perguntas não servem pra quase nada: um socialista me afirmou que a situação dos proletários é medonha em Natal [...]”,²⁶⁹ problematizou o escritor paulista no dia 01 de janeiro em tom de desconfiança e queixa. Daí vem sua forte aproximação do cotidiano do povo, do simples e do rústico, do imaginário popular, composto pela conversa de amigos, conversas informais na calçada e nas frentes das casas, enfim, situações corriqueiras de determinada comunidade. Com efeito, Mário aproveitou a realidade à qual estava diretamente envolvido e condicionou um novo olhar, partindo do horizonte intelectual que possuía, recriando, à sua maneira e à do povo, aquilo que estava a seu redor. Enfim, Mário evidencia tudo isso em uma prosa de viagens à moda Alcântara Machado e outros cronistas de mesma época, como já mencionamos.

²⁶⁷ ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo: Villa Rica, 1995.

²⁶⁸ ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T&A Queiroz Editor, 1983. p.42.

²⁶⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.

Sem dúvida, podemos verificar que, na medida em que subordinava o capitalismo desenfreado ao plano solidário desses proletários, que do ponto de vista econômico era imperscrutável, Mário tentava de toda maneira encurtar as distâncias de uma possível revolução trabalhista. O escritor paulista atuou em seus escritos como um interventor/intermediário entre patrão e proletário, e continuou alertando para que é possível batalhar por uma vida mais digna para esses oprimidos. A indagação surge naturalmente: Como o escritor Mário realizou essa intermediação? Em crônica na cidade de Macau, na data 18 de janeiro, Mário tenta realizar alguns pedidos trabalhistas: “A própria Companhia reconhece isso e agora anda instalando eletricidade nas salinas dela pro trabalhador pode trocar a noite pelo dia, evitando o calorão do Sol”,²⁷⁰ escreveu Mário, reconhecendo a negociação realizada para melhorar o ambiente industrial dos trabalhadores frente ao excesso de calor naquela localidade visitada. Essa realidade de intermediação, ensaisticamente, veremos em maiores detalhes nos fragmentos adiante. Nesse sentido, Mário comungou com um anseio de espírito que trabalha em seus escritos as contradições expostas tão cruelmente em uma sociedade carente de recursos públicos básicos da própria sobrevivência. Em suma, através desses disparates paradoxais estava a força de um intelectual inquieto e não satisfeito com a realidade que enxergava com seu olhar crítico e solidário. Por esse viés de análise, podemos calcular que Mário leu este excerto de Nicolau Bukharin:

A luta de classes é a expressão mais clara destas ‘contradições sociais’ e sabemos que ‘a luta de classes é a alavanca da história’. As oposições entre as classes, entre os agrupamentos, entre as idéias, as oposições entre os modos de produção e de repartição, a desordem na produção – tudo isto forma uma corrente sem fim de contradições e constitui outras tantas contradições no interior do sistema, devidas a própria estrutura desta última. (contradições da estrutura). Entretanto, estas contradições por si mesmas não destroem a sociedade.²⁷¹

²⁷⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.289.

²⁷¹ BUKHARIN, Nicolau. *Tratado do materialismo histórico*. São Paulo: Centro do Livro Brasileiro, 1986. p.83.

Tecida a colcha de retalhos em torno do “público proletário”, concebida a luta de classes como uma marcha supostamente vitoriosa, mesclada com o avanço da história, em que Bukharin retoma conceitos daquele intelectual que luta na mesma corrente das eternas contradições. Um caráter reivindicatório e denunciante clareia a interpretação dessa citação. Percebemos que Bukharin não poupa palavras ao descrever o jogo de contradições e controvérsias que abrangem as irradiações da luta dos proletários e os líderes de classes,²⁷² em relação aos donos da produção. Aliás, o teórico soviético expõe as categorias revolucionárias como força de poder e participação de uma sociedade mais justa e democrática. É notório que essas modelações pesem na consciência burguesa e tampouco solidária de hábitos e costumes. Enfim, as idealizações de Bukharin mediante as influências do filósofo alemão Karl Marx fortalecem mais nossa visão panorâmica do desencadear das ordenações burguesas contra os oprimidos e a luta constante e perpétua por uma independência de voz e pensamento.

Se tivéssemos de remontar uma possível via de análise teórica sobre os pressupostos embevecidos do escritor paulista pela leitura das formulações de Bukharin, poderíamos brevemente situar os proletários das crônicas que analisaremos no terceiro capítulo pela denominação “determinismo”. Segundo Bukharin, tal conceito fora designado para explicar e criar categorias daqueles que não possuem liberdade e condições mínimas para atingir o livre-arbítrio ou o direito de realizar uma opção por uma vida melhor.²⁷³ Dentro desse conceito, Bukharin acredita que as leis naturais comandam e regularizam os principais fenômenos aos quais os proletários estão diretamente submetidos ou

²⁷² O conceito de classe tem importância capital na teoria marxista, conquanto nem Marx nem Engels jamais o tenham formulado de maneira sistemática. Num certo sentido, ele foi o ponto de partida de toda a teoria de Marx, pois foi a descoberta do PROLETARIADO como “a ideia no próprio real” – uma nova força política engajada em uma luta pela emancipação – que fez Marx voltar-se diretamente para a análise da estrutura econômica das sociedades modernas e de seu processo de desenvolvimento. Nessa mesma época (1843-1844), Engels, pelo lado da ECONOMIA POLÍTICA, estava efetuando a mesma descoberta, delineada em seu ensaio publicado em 1844 nos *Deutsch-Französische Jahrbucher* (Anais Franco-alemães) e em seu livro *A condição da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845). Assim, a estrutura de classes da fase inicial do capitalismo e as lutas de classes nessa forma de sociedade constituíram o ponto de referência principal para a teoria marxista da história (BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p.61).

²⁷³ BUKHARIN, Nicolau. *Tratado do materialismo histórico*. São Paulo: Centro do Livro Brasileiro, 1986. p.92.

colocados na condição de subalternos. Assim, as circunstâncias da classe burguesa e o contexto ao qual ela está submetida não permitem que os proletários criem ou estipulem suas vontades e seus mandamentos. Em resumo, esses proletários ficam a mercê de uma força revolucionária que mude para melhor ou transforme toda a conjuntura. A questão surge naturalmente: Será que Mário de Andrade foi a força revolucionária embevecida dos modelos de Bukharin para salvar ou transformar a vida desses proletários para melhor? Nesse sentido, o autor de *Macunaíma* evoca sentimentos solidários e sociais para com as formas de trabalho no Nordeste Brasileiro, especificamente nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, como detalharemos no terceiro capítulo. Assim compreendido, Mário de Andrade antecipa e projeta, em suas crônicas de viagens, as reflexões sobre as quais muitos sociólogos posteriormente se debruçariam em suas novas investigações.²⁷⁴ Essa reflexão sobre o Brasil muitos teóricos e intérpretes estarão dispostos a realizar de forma amistosa e erudita. Por isso, possivelmente, Caio Prado Júnior (1945), Gilberto Freyre (1933) e Sérgio Buarque de Hollanda (1936) tenham lido a obra do escritor paulista e embevecido seus discursos e formulações teóricas nela.²⁷⁵ Então, para esses teóricos, a literatura de Mário foi pré-requisito indispensável para outros estudos e formulações da mesma época ou para futuras obras. Nesse sentido, os discursos referenciais e ficcionais contidos nas crônicas da obra *O turista aprendiz* deram guarida para que esses teóricos pudessem

²⁷⁴ Sobre essa questão sociológica, fortalece o crítico Terry Eagleton (1978, p.18) que: “As obras literárias não são fruto de uma inspiração misteriosa nem são explicáveis simplesmente em função da psicologia dos seus autores. São formas de percepção, maneiras determinadas de ver o mundo, e como tal têm relações com a forma dominante de ver o mundo, e como tal têm relações com a forma dominante de ver o mundo que é a mentalidade social da época.

²⁷⁵ É lógico que não podemos ser objetivos nessa afirmação, mas resolvemos levantar algumas hipóteses. O crítico Antonio Candido (2000, p.124) elucida bem essa questão: “A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático ao estudar com livre fantasia o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustada as condições do meio tropical e da economia latifundiária (Casa-grande e senzala, Sobrados e mucambos, Nordeste). Outras obras completam a sua, válida sobretudo para o Nordeste canavieiro, como a síntese psicológica de Sérgio Buarque de Hollanda (Raízes do Brasil) e a interpretação materialista de Caio Prado Junior (Formação do Brasil Contemporâneo, História econômica do Brasil). Os ensaios desse gênero se multiplicam, nesse decênio de intensa pesquisa e interpretação do país. Ajustando-se uma tendência secular, o pensamento brasileiro se exprime, ainda aí, no terreno predileto e sincrético do ensaio não-especializado de assunto histórico-social”.

alimentar suas respectivas causas e formulações. Em suma, isso tudo evidencia uma enorme produção intelectual posterior, voltada a descrever o Brasil de outras maneiras e a articular suas principais problemáticas e questionamentos.

3.4 MÁRIO DE ANDRADE – A CONSTRUÇÃO DO INTELECTUAL HUMANISTA

Como ocorreu a formação da personalidade do intelectual humanista em Mário de Andrade? Esse intelectual humanista-sociológico que aqui investigamos é aquele modelo que Mário se mobilizou e lutou para discernir dos interesses que cercavam seu projeto cultural próximo da sociedade. Ancona Lopez aponta que: “Sua formação cristã, ligada à sua adesão a elementos do pensamento de Marx e de Keyserling, determina seu enfoque da cultura popular e suas conclusões sobre o povo brasileiro”.²⁷⁶ A nosso ver, o enfoque defendido por Ancona Lopez será determinante para Mário empregar seu viés ideológico na análise do povo e do popular de época. Ora, a fusão desses dois fatores ideológicos, como ressalta Ancona Lopez, foi tencionado ao longo de suas andanças, nas crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*. Relativamente, formação cristã *mais* adesão aos pensamentos marxistas desaguou num Mário voltado a descrever a cultura popular próxima do povo. Daí vem sua vontade de mudar as coisas de forma mais fraterna e social, como é o caso do acontecimento ocorrido com os trabalhadores que viviam em moradias humildes. “Casinhas de proletários pobres, não tirando a gente do bem-estar. É possível se viver nelas”,²⁷⁷ escreveu Mário, registrando em crônica do dia 16 de dezembro na cidade de Natal, em tom delicado, ao terminar a última frase. Em suma, possivelmente, o escritor paulista tenha sofrido dessas duas motivações antagônicas, por estar envolvido diretamente no seio das duas, mas, ao mesmo tempo, dialogar com ambas. Aí entram as especulações de Mário embevecidas na leitura de Bukharin, no que diz respeito ao humanismo e ao materialismo histórico,²⁷⁸ resgatado e

²⁷⁶ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.13.

²⁷⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.233.

²⁷⁸ Segundo o *Dicionário do pensamento marxista* (BOTTOMORE, 1988, p.260), o significado de materialismo histórico é: “Expressão que designa o corpo central de doutrina da concepção materialista da história, núcleo científico e social da teoria marxista. Engels sempre fez questão de reconhecer que Marx fora o criador do materialismo histórico; e encarava a concepção do materialismo histórico como uma das duas grandes descobertas científicas de Marx (a outra era a teoria da mais valia).

representado da melhor maneira. Assim, Mário ficará arduamente dividido entre essas duas tendências. Novamente, o próprio Nicolau Bukharin ajuda-nos compreender tal etapa:

O materialismo considera a matéria como causa primária e fundamental; o idealismo ao contrário, considera em primeiro lugar o espírito. Para os materialistas, o espírito é um produto da matéria; para os idealistas, ao contrário, é a matéria que é o produto do espírito.²⁷⁹

Mário foi um dos primeiros escritores modernistas a se debruçar sobre as obras de alguns autores humanistas e marxistas, como já mencionamos. Os intelectuais da época estavam envolvidos com tudo isso, mas Mário sentiu maior necessidade de especular tais anseios, tendo em vista maior refinamento e sofisticação sobre tal perspectiva. Esse refinamento erudito garantiria maior originalidade e respaldo em seus estudos e postulações intelectuais. Exemplos dessa prática? Basta verificarmos seu entendimento da concepção da fruta caju em crônica do dia 21 de dezembro,²⁸⁰ ainda na cidade de Natal, como mencionamos. Na redação dessa crônica, Mário evidencia profundo grau de conhecimento sobre economia e o processo de exploração da própria fruta caju. Nesse sentido, sua crônica aponta alguns marcos substanciais reflexivos e um caráter progressista, no que toca o erudito e o letrado. Como já apontamos, sua crítica e investigadora Ancona Lopez acredita que Mário já formulava algo nesse sentido quando guardava alguns exemplares de cunho marxista em sua biblioteca particular, ou seja, o escritor paulista já resguardava em sua biblioteca algumas obras de cunho sociológico, e isso favorecia seus primeiros diálogos e escritos sobre o tema a respeito do qual escrevia.

Entretanto, o pensamento e a linguagem de Mário de Andrade são dialéticos, na medida em que, nele, os fenômenos são categorizados uns em contraposição aos outros – contestados a sua real situação, suas vicissitudes, os impulsos que acabaram sendo designados a superar. Isso dito de outro modo, a dialética de Mário impõe uma maneira peculiar de

Marx, por sua vez, afirmava que Engels havia chegado independentemente à concepção materialista da história. Nos termos da própria teoria, pode-se dizer que ambos puseram em evidência as condições históricas e materiais para a sua formulação”.

²⁷⁹ BUKHARIN, Nicolau. Op.cit., p.57.

²⁸⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.240.

enxergar o mundo das artes como um campo experimental, onde as químicas desses componentes podem satisfazer a mesma obra de arte. A percepção do real que o escritor paulista tinha na escrita de suas crônicas da obra *O turista aprendiz* é essencialmente pictórica e descritiva. Salienta a estudiosa Travassos: “A utopia projetada por Mário é a de uma arte no sentido pleno do termo, que conduz o homem aos reinos do prazer desinteressado da beleza (como ele gostava de dizer), preservando indivíduo e sociedade em pleno equilíbrio”.²⁸¹ A autora sublinha o caráter projetivo e sugestivo de Mário ao encontro do prazer desinteressado e restabelecido pela harmonia da sociedade. De todo modo, ela sintetiza assim o estilo voluntário de Mário de realizar arte literária sem maiores compromissos com as atitudes estéticas tão pregadas pelos artistas da época. Finalmente, a beleza de sua arte era apenas consequência daquilo que conseguira atingir, estabelecendo maneiras amistosas de encarar aquela realidade.

Ao depositar suas expectativas, utopicamente, num sentido mais humano da arte, passando basicamente dos lugares prazerosos para o solidarismo e a fraternidade, Mário anuncia seu projeto social, fazendo dele, segundo Travassos, “[...] uma síntese projetada no futuro, melhor representada pela imagem do círculo que progride em torno de um eixo vertical.” Para complementar, a autora salienta: “É uma síntese de quem passou pela fragmentação individualista e pela cisão entre subjetividade e cultura, adquiriu consciência moral e se retemperou no conhecimento das formas sociais da arte do povo”.²⁸² Ambos os fragmentos evidenciam uma causa desinteressada de confeccionar sua arte, e isso fortaleceria sua aproximação com as coisas do espírito. A maturidade que Mário já tinha adquirido na consistência e na estabilidade, tendo base suas leituras sociológicas, já mencionadas anteriormente, seria complementada com sua própria força de vontade para enxergar novos horizontes para os respectivos povos do Norte e do Nordeste brasileiro. Em suma, a garra de Mário e sua vontade de projetar seus conhecimentos como algo democrático e fiel àquele povo foram impulsionados por diversas causas e motivos.

Outro ponto nodal na obra de Mário de Andrade, ao ver da estudiosa Travassos, é a ansiedade com o tema sentimentalismo. “A expressão ‘sentimentalismo romântico’ soa como uma espécie de senha

²⁸¹ TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. p.203.

²⁸² TRAVASSOS, Elizabeth. Op.cit., p.29.

que informa sobre quem a usa: é um ‘moderno’”.²⁸³ Para a autora, esse sentimentalismo próximo e exacerbado praticado pelos modernistas agia como se fosse uma valorização do romantismo, quase como uma idealização programada que especifica o grau de contato próximo. Assim, a faculdade de Mário ter solidariedade com o trabalho dos outros foi uma forma de resgatar e manter o sentido na obra de arte. Com efeito, esse aspecto recupera o sujeito fraterno e amigável que Mário sempre especulou realizar ao longo de sua trajetória. A todo momento, Mário aspira ao ideal humanístico de vida e comunga as motivações com seus pares e discípulos. Esse último age sempre como aquele que acompanha seu mestre e conjuga um olhar de confiança, como de fato ocorreu com sua fiel discípula Oneyda Alvarenga, como mencionamos.

Ao reconstituir esse novo panorama cruel do Norte e do Nordeste brasileiro, o escritor Mário traçou um direcionamento humanístico²⁸⁴ para seus personagens de carne e osso ou ficcionais. O escritor paulista cifrou assim, uma maneira peculiar de construir uma nova identidade para todos esses oprimidos, tendo em vista a possibilidade de uma revolução social. Uma liberdade provisória já seria suficiente para que eles pudessem enxergar outras maneiras de aproveitar o tempo ou ao menos submeter outros interesses compatíveis com sua vocação. “O Nordeste se tornará facilmente um dos maiores, senão o maior, produtores de algodão do mundo. E a gente percebe aliás que o nordestino já está convencido disso [...]”,²⁸⁵ escreveu Mário, em crônica do dia 17 de janeiro na cidade de Natal, projetando um olhar bastante otimista para o futuro desses insumos tão importantes, assim como para o de seus futuros donos. A vinculação desses proletários à sua prosa de viagens agirá como alegorias de todos aqueles homens pertencentes a outras classes das regiões desse enorme Brasil, que buscavam qualidade de vida melhor ou, ao menos, precisavam alimentar esperança por condições dignas e satisfatórias. Enfim, tais alegorias são demasiadamente atuais, por motivos ainda imbricados na sociedade brasileira dentro do contexto histórico das migrações internas e das caóticas condições de trabalho.

Pensando nesses termos, ao tentar abolir o discurso do burguês ou dos donos das indústrias, o escritor Mário de Andrade tentou implantar

²⁸³ Idem.

²⁸⁴ Remetemo-nos aqui ao sentimento humanista e solidário referente a alguns modos de observar as incongruências de época, já demonstradas através de alguns fragmentos.

²⁸⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.286.

uma espécie de ato revolucionário, que almejava uma possível libertação de pensamento, emancipação de dizeres e dos ideais desses proletários oprimidos. Reiteradas vezes, Mário realizou isso de maneira perspicaz e sustentável, buscando legitimar sua teoria assimilada nas leituras de Bukcarin, através de suas visitas *in loco* às indústrias e aos engenhos de cana-de-açúcar. “Outra acusação grave a fazer aos proprietários dessa Companhia é não se utilizarem senão duma porcentagem absolutamente mínima [...]”,²⁸⁶ relatou o escritor paulista, em crônica do dia 18 de janeiro na cidade de Macau, oscilando sua posição ao perfil de patrão, mas, ao mesmo tempo, verificando o desperdício da matéria-prima para com o Estado. Por esse motivo, Mário não estava realizando uma cópia direta daquilo a que assistiu, muito menos escrevendo suas ideias diretamente nas crônicas do Jornal Diário Nacional naquela época, mas sim olhando com os próprios objetivos de representar um Nordeste mais original e sem retoques e disfarces. Divulgar e publicar tudo isso seria essencial em sua missão, no entanto, melhor seria enxergar tudo acontecendo, como sempre desejou e fez. Dessa maneira, o interesse pela emancipação e liberdade tão pregado por Mário determinou sua atenção para as tendências da realidade social, sem que isso desfigurasse ou maltratasse a própria realidade à qual ele estava subordinado. Ao recuperar a passagem anterior, podemos voltar ao mote já comentado da causa sociológica do personagem Janjão, na obra *O banquete*²⁸⁷. Em suma, entrever suas constantes lutas no meio dessas engrenagens seria tarefa imprescindível para perpetuar valores tão esquecidos e desgastados.

Para o escritor paulista, a alienação a que esses homens estavam submetidos agia como uma forma de vedação de suas opiniões e vontades próprias. Nesse sentido, Octavio Ianni salienta: “[...] o homem liberta o seu pensamento e a sua afetividade, da mesma maneira que liberta produto do seu trabalho. Esta em marcha uma profunda revolução cultural, no interior da revolução social e nacional”.²⁸⁸ Situando o pensamento contemporâneo do sociólogo Ianni, que soa de forma anacrônica, podemos verificar que Mário tentou resgatar uma forma de pensar autônoma e, para ele, uma consciência cultural depende da força de vontade e persistência desses homens proletários em revogar todo o processo no qual se encontram diretamente inseridos e pelo qual são massacrados. “O indivíduo sofria uma desgraça sem cura, tiravam o

²⁸⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.289.

²⁸⁷ Idem

²⁸⁸ IANNI, Octavio. *Classe e nação*. Petrópolis: Vozes, 1986. p.138.

sítio dele, estragavam a mana, etc. então virava cangaceiro pra justificar”,²⁸⁹ escreveu Mário, desmascarando o ciclo vicioso e desencadeador das mazelas daqueles que queriam pregar uma revolução, mas não tinham plenas convicções do que estavam realizando. O posicionamento de Mário diante dessa situação foi criar e especular uma nova maneira de integrar as vontades coletivas, buscando evocar um processo de resistência em relação ao poder burguês. Ele também articulou uma maneira peculiar de garantir uma consciência de nação e de jamais ter receio de lutar contra os paradoxos que sempre existiram em toda luta intelectual, ainda mais quando o povo carece de especulação filosófica. Em suma, para ele, a sociedade somente poderá ter liberdade, quando buscar isso com garra, força e resistência aos regimes impostos e traçados pela burguesia. Novamente, no ensaio *Elegia de abril*,²⁹⁰ Mário reflete profundamente sobre os principais preceitos que cercam o jogo especulativo do pensamento daqueles intelectuais que não se apoderam do substancial filosófico como base para especulações necessárias para a compreensão básica da humanidade. Vejamos alguns desses detalhes:

A causa é mais grave e mais tradicional também: esta absurda e permanente ausência de pensamento filosófico, de uma atitude filosófica da inteligência, entre os nossos intelectuais. Os cientistas se refugiam no laboratório ou na exposição sedentária das doutrinas alheias. Os artistas não têm onde se refugiar, mas se disfarçam com ingenuidade no padrão da arte social. Se acaso pretendemos saber o que os nossos intelectuais pensam dos problemas essenciais do ser, se fica atônito: não há o que respigar nas obras de quase todos e muito menos em suas atarantadas atitudes vitais.²⁹¹

Em seu estudo *Pode o subalterno falar?*,²⁹² a crítica indiana Gayatri Spivak salienta a importância do intelectual como agente criador de espaços por meio dos quais os sujeitos que se encontram na condição

²⁸⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.302.

²⁹⁰ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1978.

²⁹¹ Idem, p.225.

²⁹² SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

de subalternos possam também falar, assim como ser ouvidos pelas autoridades ou por aqueles que se encontram na condição de superiores. Raramente citado, seu ensaio merece ser apreciado, pelo que indicia quanto ao conteúdo de análise de obras teóricas, seja como referência indispensável aos estudos literários, seja pela combinação de reflexões no contexto dos estudos culturais. Nessas formulações estabelecidas pela crítica indiana, podemos voltar no tempo, interpretar e verificar que o espaço criado por Mário de Andrade fica aberto e contemplativo com as notícias de caráter social, ou seja, funciona de forma íntegra e conscientizadora como abertura progressiva aos sujeitos subalternos. Esse espaço daria uma possível abertura, enfocando leitores que pudessem observar realisticamente tudo aquilo que estava acontecendo nas cidades visitadas pelo escritor paulista. A ressalva do outro espaço criado por Mário seria a tentativa de diálogo com as autoridades da época, permitindo maior flexibilidade por parte dos proprietários, tendo em vista que suas empresas também dependiam de trabalho mais digno e mais organizado de seus trabalhadores. “O que sei é que por enquanto tudo está errado e ao proletário rural não beneficiaram quase nada as medidas existente que o Governo Federal tomou”,²⁹³ escreveu Mário, em crônica do dia 21 de janeiro na cidade de Caicó denunciando os descasos das autoridades. Voltando ao referido espaço, o resultado dele seria uma via de mão dupla para ambos os lados: ganha o dono e ganha o proletário. As tensões provocadas por tais impasses podem ser notadas ao longo de diversos escritos que adiante investigaremos e interpretaremos em maior profundidade. Em suma, tudo isso funciona como uma análise prolífica: ora precisa favorecer os donos do capital, ora os subalternos.

Sobre as considerações anteriores a respeito da representação do intelectual na luta de classes sociais, podemos demonstrar que não se trata de especular quem vence ou quem é vencido durante essa árdua batalha, embora imaginar os episódios e acontecimentos agindo assim e nessas circunstâncias seria apenas uma forma fácil e acomodada de romanticamente encobrir os episódios. De fato, o objetivo de Mário não era deixar passar nada em branco, tampouco fazer apologia ou trabalhar com efeitos demagógicos. Para o escritor paulista, a burguesia poderia vencer ou ser vencida nessa luta, e ela mesmo assim continuaria sucumbindo a suas contradições internas, que no curso dos acontecimentos se tornariam mortais. Podemos deduzir que Mário era relativamente a favor de uma sociedade mais democrática, em que as

²⁹³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.299.

amarras e os preconceitos de classe fossem afastados para a construção de uma nação melhor e modificada. “Uma admiração que me irrita. Um coração penando, rapazes, um coração penando de amor doloroso. Não estou fazendo literatura não. Eu tenho a coragem de confessar que gosto de literatura”,²⁹⁴ escreveu Mário, entristecido com as condições locais, mas ao mesmo tempo corajoso para direcionar suas principais vontades e metas. Enfim, esse movimento de combate exercido pelo escritor paulista é experimentando ao longo de outras considerações, que seguem adiante.

O direcionamento e o balizamento da solidariedade humanística, aliás, é sempre pertinente a uma prática de escrita da obra do escritor paulista, que mediatiza e pormenoriza valores e questões positivas e sonhadoras na aproximação do homem com seu respectivo universo. Com efeito, isso viabiliza o desenvolvimento do aspecto sociológico e alimenta sentenças fraternas para todo conjunto de práticas utópicas e progressistas. Na realidade, Mário sempre objetivou esse estilo solidário e humanista, no aspecto de uma arte mais democrática, presente em seu meio. O que o escritor modernista não alcançou na prática de seus escritos fê-lo a sua maneira e até onde podia chegar e realizar, dentro de suas possibilidades. Exemplo dessa notória prática democrática é quando o escritor paulista respondeu com palavras objetivas ao questionamento de Haroldo Mauro, em jornal do dia 05 de maio de 1935, na cidade do Rio de Janeiro: “Mesmo dentro da própria arte é preciso a gente socializar. A arte é social. A obra do artista não tem preço, não se vende, é patrimônio comum. A remuneração, recebe-a o homem, mas não o artista”.²⁹⁵ Ao que tudo indica, a tessitura literária do escritor paulista se faz singular e autônoma para cada assíduo leitor, tanto pelos signos que já estão embasados como pela correlação na atitude da interpretação daquilo que deseja alcançar.

Esforcemo-nos para compreender que Mário, mediante essa propositura de trabalho do proletário em suas crônicas da segunda viagem, observava tudo, delineando por poderosas contradições, como se fosse um “mal cancerígeno”. Foi escapando de seu alcance intelectual tudo aquilo de egoísta que envolve as relações entre o próprio capitalismo, e isso tudo remava, sem sacralizar a imagem de Mário, contra suas virtudes fraternas. “Isso impecilha o desenvolvimento da indústria diminuindo imaginem de quanto a produção e o emprego de

²⁹⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.301

²⁹⁵ ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T&A Queiroz Editor, 1983. p.49.

capitais no estado!”²⁹⁶ escreveu o escritor paulista, em forma de desabafo e angustiado por não encontrar solução mais conveniente para o paradoxo examinado em uma de suas visitas à usina Pereira Carneiro. O contínuo processo de pauperização desse proletário incomodava profundamente suas raízes solidárias e cobertas de humanismo. Sobre isso, salienta de forma sintomática Maurice Blanchot: “El intelectual está siempre en contra de algo, defiende una causa, pero la defiende siempre de algo y contra algo”.²⁹⁷ Percebemos que o pensamento de Blanchot, segundo sua erudita definição do intelectual, complementa aquilo que Mário sempre buscou enfatizar durante suas lutas para se defender de algum problema detectado ou para defender o problema do outro. Portanto, talvez seja por esse motivo que Mário sempre lutou arduamente contra tudo que observava de injusto, praticado na sociedade de sua época.

Nesta obra imatura, *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917),²⁹⁸ o escritor paulista deposita sua fé espiritual em relação à temática polêmica da I Guerra Mundial como fator de solidariedade com pessoas mortas, assim como com aquelas que estavam em combate. Embora o escritor modernista não faça referências diretas, percebemos nas entrelinhas que o discurso poético visa a causar inquietações nos leitores mais preparados. Por outro lado, segundo Ancona Lopez, muitos escritos franceses ajudaram o escritor paulista a ecoar os versos dessa obra ainda imatura.²⁹⁹ Com apenas 23 anos, na época, a leitura acurada desses escritos fortaleceu em Mário uma visão solidária e humanística, para enfrentar as situações históricas condizentes com o tema da guerra. Por essa via, é possível verificar um escritor abalado pelo contexto mundial e, acima de tudo, determinado a qualificar seus escritos perante uma sociedade mais justa e fraterna. Não obstante, a tessitura textual impregnada de substância social e popular fez dele um homem autodidata na economia e no universo empresarial do Norte e do Nordeste brasileiro, como reforça Ancona Lopez:

Viajando pelo Nordeste, nosso cronista nos comunica que ainda há um Brasil por descobrir e valorizar, para ser entendido enquanto vida e

²⁹⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.289.

²⁹⁷ BLANCHOT, Maurice. *Los intelectuales en cuestión*. Espanha: Tecnos, 2001. p.32.

²⁹⁸ ANDRADE, Mário de. *Há uma gota de sangue em cada poema*. In: *Obra imatura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

²⁹⁹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.25.

cultura do povo. Essa dimensão, a **da pesquisa etnográfica e a do enfoque sociológico** revelará as danças dramáticas, o catimbó e procurará analisar as condições de vida da região, numa perspectiva nova que deseja abandonar a caracterização do regional através do exótico e do pitoresco, **porque estará preocupada com as relações de produção e com as classes sociais.**³⁰⁰

No trecho transcrito, podemos notar forte preocupação da crítica Ancona Lopez com apontar possíveis direções que surgiriam quando o escritor paulista mesclava a etnografia com o viés sociológico. Ora, o resultado dessa notória preocupação é possível se diagnosticar de variadas formas e meios, através de uma leitura atenta, no terceiro capítulo. Cabe ressaltar que a estudiosa Ancona Lopez aponta outra conotação para a palavra “sociológico”, aquela empreendida pela capacidade de observar as mudanças sociais e registrá-las sem dogmas, numa condição de novo e original. Perfaz, dessa forma, um olhar mais acalentador para todo o manancial que Mário explorou posteriormente. A partir dessa direção, surgiu a descoberta de outros campos de pesquisa, assim como outros dizeres e possíveis elucubrações desejadas, ou seja, foi quando o escritor paulista começou a ter consciência mais próxima do povo e consequentemente da nação brasileira. Assim, é possível verificar nessa altura também a junção do pitoresco-exótico com as relações de produção daquela época.

Por outro lado, Ancona Lopez utiliza a expressão “fraternidade unanimista”³⁰¹ para designar a aproximação de Mário com os aspectos unanimistas e de uma sociedade mais solidária.³⁰² Lopez reforça que o escritor paulista embeveceu seu discurso poético humanista sob as concepções de Jules Romain, e frisa que o escritor paulista, no início de sua carreira (1917), já demonstrava “[...] o peso da adesão real e

³⁰⁰ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.41. Grifos nossos.

³⁰¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.25.

³⁰² Ancona Lopez (1972, p.22) frisa que: “Filiados a Whitman, Verhaeren e em última análise a Victor Hugo, os unanimistas procuravam conseguir a união da humanidade através do eu coletivo do poeta, comprometido com uma reformulação. Jules Romain assim como seus amigos de L’Abbaye fazem da poesia uma realidade vivencial voltada para a comunicação entre os homens, vistos em sua problemática essencial e existencial, sem implicações de ordem econômica. Romain, Duhamel, Vildrac, Arcos, experimentaram objetivamente a vivência da fraternidade, sentem-se próximos ao homem-comum e não desprezam o lirismo popular”.

inabalável doutrina católica”.³⁰³ A pesquisadora acredita que, ao confeccionar a obra *Há uma gota de sangue...*,³⁰⁴ Mário já possuía forte tendência humanista: “[...] o poeta era o pacifista que procurava entender o mundo e a humanidade, como uma espécie de socialista utópico”.³⁰⁵ Baseada nas leituras de autores como Victor Hugo, Verhaeren, Romain, a estudiosa Ancona Lopez afirma que Mário embebeceu e alimentou seus discursos numa possível fé cristã voltada a compreender os anseios do povo e da nação brasileira. Em outras palavras, Mário adquiriu a “profissão de fé” dos escritores franceses e se tornou mais solidário em seus ideais e pensamento. Podemos calcular que, talvez, essa seja uma das principais influências artísticas e literárias que o escritor paulista conjugava a seu favor, tendo em vista sua forte aproximação do povo e sentimento ao alheio, por aquilo que observava. Em carta trocada com Alceu Amoroso Lima, Mário diz: “Eu acredito certamente em Deus, sei que isso é incontestável dentro de mim. Uma crença primária, ingênua, bruta, inviolável, permanente, não carecendo de provas intelectuais, sinto Deus”.³⁰⁶ O escritor Mário acendeu sua chama apostólica para sua fé cristã. Possivelmente, ao embevecer toda essa capacidade sentimentalista, Mário consagrou com bastante vigor suas percepções humanas e fraternas. Em suma, toda essa leitura e bagagem fortaleceram seus escritos, para continuarem perpetuando seus aspectos pacifistas inspirados nos ideais cristãos da formação francesa.

É curioso e instigante saber que Mário, durante essa época, já estava amarrado às tendências cristãs e doutrinárias humanistas, inclinado a muito daquilo que fortaleceria seu olhar para o sujeito subalterno e mantendo uma postura mais humanitária. Mesmo assim, Ancona Lopez aponta que o escritor paulista se força a utilizar a palavra “cristianismo” em vez de igreja. A estudiosa também diz que Mário utiliza a palavra cristianismo com “c” minúsculo, buscando evidenciar maior preocupação com a “[...] simplicidade, numa tentativa de ser racional e objetivo, reduzindo a conotação tradicional da letra

³⁰³ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.25.

³⁰⁴ Ancona Lopez (1972, p.27) esmiúça os escritores unanimistas franceses e encontra várias associações de linguagem que ecoam fortemente a composição da obra publicada em 1917, *Há uma gota de sangue em cada poema*. Exemplo bem nítido é: “Outro elemento antibélico a ser considerado em *Há uma gota de sangue...* é a denúncia da inutilidade do sacrifício do soldado, também oriunda de L avie unanime”.

³⁰⁵ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.22.

³⁰⁶ MORAES, Marcos Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2005. p.594.

maiúscula, talvez com a intenção de mostrar a doutrina cristã bem próxima do cotidiano do homem”.³⁰⁷ Assim, até nesses momentos de escrita, como postula a estudiosa, o escritor Mário de Andrade queria atingir o próximo em sua busca pelo alheio e divulgar a religião cristã como acesso a um universo mais humano e mais fraterno. Em suma, é possível notar evidências através desses fragmentos e outros, que virão adiante e descortinam que Mário tinha real interesse de compartilhar o conteúdo cristão com seu leitor, assim como de continuar comungando suas atitudes religiosas com sua arte.

Na verdade, Mário viveu seu próprio drama nessas pequenas cidades do Nordeste brasileiro, durante a escrita de suas crônicas, encarando as desgraças e a falta de estrutura básica aos anseios de seus semelhantes. Aquilo tudo que estava a seu redor lhe causava estranhamento, e ele precisava saber lidar com tudo. Homem de grande inteligência, o escritor paulista vivenciou os locais que guardavam as marcas das contradições miseráveis, através da fixação do culto da solidariedade e do carinho a esses homens carentes. Ancona Lopez ainda reforça que o caráter humanista de Mário estava também ligado na confecção da obra *Pauliceia desvairada*, em que o autor absorveu as leituras das obras de Claudel, Jammes e Duhamel.³⁰⁸ O maior problema é que provavelmente jamais saberemos o alcance das anotações realizadas em seus cadernos, assim, podemos apenas postulá-lo, dentro dos limites hipotéticos possíveis. Seu olhar perscrutador teve capacidade de colocar em xeque as contradições que observava e divulgá-las para seus pares e autoridades. Em suma, ao mesclar o potencial humanístico com sua inteligência, o escritor paulista expandiu ainda mais suas fronteiras para a empatia com o próximo:

É realmente a partir de 1934 que Mário de Andrade começa a separar de sua fé católica soluções sociais e abordagens de caráter marxista. Apesar de seu distanciamento do catolicismo praticante e de suas críticas à Igreja, continua procurando um caminho capaz de resolver suas contradições internas, de apaziguar seus conflitos.³⁰⁹

³⁰⁷ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.33.

³⁰⁸ Idem, p.41.

³⁰⁹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.66.

Podemos verificar que o ano relatado por Ancona Lopez é adiantado em relação ao período em que Mário escreveu os diários de viagens na obra *O turista aprendiz*. No entanto, isso não nos impede de abstrair e notificar a fé e o caráter humanista e católico do escritor paulista, imbricados nas variadas análises sociais realizadas na visita a cidades no Norte e no Nordeste brasileiro. Aliás, apenas quatro anos de adiantamento não modificaria muito seu permanente e pronto manancial humanista, dadas as missões que estava prestes a assumir e representar, nessa mesma década. Ancona Lopez ainda enfatiza que, mesmo Mário sendo católico distanciado e praticante, não deixou de lado sua fé e suas leituras cristãs, para resolver e diagnosticar seus maiores problemas internos e externos. “Era muito curioso estudar as maneiras com que a religião católica se misturou a essas manifestações. Eu não posso porque não sei bem do assunto”,³¹⁰ registrou o escritor paulista, tentando compreender a fusão da religião católica com outras daquela localidade. Em suma, o escritor paulista teve a real consciência das dimensões do catolicismo e do julgamento cristão que realizou em suas análises sociais e artísticas.

Não devemos nos furtar a que o escritor paulista sempre foi fraterno e justo com aqueles que observaram seu carinho e disposição. Não foi à toa que, naquele mesmo período, ele desabafou com vários pares e intelectuais, através de sua vasta correspondência, mesmo durante as crônicas de viagens aqui analisadas. Exemplos? Em carta para seu fiel amigo Carlos Drummond de Andrade, Mário escreveu: “É natural pois que os motivos de inspiração nasçam do que toma todo o meu motivo de viver. Daí o lado intelectual, pregação, demonstração da minha pseudo-arte. Arte que se o for tem sempre um interesse prático imediato que nunca abandonou”.³¹¹ Nesse fragmento, não é necessária tanta argúcia para notarmos a presença do homem que desejava aconselhar todos seus amigos a de fato praticar atos solidários e fraternos, além disso, Mário novamente disserta sobre aquela arte interessada que sempre defendeu. Dentro dessa ancoragem, Mário enxergava esse seu potencial orientador e de anjo da guarda, quando tinha de sugerir algo e aconselhar a seus discípulos tudo aquilo que pudesse melhorar a vida espiritual dos outros. Possivelmente, o escritor Mário adquiriu essa “fraternidade unanimista”³¹² de alma e espírito,

³¹⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.248.

³¹¹ ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Record, 1988. p.40.

³¹² LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.25.

tendo em vista que, em sua infância, teve fortes aproximações com a igreja e sua família.³¹³ Daí vem a facilidade de manejar assuntos fraternos e carismáticos que abrangem boa parte de seus temas em relação aos fracos e oprimidos. Mário de Andrade desenvolveu em vida uma espécie de causa notória a favor do magistério humanístico, que ele pregava através de suas obras artísticas e cartas.

Ancona Lopez, ao examinar o artigo³¹⁴ *A divina preguiça*, afirma que o escritor paulista passou a valorizar ainda mais a doutrina cristã diante de tanta complexidade que estava ao se redor, e ela explora esse tema. Lopez defende a ideia de que Mário utiliza o vocábulo ‘cristianismo’ com letra inicial minúscula, para aproximar a doutrina cristã do cotidiano do homem. Ao defender essa hipótese, a estudiosa acredita que Mário também transpôs nessa época uma busca pela valorização da alma do indivíduo. Não é à toa que isso tudo acabou ocorrendo em diversas situações na própria obra *O turista aprendiz*. Em crônica do dia 24 de julho, ainda na primeira viagem, Mário foi surpreendido por um cidadão que não sabia ler, e o escritor, na intenção de ajudá-lo, acaba não ajudando da forma que o pedinte desejava. “Não tive coragem de dar os níqueis de consolo. Fui pra bordo com o coração cortado. Só depois que o vaticano partiu é que lembrei que devia ter dado os níqueis. Pois se eram de consolo!”³¹⁵ Nesse excerto, notamos a tônica da preocupação do escritor modernista com uma inusitada situação de seu cotidiano. Se Mário de Andrade, em uma situação tão simples como essa, apresenta postura humana e fraterna, podemos premeditar que dificilmente ele negaria ajuda ao próximo, tampouco ignoraria aqueles proletários das cidades e indústrias visitadas. Em suma, seu perfil de caráter anterior ajuda a assimilar essa personalidade incomum e fraterna perante as dificuldades da vida dos outros.

Na realidade, Mário de Andrade é um exemplo típico do intelectual latino-americano influenciado pelas leituras humanistas do primeiro quartel do século XX. Voltando um pouco ao passado, nos

³¹³ Segundo o crítico Antônio Marcos Moraes (1995, p.28) “Mário freqüenta, em 1910, só o primeiro ano da Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, vinculada à Universidade de Louvain, funcionando no Mosteiro de São Bento. Lá descobre, guiado pelas conferências de Mosenhor Sentroul, um caminho possível para os próprios pensadores: Verhaeren, Claudel, Gustave Kahn, Francis James, Bérghson, Duhamel, os unanimistas e os poetas da Abadia”. Prefácio. In: *Mário e o Pirotecnico Aprendiz. Cartas de Mário de Andrade a Murilo Rubião*. Editora UFMG, 1995.

³¹⁴ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Op.cit., p.33.

³¹⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.168.

escritos da obra *O turista aprendiz*, encontramos o resultado desse carisma fraterno e apostólico de que Mário foi lapidado, provavelmente, no Colégio dos Irmãos Maristas, na cidade de São Paulo, na qual realizou boa parte de seus estudos primários e secundários. Na realidade, para escavar suas origens religiosas e seu *background* carismático, teríamos de remontar uma possível devoção grande ao catolicismo e humanismo. Seus primeiros trabalhos e sua dedicação de homem de letras e espírito voltado a sua aproximação do povo sempre tiveram espaço em sua vida de intelectual voltado a representar com fé as problemáticas populares, ou seja, suas faculdades eruditas estavam voltadas à purificação de seu espírito e do bem-estar da humanidade. Portanto, o vocábulo humanismo teve fortes conotações durante sua trajetória literária. Sem desejar atingir um grandioso carisma, não foi à toa que Mário tinha solidariedade e fraternidade até mesmo com os animais que observava sendo maltratados ou sacrificados.

Em crônica datada do dia 01 de junho, na obra *O turista aprendiz*, Mário observa o sacrifício dos animais bovinos em pleno território amazônico e, ao mesmo tempo, se mantém solidário em relação a essa situação complexa. Tarefa ao qual o escritor paulista precisava manter sua postura caridosa. Isso é notoriamente demonstrado através da frase: “Que coisa desumana!”³¹⁶ Mário fica aterrorizado ao observar aquele episódio tão cruel e simbólico, tendo em vista as fortes tradições que, para um sujeito da cidade grande, poderiam ser muito exóticas e excêntricas. Delineia-se assim um homem voltado ao culto à espiritualidade e fraternidade para com o próximo. Talvez seja esse o motivo principal de tentarmos dissociar o Mário carismático do Mário objetivo e pragmático. Em suma, daí em diante, sua graça divina em relação aos oprimidos sempre foi o “carro chefe” de sua acurada obra artística. Por fim, humanismo, solidariedade e carisma completam a conjuntura vocabular humanística que perpetuou em seus afazeres de intelectual comprometido com a nação e com a sociedade que buscava representar naquela época.

Outro episódio convincente em relação ao estilo de fraternidade e humanismo de Mário de Andrade ocorreu durante suas visitas na cidade do Rio de Janeiro, e ainda faz parte de sua primeira viagem, contida na obra *O turista aprendiz*. Primeiramente, o escritor paulista chegou à capital fluminense encantando com a beleza e as paisagens exóticas surpreendentes, após isso, verificou toda aquela intensidade de situações inusitadas que para ele eram exóticas e excêntricas. “A natureza sim é

³¹⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.75.

maravilhosa, eu sei, mas a cidade, a urbanidade, o trabalho do homem, o sofrimento e a glória do homem, é uma coisa detestável”,³¹⁷ asseverou ele em relação aos fatos que permeiam a mente capitalista das pessoas. Embora o escritor paulista ressalte as belezas naturais da Cidade Maravilhosa, também percebeu o sofrimento alheio como maléfico ao crescimento e à expansão da própria liberdade do indivíduo. Por outro lado, Mário também verificou o lado cruel e marginalizado daqueles que estavam menos afastados da civilização.

Do mesmo modo, Mário nunca deixou de salientar a fraternidade dos indivíduos, e acreditava que a humanidade poderia dar conta de suas atitudes solidárias, ou seja, colocava à prova que todos os humanos possuem um lado mais acolhedor e religioso. Como comenta seu crítico Mário da Silva Brito: “A oração de Mário de Andrade é de juvenil entusiasmo, reflete o espírito aliadófilo nacional, emocionalmente exacerbado pelo afundamento recente de navios brasileiros pelos alemães”.³¹⁸ Brito deseja mostrar sobre a inspiração da obra *Há uma gota de sangue em cada poema...* que Mário de Andrade valorizava a alma daqueles que sacrificavam suas vidas em torno de uma causa nacional. Apesar do cunho densamente metafórico da citação, podemos compreender que a fé de Mário era capaz de enfrentar todos os problemas de forma otimista e satisfatória. Ressaltamos que, para Mário de Andrade, não há tal coisa como instinto ou impulso que parte do interior humano e ora assimila as benfeitorias dos outros, ora as transforma para o bem-estar de todos. Há prova disso na obra *O turista aprendiz*. Basta verificarmos as inúmeras chateações e seu remorso na matança dos animais, como é o caso do boi comentando acima.

Dentro dessa bagagem humanística, Mário chegou a estimular seu interesse por outras religiões, principalmente durante sua estada no Norte e Nordeste, mas sempre salientava a oportunidade de estudá-las e pesquisá-las a fundo. Sua curiosidade sobre as religiões estava voltada para a descrição dos modos, das maneiras e da plena vontade voluntária de compreender tais singularidades. Ora, não foi à toa que o escritor paulista participou das danças nos terreiros, das feitiçarias impregnadas nos povos e lidou com diversos tipos de pessoas filiadas a outras religiões e seitas. “Hoje, última sexta-feira do ano, apesar do dia ser par, era muito propício pra coisas de feitiçaria. Por isso aproveitei pra ‘fechar

³¹⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.51.

³¹⁸ BRITO, da Silva Mário. A revolução modernista. In: *A literatura no Brasil*, São Paulo: 1996. p.06.

o corpo' no catimbó de dona Platina [...]”,³¹⁹ escreveu Mário em crônica do dia 28 de dezembro na cidade de Natal em tom de euforia e novidade, para com aquela situação diferenciada e curiosa. Cabe lembrar que por influência desse episódio, Mário possivelmente aproveitara para formular o capítulo “Macumba” na obra *Macunaíma*. Apesar de sua formação católica, Mário não negligenciou outras visões religiosas. Diante desse contexto, o escritor paulista adotou uma maneira peculiar de fotografar tais fenômenos com seu olhar *in loco*, para total compreensão. Poderíamos dizer, sem medo de cometer um equívoco, que Mário se sentia melhor praticando e estudando as religiões no próprio espaço e ambiente no qual estava envolvido, por isso o escritor paulista participou de diversas danças e cultos por sua conta e viu tudo com seus olhos.

Em última análise, salientamos que não é nosso desejo, com essas breves considerações, mistificar ou desmistificar a imagem de Mário de Andrade de líder modernista ou revolucionário para a época em que viveu. Por isso, não buscamos apenas na iconografia de sua vasta obra a base para explorá-lo em sua trajetória ou conduta, mas, sobretudo, explorar seu lado humano, fraterno e solidário, voltado a questões sociais pertinentes a seu tempo e sua história. Essas características e facetas são importantes para compreender sua motivação nas “contribuições sociais” que deixou, em maior grau, na segunda viagem que realizou. Homem, por si só, gracioso e sentimental com aqueles que estavam a seu redor, capaz de sentir na pele as dificuldades do sujeito alheio e humanista por formação e carteirinha, Mário evidenciou sua vontade de agradar a todos aqueles que compartilharam sua missão de fé como homem de cultura. Mário buscou poupar energia para possivelmente ensejar uma reconciliação ou agrado com seus desafetos, inimigos e rivais, que estavam a seu redor. Por isso, voltamos a repetir que valorizamos aqui seu profundo âmago, buscando não cair em exageros ou epifanias mal elaboradas. Enfim, dadas as linhas já redigidas e postas essas considerações acerca da personalidade humanista do escritor paulista, deteremo-nos, no próximo capítulo, a examinar as minúcias das crônicas da obra *O turista aprendiz*, sob a luz dos teóricos já mencionados na Introdução.

³¹⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.250.

4 POR QUE UMA PREOCUPAÇÃO MARXISTA NA OBRA *O TURISTA APRENDIZ*?

4.1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

Mas com a borracha, o açúcar e o café e a carne nós podemos alargar, engrandecer a economia humana.³²⁰

Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem-do-povo.³²¹

A Mário não atraiu um conhecimento sobre o povo, e sim o conhecimento do povo.³²²

No capítulo anterior, verificamos alguns aspectos das facetas intelectuais de Mário de Andrade. Também observamos como as vanguardas europeias trouxeram outras maneiras de enxergar seu objeto artístico-literário. Verificamos, ainda, como seus escritos se encaixam em um plano artístico-literário e latino-americano e como seus discursos sociais foram indispensáveis para uma análise mais profunda e acurada dessas nações. Assim sendo, fomentamos, ao longo desse capítulo precedente, uma especulação progressista sobre a formação do caráter e da personalidade de Mário, através das principais facetas intelectuais que ajudaram a concluir seu perfil de artista polígrafo. Atuamos, sobretudo, seguindo o raciocínio problematizador do jogo da erudição arquitetado pelo escritor paulista durante sua vida e também na obra *O turista aprendiz*. Obviamente, para obter uma síntese do tema, realizamos algumas interpretações dos aspectos mais relevantes de sua personalidade e de seu caráter. Apesar disso, não esgotamos as questões tratadas, tampouco a submissão dessas indagações aos imprevistos que surgiram, tendo em vista um tema tão amplo e polêmico.

Ao estruturar *O turista aprendiz* como retrato geral da América Latina, Região Norte e Nordeste da nação brasileira como categoria de diário de viagens, diferentemente de boa parte da temática de seus livros

³²⁰ INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968. p.341.

³²¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.

³²² LOPEZ, Telê Porto Ancona. Fotobiografias de Mário de Andrade. In: *A imagem de Mário*. São Paulo: Edições Alumbamento, 1998. p.15.

anteriores, Mário de Andrade coloca no cerne de suas questões a problemática das viagens como acesso à cultura local primária e à sociologia trabalhista, partindo do pressuposto de que uma viagem cultural lhe daria enormes oportunidades de conhecer a realidade social e econômica local. Sobre a base narrativa desses diários, defendemos que eles se enquadram na especificidade da crônica de viagens, como comentado, enquanto gênero de uma literatura que permeia o universo real e ficcional. Ora, a interação do Mário narrador com a realidade narrada faz parte dos procedimentos de construção da paisagem da obra *O turista aprendiz*, ou seja, Mário absorve a linguagem referencial e a mescla com aspectos romancados e poéticos.³²³ Ele faz “[...] a fixação do real e do verídico a ponto de permitir que a subjetividade possa dissolver o dado na impressão, ou valorizá-lo no discurso poético”.³²⁴ Dentro desses variados diários de viagem, são encenados particulares atos de fala do escritor paulista e de seus principais protagonistas, que ele encontra no caminho, inserindo materiais populares e tradicionais, fundindo dessa maneira o real e o ficcional ao poético artístico. Em suma, juntando o diário de viagens com o gênero crônica chegaríamos a uma fórmula bastante pessoal de fazer literatura.

A problematização deste capítulo busca uma aproximação com os dizeres desses conceitos, para fins de elucidação do material das crônicas que aqui analisamos. O título precedente deste capítulo resume o questionamento que foi arquitetado por Mário de Andrade, ao longo de suas visitas, ou seja, um olhar econômico e uma necessidade de “dar conta” da grandiosa missão de sua preocupação marxista. Basicamente, realizaremos uma leitura entre obra e contexto e glosaremos com nossas interpretações, problematizando nossas discussões, com a finalidade de refletir sobre as contribuições sociológicas do escritor Mário de Andrade. Sendo uma opção nossa, o texto pretende ser mais analítico-estruturante e menos bibliográfico. A chave de leitura deste capítulo está em movimentar a dissertação pelo eixo da categoria da aproximação do intelectual com o social, mantendo um jogo dialético, como dito na introdução. Especificamente, traçaremos as “contribuições sociais” de Mário para a nação brasileira e para a vida desses pobres operários das regiões que ele visitou durante suas andanças.

³²³ O próprio escritor paulista (ANDRADE, 1976, p.51) evidencia isso nas etapas iniciais de sua viagem quando diz “Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também”.

³²⁴ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária, 1972. p.40.

A estudiosa Ancona Lopes sempre frisou e enfatizou, em seus ensaios e textos, que a obra *O turista aprendiz* é “uma preocupação social”, no entanto, por alusão a nossa finalidade e metodologia, cabe citar a seguinte reflexão de Antonio Candido: “Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência”.³²⁵ Assim, se fôssemos a fundo na concepção de Candido em relação à crítica utilizada por determinados pesquisadores, certamente, nos alongaríamos em diversas outras etapas de reflexões e considerações. Em outras palavras, Candido amplia a livre escolha do crítico literário e, ainda por cima, concretiza o arsenal missionário daquele crítico comprometido com seu objeto de estudo. Nosso elemento crítico de preferência para analisar esses fragmentos extraídos e esboçados aqui seria o manancial sociológico.³²⁶ Então, vejamos como ocorrem essas aproximações sociais nos fragmentos analisados adiante.

4.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS CRÔNICAS DA OBRA *O TURISTA APRENDIZ*

Postulamos que as crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz* podem ser lidas como um grande ensaio sobre a problemática trabalhista entre patrão e proletário, no Nordeste da primeira metade do século XX do Brasil contemporâneo, e documentam, ao olhar *in loco* do escritor paulista, as distintas passagens que ele visitou de cidade em cidade. Cabe lembrar que nossa intenção não é fazer um profundo mapeamento histórico ou arqueológico textual sobre o assunto, mas rastrear os possíveis liames produtivos do perfil aproximativo de Mário para com o povo. Ora, esse olhar foi posteriormente trabalhado e questionado em forma de representação literária, pelos escritores da década de 1930.³²⁷ O crítico e também o leitor mais atentos podem notar

³²⁵ CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T&A Queiroz, 2000. p.07.

³²⁶ O crítico Terry Eagleton (1978, p.15) reforça a ideia de que: “A crítica marxista não é uma simples sociologia da literatura que se preocupe com saber como se publicam romances e se estes mencionam ou não a classe operária. O seu objetivo é uma explicação mais cabal da obra literária, o que implica uma atenção inteligente às formas, estilos e sentidos como produtos de uma história determinada”.

³²⁷ Segundo o crítico Antônio Candido (1989, p.204): “A partir de 1930 houve uma ampliação e consolidação do romance, que apareceu pela primeira vez como bloco

vários paralelos evidentes nas obras *Vidas secas*,³²⁸ de Graciliano Ramos, e *A bagaceira*,³²⁹ de José Américo de Almeida. Ainda, é possível direcionar nosso olhar para *O quinze*,³³⁰ de Raquel de Queiroz, especificamente, no que tange às migrações internas. A safra de romances sociais já antecipava uma tendência natural na direção da humanização dos indivíduos, a partir da quebra da opressão, das migrações internas, do achatamento dos homens, enfim, uma série de características comuns e paradoxais. As contradições apontadas por Mário e posteriormente por esses escritores seriam as mesmas: a exploração do homem pelo homem era o paradoxo concentrado na região Nordeste do Brasil, não foi inventada ou criada nas linhas de outras obras literárias, mas reinventada e recriada, segundo as normas da arte literária, que ousava representar os grandes paradoxos da nação. Portanto, os direcionamentos dessas obras literárias são quase distintos, mas os olhares sempre buscam remeter ou colocar em xeque as incipientes transformações da indústria e da precoce vontade de trabalhar daqueles que não tinham escapatória, para uma vida melhor e mais digna.

No decorrer desses fragmentos das principais crônicas de viagens, recheados de episódios do folclore e da representação da vida desse povo, Mário criou um grande mosaico, com inúmeros tipos e estereótipos da sociedade do Nordeste brasileiro, que deixou inúmeras passagens de idas e vindas entre homens e mulheres. Fisionomia quase arquetípica da população dessa região: “O indivíduo, 99 por cento das feitas, é baixote e bem encordado. Cor de fumo, acharutada, cabelo liso, frequentemente sarará, não raro dentes bons,”³³¹ descreve Mário, no dia 01 de janeiro de 1929, buscando retratar os tipos fisionômicos característicos da cidade de Natal. O único problema é que esses

central de uma fase em nossa literatura, marcando uma visão diferente da sua função e natureza. A radicalização posterior à revolução daquele ano favoreceu a divulgação das conquistas da vanguarda artística e literária dos anos 20. Radicalização do gosto e também das ideias políticas; divulgação do marxismo; aparecimento do fascismo; renascimento católico. O fato mais saliente foi a voga do chamado ‘romance do Nordeste’, que transformou o regionalismo ao extirpar a visão paternalista e exótica, para lhe substituir uma posição crítica frequentemente agressiva, não raro assumindo o ângulo do espoliado, ao mesmo tempo em que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações”.

³²⁸ RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Record, 2003.

³²⁹ ALMEIDA, José Américo. *A bagaceira*. São Paulo: Record, 2004.

³³⁰ QUEIROZ, Raquel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

³³¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.259.

variados tipos representados desaparecem quase subitamente, aparentando apenas aquele o frívolo da maneira frenética e tão acostumada a mostrar de forma apressada, como o jornalismo exigia naquela época. Devemos lembrar, como já mencionado, que são crônicas publicadas no diário Nacional de São Paulo, ou seja, uma arte sujeita aos imprevistos do imperfeito e do grau proposital da rapidez das notícias e dos respectivos escritos. Por esse motivo, sem generalizações, variadas pessoas apenas compõem determinado fato ou episódio, mesmo o protagonista não dura muito tempo na pena do escritor modernista.

Trabalhadores rurais, músicos, políticos, artistas de rua, biscateiros, folcloristas, autoridades de época, cantadores, transeuntes ociosos e pequenos comerciantes compartilham e habitam quase o mesmo espaço do grande mosaico desenhado por Mário de Andrade, através de suas palavras imagéticas, em pleno Nordeste brasileiro. Ora, toda essa galeria criativa realiza uma interlocução contagiosa, interagindo com Mário, dialogando com suas inquietudes culturais, perfazendo seus interesses referenciais ou ficcionais. Um exemplo notório dessa galeria popular é a personagem referencial Chico Antônio, o cantador de cocos, registrado na segunda parte da obra *O turista aprendiz*, que pode ser lido como uma reelaboração de todos os cantadores do Nordeste, que notadamente são recriadores de estilos de expressão do povo em termos condizentes com aspectos do gosto das tradições daquela região. Com base nesse rico inventário de homens, hábitos e costumes, níveis de personalidade distintos, o escritor paulista passa à montagem de um panorama vivo. Bastava misturar nos tubos de ensaio da realidade vivenciada distintas situações e episódios, para produzir suas representações, tanto na referência como na ficção, de formas que já foram apontadas. Exemplo do lado efêmero desses tipos exóticos está na figura e imagem do cantador de cocos chamado Chico Antonio, que é vangloriado em vários trechos, e depois sai rapidamente, sem nenhum desfecho ou despedida. “O coqueiro Chico Antonio que hei-de celebrar melhor em livro, me aparece, tira uns pares de cocos, arremata a série com o ‘Boi Tungão’ e num improviso de quebrar coração duro, me oferece o ganzá dele,”³³² escreve Mário, no dia 27 de janeiro, no engenho de Cana de Açúcar chamado Bom Jardim em tom de efeito mágico para o aparecimento relâmpago do músico folclorista.

O contexto sócio-histórico travado por Mário nas linhas desses fragmentos (crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz*), que analisaremos em linhas posteriores, é comprovadamente marcado pela

³³² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.306

desumanização, ou seja, pela concepção de Mário ao afastamento do homem, colocando em seu lugar os interesses particulares burgueses e estatais, a serviço, respectivamente, da acumulação de capital e de espaço para implantação de serviços públicos. “Em vez de nomear gente de fora, nomeou nativos, bem integrados na política de cada cidadinha. Assim eles amavam o torrão natal, estavam bem integrados [...]”³³³ assevera Mário, em crônica registrada no dia 03 de julho, indignado com os privilégios destinados à causa pública. A constatação e as consequências disso são amplamente pervertidas, tendo em vista o senso crítico estabelecido nas entrelinhas dos registros de Mário de Andrade. Novamente, tomando de empréstimo as palavras do crítico Antonio Candido: “Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas agindo permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo.”³³⁴ Candido salienta ao conjunto de vozes que Mário estava disposto a direcionar e canalizar em seus escritos uma possível audiência mútua: *escritor e público*. O resultado dessa perversão notória autoriza, a nosso ver, a conclusão de que a tensão entre os nativos e os donos do capital não foi provocada somente pela ganância no conjunto da matéria-prima, e sim por outros fatores relevantes e que, numa simples interpretação, não apareceram rapidamente. Relativamente, podemos afirmar que tais fatores são demonstrados através de evidências ocorridas a partir da ausência do Estado e da vontade frenética de ganho do capital que, a nosso ver, gera uma perversão um tanto caótica de se controlar, brotando daí a necessidade de reação por parte de Mário e de sua própria denúncia. Por outro lado, na medida que o Estado apresenta seu potencial instinto diante de tanto acontecimento ruim, automaticamente esse mesmo potencial passa a apoiar os donos de capital pervertido e vulgarizado, porque se torna instrumento da própria opressão.

Talvez seja esse o principal motivo ou razão pela qual Mário sentiu plena confiança em desenvolver e redigir suas crônicas, mesclando uma linguagem referencial e, ao mesmo tempo, estética e poética. Justifica o próprio escritor paulista em crônica *Advertência* de 1943: “Crônica não é artigo, nem ficção. Dentro da prosa é a libertação da rigidez do gênero”,³³⁵ ou seja, ao colocar a prosa como aspecto

³³³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.134.

³³⁴ CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T&A Editor. 2000, p.25.

³³⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.120.

preponderante do gênero, o escritor modernista condiciona um olhar mais livre das amarras conceituais da própria crônica, perfazendo assim uma maneira menos pragmática de trabalhar com a linguagem. As meditações do escritor paulista são, na realidade, das mais originais reflexões entre os consagrados escritores e intelectuais brasileiros sobre as antinomias da revolução proletária. Seu sismógrafo crítico, ao observar tais contradições entre proletários e patrões, acusa um grau de anomalia muito discrepante, já que isso incomoda sua própria perspectiva social de vida. Em suma, por isso, não é falso dizer que certo viés marxista-sociológico vem a realizar o sistema de Mário, a reinventar profeticamente sua visada democrática, na alma e nas letras, no contexto e na política, que exerceu em seus escritos.

Para a crítica Ancona Lopez,³³⁶ as crônicas da segunda parte da obra *O turista aprendiz* estão cobertas de análises sociológicas e políticas, porém, segundo a estudiosa, o escritor paulista não se aprofundou nas relações capitalistas ou latifundiárias. Outrossim, a estudiosa aborda que, quando Mário de Andrade usa o vocábulo “proletário” para caracterizar os mais pobres e oprimidos, ele acaba não evidenciando a devida amplitude semântica que a situação merecia, assim como não explora o papel do proletário na produção econômica.³³⁷ Para Lopez, Mário apenas utiliza esses chavões, mas não realiza algum aprofundamento ou análise mais articulada sobre tal assunto. Concordamos em parte com o juízo formulado por Lopez, já que ela não verifica as outras crônicas que Mário realmente resgatou, ao sondar as possíveis relações das palavras conceituais e suas terminologias com seu uso, assim como seu real entendimento dentro do contexto no qual estava inserido. Por isso, é interessante calibrar essa questão com outros teóricos e confrontá-los, para saber se as devidas posições estão coerentes. É tarefa interessante para outro momento. Exemplo notório disso fica nítido na passagem da crônica do dia 16 de

³³⁶ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.52.

³³⁷ Ancona Lopez (1972, p.165) situa sua consideração melhor, quando diz: “Os problemas sociais com base econômica, focalizados pela literatura popular que o escritor estudou valem como representação geral de situações vividas pelo povo brasileiro. Nesta representação não há investigações maiores de ordem casual, há apenas a descrição. Mas ela marca o entrosamento do homem ao meio, à região, ainda que de forma bastante primária, inconsciente, e serve de contraponto aos valores de outras estruturas economicamente mais adiantadas que tentam sem impor artificialmente. Descrição não quer dizer crítica em profundidade, mas os germens da crítica na criação literária o povo, como na sua versão a crise 1929”.

dezembro nas imediações da cidade de Natal: “Casinhas de proletários pobres, não tirando a gente do bem estar. É possível viver nelas”,³³⁸ em que Mário intensifica a realidade local. É sabido que vocábulos como “proletário” perdem seu valor semântico à medida que se progride no tempo e no período histórico-sociológico. Portanto, pouco antes de sua morte, em 1945, esse mesmo léxico já teria outra conotação, possivelmente enviesada pelas reformas trabalhista do governo de época.

A escolha desses fragmentos que delinearemos em profundidade adiante é estabelecida em forte aproximação com aquilo que aqui defendemos: *as contribuições sociológicas*, ou seja, uma seleção com certas definições operacionais que condizem com nosso objeto de estudo. Essa justificativa não significa apenas um olhar fechado e isolado, mas sim projetar perspectivas alusivas que também possam elucidar nosso *corpus* de estudo. Tais temáticas clarificam-se, à medida que avançamos em nossa leitura, bem como as devidas interpretações em busca de nosso propósito. Em relação à permanência nessas cidades dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, mesmo quando brevemente Mário consolidou a união afetiva entre o viajante visitante e o anfitrião desejado e curioso, o tempo foi necessário para cumprir à risca tudo aquilo que estava a seu redor, ele montou uma espécie de ampola do tempo, controlada para não haver tantos prolongamentos. Aliás, o tempo destinado a cumprir todas as formalidades e informalidades na prosa e nas visitas de Mário de Andrade às cidades foi fator indispensável para ele conseguir amalgamar todos os fatos e episódios que aconteceram em suas experiências de viagens.

Não devemos nos furtar que é quase impossível compreender, assimilar, interpretar esses fragmentos das crônicas de viagens, mesmo em parte, se não pudermos observar, na totalidade, as reais circunstâncias históricas às quais elas estiveram submetidas. A maior problemática é reconstruir de maneira certa todos esses fatos e acontecimentos, sem o amparo de uma investigação ou o auxílio de um historiador, como mencionamos no primeiro capítulo. Sabemos que é instigante dar conta de toda essa especulação interpretativa, e isso certamente fortaleceria a pesquisa, no entanto, talvez, essa atitude de levantamento histórico seja tarefa para um estudo mais denso, que tomasse outro viés de leitura e outros objetivos pertinentes ao objeto a ser investigado. Trata-se de tarefa um tanto dispendiosa para aquilo defendemos nos objetivos de nosso estudo. Portanto, deixamos, neste

³³⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.233.

momento, nossa provocação e uma possível lacuna para futuros estudos e possíveis trabalhos de pesquisa.

Sem delongas e rodeios, preliminarmente, vejamos como ocorre esse movimento em uma crônica preliminar a toda trajetória que Mário teve a seu destino de turista improvisado e polivalente, turista e intelectual um tanto preocupado com as condições locais de produção da matéria-prima e fonte de renda dos habitantes. Em uma situação inusitada e sem protocolos, nosso escritor paulista desembarcou próximo à cidade de Manaus, na data de 04 de junho, e investigou uma produção local de mel, buscando tecer comentários curiosos a respeito dessa observação. Aproveitou, dessa forma, as condições da viagem para uma visita espontânea e caracterizada por muita ampliação reflexiva e poética. A crônica faz parte de primeira viagem, no entanto, julgamos necessário e oportuno todo esforço de interpretar e trazer à tona essas questões tão polêmicas. Na citação adiante, notamos que a visão de Mário é crítica e, ao mesmo tempo, de insatisfação para com produção local. As sentenças descritas no fragmento são cobertas por um olhar preocupado com as condições da suposta escassez da matéria-prima do mel. Vejamos os detalhes:

Não se reproduz tamanha desgraça no Mel do Apuí por causa da torneirinha do Governo. Se abre a torneirinha, pronto: mel pra enjoar. Até diz-que ultimamente o mel estava já rareando, porque as próprias abelhas deram pra não trabalhar mais. Como não têm força pra abrir torneirinha, ficam na boca dela, salvo seja, esperando que um turista chegue, abra a torneirinha para o mel sair. Assim não há colméia que resista.³³⁹

Nesse passo, o escritor paulista utiliza alguns vocábulos imagéticos, para retrabalhar um tema polêmico ao comportamento do governo na época. Dentro dessa embrenhada reflexão, Mário articula o léxico de forma utilitária a seu labor intelectual, para compor e formular os anseios da produção do mel e de suas utilidades diretas e indiretas. Para Mário, cartografar e expor essa situação de produção partiria de uma vontade interna, despreocupada de agradar. Ora, aqui o escritor paulista trabalha a linguagem como se fosse pensamento especulativo, em plena harmonia com aquilo que observou. Talvez, o vocábulo “mel”, que aparece em quase todas as frases, tenha sido utilizado

³³⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.84.

propositalmente como palavra-chave, espécie de metonímia, de toda uma série de produtos que eram vendidos aos estrangeiros, e nada era designado a abastecer a comunidade. Pensando nesses termos, é possível verificar a prosperidade prolífica do pensamento de Mário, visando a atingir outras categorias de análise ou simplesmente envergando seu pensamento para uma profunda dialética. Em propósito, o mel produzido é apenas servido aos estrangeiros e turistas que visitam a cidade. Enquanto isso, os produtores locais ficam “a ver navios”.

Pouco a pouco, podemos verificar que, ao fato de a produção local servir aos estrangeiros, Mário faz uma crítica com “impressionante atualidade”³⁴⁰ e condizente com as peculiaridades econômicas de nosso mercado interno brasileiro. Isto é, produzimos matéria-prima aos olhos daqueles que chegam de fora, e não valorizamos nosso produto para a venda interna ou o próprio consumo. Mário incorpora a visão de um ambientalista, e parece enxergar nitidamente a secura da matéria-prima, tendo em vista a extração desenfreada. Com efeito, a resistência da colmeia não será eterna, tampouco o mel produzido pelas abelhas. Todo recurso extraído da natureza tem seus dias contados, já que não existe critério de manejo e controle por parte das autoridades ambientalistas. O único empecilho dessa crônica, a nosso ver, é que o fragmento escrito por Mário carece de um pouco de profundidade em relação às reais circunstâncias que cercam a produção dessa matéria-prima. Esse problema já foi apontado por Ancona Lopez em linhas anteriores. Apesar de Mário desdenhar apenas alguns toques gerais de maior envergadura ao senso comum, sem realizar comentários mais motivacionais, após esse episódio, possivelmente o público leitor de época acabou remetendo autoridade para o alcance dos objetivos propostos, e, junto a isso, adquirir votos de penetração nos problemas do coletivo. Vejamos, na concepção de Antonio Candido, como ocorre o reconhecimento da sociedade em relação ao escritor:

À medida que a coletividade vai reconhecendo no criador uma personalidade bem definida, com o direito de se exprimir sem referência bem definida, com o direito de se exprimir sem referência necessária às solicitações do meio, a sociologia vai ficando cada vez menos apta a interpretar a função total das obras. O artista enquanto individualidade criadora lhe escapa em

³⁴⁰ LOPEZ, Telê Porto Ancona. Diário de Bordo. In: ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.42.

grande parte, para se tornar objeto da psicologia literária e artística.³⁴¹

Candido esclarece que os anseios coletivos têm acompanhamento de maneira gradativa, motivando o potencial do escritor, angariando confiança e determinação para suas futuras jornadas intelectuais. A palavra “escritor” utilizada por Candido não seria aquela necessariamente conjugada por seu referencial, mas serve como intuito para que possamos identificar em Mário um viés social condizente com os dizeres do crítico. Ao angariar confiança, o escritor paulista perfez seus escritos em busca de sua força individual, atingindo determinado grau de coletividade, e, junto a isso, em busca de representar todos da melhor maneira possível. Portanto, o autor de *Literatura e sociedade*, sem mencionar nomes ou fazer referências próximas, reforça de forma alusiva a tese de que Mário precisava ganhar o respaldo daqueles que teriam reconhecimento em seu trabalho de intelectual, ou seja, o escritor foi um possível porta-voz dos problemas daquelas sociedades representadas, cujas vozes carregavam todo discurso enviesado de críticas sociais capazes de superar os variados paradoxos de época.

Reticências à parte, com a chegada de Mário ao bairro mais proletário e pobre da cidade de Natal, percebemos suas inquietudes para descrever em tom realístico a localidade naquela época. Essa realidade ganhou um contexto habitual e bucólico, já que as condições humildes e simples da comunidade propiciavam esse olhar pouco progressista sobre tais cenários e paisagens. O escritor paulista, em tom de nostalgia, abordou as tradições locais e buscou evidenciar que, no ano de 1906, as condições daquele local ainda eram rústicas e o progresso, ausente. Certamente, uma localidade sem pressa de chegar a seu destino de cidade avançada ou moderna. Poucas linhas à frente, na mesma crônica do dia 18 de dezembro às 21 horas, podemos verificar, em fragmento interessante e análogo, a reviravolta do observador paulista em descrever, através de referências, um jogo de diálogos das condições de habitação daquelas pessoas que ele estava representando. Vejamos alguns detalhes:

Pouco adiante a areia empina numa duna secular, já fixa. É o Areal chamado, um morro cheio de casas proletárias alinhadas numa rua bem larga rodando no vento. Por ali moram embarcações, catraieiros, operários das docas.

³⁴¹ CANDIDO, Antonio. Op.cit., p.48.

Duma ou outra casa o candieiro vem na porta ver a gente passar.³⁴²

Significativas, nessas linhas, são as observações geográficas dos morros e dos aspectos climáticos feitas por Mário de Andrade, diante de tanta pobreza e miséria. As variadas referências naturais daquela região são apontadas como algo exótico, que toca a paisagem exuberante e evidencia o olhar desfocado das incertezas da vida. Ao mesmo tempo, podemos perceber o olhar de observador arquitetônico e urbanístico, buscando registrar a forma e a paisagem locais com aquele jogo de poeticidade e sobriedade artística. Ao utilizar a expressão “rodamoinhando no vento”, o escritor paulista, sem ter o devido propósito, coincidentemente, remonta uma leitura de condição do efeito do esquecimento, para com aqueles que estavam isolados naquela localidade. Verificamos também que o mesmo vento que sopra expulsa e esquece para trás todos seus dejetos e objetos, ou seja, deixa confusos e amontoados aqueles que não possuem melhor condição de moradia e salubridade. Por fim, o bucólico movimento local impressiona o olhar paulista, cristalizado amarrado com as implicações e perturbações urbanas da *Pauliceia desvairada*.

Em outro momento, bastante análogo, porém, em distância geográfica maior, percebemos o processo de extração e viabilidade produtiva da fruta caju, qual seja, extração requintada de olhar pragmático ao processo econômico que Mário tanto desejava anunciar. Trata-se de uma situação aprofundada sobre a temática da produção, comparada com os moldes marxistas. Apesar do tema ser tão inusitado ao escritor paulista, nessa situação, ele age muito bem e aposta numa interpretação por parte do leitor mais diagnóstica e crítica. Ao engrossar a atitude crítica do leitor, o escritor paulista possivelmente discute de forma distinta e profunda toda essa organização, para posteriores formulações. A essa altura, encontramos o escritor paulista na cidade de Natal, no dia 21 de dezembro. Apesar da proximidade de uma data festiva, Mário não deixa de constituir suas formulações marxistas. Ele tece as seguintes considerações filosóficas:

[...] a alimentação caju é conceitualmente um processo de Economia. Fisicamente é um comércio, oferta e procura, compra e venda. O caju é doce, é alimentício, medicina e possui o gosto caju, coisa indescritível e unicamente

³⁴² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.133.

compreendida por quem conhece o caju das vias-de-fato. E é justamente na sensação de vias-de-fato do caju que está a conceitualidade marxista dele. Abacaxi, manga, abricó, pinha, maracujá, sapota, grumixama, etc. no geral todas as frutas são muito dadas. Se entregam por demais. Caju não: o prazer singular dele está na espécie de interfagia, me desculpem, de entrecomilança, específico do gosto dele. **Ele morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro, diminui a suficiência individualista ser. Se dá uma verdadeira troca de posses pessoais.**³⁴³

Ora, é notável que o escritor paulista faz uma crítica severa à produção e extração do caju. Ele pondera e questiona, dessa maneira, a produção local desenfreada e tenta ao menos verificar a exploração capitalista. A nosso ver, o “processo de Economia” descrito por Mário retrata o desencadear de uma produção rentável e capitalista aos olhos burgueses. As “contribuições sociais”, para o leitor dessa crônica, acerca desse episódio extremamente econômico, ampliam várias discussões polêmicas. O trecho é poético e ao mesmo tempo filosófico, nas reflexões que o escritor possibilita, ao enxergar o processo reflexivo sobre o conceito fisiológico da própria fruta. É notável que o escritor paulista explora o sentido das palavras pragmaticamente estruturadas nos vocábulos “oferta”, “procura”, “venda”, e os mistura com o paladar da fruta, adjetivando o vocábulo com “doce”, ou seja, Mário mescla elementos que remetem ao tom insensível com sensível. Com efeito, Mário decompõe, desestabiliza todos os efeitos sensoriais da fruta de maneira metafórica e progressiva. Nesse excerto de natureza sublime, parece que Mário toma seu desabafo e indignação como forma de conscientizar as pessoas sobre o processo de exploração ao meio ambiente. Mais importante dessa reflexão filosófica é quando Mário utiliza a ardência e o gosto do caju para simular a maneira como ela é devorada e instigada pelo capitalismo. Em resumo, na frase “troca de posses pessoais”, o escritor paulista também deixa nítido o espírito de competição e falta de solidariedade, alimentados pela busca incansável da riqueza, e ao mesmo tempo o distanciamento dos problemas alheios e da pobreza do outro.

Em uma crônica posterior e muito importante para aquilo que aqui defendemos, o próprio escritor Mário evoca a importância de suas

³⁴³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.241. Grifo nossos.

reais contribuições e proximidade com o povo representado através de seus escritos. O leitor atento verifica que o escritor paulista está em pleno início do ano de 1929, marco inicial de um novo projeto de vida e recapitulação ou retrospectiva dos avanços que já fizera. Acreditamos que o grande mote revelado pelo escritor possa convencer seu grande otimismo e verificar que ainda sua respectiva missão não estava completa. Melhor dizendo, o escritor Mário reconhece seu dever a cumprir, para o qual deve refletir e se conscientizar de sua real intenção: a proximidade com o povo e seus aspectos sociais como fator de contribuição para a própria dignidade de seu povo, ou seja, a fiel retrospectiva daquilo que fizera e o balanço notório da real necessidade inspiradora de seus ideais vieram através destes dizeres mágicos e confidentes:

Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem-do-povo. Afinal, a situação das chamadas “classes inferiores” é boa ou ruim por aqui? Minha pergunta não cogita da felicidade, é lógico, mas da facilidade de vida porém. Vou dando as minhas observações embora as dê com certa reserva. Passeios que nem o meu servem quase nada: um socialista me afirmou que a situação dos proletários é medonha em Natal e um ricoço com psicologia de filho de senhor de engenho me garantiu que não tem pobreza na cidade.³⁴⁴

Notamos, nesse fragmento significativo, a atitude de descortinar uma série de questões já discutidas nos capítulos anteriores e que inteligentemente remonta a nossa argumentação e defesa daquilo que o próprio Mário reconheceu desde idade prematura. Como se sabe, a expressão “classes inferiores” varia de valor semântico de região para região, de período histórico para outro, assim como o grupo seletivo de pessoas que comportam essa mesma classe (origem socioeconômica, renda, moradia etc.). Assim, a causa social e a defesa dos oprimidos ganham o tônus necessário para impulsionar seus outros escritos e ajudá-lo a tomar consciência de suas posteriores peregrinações culturais junto ao povo. Percebemos na expressão “certa reserva” que Mário aguardou o exato momento para restabelecer, através de suas convicções, mesmo acanhadas, sua missão de escritor e intelectual

³⁴⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.

comprometido com as pessoas e sua nação. Mário não era sociólogo, mas manteve singular audiência para aqueles que mais detiveram as análises de seus respectivos povo e sociedade. Facilmente percebemos isso na expressão “um socialista me afirmou”. Ora, ao declarar isso, o escritor paulista mantém a postura de sujeito humilde e simples, consciente de seus reais limites no campo epistemológico. O vocábulo “ricaço” sugere a interpretação de uma burguesia interesseira e calculista, que vive às custas das massas. Ao ouvir o próximo, Mário delega a sabedoria para aqueles mais experientes e conhecedores da realidade local e demonstra conseqüentemente que não é detentor do real conhecimento que circunstancia seu trabalho. Pouco a pouco, ele condiciona seu olhar para enxergar ainda mais nitidamente os problemas alheios, como acontece em momento posterior, situado na mesma crônica:

Já contei que os mucambos do Recife me horrorizaram. A vida de habitação que levam aqueles milhares de trabalhadores e, meu Deus! Também de vadios, deve de ser pavorosa. No percurso da Great Western me pareceu que o físico humano baixou de saúde e simpatia na Paraíba. Mas carece notar que esta zona do Estado não era que nem atravessadas em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, cheias de engenhos e algodoais. Na zona rica da Paraíba inda não passei.³⁴⁵

Superada a reflexão filosófica, Mário se depara com outros problemas e mazelas que atingem principalmente homens menos privilegiados, que vivem em condições precárias de habitação. A efervescência espanta Mário de maneira singela e sem receio, ao descrever as condições locais. Ao viajar de trem pela empresa Great Western, pioneira na malha ferroviária nordestina, Mário observou com olhar de etnógrafo comprometido com não exagerar nas situações que povoavam aquela localidade. Apesar deste relato ser retroativo em relação ao que já tinha observado nos estados e municípios que ficaram para trás, Mário não descartou a hipótese de analisar a real pobreza daqueles indivíduos que estavam à margem da sociedade. Outrossim, Mário utiliza a expressão “vida de habitação” para simular e projetar o esquema caótico e vicioso a que esses trabalhadores estavam

³⁴⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.

submetidos. Parece que, utilizando metodologia comparativa, o escritor paulista pôde defender melhor sua investigação do social e tentar, com suas palavras, demonstrar as verídicas angústias que esse povo passava e, ao mesmo tempo, tolerava. Políticas ou não, as angústias acabavam também prejudicando o progresso e avanço para essas localidades. Tendo em vista que as políticas não remavam a favor do povo esquecido nos confins dessas remotas cidades, o jeito era apelar para o improvisado e a própria resistência de encarar tudo aquilo como efeito predatório daquelas autoridades que não enxergavam a realidade dos outros, tampouco faziam questão de amenizar o problema. Sem política habitacional e sem políticas de saúde e trabalho, como esses proletários poderiam viver? Conformismo não era, pois Mário atesta que muitos reivindicavam melhorias, mas suas vozes não eram ouvidas nem lhes era ofertado algum tipo de audiência. Por outro lado, muitos ficavam na fileira daqueles marginalizados por uma civilização rica e cruel. Em outra passagem, é possível atestar a pobreza e os apertos no orçamento, inclusive Mário registra que os moradores caminhavam a pé alguns trajetos para economizar alguns trocados. Isso fica nitidamente comprovado em crônica do dia 02 de janeiro de 1929. Apesar de ser um dia depois do feriado de Ano Novo, Mário não deixou de abordar, em plena cidade de Natal, suas inquietudes em relação ao que assistia:

Em Natal, os bairros onde param os proletários são principalmente dois: o do Alecrim e Rocas. Também nas alturas da Lagoa Seca mora bastante operário que, devido à careza do bonde, come areia todo o dia pra atingir o centro da cidade, longe. Só no Alecrim moram pra mais de 12 mil almas. Rocas está situado em plena duna, movediça ainda.³⁴⁶

O escritor paulista percebe acentuadamente que a localidade dos operários aglomera o maior número de pessoas interessadas em economizar em todos os aspectos, inclusive na passagem do bonde. O registro documental desses nomes parece emblemático, já que Mário trata as pessoas como operários ou proletários. Ao incursionar por esses variados bairros pobres da cidade de Natal, Mário notou um áspero abismo econômico que caía como grande meteoro, esmagando os pobres e massacrando-os sem piedade. A problemática maior é que não existia tábua de salvação nesse percurso tão cruel e quase sangrento. Mário não

³⁴⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.259.

utiliza a palavra “areia” fortuitamente, mas, de modo figurativo, remete ao cardápio principal desses proletários, que sequer possuíam o dinheiro da passagem. Metaforicamente, o povo come areia porque não possui outra opção! Caminhar não mata ninguém, tampouco sacrifica suas resistências. Na verdade, o longo trajeto a pé possibilitaria uma série de vantagens para o bolso e para o físico desses carentes proletários, consequentemente, isso implica também em um senso de resistência às intempéries da natureza, possibilitando força física para o trabalho braçal. Ao que tudo indica, Mário impõe um olhar genuíno a esse tipo de situação e, ao mesmo tempo, coloca-se na condição do outro que precisa caminhar, para livrar-se da despesa da passagem e encarar a realidade dura e cruel dos menos privilegiados. Antes de fechar a análise, como mencionamos em linhas anteriores, podemos também ressaltar o estudo da crítica de Ancona Lopez sobre a mesma crônica, que esclarece que o escritor paulista ainda não dispunha das “relações de produção capitalista ou latifundiária”. A estudiosa frisa que Mário apenas apresenta o dado econômico, porém, faz isso como escapismo, ao não mencionar o papel do proletário na produção.³⁴⁷ Contudo, a estudiosa não chega a mencionar, em sua análise, algumas considerações sobre os aspectos econômicos daquela região, importante peça para amenizar suas reflexões a esse respeito. Novamente, nos dizeres de Candido, Mário seria aquele escritor que exerce uma posição na sociedade que representa e da qual participa:

Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público.³⁴⁸

³⁴⁷ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. Duas Cidades, 1972. p.52.

³⁴⁸ CANDIDO, Antônio. Op.cit., p.74.

O trecho transcrito evidencia a função de Mário, como intelectual comprometido com a nação. Nos moldes de Antônio Candido, Mário seria aquele indivíduo que comporta uma “posição relativa”, pois não somente escreve literatura para seus pares, mas amplia seus dizeres de seus escritos aos menos privilegiados, exercendo verdadeira *práxis* do cotidiano tão severo desses cidadãos. Quando Mário sente na pele que o preço da passagem do bonde é verdadeiramente alto, dado o baixo salário daqueles moradores, sua consciência fraterna se volta para uma possível indignação, gerada de uma espécie de “tensão”, nos moldes das palavras de Candido e, ao mesmo tempo, vontade de denunciar tais incongruências. A nosso ver, Mário consegue atingir a verdadeira “tensão” entre a criação literária de suas crônicas e seu público leitor ou aquele que estava a seu redor. Podemos postular que essa tensão é responsável por sua atitude de escrita, frente aos fatores externos que circunstanciavam seu ofício. Portanto, os dizeres de Candido iluminam com lucidez o papel do intelectual-escritor Mário, como indivíduo agindo em função do coletivo e da sociedade que representava.

Na mesma etapa e momento, ainda em crônica estabelecida na cidade de Natal, no dia 02 de janeiro, observamos a trajetória do expediente e do cotidiano de um operário registrado à luz do escritor paulista. Ao que tudo indica, Mário focou e ampliou suas aguçadas lentes curiosas para radiografar o aspecto do ir e vir desse operário, tentando ao máximo abstrair seus infortúnios em relação às péssimas condições de trabalho descritas no fragmento abaixo. O desencadear da rotina é descortinado por ações humildes e simplórias, levando Mário a detalhar em tom realístico a ingratidão que, para um intelectual, pode significar muito, ao levar o leitor menos informado a conhecer o que se passava com um simples coletador de algodão.

O operário toma seu cafezinho de-manha: vai pro serviço. A maioria trabaça no algodão e no açúcar. Descalços no geral, calça e paletó de algodãozinho, às vezes sem camisa, que calor! Cobrindo a cabeça com o chapéu de palha de carnaúba, muitas feitas de forma fantasista, muito engraçada.³⁴⁹

Individual ou coletivo, branco ou negro, inteligente ou ignorante, o sujeito proletário das crônicas da obra *O turista aprendiz* surge para Mário de Andrade como um ser que ganha espaço para agir

³⁴⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.260.

independentemente de suas condições intelectuais, sociais ou raciais. Com ou sem privilégio, Mário luta e alcança representar todos, sem faltar com respeito ou dignidade. Percebemos também, no fragmento acima, a capacidade do escritor paulista de aprofundar a problemática da triste e cruel rotina que, para muitos, já fazia parte do expediente, porém, alguém que trabalha a imaginação e a criatividade como Mário, jamais pensaria adotar aquilo como ritmo de vida. A vestimenta precária descrita em molde fotográfico por Mário é contracenada com a falácia de inventividade e criatividade para sair daquela situação ou, ao menos, explorar algo mais significativo para suas vidas. Por outro viés, Mário evidencia também em outro trecho da mesma crônica, na cidade de Natal, a falta de capacidade e ao mesmo tempo o aspecto de coibição para a imaginação e para mudar tudo aquilo. Com certeza, nessa etapa tão detalhada do trabalho manual, o escritor paulista antecipa e profetiza a crueldade com aqueles trabalhadores que apenas “batem cartão” e “voltam para a casa”, sem nenhuma imaginação ou liberdade ao menos provisória. Vejamos alguns desses episódios tão ruins e vazios:

No geral foram oito horas de trabalho. Nunca menos e bastantes vezes mais. Comparando com o sul a vida geral nordestina é barata mas pro operário não me parece que seja não. Se o trabalhador pode sempre alcançar com os biscates aí por uns dez mil-réis diários, o salário oscila de 3 pra 6 mil réis, me informaram. É pouco se a gente lembra que o quilo da carne verde inferior custa dois mil-réis na cidade.³⁵⁰

Ora, ao comparar o esquema de trabalho braçal e regulamentar dos operários locais dessa cidade, Mário reforça a falta de criatividade e falta de recursos financeiros para a básica condição de sobrevivência e subsistência. É comum que o escritor paulista também utilize os vocábulos “sul” e “nordestina” metonimicamente, para se referir à singularidade de cada estado dessa região. Para Mário, a criatividade era a única saída para a modificação dessa terrível escravização desses sujeitos. Tarefa árdua de ser resolvida, certo é que Mário não ficou calado, e demonstrou, mais uma vez, através de efeitos comparativos, que, apesar da vida barata em relação ao Sul, o próprio sujeito proletário não tinha condição de comprar uma simples carne para sua alimentação. Como agiria, então, frente às outras despesas encurtadas pelo mísero

³⁵⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.260.

salário ofertado a sua mão de obra? A resposta perde-se no ar, a menos que, naquela época, os escritos de Mário fossem lidos por algum especialista no assunto ou um “salvador da pátria”, que tivesse a vontade de modificar aquilo que Mário teria escrito.

No decorrer de outras andanças, encontramos o escritor modernista frente a uma situação inusitada e ao mesmo tempo curiosa, coberta de paradoxos para o tipo de maquinário investido pelos donos do poder, ou seja, se existe investimento oneroso nas máquinas, por que não existe investimento nas condições de trabalho? São tarefas um tanto complexas e indesejadas pela maioria daqueles que lutam, para produzir e ganhar apenas uma “miséria” no final do mês. Mário adentra o engenho e enxerga as precariedades de trabalho desses proletários, então, parece sentir, naquele clima quente e abafado, a terrível impressão de não conseguir sequer respirar, nem de registrar todos os fatos injustos. A crônica ocorre no famoso engenho da cidade de Bom Jardim, no dia 08 de janeiro. O calor é caótico, tendo em vista a sazonalidade do início do ano. Ao utilizar o verbo “entrar” na primeira pessoa, Mário atesta sua convicção prática de que aquele lugar era um tanto ermo e isolado das políticas trabalhistas e da alegria do povo que ali trabalhava, em condições rudes e precárias:

Entro no engenho. É dos de bangüê, movido a vapor; descreverei a técnica deles amanhã. Os homens se movendo na entre-sombra malhada de sol, seminus, sempre os chapéus chins; meio que me coloniza a sensação. Não parece mais Brasil... Está com jeito da gente andar turistando pelas Áfricas e Ásias do atraso inglês, francês, italiano, não sei quem mais!... Todos os atrasos da conveniência colonial.³⁵¹

No trecho transcrito, é possível inferir as práticas de trabalho através de uma visita preliminar anunciada no interior de um engenho, em que o escritor paulista examina o desencadeamento das práticas de trabalho em condições rústicas e primárias. Mário observa os efeitos do atraso colonial e inclusive faz uma comparação com os países colonizados pelo primeiro mundo. As reticências propositalis da frase “Não parece mais Brasil...” deixam no ar uma interpretação um tanto diferenciada de outros lugares onde o modernista já pisou e achou mais civilizados. Ao que tudo indica, Mário não tinha conhecimento profundo

³⁵¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.270.

do assunto, mas não se abdicou de comentar criticamente o verdadeiro “atraso industrial” de nosso país em relação a outros que também sofreram o mesmo processo de dependência cultural e industrial. Em suma, os paradoxos gradativamente aumentam, enquanto Mário observa as disparidades vivenciadas por esses chefes de família proletários. Novamente, podemos percorrer as palavras do crítico Antonio Candido, corroborando com uma reflexão mais profunda sobre a posição do intelectual no tocante ao ‘conceito’ que a sociedade formula em relação aos literatos:

Finalmente, a posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente. Deve-se notar, a propósito, que embora certos escritores tenham individualmente alcançado o pináculo da consideração em todas as épocas da civilização ocidental, o certo é que, como grupo e função, apenas nos tempos modernos ela lhe foi dispensada pela sociedade.³⁵²

No fragmento acima, notamos uma possível clarificação dos conceitos formulados por Candido em relação a Mário de Andrade e ao público que estava sendo representado. Candido abrange de forma generalizada sua reflexão entre escritor e sociedade, no entanto, ela combina e casa muito bem com a função de Mário durante suas visitas às cidades do Norte e Nordeste. Ora, o principal objeto de representação do escritor Mário em suas crônicas de viagens é o público, e esse mesmo objeto institui forças em seus escritos. O “pináculo”, como afirma Candido, fora provavelmente dispensado pela sociedade, já que Mário estava adquirindo autonomia para seus escritos. Obviamente, não podemos prever a recepção desses escritos, mas sim calcular que foram lidos por boa parte dos leitores que reconheciam em Mário esse potencial artístico intelectual de gerar contribuições sociais como num ato messiânico, ao que tudo indicava.

Por outro viés de análise, o escritor paulista explora o processo de extração da cana-de-açúcar e também decompõe seu ritmo desencadeador de exploração. Nesse sentido, verificamos o nervosismo

³⁵² CANDIDO, Antonio. Op.cit., p.75.

de Mário quando ele observa um movimento de rescaldo e aproveitamento dessa mesma matéria-prima. O panorama dessa passagem está situado no contexto do máximo proveito do capital sem precedentes e sem remorso. Isso não é gratuito à maneira que Mário observa essa extravagância econômica, como se fosse um técnico de produção que ora investiga os diferentes aproveitamentos dessa cana, ora sente o sabor impiedoso do massacre do bagaço. O bagaço é moído de todas as maneiras, desde as engrenagens das máquinas, passando pelos dentes dos bois famintos e terminando como fertilizante de terras para cultivo de nova cana. Estamos agora diante de sua chegada à cidade de Bom Jardim, localizada no Estado da Paraíba, na data de 09 de janeiro de 1929. Gradativamente, Mário observa as fases produtivas de um processo transformativo e altamente econômico:

Os engenhos de bangüê tiram o nome duma padiola de carnaúba em que se carrega o bagaço de cana pra bagaceira. A bagaceira é o espaço que fica em torno da casa do engenho. Ai os bois vêm mastigar o bagaço, aproveitando o restico de caldo ficado nele. Depois de seco o bagaço é aproveitado como combustível. O que sobra no fim da moagem, queima-se. Vai servir de adubo pras terras do canavial.³⁵³

A descrição do processo da cana-de-açúcar, rica em detalhes, preocupada com a fidelidade, beira um documentário bem realizado. Além disso, nessa passagem, verificamos uma busca pela compreensão da cadeia evolutiva da cana-de-açúcar e seus desencadeamentos artesanais. O excesso de implicações dessa cadeia age como engrenagens das máquinas do próprio engenho. Os matizes dessas implicações são passageiros, mas agem com profundidade de significado e interpretação. O vocábulo mais usado por Mário nessa passagem é “bagaço”, e, se fossemos explorar sua semântica, resumi-ló-íamos a um breve contexto da vida desses sacrificados trabalhadores, ou seja, a vida e o próprio salário acabam virando bagaços. Mário luta, através de seus dizeres e palavras, para que isso não se torne um processo irreversível. Nesse desencadeamento, tudo é aproveitado e condicionado a render alguma coisa. Nada se desperdiça e se joga fora por motivos banais. O decepamento da cana é apresentado de forma egoísta. Notamos forte ansiedade do escritor paulista de descrever

³⁵³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.271.

metodologicamente tal processo, inclusive detalhar os espaços fabris do próprio engenho. Apenas seis dias depois, ainda na cidade de Bom Jardim, Mário constitui outras anotações, com data de 15 de janeiro. Em outra etapa e diante do mesmo contexto, o processo muda de artesanal para industrial, e veremos que a partir daí a apreensão de Mário se exaure cada vez mais. Notamos também um forte interesse do escritor paulista por verificar as procedências dessa rotina desenfreada de produção capitalista:

Tenho tentado de obter aqui algumas informações sobre a empreitada de Ford na Amazônia porém consegui mas é quase nada. De-fato, a repercussão desse mais que perigoso sintoma do imperialismo ianque, foi quase nula aqui no Nordeste.³⁵⁴

O adjetivo pátrio “ianque” sintetiza o capitalismo e o efeito predatório embutidos nas formulações de Mário a respeito dos movimentos colonizadores e fortemente embasados na cultura massificadora e determinante para os outros povos. Além disso, esse adjetivo atua de forma metonímica para uma sugestiva interpretação da dicotomia colonizador-colonizado, bastante condizente com aquela região geográfica. Mário, mesmo longe da Amazônia, tenta especular sobre a implantação das primeiras indústrias de automóvel na região Norte do Brasil.³⁵⁵ O principal paradigma disso é o efeito devastador de um suposto imperialismo que sintoniza a expressão “perigoso sintoma”. Ao propor uma visão binocular da realidade cruel dessas indústrias de automóvel, Mário problematiza o efeito de uma desgraça ao meio ambiente, cuja relação com outros meios diretos e indiretos brota de novas especulações econômicas capitalistas e que, por isso, não proporciona vantagem para o proletariado, tampouco para os moradores dessas cidades. O crítico Octavio Ianni ilumina essa passagem: “O imperialismo seria ineficaz, se não contasse com a nacionalização dos seus interesses pelos seus associados e subalternos em setores da

³⁵⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.283.

³⁵⁵ Ainda, para complementar a volta para casa, no dia 20 de agosto do mesmo ano, o escritor Mário de Andrade (1983, p.28) concede uma entrevista ao jornal Diário Nacional. Mário argumenta persuasivamente: “Ademais, a influência do poder central sendo profundo nas aglomerações urbanas do norte, isso traz uma unidade espiritual, que Ford agora vai dissolver, provavelmente, só para os americanos anexarem a Amazônia à grandeza imperial dos Estados Unidos”.

burguesia, forças armadas, igrejas, intelectuais, indústria cultural”³⁵⁶. Apesar de os dizeres de Octavio Ianni estarem situados em um contexto de maior contemporaneidade, suas palavras são extremamente reflexivas, e, ao tirarmos o tempo histórico, são anacrônicas, para serem utilizadas no contexto ao qual Mário está diretamente inserido. Com efeito, Mário historiciza as possíveis repercussões dessas colossais empreitadas que, no futuro, causaram grandes transtornos locais ao desenvolvimento do estado e do povo. Em suma, o resultado disso seria uma “faca de dois gumes”, gerando vantagens e desvantagens.

Assim que verificou a impossibilidade dessa instalação ou as possíveis lacunas de informação, o escritor paulista verificou que os efeitos desse capitalismo não seriam executados no espaço nordestino. Em fração de segundos, é possível perceber que algo culmina em sua cabeça, a partir desse momento, tal como um pensamento receoso a tal etapa de industrialização. Mesmo assim, o escritor modernista mostra-se desconfiado desses enormes desejos imperialistas à moda ianque. Nota-se também, através da metonímia atribuída ao gentílico ianque, uma forte conotação arriscada aos interesses mercantis que já se encontravam preestabelecidos na nação brasileira. Com isso, o escritor paulista viabilizou um processo de reflexão, agindo como se fosse um ambientalista que compra a causa dos hipotéticos efeitos nocivos dessa enorme empreitada norte-americana. Ele não dribla as consequências dessa invasão estrangeira, mas as coloca no cerne da discussão e da polêmica a que visava alcançar.

Mário cita seu colega Antônio Bento de Araújo e apresenta, junto a sua citação, uma instigação desoladora e solidária. A curiosidade exposta por Mário é sustentada na hipótese das motivações prejudiciais para o povo daquela região. Por esse motivo, acreditamos que Mário tenha reproduzido tal citação de seu colega, buscando ainda mais persuadir, por meio de seus escritos, e conscientizar seus leitores para profunda meditação sobre esse assunto tão polêmico. Sendo assim, o escritor paulista não negligenciou as possibilidades de discussão, mas as disponibilizou para ampliar as questões desoladoras. Ora, não adiantaria apenas direcionar os olhos de seus leitores para essa discussão, era preciso, acima de tudo, investigar esses problemas e levantar propostas, ao longo de seu trabalho de denúncia social. Ainda, na mesma crônica, de 15 de janeiro, analisada anteriormente a discussão aparece:

³⁵⁶ IANNI, Octavio. Op.cit., p.114.

[...] Considere-se ainda como ficará angustiosa a situação da economia capitalista do Nordeste quando por exemplo as empresas industriais estabelecidas no extremo norte estiverem oferecendo salários mais elevados ao nosso proletário que trabalha muitas vezes mais de doze horas por dia, mediante uma remuneração insignificante.³⁵⁷

Como crítico da sociedade da época, Mário orientou e direcionou seus escritos com a intenção de provocar mudança na sociedade. O episódio informativo ofertado pela publicação *República*, da cidade de Natal, por Antônio Bento, adquiriu dimensões cruéis e amplas, quando consideramos que, em um futuro próximo, isso tudo podia se resumir a desgraças para a natureza exuberante do Nordeste.³⁵⁸ Através da leitura desses períodos, podemos postular que Mário utiliza apenas o recurso do pastiche para compor sua visão de mundo sobre tal efeito capitalista, quando repete o que o jornal e as informações locais estavam dizendo. A visão parcial de cada um desses elementos seria o efeito de um caos em curto prazo; seu conjunto desencadeador poderia estabelecer o paradoxo da harmonia: miséria e destruição. As duas desgraças juntas evoluiriam para irreversíveis perdas sem garantia, tanto ao trabalhador quanto ao burguês, ou seja, em pouco tempo, a engrenagem salarial que movia as empresas do Norte massacraria a competição das empresas do Nordeste, por isso, Mário não poupou a reprodução dessas notícias em suas crônicas. Em outra etapa de suas andanças, o escritor paulista estava partindo em trem da empresa Great Western da cidade de Goianinha até a cidade de Natal. O trajeto foi longo e árduo pelo calor,³⁵⁹ mas a paisagem local provocou uma visão exótica ao turista aprendiz. A viagem iniciou no dia 16 de janeiro, às 20h00, com previsão de chegada à cidade de Natal no outro dia, no mesmo horário. Verificamos na passagem adiante um notável espírito de competição e de busca incansável pelo jogo dicotômico do capital-

³⁵⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.283.

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ Sobre a questão do forte calor na época em que viajava, o escritor paulista (ANDRADE, 1983, p.28) relata, em entrevista concedida ao Diário Nacional de São Paulo, na data de 20 de agosto de 1927, sobre se tinha sofrido muito calor naquela localidade: “O calor é um calor sem parada, malfêitor. Acho, porém, que é menos irritante que o daqui, porque em São Paulo o tempo é muito variável. No Norte, a gente acaba se esquecendo do calor, tão cotidiano como o dia. Vantagem de imutabilidade”.

dinheiro. O amigo Antônio Bento fez um alerta para a situação econômica nordestina, em relação ao aumento dos salários ou às desigualdades na região Norte. Vejamos por inteiro o fragmento referido, para em seguida desenvolver brevemente a interpretação:

Mas a revolta dos empregados de Ford foi por causa de exigüidade dos salários. Os proletários rurais estavam recebendo além da comida e da assistência médica, de 3 a 4 mil-réis diários. Se revoltaram com justiça. O que parece, pelas informações dum diário paraense, é que a injustiça não provinha de Ford propriamente mas dum administrador da empreitada dele, um brasileiro safado por nome Dico Monteiro.³⁶⁰

A consciência solidária e também indignada do escritor com a instalação de uma indústria de automóvel não vingaria pontos positivos para a região. O escritor Mário desabafa em tom de discórdia e, ao mesmo tempo, revela seu pensamento coletivo em relação aos operários da Ford, ou seja, o cerceamento dessas indústrias tiraria a liberdade dos trabalhadores rurais de solucionar seus problemas financeiros, mas agiria também como uma farsa e um “mal cancerígeno” que, aos poucos, sugaria seus projetos de vida e sua própria condição atual de sobrevivente, frente ao capitalismo desenfreado. Recorrentemente, a primeira mola propulsora que Mário verificou dentro dessa musculatura cancerígena apontava que os homens estavam se transformando em meros instrumentos desalmados. Nessa mesma direção, o fragmento acima exposto mimetiza, de forma incipiente, as contradições que o intelectual Mário teria de enfrentar ao longo de seu trajeto de intelectual disposto a registrar as incongruências que observava. Os filhos do “Tio Sam” não estavam preocupados com nossa condição precária de vida, mas sim com explorar nossa região, com mão de obra quase escrava. Uma vez que o escritor modernista soluciona problemas apenas de emprego direto e indireto, também entra em contradição, quando envia esse mesmo dinheiro aos principais acionistas ianques. Enfim, ao nos convidar a encarar o modo como a histórica recente da industrialização está sendo justificada, Mário convida, ainda, a encarar o modo como o sucesso econômico da empreitada norte-americana tornou-se o valor preponderante que hierarquiza todos os demais valores sociais, que estavam sendo despejados como modelo aos países latino-americanos e

³⁶⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.284.

copiados por eles. Em outro fragmento extraído dos diários escritos por Mário de Andrade, na cidade de Natal em 17 de janeiro, observamos a inquietação do escritor ao descrever as fontes de riqueza do estado e, ainda, fazer uma crítica feroz ao latifúndio.

O algodão é mesmo a grande fonte de riqueza que o Estado possui. Em parte, em reserva ainda pelas terras não aproveitadas, pela falta de seleção e **pelo regime latifundiário que infelizmente impera por este imenso Brasil.**³⁶¹

O enunciador Mário não utiliza o vocábulo “latifúndio” à toa. Nessa passagem, é notável uma conotação forte ligada ao esquema de produção extremamente econômico que complementa o bojo das características do monopólio. Nesse sentido, é necessário pincelar toda riqueza de processos, para que fique mais nítida ao leitor a tal modelação política existente no Nordeste Brasileiro. Não seria incomum pensar que a tônica de seu discurso é caracterizada pela tênue fronteira entre a alienação e a desigualdade, motivo-desmotivo que, contraditoriamente, os burgueses insistem em legitimar ostensivamente, tendo em vista a lei do mais forte. Mário evoca a evolução da produção e o próprio massacre do sistema patrão-empregado, ou seja, não existe mais aquela relação de conhecimento, tradição e amizade entre as pessoas. A vereda é rica e vale a pena verificar que o proletário observado por Mário é apenas visto como ferramenta da produção local, e acaba agregando valor à própria matéria-prima. Entretanto, para bom intérprete e entendedor, Mário está ofertando um lembrete e uma missão, ao registrar, através da escrita, o que distorce de uma realidade mais justa. Novamente, o escritor paulista explora, em tom de desabafo, o descaso com nossos pequenos produtores rurais e trabalhadores menos privilegiados, alertando as autoridades políticas locais e nacionais. Após sete horas de viagem de carro até a cidade de Macau, em crônica do dia 18 de janeiro, o escritor realizou uma pausa na cidade de Epitácio Pessoa. A partir desse momento, buscou descrever a localidade. No decorrer dessa curta viagem, o escritor paulista apresenta a pobreza em sintonia com a seca nordestina, a falta de água, de alimento, de infraestrutura, de emprego e lazer.

Miséria semostradeira de vilareco, sem ninguém mais quase, morto de todo nas 13 horas do dia,

³⁶¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.285. Grifos nossos.

onde os corajosos que moram ali estão comprando a cruzado, a 500 réis a lata d'água, vinda de léguas longe.³⁶²

Das palavras de Mário de Andrade é oportuno recuperar para reflexão os fragmentos “Miséria semostrastreira de vilareco” e “morto de todo nas 13 horas do dia”. Notamos que Mário expõe nessas duas passagens um estado preocupante grande, em relação aos fatores básicos da vida humana alheia. A realidade apresentada pelo sentimento estabelecido na escrita de Mário é crua e despida de enfeite romântico ou poético. O neologismo criado no primeiro fragmento remonta à ideia de ênfase e de caráter chamativo, denunciante dos fatores sociais de época. Ora, imaginar uma cidade quase sem água seria o mesmo que identificar uma cidade sem vida e pouco habitada. Mário retoma a condição de escritor comprometido com o meio ambiente e conhecedor das circunstâncias caóticas que cercavam essas pessoas. Com efeito, uma cidade sem água no interior do Nordeste é agravante para seus moradores, em relação a qualquer outro martírio humano. Como poderia haver sobrevivência e chance de progredir na vida, se o próprio fator básico de condição à vida está em falta? Enfim, é uma situação complicada e afastada das soluções urbanas encontradas pelas autoridades.

Por outro lado, no clima político e social, em que o escritor paulista estava diretamente inserido, acirravam-se entre vários homens modernistas as contradições e os impasses entre uma arte autônoma e individual e uma arte social, empenhada na causa de algum movimento. Essa mesma arte colocava o escritor na problemática da finalidade ou não do homem das letras de realizar arte para o povo ou utilizar o mesmo povo como protagonista ou cenário. “Especialmente no Rio são numerosos os modernistas brasileiros que têm a erudição do Modernismo”,³⁶³ comentou o escritor paulista, buscando analisar o contexto cultural carioca. Após suas pesquisas sobre arte popular e arte culta, Mário ficou cada vez mais consciente da necessidade da promissora parceria, e não mais de apenas persistir na dúvida cruel de confeccionar seus trabalhos. Essa dúvida, muitas vezes, impediu-lhe de diagnosticar o futuro e a prática de seus escritos. Mesmo assim, o escritor paulista sentiu na pele que estava, em muitos momentos, solitário, diante dessa batalha cultural, porque a sociedade que

³⁶² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.286.

³⁶³ Idem, p.187.

representava na sua segunda viagem se encontrava dividida em classes sociais rivais e opostas. Por isso, muitas vezes, os valores estéticos e éticos permanecem em luta em seus escritos, podendo, hora ou outra, comprometer seu trabalho literário:

A arte tem de servir. Venho dizendo isso há muitos anos. É certo que tenho cometido muitos erros na minha vida. Mas com a minha ‘arte interessada’, eu sei que não errei. Sempre considerei o problema máximo dos intelectuais brasileiros à procura de um **instrumento de trabalho que os aproximasse do povo**. Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início às pesquisas de uma maneira de exprimir-me em brasileiro. Às vezes com sacrifício da própria obra de arte.³⁶⁴

Mesmo fora dos trechos da obra *O turista aprendiz*, esse fragmento é indispensável para o progressivo mote de nossa análise. Ao que tudo indica, esse excerto serve de mola propulsora para justificar a aproximação de Mário com o povo e o popular, assim como substancial necessário para aquela arte que atravessa os variados fenômenos sociais. Com efeito, Mário tinha essa consciência e sabia que deveria lutar por uma arte comprometida com a sociedade e com os problemas sociais,³⁶⁵ uma arte que conjugue o lado íntimo desses homens e mulheres que aguardam uma luz de sol, ainda distante, arte interessada, que ganhe seu tônus e funcione como um manifesto, à medida que conjugue olhares amistosos para sumariar seus objetivos. Trocando em miúdos, o direcionamento conceitual da arte parece ser, contudo, intencional, no que tange àquela destinada a servir o povo e a nação. Trata-se de escritos que possam se familiarizar com a dimensão do Brasil, ainda pouco explorado e pouco guarnecido de infraestrutura, em todos os sentidos. A fidelidade a essa consciência social é a única e notória chance que nobilita seus dizeres e os motiva para o futuro

³⁶⁴ ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T&A Queiroz Editor, 1983. p.105. Grifos nossos.

³⁶⁵ Em carta a seu fiel amigo Carlos Drummond de Andrade, o escritor Mário de Andrade (1988, p.39) escreve: “Minha arte, se assim você quiser, tem uma função prática, é originada, inspirada dum interesse vital e pra ele se dirige. Nisto sou tão primitivo como um homem das cavernas quaternárias. Só que além do interesse por assim dizer físico, interesse sexual, interesse de socialização, tenho ainda um interesse espiritual mais largo que o dele que só dirigia aos deuses amedrontadores”.

progresso da humanidade servida da arte literária que o próprio Mário tanto almejou. Consequentemente, a expressão “contribuições sociais”, delineada no início de nossa pesquisa, começa a surtir efeito, no decorrer das andanças de Mário, rumo ao Norte e Nordeste do Brasil, de forma otimista, tendo em vista que sua maturidade já estava quase alcançada plenamente. Pensando por esse lado tão sociológico e marcado por ideias humanas de solidariedade, podemos contar notoriamente com as palavras de Silviano Santiago, ao acreditar que Mário construía grandes pontes de contato com a sociedade que representava. O trecho abaixo serve de parâmetro para as posteriores reflexões sobre fragmentos das crônicas que continuaremos a analisar.

Como ativista no campo da construção de uma nova sociedade, Mário de Andrade abdica passageiramente da cultura de elite e se entrega ao exercício da solidariedade. Através deste exercício, busca o saber que existe na expressão cultural dos descendentes de grupos étnicos que foram dizimados, ou explorados e esquecidos pela elite escravocrata e europeizada do país.³⁶⁶

Por esse excerto, é possível verificar a evidência do posicionamento de Mário de Andrade frente a “construção de uma nova sociedade” mais digna e capaz de exercer, com liberdade, mesmo vulnerável, suas escolhas e diretrizes. Essa militância dedicada à sociedade, ao, ver de Santiago, é evidenciada na atitude de intelectual destemido a lutar pelas causas coletivas da nação. Ao que tudo indica, Mário desconsiderou a aristocracia à qual pertencia, para se dedicar com afinco e sabedoria ao estudo do povo e de sua representação como protagonistas de uma sociedade cada vez mais caótica. Silviano Santiago escolhe bem as palavras “esquecidos pela elite escravocrata e europeizada do país”, ao tentar elucidar o fato histórico de que os povos menos privilegiados foram esquecidos e ficaram na penumbra. Em linhas posteriores, Santiago elucida com maior rigor e determinação o assunto da conversa informal como aspecto de solidariedade junto a Mário de Andrade, para uma aproximação mais espontânea e estratégica com a sociedade que Mário representava em suas crônicas.

³⁶⁶ SANTIAGO, Silviano. *Ora direis puxar conversa*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p.28.

A forma mais absoluta do conhecimento pela solidariedade do outro étnico e cultural, pela solidariedade, é a conversa, cujo exercício extrapola agora o campo limitado da correspondência literária e do privado, para ter a abrangência de uma indistinção fraterna e pública que se confunde com amor à humanidade. É importante notar que o elogio da conversa ampla (o diálogo oral e público do intelectual com todo e qualquer indivíduo) está contido e é aconselhado na conversa restrita (o diálogo por carta com os pares) e por ela é justificado.³⁶⁷

Nessa citação complementar e esclarecedora, Silviano Santiago demonstra mais uma vez constante erudição para refletir de maneira mais humanística a disposição do escritor Mário de Andrade para levantar conhecimentos através de uma prosa informal, regada de entusiasmo e otimismo para com o semelhante que estava ao lado dele. A conversa é pública e amistosa, situação criada e recriada, que pode desmascarar com honestidade inúmeras situações da vida. Através dela, nossos sentimentos extrapolam diante de nossas virtudes. A conversa definida por Mário e expandida na teoria de Silviano Santiago conta com o inusitado, é regada de fatos circunstanciais. Ao escrever em paradoxo, Mário acaba desdenhando situações novas e originais. Diante desse breve panorama, é inevitável que o escritor paulista utilize estratégias sociais para demonstrar a proximidade daquilo que desejava desenvolver, através de seus escritos e crônicas, ou seja, o diálogo de Mário alberga toda conjuntura de aproximações que servem de apoio para apaziguar as injustiças e os problemas sociais. Em outro episódio, temos o mesmo sentimento registrado por Mário, em conversa com um de seus melhores amigos. A maior problemática é que o conselho de Mário para seu amigo Drummond é realizado com prudência e fechado no ritmo de uma simples carta. O escritor modernista anuncia uma receita infalível para angariar novos amigos e parcerias que notoriamente ampliariam o gosto pelo social e popular:

E então parar e puxar conversa com gente chamada baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com

³⁶⁷ SANTIAGO, Silviano. Op.cit., p.28.

a inteligência e a erudição. Eles é que conservam o espírito religioso da vida e fazem tudo sublimemente num ritual esclarecido de religião.³⁶⁸

Ao analisar a expressão “puxar conversa” do escritor Mário de Andrade, Silviano Santiago elucida que o escritor paulista tinha vontade pessoal de se aproximar das pessoas e cativá-las através do papo informal, longe das formalidades que tantas autoridades e intelectuais pregavam naquela época. A construção dessas reflexões por Santiago legitima que Mário sempre sentiu vontade de se aproximar do povo, uma necessidade interna de, através do eixo espiritual-religioso, praticar a prosa solidária e fraterna. Santiago acredita que essa disponibilidade de estar ao lado das pessoas “é legítima demonstração desmascarada do cristianismo e do socialismo indisfarçáveis de Mário”,³⁶⁹ ou seja, a fusão desses fatores fortaleceu o empenho do escritor paulista em uma profunda realidade social, com a liberdade de compartilhar o saber e a conjuntura de intelectual que possuía. Ainda, persistindo na tese da prosa de Mário de Andrade como fator de voluntária devoção solidária e fraterna para aproximação das pessoas desconhecidas, o crítico Silviano Santiago complementa essa temática:

O contrato lingüístico estabelecido pela conversa, antes de ser fator de comunicação social, é fala comprometida com a vida em sociedade, com a própria construção de uma sociedade melhor. O aperfeiçoamento no trato com o outro pelo desvio da linguagem é uma forma de ordenar sensível e inteligivelmente o mundo, semelhante ao aperfeiçoamento do homem e da sociedade, do saber em suma, buscado pelo diálogo socrático.³⁷⁰

O endereçamento do texto é certo no objeto social que Mário buscou evidenciar em seus escritos. Por outro lado, o abocanhamento dessa citação também dialoga com a essência do espírito de escritor paulista, com a “fala comprometida com a vida em sociedade”, ou seja, com uma conversa do fim do dia, do diálogo com os vizinhos a seu redor, do bate-papo sem compromisso, do aproximar “puxando

³⁶⁸ ANDRADE, Mário de. In: SANTIAGO, Silviano. Op.cit., p.28.

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ SANTIAGO, Silviano. Op.cit., p.102.

conversa”. Podemos inquirir que Santiago, sem exemplificar melhor esse contexto, pensa em toda a obra literária de Mário dentro dessa perspectiva, especificamente, as crônicas de viagens que aqui investigamos. Decifrar as várias faces dessa esfinge foi o grande mote desse significativo ensaio de Silviano Santiago. Através desses poucos fragmentos examinados na leitura das cartas, Santiago busca evidenciar esse desvendamento quase explícito, mas sem a devida atenção ensaística dada por outros críticos, assim como sem as estratégias para realizar certo esclarecimento a respeito de Mário, no que toca o sujeito mais social e fraterno. Por último e como desfecho de seu raciocínio, o crítico Silviano Santiago enfatiza essa relação entre amigos, entre prosas, enfim, realiza o diagnóstico daqueles que utilizam a conversa como fator de “contato duradouro”, como Mário desejava, com seus amigos e pares. Vejamos os detalhes desse desfecho:

A conversa oral e pública com desconhecidos – como prega Mário – acaba com hábitos arraigados na mentalidade conservadora dos intelectuais brasileiros. Ela alude o passar do tempo e necessidade de contatos duradouros no processo de maturação não só das relações humanas como também do pensamento individual. Ela torna o sujeito indiferente à qualidade da expressão no diálogo e indiferente ao registro intelectualmente baixo ou alto do interlocutor. Ela deixa que a fala do coração transborde em uma linguagem de afeto e rancores, abandonando a escrita intelectualizada e consciente no poço profundo e elitista das produções propriamente literárias.³⁷¹

Esse último fragmento transcrito de Santiago comporta olhares conclusivos novamente para aquilo que estamos discutindo. A habilidade de Santiago de refletir sobre esse assunto demonstra densa vontade de especular um sentimento mais coletivo de Mário, de distribuir e compartilhar seu lado espiritual humanístico com seus amigos de época. Esse sentimento é enriquecido não somente pela vontade, mas também pela espontaneidade e o amor para com aqueles que dividiam seu espaço no trabalho e o ajudavam a representar melhor aquela sociedade. Por esse motivo, é possível deduzir e abstrair que Mário desejava uma sociedade mais próxima, sem divisões de classes,

³⁷¹ SANTIAGO, Silviano. Op.cit., p.30.

sem critérios de divisões socioeconômicas e geográficas, como várias vezes mencionou em suas pesquisas e em seus escritos. Protagonistas ou coadjuvantes, esses sujeitos seriam aqueles que mais transpassavam suas angústias e sentimentos, na tentativa de espriar o lado humano com entusiasmo e compaixão. Enfim, uma dezena de homens e mulheres que pertenciam a essas classes subalternas que desejavam ser ouvidos por Mário e ao mesmo tempo articulavam e enfatizavam sua participação na sociedade brasileira.

Posteriormente, em uma crônica de mesma data, 18 de janeiro, o escritor paulista está também perplexo com as condições precárias de salubridade no trabalho e com a remuneração quase escrava. Certamente, os fragmentos teóricos anteriores analisados do crítico Silviano Santiago surtem grandes efeitos, ao verificarmos que Mário estava disposto a buscar aproximação com aqueles menos privilegiados, para visualizar o alheio, como missão obrigatória de suas andanças. Essas condições lhe permitiam aplicar uma observação de ‘sindicalista literato’ aos moldes superficiais, porém, muito curioso e participante:

A usina Pereira Carneiro estava em atividade e a visitei. Aí se beneficia o sal pra exportação. O calor, apesar do vento, é pavoroso nela. Os operários trabalham 8 horas diárias, das 7 às 11 e das 13 às 17. Assim mesmo sofrem por demais. [...] O ganho diário na usina é de 5 mil-réis pelas oito horas de trabalho, o que se não chega a ser propriamente um crime é porque custa bem a gente distinguir o que seja crime nesta sociedade em que vivemos.³⁷²

Percebemos, nessa citação, forte alusão aos efeitos nocivos e insalubres encontrados nas usinas de sal da região Nordeste. Mário sente o calor excessivo dentro e fora da usina, que chega a incomodar até mesmo a confecção de seus escritos. Segundo as palavras de Mário, o detalhamento dessa produção é realizado de forma metódica e repetitiva, subtraindo a capacidade inventiva e criativa daqueles operários. Parece que Mário fica indignado ao verificar o processo de alienação e condicionamento à quase escravidão desses operários braçais. Percebemos na frase final da citação o possível enfurecimento crítico a toda manancial já estabelecido e programado dentro daquelas circunstâncias. É notável também verificarmos que, nessa mesma época

³⁷² ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.289.

(fim da década de 20), as políticas getulistas em relação à modificação e reformulação das leis trabalhistas impediam uma solução para tais episódios daquela caótica história trabalhista. Referências históricas à parte, certo é que Mário se conscientiza desse crime, mas não pode fazer nada e também não possui especialidade para atuar como legislador, já que, nessa mesma época, não existiam normas em vigor que abarcassem esses modelos predatórios de trabalho escravo.

A possível tomada de posição de nosso intelectual paulista fica condicionada e aprisionada aos fatores políticos externos. A partir daí, podemos notar o uso da palavra sem o efeito pela cura da causa, ou seja, enorme vontade de modificar os conflitos sociais a seu redor, numa impossibilidade de agir sozinho ou até mesmo se buscasse um aliado forte. Se, por um lado, a indústria estava bem detalhada por Mário, por outro lado, o trabalhador rural ganhava outra perspectiva e representação. Nessa etapa, o escritor paulista atravessou de automóvel algumas estradas do interior e verificou o trabalho rural no município de Açu, em data de 19 de janeiro. Apesar de descrever a riqueza da localidade visitada, “Município feliz por causa do rio e das lagoas [...]”,³⁷³ Mário não deixou de fazer sua peculiar crítica sociológica:

O regime do vale inda é latifundiário. O trabalhador rural na época da colheita ganha o jornal de 4 mil-réis. No geral 2 colheitas anuais, rentes uma da outra. Vai tudo pro carnaubal, moços, moças, mulheres, homens. Colheita e farra danadas.³⁷⁴

No trecho extraído, verificamos a condição desordenada em relação ao trabalho também denunciado por Mário de Andrade. Ao mesmo tempo, percebemos o forte contraponto marxista evocado pela quantidade de emprego de mão de obra referente à mercadoria que poderia ser angariada por esses mesmos trabalhadores. A vida humana é alienada e demente pela falta de qualidade, isto é, degradam-se as relações sociais, porque esses homens não possuem mais elos com suas tradições e costumes. No final das contas, a crise do desemprego e a luta por um lugar ao sol, no sentido restrito da palavra, acaba deixando esses trabalhadores mais aflitos em relação ao ganha-pão. O trabalho rural não poupa ninguém: homens, mulheres e interessados entram na mesma roda viciosa e acabam cedendo fragilmente ao trabalho forçado e cruel. A

³⁷³ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.290.

³⁷⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.290.

única luz nesse horizonte um tanto obscuro seria lutar por melhores condições de vida. Possivelmente, dentro dessa concepção caótica, o ciclo quase vicioso representando por Mário não daria escapatória para ninguém, apenas a vontade desses homens em saciar os desejos básicos de sobrevivência e continuidade em salvar suas vidas. Em episódio posterior, nas andanças de automóvel, o escritor Mário de Andrade percebe também, ao entrar na cidade paraibana de Catolé do Rocha, na data de 20 de janeiro, enorme disparidade demográfica entre os efeitos nocivos da migração, na busca de novas oportunidades para a cidade de São Paulo. Tal efeito age como se fosse uma diáspora transnacional nos termos da crítica indiana Spivak.³⁷⁵ O sentimento de Mário parece controverso ao próprio conceito compassivo, ou seja, um sentimento amargo e indefeso em relação a esses fatos cruéis alcança seu pensamento solidário, mas, ao mesmo tempo, sente-se apto a solucionar esses reais acontecimentos difíceis:

Afinal às 17 entramos em Catolé do Rocha, com procissão do orago, rojões, gente bêbeda e mendigos. Mas a cidade está desfalcada. Cerca de 1.100 famílias da zona foram para S. Paulo.³⁷⁶

A saudação do povo regada a fogos e alegria foi grandiosa e estupenda. O maior problema foi notado após verificar o efeito de cidade fantasma, em consequência das fortes migrações para o Sudeste do Brasil.³⁷⁷ O próprio proletário acaba ficando desmoralizado, ao sentir na pele a falta de esperanças na cidade natal. Ao utilizar o vocábulo

³⁷⁵ Segundo Thomas Bonicci (2005, p.23) a terminologia: “Diáspora (do grego diasporein: semear) significa a dispersão de pessoas. As pessoas diaspóricas vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, a qual ainda está enraizada ou na língua atualmente falada, ou na religião adotada, ou nas culturas produzidas. A diáspora constitui um trauma coletivo de um povo que voluntária ou involuntariamente foi banido da sua terra e, vivendo em lugar estranho, sente-se desenraizado de sua cultura e de seu lar”.

³⁷⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.292.

³⁷⁷ Poderíamos aqui relacionar o contexto das migrações internas das pequenas cidades para as grandes cidades como fator densamente pejorativo para Mário de Andrade em relação à perda do folclore. Conforme aponta Ancona Lopez (1972, p.199): “O Folclore é a fonte de conhecimento do povo para Mário de Andrade. Seu isolamento nas zonas de permanência e seu enfraquecimento nas metrópoles industrializadas é mais um testemunho da perda iminente de personalidade do povo, a que chama ‘personalidade racial’. Daí a necessidade de reabsorver o Folclore, criticamente, e devolvê-lo ao povo”.

“desfalcada”, o escritor paulista busca alcançar a conscientização das autoridades vigentes daquele período. Logicamente, tal palavra possui outras conotações que, se fôssemos aqui buscar efeitos análogos ou seu simples dissecamento linguístico, o mais parecido seria em relação ao trabalho e ao salário miserável pago a esses pobres trabalhadores massacrados pelo regime burguês ligado aos donos do capital. Com efeito, percebemos que o lento progresso e o curso dos acontecimentos dessa pacata cidade se contrapõem ao crescimento relativamente rápido da inteligência, ou seja, o progresso não chega e tampouco chegará, enquanto isso, as outras cidades se expandem e crescem, assim como os intelectuais que nela residem. Ainda no fragmento acima, vale retomar algumas das características definidas por Candido (2000) a respeito daquele escritor que depende da formulação e do juízo que determinados grupos sociais elaboram sobre ele. A cidade aparenta estar desfalcada, como Mário escreve, no entanto, aquele grupo que lá está não chega a fazer juízo de seu ofício como homem disposto a denunciar as desigualdades, afirmando o que Candido esclarece a respeito de determinado intelectual-escritor:

Por isso, todo escritor depende do público. E quando afirma desprezá-lo, bastando-lhe o colóquio com os sonhos e a satisfação dada pelo próprio ato criador, está, na verdade, rejeitando determinado tipo de leitor insatisfatório, reservando-se para o leitor ideal em que a obra encontrará verdadeira ressonância.³⁷⁸

Diante da citação acima, verificamos a maestria e a elegância do crítico Antonio Candido para representar o laço afetivo do escritor com a sociedade. Na frase bem generalista ao tom didático e operacional: “todo escritor depende do público”, é notório o forte apreço de Candido aos moldes da sociedade. Não obstante, Candido propõe uma justa análise sobre essa mútua dependência, que age num jogo saudável e estimulante, seja no ambiente literário, seja no macroespaço sociológico. Nesse sentido, o autor de *Literatura e sociedade* ressalta aquilo que possivelmente Mário perfaz na escrita de suas crônicas, ou seja, uma aproximação da realidade vivenciada nas localidades visitadas. Por esse motivo, o escritor paulista, quando descreve a migração da cidade de Catolé e enxerga uma fuga frenética por melhores condições de trabalho

³⁷⁸ CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: L&A Queiroz, 2000. p.76.

dos moradores para a cidade de São Paulo, acaba se colocando na condição do outro, o que permite ao leitor avaliar que o espírito solidário de Mário ultrapassou diversas barreiras. Ao utilizar a dicotomia “leitor insatisfatório” e “leitor ideal”, Candido pondera e ressalta o raciocínio designado para os moldes daquele escritor que se preocupa com o que representa.

Em outra passagem, do dia 21 de janeiro, Mário denuncia a mesma cidade, que agora se prepara para a construção de uma moderna rodovia que ligaria os dois estados: Paraíba e Rio Grande do Norte.

A estrada de rodagem de Caicó pra Catolé do Rocha, ligando o Rio Grande do Norte com a Paraíba, empregando 400 trabalhadores – o que quer dizer 400 famílias alimentadas – com o jornal ridículo de 2\$500, o Governo Federal suspendeu de sopetão.³⁷⁹

Esse contraste taxativo e contraditório diluído por Mário, através de suas palavras, empregava boa parte dos homens da cidade, mas ao mesmo tempo não lhes permitia a compra de um único jornal que lhes mantivesse superficialmente informados da situação local. O preço do jornal é comparado à força produtiva desses proletários. Mário, ao utilizar o preço do jornal para fazer uma alusão ao Governo Federal da época, buscava também evidenciar o descaso total da valorização dos proletários dessa mísera região. Pensando nessa situação, tal condição abrangida por Mário oferta a oportunidade de verificarmos que nada foi realizado em benfeitoria desses trabalhadores braçais, tendo em vista as consequentes e densas migrações denunciadas pelo escritor modernista através de seus testemunhos diários realizados nessa região. Não obstante, o escritor modernista faz questão de abordar o processo criativo desse povo fragmentado e perdido nessa selva capitalista. Em crônica de mesma data e ainda situada na cidade de Caicó, Mário desenvolve alguns diálogos reflexivos que deixam marcas naquele olhar nordestino tão acabado e tão massacrado, mas que nunca perde suas esperanças. Isso fica nítido nesse excerto:

O nordestino é prolífico. Dez meses de seca anual. Não tem o que fazer, faz filho. Os mais fortes vão-se embora. Fica mas é a população parada,

³⁷⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.294.

vivendo porque o homem vive, acha meio de viver até aqui!³⁸⁰

A criatividade desse homem rústico e batalhador submete o pensamento do escritor paulista a tecer esse episódio com persuasão e retórica. Percebemos no sintagma “O nordestino é prolífico”, uma forte conotação adjetiva ligada à variedade da invenção, da disposição, da espontaneidade, da improvisação e de outros fatores ligados ao meio social que Mário representava. Nesse sentido, o marasmo da população não implica algum comodismo ou rejeição para realizar algum trabalho desse gênero. Dessa forma, Mário ameniza o sentimento de inferioridade e exclusão do nordestino, vangloria seus sentimentos e aspectos criativos de sobrevivência. Ora, nesse projeto que envolve tamanha profundidade, comprometer-se com a consistência demanda muita resistência, perseverança e entusiasmo para lidar com esses aspectos. Diante dessa atrocidade já verificada por Mário de Andrade, caberia a nosso escritor agir de outra forma, mais racional e com toques de solidariedade, pela busca das tradições perdidas. Ainda na cidade de Caicó, do dia 21 de janeiro, o escritor paulista tece, na mesma crônica analisada anteriormente, porém, com outro discurso, a condição benéfica dos sulistas em relação ao povo nordestino:

Isso pra nós sulistas é um benefício enorme, recebendo essa emigração de moços fortes, selecionada pela própria energia de partir sem sentimentalismo. Porém graças a Deus que não sou nem paulista nem patriota! O que vejo mesmo é a seleção depauperando o nordeste. E o sofrimento do homem.³⁸¹

A digressão poético-científica do retirante que não tem escolha nem opção é relatada com efeitos humanistas e interesse por responsabilidade mútua. É poética, porque impõe pelo sentimentalismo, e já científica por motivos de seleção com aqueles que vivem naquelas condições. Nesse sentido, Mário resolve verificar os prós e os contras de um processo de migração desenfreado e problemático. O escritor paulista age como um profeta que observa de longe toda a desgraça dessa migração predatória e caótica que urge cuidados políticos. Da mesma maneira, Mário realiza apontamentos críticos para aqueles

³⁸⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.295.

³⁸¹ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.299.

migrantes que saem de sua origem sem sentimento ou memória a seus entes queridos e parentes próximos. Na passagem acima, o escritor paulista articula a problemática que se perpetuaria em toda a cidade de São Paulo, desde os anos 20, passando pelas outras décadas marcadas pela desigualdade brusca e o inchaço urbano, que se formou ao longo do tempo. Como verifica atentamente o antropólogo Darcy Ribeiro: “[...] vivemos um dos mais violentos êxodos rurais, tanto mais grave porque nenhuma cidade brasileira estava em condições de receber esse contingente espantoso de população. Sua consequência foi a miserabilidade da população urbana [...]”.³⁸² Apesar do fato ser contemporâneo e recente, não deixa de perder sua relevância e diagnosticar como aconteceu o efeito predatório das migrações. A seleção, como apontada por Mário, massacra o sujeito e sua própria condição de existência, já que ele deixa seus vínculos familiares e a memória já fragmentada que esfacela sua mente. Ora, dentro desse repertório cruel, não é possível encontrar nenhuma vantagem, pois esse trabalhador desqualificado sai de sua localidade de origem pela miséria já aparentada e encontra outra miséria em condições piores e solitárias, na selva de pedra de São Paulo. Ancona Lopez reforça, por último, nossa argumentação: “As crônicas de ‘O turista aprendiz’ são marcadas por uma profunda análise comparativa sobre o que é São Paulo, como o nordestino o entende e o que dele espera”.³⁸³ Por outra ótica, ainda na cidade de Caicó, no dia 21 de janeiro, Mário reflete sobre outras possibilidades para esses efeitos perturbadores das migrações de massa. Seu olhar agora era direcionado para uma empreitada maior e bastante objetiva em relação a soluções que ao menos buscassem respostas práticas para a situação que estava ocorrendo.

Era preciso canalizar esses sertanejos pra esses vales, pro litoral, e atarrachá-los aí por meios suasórios que ao mesmo tempo terminassem com o regime latifundiário que inda subsiste colonialmente por aqui.³⁸⁴

Esquadrinhando esses pormenores contidos nas entrelinhas desse fragmento, notamos que o olhar de Mário era voltado para uma

³⁸² RIBEIRO, Darcy. *Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005. p.198.

³⁸³ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p.219.

³⁸⁴ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.299.

elucubração prática, na tentativa de resolver os problemas imediatos desse proletariado oprimido e ao mesmo tempo esperançoso e motivado a enfrentar tais problemas. O ressentimento desses trabalhadores, como expõe Mário, não seria o único sentimento de desabafo, talvez impensado, e pouco calculado pelo escritor paulista. Vejamos que o intelectual Mário glosa na primeira pessoa, tentando adquirir aspectos de particularidade para o caso representado. “O intelectual deve responder na primeira pessoa pelas próprias ideias, quando decide torna-las conhecidas do público”,³⁸⁵ assevera o sociólogo Noberto Bobbio, ou seja, tornar público seria papel preponderante no discurso marioandradiano. Sem medo e sem receio, seu discurso atinge todos aqueles a quem servir a carapuça. Ao mesmo tempo, o desabafo produz um sentimento marcado pelas questões de um intelectual desesperado por soluções para tais problemas. Mário, sobretudo, interroga as condições de produção e as projeta para melhorias. Portanto, ao que tudo indica, Mário, conscientemente com sua pátria, verifica as hipóteses das desigualdades subumanas nas quais estavam inseridos todos aqueles humildes homens. Por esse motivo, sua literatura ganha os foros daquilo que Antonio Candido escreve, pelo mote da receptividade mútua que pode angariar tanto o escritor quanto o leitor. Vejamos isso nesta passagem:

A posição do escritor e a receptividade do público serão decisivamente influenciadas pelo fato de a literatura brasileira ser então encarada como algo a criar-se voluntariamente para exprimir a sensibilidade nacional, manifestando-se como ato de brasilidade.³⁸⁶

A citação acima intenta pensar que a expressão pátria “ato de brasilidade”, evocada por Candido, combina perfeitamente com as variadas atitudes de Mário de Andrade, frente aos desafios enfrentados, dada sua atitude de escritor em busca daquilo que observava. A subjetividade que cerca o ofício da escrita realizada por Mário ganha seu devido tônus, à medida que clarifica sua real posição naquele meio, ou seja, o escritor paulista, no trecho da crônica anterior, acredita que deveria denunciar o sistema desigual das divisões de terras, concentradas em mão das elites latifundiárias, como fator preponderante

³⁸⁵ BOBBIO, Noberto. Op.cit., p.101.

³⁸⁶ CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: L&A Queiroz, 2000. p.80.

para a diminuição das desigualdades. Isso acaba imprimindo determinada reflexão relativa ao nacional e a aspectos de nossa brasilidade, como expressa Candido. Em outra etapa, agora na cidade Jardim de Seridó, em crônica do dia 22 de janeiro, também percebemos as formas de trabalho notificadas e esclarecidas entre os trabalhadores. Vejamos como Mário estabelece na prática da colheita do algodão a relação patrão-empregado:

O trabalhador aqui, no geral, é meiteiro. O proprietário das várzeas e dos açudes dá a terra, o proletário planta e colhe o algodão, o resultado é metade pra cada um. Isso prende um bocado mais o proletário à região e o êxodo de moços diz-que é menor aqui. Mas existe também.³⁸⁷

No trecho transcrito, notamos nitidamente a mútua relação sinonímica compartilhada entre proprietário e agricultor. A par dessa dicotomia esboçada por Mário, verificamos que não é fácil solucionar tal questão. Estimulante é verificar que Mário descreve em modo “rês do chão” a forma e os procedimentos desencadeadores do sistema trabalhista nordestino. Ele utiliza, dessa forma, ponderações cuidadosas para descrever todo esse processo, haja vista o cuidado com outras interpretações não condizentes. Esse sistema de trabalho compartilhado era chamado de “meeiro”, e consistia naquele o agricultor que não tinha terras, mas possuía mão de obra, cultivar terras alheias para depois repartir seu lucro ou pagar o aluguel das terras ao proprietário. Era provável que, nesse sistema, tanto empregado como dono de terras ganhassem juntos. Nesse sentido, notamos que a exploração da mão de obra era menos brusca e vantajosa para o proprietário de terras. Nesse esquema de produção, o escritor Mário verifica grande vantagem, já que o trabalho quase forçado prende o agricultor às terras de seu proprietário, que, também, nesse mesmo local, consegue funcionar como intermediário entre seus produtos e o mercado consumidor da época. Curiosamente, ainda em crônica do dia 22 de janeiro, o escritor paulista nota que a saída brusca desses trabalhadores fica interdita temporariamente, já que estão condicionalmente amarrados ao local onde estão produzindo sua matéria-prima.

Mais um grupo de retirantes. Mulheres guindadas sobre badulaques de mudança que os 02 burros

³⁸⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.300.

carregam. Homens de pé. Um jerico leva os caçuás cheinhos de crianças. De certo vão pro açude federal de Sta Cruz onde já tem mais de 200 famílias aranchadas...³⁸⁸

“Falta de perspectiva para com a vida”, “falta de estrutura familiar e social”, “falta de esperança e oportunidade nas terras de origem”, a imagem do retirante é, nesse fragmento, a realidade dura e crua, o oposto daquilo que ocorre na cidade natal do escritor paulista. Interligando os acontecimentos, notamos também que a sequência desses trechos perfaz o mesmo campo semântico em seus respectivos períodos, ou seja, aquele da lacuna miserável que age como fator determinante para esses retirantes. Inevitável é dizer que o escritor Mário de Andrade, nesse último depoimento sobre migrações internas, quando adota os dois vocábulos, em relação aos transportes dos moradores, “burro” e “jerico”, coloca o leitor diante de duas situações que demandam discussão. Metaforicamente ou não, certo é que o escritor paulista utiliza esses vocábulos para caracterizar o léxico condizente com a simplicidade dos moradores locais, assim como para abrir significados que condizem com a temática da sobrevivência pela comida. Logicamente, esses animais são tão resistentes como seus moradores. A resistência funciona como uma etapa indispensável à vida dos homens, assim como dos animais que os carregam, ou seja, insistência em sobreviver e conquistar a comida do arranhamento local, tarefa importante para garantir o sustento. Por outro lado, se tomássemos as duas palavras e suas principais conotações próximas, resumiríamos talvez a intenção de Mário ao descrever tal episódio. Em suma, resta uma grande reflexão filosófica, que possa amalgamar todo o turista aprendiz e fazer conjugar seus novos anseios.

Em última análise, as contribuições sociais de Mário de Andrade apontadas nesses fragmentos e episódios explorados em nossa análise são inestimáveis, pois revelam que os grandes pensadores e intelectuais precisam soltar as amarras e mergulhar no espaço geográfico alheio, e junto a isso buscar, nessa aproximação, alternativas para melhorar a vida dessas pessoas. Grosso modo, capitaneados pelas ideias de Mário, esses homens e mulheres desejavam uma revolução, e Mário sentia profunda vontade de colocar tudo isso em prática, urgentemente. Mário realizou um tensionamento, agindo por intermédio, propondo novas maneiras de enxergar e modificar aquela dura realidade. É lógico que o escritor

³⁸⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.301.

modernista não teve autoridade para realizar tudo isso, mas é certo que, através de seus escritos, conseguiu propagar, de alguma forma, o desenvolvimento e o resultado de seu pensamento junto à sociedade e seus maiores problemas. Em suma, uma lista que reúna os principais pensadores do Brasil deve obrigatoriamente incluir o nome de Mário de Andrade, como membro de uma força cultural e revolucionária das formas artísticas e sociais.

O escritor Mário de Andrade talvez jamais tenha imaginado que algum dia um pesquisador de uma universidade brasileira formularia uma maneira de escrever uma dissertação de mestrado que buscasse interpretar as “contribuições sociais” em suas crônicas de viagens do inacabado livro *O turista aprendiz*. Não tivemos acesso à recepção dessas crônicas, publicadas naquela época, pelo leitor, no entanto, podemos calcular que, ao serem reeditadas no ano de 1976, graças ao empenho da fiel pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez, naquele período e na atualidade, elas provocaram até mesmo o leitor menos experiente a refletir sobre um Brasil mais democrático e menos injusto no que tange às causas sociais. Mário mal sabia que esse projeto de livro e crônicas publicadas no Diário Nacional de São Paulo, entre os anos de 1928 e 1929, junto como outros textos e *Os filhos da Candinha* (1942), seria transformado em um livro oficial e digno de respeito por boa parte do universo acadêmico das ciências humanas. Mais importante disso é que esse assunto se consolidou após inúmeras leituras que evidenciaram e sugeriram um desempenho interpretativo dessas principais visitas às cidades e às indústrias do Nordeste brasileiro, certamente, fortalecidas pelo empenho do escritor paulista em realizar análise socioeconômica. Essas leituras identificaram, gradativamente, como essas contribuições sociais se sustentaram pela representação da população local. Essas contribuições, possivelmente, trouxeram mudanças e transformações em um período posterior, enxertadas de referências a melhorias que poderiam ser realizadas.

A questão brota naturalmente: Quais são os reais desdobramentos dessas contribuições sociais estabelecidas por Mário de Andrade? A resposta ainda se bifurca, dadas algumas dúvidas e incertezas. Interessante seria desenvolver um estudo que ousasse aprofundar essa temática, tão rara e, a nosso ver, tão necessária de ser esclarecida. Como dito, não chegamos a investigar o público das crônicas publicadas no Diário Nacional, mas calculamos, pelo esforço que Mário empreendeu nesses escritos, que, no mínimo, boa parte dos leitores tenha impulsionado suas reflexões para um porvir de melhorias posteriores. Assim, repercutiram seus escritos em forma de reflexões retomadas, ou

não, pelo viés das incertezas políticas que estavam pela frente. Aliás, representar o povo na pena de Mário significava fazer crítica social e, conseqüentemente, gerar consciência nas autoridades, para futuras melhorias. Enfim, Mário deixou muitos dizeres travados nas entrelinhas de seu discurso, gerando novas interpretações na mesma época.

A obra *O turista aprendiz* é, mesmo inconscientemente, um estudo cultural e sociológico do Brasil, especificamente do Norte e do Nordeste, nos anos de 1928 e 1929, por isso, possibilitou e instigou as análises de Antonio Candido, Octavio Ianni, Silviano Santiago e brevemente a mencionada crítica do subalterno realizada por Spivak. Como já abordamos, em demasia, o escritor paulista não abandonou o povo e o popular de época, simplesmente sabia que todo esse acervo seria imprescindível para a formação e caracterização de seus registros, de suas crônicas de viagens e de sua fértil imaginação para romancear tudo aquilo que observou nas principais cidades visitadas. Por esse motivo, Mário não partiu da classe favorecida para representá-la em seus escritos, mas da classe subalterna, visualizando as mazelas, as precariedades, a exploração pelo trabalho escravo, a péssima condição de moradias e saneamento básico, enfim, o repertório social dos mais desfavorecidos ou afastados do progresso. Certamente, nesse momento, a influência de suas “contribuições sociais” e de seu critério de juízo, com o qual compartilhou de forma fraterna, diante das dificuldades enfrentadas pela população.

Observamos, encerrando nosso raciocínio, que, no tom geral da história, há pitada de interpretação literária e de aspectos sociológicos. Nossa abordagem tentou oferecer possibilidades de reflexão sobre o livro *O turista aprendiz*. Apesar das dificuldades do povo do Norte e Nordeste para lutar frente às desigualdades, um único fragmento resume boa parte do entusiasmo, otimismo e audácia desse povo para sobreviver em uma terra tão promissora, porém, tão distante do progresso e do olhar das autoridades. Vejamos o trecho de uma crônica densamente otimista de 01/01/1929: “Se saúde, facilidade, bem-estar fosse deduzível da alegria, o proletário nordestino vivia no paraíso. A gente daqui é alegre e canta tanto como ela não sei que se cante”,³⁸⁹ escreveu Mário, retribuindo de forma amistosa o sentimento fraterno do povo que tanto buscou aclamar e representar em suas andanças. O tom apostólico das frases registradas por Mário enobrece o discurso daqueles que mesmo sofrendo não deixam de buscar alegria, para lidar de forma otimista com os variados desafios enfrentados. Obviamente, esse episódio, juntamente

³⁸⁹ ANDRADE, Mário de. Op.cit. p.303.

com os demais explorados em linhas anteriores, marca e resume muito daquilo que esses homens e mulheres passavam durante seu percurso, no enfrentamento das dificuldades.

Tais sugestões e direções de leitura procuram fornecer apoio e interpretação e gerar possíveis desdobramentos para outras crônicas em que o escritor paulista se empenhou em demonstrar, através de crítica, nossa própria sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apreciamos muito a teoria de Antonio Candido que repensa as relações do escritor e da sociedade já comentadas na introdução. Em outras palavras, Candido percorre um olhar investigativo para concatenar as teorias sociais que compartilham o ofício do artista-escritor, citando um vasto acervo teórico e também obras literárias que abordam esse aspecto tão importante para compreender o ofício do escritor, no próprio ato de fazer literatura. Através de tais formulações, percebemos que Mário comunga com o escritor Antonio Candido, o fato de acreditar que toda arte literária é baseada nas circunstâncias pelas qual o escritor está diretamente cercado, na tentativa de representar esse povo em palavras. O crítico Antonio Candido era amigo particular de Mário, e ambos foram grandes interlocutores no ambiente literário de época, especificamente no fim da vida do escritor, na década de 1940. Ora, assim como Candido, o modernista busca, através de seus escritos, situar aquele escritor que sempre pauta seus escritos na sociedade que ele representa. Por isso, a sociedade e o popular, na obra *O turista aprendiz*, têm maior significância, como aspecto conteudista indispensável para a sustentação do próprio trabalho de Mário.

Ao término dessas considerações reflexivas sobre as contribuições sociais do escritor Mário de Andrade, na obra *O turista aprendiz*, podemos brevemente retomar o primeiro parágrafo da introdução desta dissertação, enobrecido com a importante citação da pesquisadora Ancona Lopez. Essa abordagem é necessária para sabermos a importância de trazer à tona essa relevante contribuição literária, como fator preponderante à compreensão da personalidade do escritor paulista, assim como de seu pensamento e papel, no período modernista. A reflexão da pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros evoca pensarmos que a divulgação de estudos e pesquisas realizadas no âmbito acadêmico amplia a discussão e aprofunda temas que projetam novos rumos investigativos para a obra do escritor paulista, gerando resultados diferenciados nas pesquisas. Cremos que, ao longo deste percurso estabelecido, sem desejar resultados pretensiosos, conseguimos, ao menos, provocar a curiosidade e problematizar os principais temas abordados por Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz*.

Com certeza, Mário rechaçou a vontade de fazer literatura, especificamente crônicas de viagens, mesclando elementos referenciais e ficcionais, pelo estudo do folclore e da etnografia, aproximando o popular e o povo, perfazendo e antecipando aquilo que muitos escritores

já na década de 30 faziam em seus escritos, como já abordamos. Uma frase dita por Mário sintetiza aquilo que foi dito e que resolvemos abordar: “Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem do povo”.³⁹⁰ De maneira alusiva a isso, sua maior estudiosa afirma: “A Mário não atraiu um conhecimento sobre o povo, e sim o conhecimento do povo, haurido em sua voz”.³⁹¹ Mário não sabia exatamente quais seriam as repercussões de seus diários, que na época foram apenas publicados no *Jornal Diário Nacional* de São Paulo, mas já previa seus efeitos, quando muitos leitores tivessem acesso a seus escritos em forma de livro. Desse modo, o escritor paulista já calculava uma determinada impressão que evidenciasse todos os problemas acumulados na época. Por esse motivo, os diários de viagens da obra *O turista aprendiz* apresentam um olhar conjuntural à realidade do Norte e do Nordeste brasileiros, em que se resgata um panorama documental para muitos pesquisadores da área das ciências humanas: história, geografia, artes. Portanto, todo esse aporte explorado e descrito por Mário teve papel fortificador para outros estudos de natureza ficcional ou documental.

—A definitiva publicação da obra *O turista aprendiz*, no ano de 1976, pela autoridade de Telê Porto Ancona Lopez, ajudou a projetar a imagem de Mário de Andrade como forma de conhecimento por parte dos leitores e sua personalíssima vontade espiritual modernista. De 1928 a 1929, quando o escritor teria viajado, até 1976, passou-se quase meio século, em que tais escritos ficaram na penumbra das estantes de pesquisa, até que pudessem prosperar nas leituras dos fiéis discípulos de Mário. No entanto, graças à iniciativa incomparável de Ancona Lopez nos estudos literários de Mário, por conta da reedição desse livro, muitos estudos estão tomando relevância no meio acadêmico e saltando patamares investigativos do cenário nacional e internacional. Somente na década de 1980 e 90, muitas dissertações, teses e artigos buscaram revelar a amplitude da personalidade e do caráter de Mário, com base na obra *O turista aprendiz*, e outros conquistaram novos palcos, em áreas correlatas de estudo da literatura e das ciências humanas em geral. Tomamos como exemplo, duas dissertações úteis,

Não obstante, podemos especular que as contribuições sociais deixadas por Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz* projetam uma consciência atual sobre problemas históricos e ilumina

³⁹⁰ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.258.

³⁹¹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. O riso e o rictus. In: *A imagem de Mário*. São Paulo: Edições Alumbamento, 1998. p.15.

reformulações para as instituições que elaboram as políticas de combate à fome, distribuição de terras, infraestrutura nas cidades do interior, ampliação da oferta de trabalho, assim como a miséria nesse país. Diante disso, podemos dizer, sem risco de errar, que seus escritos são atuais para sua época e para a contemporaneidade. Em ambas as épocas, eles deixaram uma semente para a história cultural e social dos períodos, e pode ser interpretados como um documento fiel dos episódios e acontecimentos que cercavam as cidades visitadas e exploradas à luz de seu íntegro pensamento. Talvez Mário, inconscientemente, tenha feito um documentário de época sobre o comportamento das fileiras desses trabalhadores frente às condições precárias de trabalho e do esquecimento deles nessas mesmas condições. Certamente, essa leitura não é a única maneira de se verificarem esses problemas emergentes, mas ela sugere um olhar mais sociológico, para aquilo que buscamos comprovar nesta dissertação. Certo é que ainda existem muitas formas de explorar o manancial da obra *O turista aprendiz*, por isso, lançamos algumas sementes que brotarão no solo dos estudos literários e de outros campos de investigação.

Nesse sentido, como inquiremos através de muitas reflexões, especificamente no último capítulo, Mário sentia forte vontade de questionar os moldes do capitalismo burguês e tentava informar, a sua maneira, o abismo econômico e cultural que cercava a maioria dos cidadãos das localidades visitadas por ele. O resultado disso, a seu ver, formulava uma reivindicação de melhoria para aqueles que estavam afastados do progresso e de uma civilização próspera, para encarar novos desafios, que vinham sendo implantados pela burguesia local. O prejuízo dessa manobra do capitalismo desenfreado é que a população ficava afastada das decisões que a afetavam e de ser protagonista daqueles episódios. Com efeito, Mário esforçou-se para transformar e modificar o sistema do Estado, junto às reais autoridades, através da publicação das crônicas no Jornal Diário Nacional, numa forte vontade de chamar atenção para uma situação desconhecida de todos. Por esse motivo, Mário poderia ser brevemente simbolizado como ícone cultural e social que frequentemente fez de seu ofício de escritor uma espécie de sacerdócio a favor daqueles que estavam esquecidos pelas autoridades.

Ao que tudo indica, Mário queria transformar em palavras todas suas observações e partilhá-las. Mesmo não tendo interesses diretamente ligados a uma posição sociopolítica, nem poder de decisão para mudar as coisas, o escritor paulista influenciou a maneira de pensar daquelas autoridades. Acreditamos que muitas evidências encontradas e discutidas ao longo deste trabalho de pesquisa demonstram seu papel e

real interesse de fazer “arte interessada”, como ele mesmo escrevia nas cartas trocadas com seus pares, já mencionadas em linhas anteriores.³⁹² Sobretudo, Mário alavancou muitos estudos e pesquisas sobre o Brasil de época, como já comentamos nos capítulos anteriores. Dentro dessa musculatura, Mário não exerceu apenas a função de escritor vinculado a questões humanitárias e em favor das relações práticas, realizadas pela sociedade, tampouco escritor político, no entanto, ele foi um sujeito apaixonado por exercer a prática humana em suas variadas amplitudes. Basta verificar o potencial de seus escritos com pessoas importantes da época, homens ligados aos interesses da nação e da política vigente, para comprovarmos isso. Mário abraçou essas causas, opinou sobre elas, crivou muito daquilo que não achava tão necessário, ofertou sugestões, mudanças, inspirou novos desafios e modificou o rumo dos cidadãos e das cidades que visitou durante suas viagens pelo interior nordestino.

Escrever essas conclusões, elaboradas à luz do pensamento de Mário de Andrade, e anteriormente, no segundo capítulo, suas facetas intelectuais, cuja existência fez dele um paradigma de homens voltados ao campo das letras e de sujeito comprometido com suas respectivas nações, é uma tarefa um tanto árdua e arriscada. Afinal, podemos cair na tentação de modificar esses tipos intelectuais em homens perfeitos na realidade em que eles estavam inseridos naqueles períodos. É preciso de uma dose de habilidade, para não cairmos nessas tentações intelectuais vaidosas e entrarmos em particularidades pessoais, que poderiam fugir à real pretensão desta discussão. Mas concordamos em afirmar, de forma relativa, que é comum a um tipo de trabalho como este uma redação que ouse na formulação de juízos ou critérios sobre todo o contexto já mencionado. No entanto, essa tarefa difícil pode ser ainda maior, quando quem escreve teve o enorme gracejo de interagir na transformação do suposto renascimento de pensamento de Mário, através do aprofundamento de leituras e novas formulações desses escritos. Cabe lembrar que Mário sempre foi a favor de uma obra aberta e sem formulações conclusivas.

O leque dos interesses aqui trabalhados induz a imaginar uma diversidade de competências que desconcerta e intriga qualquer leitor mais desprevenido. Percorrer todo esse manancial que foi exposto significa verificar que o pensamento de Mário de Andrade foi alimentado com os aportes das Ciências Humanas, da História, da Linguística, da Filosofia, da Literatura, da Sociologia, intercalando tais

³⁹² Ao leitor mais interessado, a página 156 corresponde àquilo que aqui repetimos, e sobre o que refletimos novamente.

reflexões ao longo de sua trajetória de intelectual militante e combatente. Por isso, o cruzamento dessas fronteiras, especificadas na introdução e expostas nesta dissertação, foi essencial para atingirmos a pluralidade e o rigor do pensamento de Mário como escritor polígrafo e estudioso desses assuntos. Esse leque cultural que o escritor modernista assimilou foi indispensável para conseguirmos formar boa parte de sua personalidade, assim como provocar outros possíveis estudos e formulações sobre sua trajetória de cinquenta e um anos de vida. Não sabemos se Mário logrou êxito em aplicar todo esse conteúdo humanístico em suas obras artísticas, mas certo é que preencheu boa parte desse mesmo conteúdo nas discussões, sendo conivente tanto no ambiente acadêmico como artístico. Visceralmente, o líder modernista abriu suas inquietações nos escritos da obra *O turista aprendiz*, tecendo novas problemáticas, ressuscitando novos dizeres, provocando infinitos horizontes, ao enxergar a realidade brasileira.

A nosso ver, a investigação da obra *O turista aprendiz*, juntamente com o panorama circunstancial (Vanguarda europeia, Facetas intelectuais, Literatura e fotografia, Literatura de viagens – confeccionados em subitens ao longo desta dissertação) ao qual Mário foi submetido, pôde nutrir outros desdobramentos tão corajosos. Todo esse reservatório de pesquisa trabalhado significa e indicia maior compreensão da cultura da América Latina como panorama social, político e artístico das representações da nação, como categoria que fortalece o aporte documentário e imaginário, como citado e apontado nos estudos do pesquisador Raúl Antelo. Mário e outros escritores da época, mencionados ao longo das páginas anteriores, estavam dispostos a fazer literatura com propósitos sociais e deixaram seus respectivos legados. Tais heranças influenciaram outros escritores a prosseguir e a alcançar outros projetos literários que pudessem corresponder à realidade de suas nações. Mário não ditou receitas literárias sobre crônicas de viagens, tampouco estipulou dogmas sobre sua linguagem, mas, sobretudo, deixou ganchos fortalecidos para que outros escritores buscassem, em sua inspiração artístico-poética, criar formas de complementar seus escritos, assim como tecer projetos que representassem o Brasil de maneira solidária e fraterna.

Tratamos também, na presente dissertação, da aproximação progressiva e gradativa de Mário em relação ao povo que posteriormente seria representado como elemento substancial e protagonista de suas crônicas investigadas no terceiro capítulo deste trabalho. Assim, buscamos compartilhar o poder perceptivo e ao mesmo tempo criativo, que Mário realizava com afazeres de intelectual não alheio a seu

universo representativo. Sobretudo, apresentamos o tratamento de Mário em relação à atitude de conquistar pares, amigos que junto com ele fortaleceriam sua atitude frente aos desafios intelectuais da época. Examinamos, ainda, como esses relacionamentos contribuíram para sua formação personalíssima de homem polígrafo e eclético aos estudos de natureza artística e intelectual. A aproximação desses homens apresentou, conseqüentemente, a construção do caráter solidário e social defendido por Silviano Santiago, em seu ensaio *Ora direis puxar conversa*, que versa sobre a capacidade de Mário de construir amizades com pessoas desconhecidas e alertar, sobretudo, seus pares, Carlos Drummond de Andrade, da importância de sair de casa para angariar novos amigos.

Por um viés histórico já discutido, é necessário frisar novamente que 1928 e 1930 foram anos decisivos para que Mário expandisse seus horizontes através de suas viagens. O período histórico pincelado de maneira suave nesta dissertação foi fértil para concretizar variados estudos que alcançassem repercussão nacional. Não foi à toa que a obra *Macunaíma*, publicada em 1927, surgiu desse mesmo emaranhado de investigações e pesquisas com o folclore da nação brasileira. Diante desse contexto, a obra de Mário de Andrade, longe de ser finalizada e guardada nas estantes dos institutos universitários, parece ainda suscitar muitas questões a ser exploradas pelo viés sociológico e cultural. Essas questões serão esclarecidas, à medida que novas pesquisas acadêmicas deem continuidade às investigações. Contemporaneamente, o ano de 1995 foi o marco principal na resolução de muitas dúvidas sobre a vida pessoal do escritor e a formação de seu caráter, tendo em vista que, nesse mesmo ano, deu-se a abertura de suas correspondências restantes, trocadas com uma gama numerosa de intelectuais que fizeram parte de sua vida.

Por meio de evidências discutidas ao longo desta dissertação, podemos inquirir que Mário cogitou ter sido bastante polêmico em suas considerações epistemológicas sobre o marxismo socialista. É lógico que devemos levar em conta que ele exerceu esse poder de maneira relativa, dosando suas ponderações de forma pormenorizada e sempre desejando trocar sua “fantasia” de intelectual, quando necessário. Seus olhares remeteram a uma possível solução para tais problemas. Podemos dizer que seu *métier* clássico de homem erudito até fugiu de seu principal objetivo. Nesse sentido, podemos arriscar a dizer que o escritor paulista observou de forma aguda e apocalíptica as vicissitudes coletivas dos proletários nordestinos, fazendo surgir uma forma de defesa social em torno desses desprivilegiados. Como afirma a estudiosa Ancona

Lopez, ao examinar as iniciativas do autor modernista, “Mário quis estar com o povo, endossando somente propostas que considerou reformuladoras”.³⁹³ Em seu percurso de escavador das vicissitudes sociais proletárias, Mário de Andrade articulou, através de sua voz e da pena de escritor comprometido, o solo onde as desigualdades estão depositadas por inteiro.

É sabido que muito do panorama geográfico urbano das cidades que Mário de Andrade visitou sofreu relativamente poucas mudanças em aspectos sociais e arquitetônicos. Obviamente, todos os aspectos sociológicos representados aqui fogem das questões de trabalho, classe, moradia, estilo de vida e acesso cultural que tenham se modificado. No entanto, muitos escritos e idealizações pregadas pelo escritor paulista podem ser lidos como um grande compêndio histórico-social, que baliza e sustenta o povo brasileiro no seu contemporâneo, em pleno século XXI, ou seja, quase nove décadas se passaram e muitas cidades continuam sem infraestrutura e sem condições satisfatórias de trabalho que garantam a sobrevivência. De governo em governo, nada foi realizado de tão relevante, que pudesse modificar o panorama insustentável das cidades visitadas por Mário. Por esse motivo, podemos imaginar que Mário foi precursor de projeções idealizadas sobre o Brasil atual, porém, ainda não há prática, pois tudo continua no papel, nos densos documentos que alimentam estatísticas estatais. Portanto, é possível que muitos sociólogos, literatos, filósofos, políticos e pessoas afins possam ler essa obra com olhares otimistas para enfrentar a cruel realidade brasileira.

Escritores de literatura de caráter social, como é o caso de Mário de Andrade na obra *O turista aprendiz*, sempre serão seres preparados para compreender o sentimento solidário humano de outras gerações, assim como a maneira como acontecem e irão acontecer suas representações literárias na “sua época e na sua nação”. O dever desse intelectual escritor que realizou perquirições sociais, conforme rastreamos no segundo capítulo, cujo instinto ideológico não ficava indiferente ao drama de seu tempo, é fazer explodirem as contradições, desvelar os paradoxos que nos colocam diante de conflitos sem resposta aparente, indicar os caminhos sem saída. Nesse sentido, o intelectual Mário de Andrade conseguiu imortalizar seu nome e deixar marcas indeléveis na vitrine dos maiores intérpretes brasileiros, ao atingir a categoria de escritor inquieto com as angústias culturais e sociais desses

³⁹³ LOPEZ, Telê Porto Ancona. O riso e o rictus. In: *A imagem de Mário*. São Paulo: Edições Alumbamento, 1998. p.12.

Brasis. Não é à toa que uma recente publicação do crítico Silviano Santiago, intitulada *Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil*,³⁹⁴ revela a importância da compreensão dos modelos dos intelectuais para o caso brasileiro. Sem delongas e sem rodeios, Mário conseguiu resgatar, através das visitas às indústrias da Paraíba e do Rio Grande do Norte, uma espécie de revolução proletária que pudesse fazer vingarem melhorias aos outros protagonistas, conforme mencionamos anteriormente.

Provavelmente, podemos calcular que a obra *O turista aprendiz* inaugurou, na época em que foi lançada (1976), um novo estilo de pensar e imaginar a realidade literária e social brasileira. Igualmente, postulamos que esse estilo tipicamente modernista almejava explorar, de maneira etnográfica, a realidade que muitos outros viajantes conseguiram concluir. Sob vários aspectos, Mário desejou atingir uma gama de assuntos que chegaram a fugir de sua alçada de conhecimento: economia, sociologia, antropologia, enfim, essa diversidade “pegou carona” de maneira autodidata e vantajosa para seus escritos. Para lograr essa reflexão rigorosa, inclusive sobre novos parâmetros teóricos, Mário absorveu muito desses assuntos antes de viajar e visitar essas cidades. A originalidade desse estilo e desse modelo ensaístico de fazer literatura e crônicas de viagens foi arrematada por supostas influências já comentadas em páginas anteriores. Mário era um contumaz leitor, que se apoderava de vários conhecimentos e os incorporava em seus textos e pesquisas. À moda de seu tão comentado amigo Paulo Prado, possivelmente, Mário desejou realizar, na obra *O turista aprendiz*, algo como Prado fizera genuinamente em *Retrato do Brasil*. “O Retrato de Paulo Prado é certo que causou nele, excetuadas as bobagens está claro, a mesma reação causou na crítica oficial (!) brasileira. Mas também está convencido que vamos por uma formidável decadência moral”,³⁹⁵ escreveu Mário, tecendo comentários críticos à recepção da obra por seu amigo.

Nesse processo intenso de sua pesquisa intelectual militante, Mário se entregou de corpo e alma ao estudo infatigável das relações entre patrões e proletários, fazendo variadas incursões nos dramáticos contextos políticos e trabalhistas. Se ocorreu de ficar desarmado

³⁹⁴ SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro: Puc Rio, n.10, jan. 2005. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_santiago.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

³⁹⁵ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.302.

intelectualmente ou sem a menor chance de fazer parcerias, jamais pensou em desistir ou abandonar suas projeções. “[...] porém o conforto é coisa relativa, provém muito mais da elasticidade do corpo. [...] Corpo disposto leva a gente até o fim do mundo, sem pesar”,³⁹⁶ respondeu Mário, ao ser questionado sobre o desconforto e a suposta desistência de se entregar à árdua viagem. Cabe lembrar que Mário precisou aprofundar conhecimentos históricos: descobrimento e conquista, colonização e escravidão, movimentos sociais e barreiras sociais, enfim, uma série de pressupostos que talvez não ressoassem com tanta determinação como seus breves dizeres de suas crônicas de viagens. Solidariedade, olhar para o próximo, lugar ao sol, esperança, boa fé, fraternidade, graça divina e carisma são os traços que unem esses olhares especiais para a luta do proletariado naquelas andanças pelo Nordeste brasileiro. Tais predições devem ter sempre uma aura poética e científica. Enfim, as crônicas da obra *O turista aprendiz*, aqui visitadas e lidas reflexivamente, elaboram, similarmente, um conceito teórico sobre o futuro incerto e um ponto de vista do autor, para verificarmos o presente ou os fatos do passado.

Nesse sentido, suas palavras representadas nessas crônicas de viagens, acabam ensejando toda uma conjuntura iluminada pela análise crítica é atravessada pela paixão. A obra *O turista aprendiz* está direcionada para se tornar história, mas não consegue se distanciar da beleza da estética literária. Trata-se de uma busca que Mário ousou fazer para lutar contra os paradoxos da própria realidade, com a finalidade de conhecê-la e desmascará-la. Todas as crônicas desse livro comportam linhas fundamentais, que vibram em um passar de páginas, num compromisso com a simplicidade e, ao mesmo tempo, com a erudição. O resultado dessa paixão pela escrita e pela vontade de pertencer àquela história foi alimentado com perseverança, frente às dificuldades enfrentadas. Portanto, a escrita de Mário não se afasta dos fatos e episódios menos favoráveis à representação poética nem os privilegia, ao contrário, Mário descreve acontecimentos cruéis com os menos favorecidos e tão afastados do progresso. Os detalhes dessa paradoxal missão apostólica, ou melhor, desse sacerdócio intensificado pelo drama, surgem através destas grandiosas sentenças, que exemplificam tudo aquilo que Mário profetiza e ilustram muito do que foi discutido nesta pesquisa:

³⁹⁶ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.329.

Não estou fazendo literatura não. Eu tenho a coragem de confessar que gosto de literatura. Tenho feito e continuarei fazendo muita literatura. Aqui não. Repugna minha sinceridade de homem fazer literatura diante dessa monstruosidade de grandezas que é a seca sertaneja do Nordeste. Que miséria e quanta gente sofrendo... É melhor parar. Meu coração está penando por demais...³⁹⁷

Esse fragmento nobre desenha: o grau de perseverança de Mário frente às dificuldades enfrentadas; sua missão desafiadora para um intelectual comprometido com seu ofício de escritor; sua valentia, por insistir naquilo que desejava cumprir com as melhores perspectivas; sua sinceridade, marcada pelo porvir dos progressos conquistados; seu fazer literatura, custe o que custar; enfim, a necessidade de ouvir os outros, mas, também, vontade indispensável de ser ouvido e atendido. Como observamos, a formação dos períodos separados por pontos e vírgulas se alternam, buscando ressoar pausadamente melhor conotação para seus olhares e suas angústias. Mário, brasileiro e aprendiz de literato e turista, não dispensa sua modéstia e sua determinação para continuar lutando de coração, mesmo com tamanho sofrimento alheio, mas empenhado em continuar batalhando por um Brasil mais justo e mais humano em todos os sentidos. Em suma, Mário teve bastante humildade e carisma em seu coração, ao escrever as palavras acima, que ganhariam amplitude de escritos que inquietam seu sono e sua virtude de ser um genioso homem que conseguiu protagonizar suas esperanças.

A produção intelectual de Mário de Andrade é contemporânea de muitas realizações importantes do pensamento brasileiro. Não somente na literatura e nas ciências humanas, mas também no meio artístico, estão se realizando investigações que apontam as tendências da época, como já mencionamos. Em particular, são contribuições sociais e literárias que descortinam possibilidades de compreender variadas ressonâncias entre a sociedade e seus costumes, entre o pensamento e a história. Mário questionou o presente em que viveu, sempre baseado nos fatos e episódios do passado, buscando também projetar o devir. Portanto, interrogar a realidade vivida em suas crônicas de viagens foi uma forma de descobrir novos horizontes e almejar um progresso mais democrático a todos aqueles que foram os personagens reais de produção da obra *O turista aprendiz*.

³⁹⁷ ANDRADE, Mário de. Op.cit., p.301.

Finalmente, concluímos que, dentro de uma possível leitura da obra *O turista aprendiz*, conseguimos vasculhar e remeter à luz esses fragmentos, mirando assim o foco da interpretação para além da estética literária e incorporando as novas realidades sociológicas e econômicas. Não sabemos se foi esse o objetivo planejado por Mário de Andrade, mas calculamos suas possibilidades de leitura ou possibilidades de criação literária. Queixamo-nos ainda de não ter uma interpretação totalizadora de seus objetivos como artista e membro eterno de nossa cultura. Outras investigações mais apuradas poderão apresentar respostas a curiosas indagações surgidas durante a leitura desta dissertação, assim como outros desdobramentos poderão tornar viáveis outras formas de pesquisa e investigação. Enfim, um cuidadoso e minucioso olhar sobre os manuscritos da obra *O turista aprendiz* e seus expressivos artefatos circunstanciais, produzidos na mesma época, seria uma trilha um tanto corajosa e desafiadora, por sinais obrigatórios, para aquele pesquisador destinado a postular novas hipóteses e genuínos estudos. Portanto, a obra de Mário de Andrade não se esgota com essas leituras, pois, ao mesmo tempo em que desenvolve a urgência vital do pensamento sociológico, lança os fundamentos para a própria projeção de tal pensamento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *A imagem de Mário*. Fotobiografias de Mário de Andrade. São Paulo: Edições Alumbamento, 1998.

_____. *Táxi e crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *O banquete*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

_____. *Cartas a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

_____. *Cartas a Manuel Bandeira 1922-1935*. São Paulo: Ediouro, 1986.

_____. *Vida literária*. S. Paulo: EDUSP/Hucitec, 1993.

_____. *Mário de Andrade escreve Cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1968.

_____. Ode ao Burguês. In: *Paulicéia desvairada*. São Paulo: Klick, 2003.

_____. Primeiro de Maio. In: *Contos novos*. São Paulo: Klick, 1998.

_____. *Entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T&A Queiroz Editor, 1983.

_____. *Balança, trobeta e battleship*. Edição genética e crítica: Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1994.

_____. A lição do amigo. *Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Record, 1988.

_____. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. São Paulo: Record, 1993.

_____. *Inauguração do Curso de Etnografia do Departamento de Cultura* (minuta da palestra). São Paulo, abril de 1936. 1p. datil., com anotações.

_____. *O empalhador de passarinhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

_____. Há uma gota de sangue em cada poema. In: *Obra imatura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

_____. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo: Villa Rica, 1995.

_____. *Vida do cantador*. São Paulo: Villa Rica, 1993.

_____. Querida Henriqueta. In: *Cartas de Mário de Andrade a Henrique Lisboa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

_____. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2a.ed. comem. 40 anos do falecimento de Mário de Andrade. São Paulo: Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1985. Capa e Ilustrações de Tarsila do Amaral.

SÃO PAULO. Evolução da População segundo seus componentes (1900 a 2000). In: *Histórico do Município de São Paulo*. Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas.php>. Acesso em: 10 jul. 2011.

ALMEIDA, José Américo. *A bagaceira*. São Paulo: Record, 2004.

AMARAL, Aracy. *A Tarsília: sua obra e seu tempo*. São Paulo: Edusp, 2010.

ANTELO, Raul. Na Ilha de Marapatá. In: *Mário de Andrade lê os Hispano-Americanos*. São Paulo: Hucitec, 1986.

ARIGUCCI, Davi. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

ARGUEDAS, José Maria. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. edición crítica. 2a.ed. Eve-Marie Fell (coord.). Madrid, París, México, Buenos Aires, São Paulo, Río de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996.

ARRIGUCCI, David. *Enigma e comentário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

BANDEIRA, Manuel. *30 crônicas escolhidas*. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1996.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *Los intelectuales em cuestion*. Espanha: Tecnos, 2001.

BRAGA, Rubem. *Com a FEB na Itália*. Rio de Janeiro: Valverde, 1945.

BRANCO, Carlos Heitor Castello. *Macunaíma e a viagem grandota*. São Paulo: Quatro Artes, 1970.

BRITO DA SILVA, Mário. A revolução modernista. In: *A literatura no Brasil*. Queiroz: São Paulo, 1996.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antônio. *Brigada Literária*. Unesp, 1992.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Trad. Antônio Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 1978.

FOCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

GARRET, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ediouro, 1985.

GIRAUD, Laire José. *As viagens pela costa do Brasil*. Disponível em: <<http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=16962>>. Acesso em: 10 jun. 2011

GRAMSCI, Antonio. *Intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

GUEVARA, Ernesto. *Primeiras viagens*. São Paulo: Scritta, 1996.

HOBBSAWN, Eric. *Marx e a história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

HOBBSAWN, Eric. *A Era dos impérios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

IANNI, Otávio. A metáfora da viagem e Transculturalização. In: *Enigmas da modernidade-mundo*. 3a.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968.

INOJOSA, Joaquim. Dois Andrades e outros. Aspectos do modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

IANNI, Octavio. *Classe e nação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes*. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

LONDON, Jack. *Tacão de ferro*. São Paulo: Hemus, 2008.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e caminhos*. São Paulo: Universitária, 1972.

_____. A bordo do diário. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. Viagens etnográficas de Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. Um projeto de livro. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. A edição de *O turista aprendiz*. In: ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. (Org.) Viagens e o fotógrafo. In: ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade: fotógrafo e turista aprendiz*. São Paulo: IEB/USP, 1993.

_____. A crônica de Mário de Andrade impressões que historiam. In: *A crônica*. Campinas: Unicamp, 1992.

_____. BISSILIAT, Maureen; SILVA, Marcos da. *O turista aprendiz*. 18.^a Bienal de São Paulo. São Paulo: Abril, 1985.

_____. *O cronista Mário de Andrade*. 1992. Tese (livre-docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. O riso e o rictus. In: *A imagem de Mário*. São Paulo: Alumbramentos, 1998.

_____. Mas se alguém segura o leme/desta nave incandescente. In: LOPEZ, Telê Porto Ancona; BISSILIAT, Maureen; SILVA, Marcos da. *O turista aprendiz*. 18.^a Bienal de São Paulo. São Paulo: Editora Abril, 1985.

_____. O turista aprendiz na Amazônia: a invenção no texto e na imagem. Instituto de Estudos Brasileiros. *Anais do Museu Paulista História e Cultura Material*. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-47142005000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jul. 2011.

LUCAS, Fábio (Org.). *Cartas a Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MARIATEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Editorial Minerva, 1928.

MORAES, J. A. Leite. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Ed. do autor, 1992.

MORAES, Antonio Marcos. Mário e o pirotécnico aprendiz. In: *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Rubião*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

MORAES, Marcos Antônio de (Org.). Correspondência. *Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2005.

ORTEGA, Julio. *La cultura peruana. Experiência e consciência*. Lima: Tierra Firme, 1978.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. Crônicas de viagens e a representação da cidade de Natal na obra *O turista aprendiz*, de Mário de Andrade. *Revista Linguagem*, Blumenau, 2009.

_____. *Crônicas de viagens*. Programa América Latina Viva. Entrevista concedida ao Professor Dr. Dimas Floriani, em Curitiba/PR, 02 nov. 2010.

_____. *O turista aprendiz, de Mário de Andrade versus El zorro de Arriba y el Zorro de Abajo, de José María Arguedas* – Uma aproximação literária e sociológica no panorama latino- americano. Monografia de Especialização. Curso de Literatura Brasileira e História Nacional, Curitiba: UTFPR, 2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello de. *As contribuições geográficas na obra O turista aprendiz, de Mário de Andrade*. Revista Conhecimento Prático de Geografia. São Paulo: Editora Escala. 2011

OLIVEIRA, _____. *As contribuições sociológicas na obra O turista aprendiz, de Mário de Andrade*. Revista Conhecimento Prático de Sociologia. São Paulo: Editora Escala. 2011

OLIVEIRA, _____. *Ficção e documento: debates e entrevistas sobre temas polêmicos com Mário de Andrade*. Livro em fase de publicação. 2010.

PAZ, Octavio. *Tiempo nublado*. Barcelona: Biblioteca del Bolsillo, 1986.

PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e contexto*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil. Ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Record, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

QUEIROZ, Raquel. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SANTOS, Itazil Benicio dos. Jorge Amado. *Retrato incompleto*. São Paulo: Record, 1993.

SANTIAGO, Silviano. *Ora direis puxar conversa*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu. In: *Nas malhas das Letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Revista Alceu*, n.10. Rio de Janeiro: PUC, 2005. Disponível em: <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n10_santiago.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SANTOS, Itazil Benicio dos. Jorge Amado. *Retrato incompleto*. São Paulo: Record, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Orpheu Extático na Metrópole*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SCHWARTZ, Jorge. Vanguardas latino-americanas. *Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras, Edusp, Fapesp, 1995.

SILVA, Maurício Pedro. *A hélade e o subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, E. L. da e MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa*. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>. Acesso em: 04 set. 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STRAUSS, Claude-Levi. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

STRAUSS, Claude-Levi. *Tristes trópicos*. Lisboa: Martins Fontes, 1961.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1992.

TODOROV, Tzevetan. Viagem e seu relato. *Revista de Letras*, São Paulo: Unesp, v.39, p.13-24, 1999.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

WERNECK, Moacyr de Castro. Mário de Andrade. *Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

ALVES, Maria Bernardete Martins; ARRUDA, Susana Margareth. *Como fazer referências: bibliográficas, eletrônicas e demais formas de documento*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Biblioteca Universitária, 2001. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/framerefer.php>>. Acesso em: 19 fev. 2010.

APÊNDICE A – Descrição

APÊNDICE A - ENTREVISTA IMAGINÁRIA REALIZADA NA CAPELA MORTUÁRIA DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO EM SÃO PAULO³⁹⁸

TEMA: O OFÍCIO DO ESCRITOR E DO INTELLECTUAL

1- Entrevistador/leitor: Em primeiro lugar, gostaria de agradecê-lo pela sua participação aqui neste momento. Gostaria de iniciar essa nossa breve entrevista com algumas questões de ordem da sua criação intelectual e do ofício de escritor. Percebemos ao longo de toda sua carreira que o senhor buscou ser um intelectual inquieto e audacioso em suas pesquisas, para isso podemos citar alguns exemplos notáveis de suas viagens pelo interior do Brasil. Refiro-me aqui as primeiras viagens realizadas ao interior de Minas Gerais e posteriormente as viagens ao Nordeste Brasileiro. Atualmente, a etnografia é pouco difundida no Brasil e os variados conceitos sobre essa técnica acurada de pesquisa de campo provêm de estudos e compêndios oriundos do estrangeiro. Muito do que se resumem esses estudos acabam caindo nas periferias da antropologia ou do academicismo genérico. Apesar de ser uma técnica bem inteligente e sistemática de colher informações sobre determinados povos e tribos indígenas, não podemos também de verificar o grau de sinceridade e argúcia desses depoimentos colhidos. O problema maior é lidar com as vicissitudes climáticas que propriamente não condicionam o nosso corpo e mente para realizar um trabalho mais bem aproveitado. Dito de outro modo, não basta estar no local para realizar uma determinada pesquisa etnográfica, mas, acima de tudo, precisa concomitantemente estar bem condicionado de saúde e bem disposto a enfrentar as dificuldades que cada dia de trabalho, assim como qualquer imprevisto que ocorra possa lhe impor e atrapalhar. Em suma, gostaria que o senhor comentasse um pouco sobre a importância da etnografia no estudo das ciências humanas, assim como sua prática na composição das crônicas do *turista aprendiz*?

³⁹⁸ Durante o desenrolar de toda essa entrevista imaginária aqui apresentada iremos adotar convencionalmente os caracteres [colchetes] para expressar as possíveis complementações ficcionais descritivas do escritor Mário de Andrade. O objetivo de tais intervenções reforça a ideia de um aprofundamento em forma de diálogo e necessidade do encaixar dos seus dizeres. Faz-se necessário tal convenção, pois visa a diferenciar aquilo que é pura citação do que é apenas invenção da linguagem. Para isso iremos possibilitar também uma continuação do seu posterior pensamento e suas ideias. Com efeito, isso provocará um sentimento maior de liberdade intelectual como já previa o nosso consagrado intérprete paulistano. Tais elaborações ficcionais farão parte do nosso universo especulativo da linguagem, ou seja, complementar as possíveis lacunas ou inquietudes de reflexão e continuidade das respectivas respostas ou perguntas.

Mário de Andrade: [Muito obrigado pelas considerações. Concorde em admitir que alfinetei várias amizades durante aquele momento político, mas me recuso a falar sobre isso agora. Que gostosura dizer essas palavras! Caro amigo, acredito que a etnografia irá alimentar as redes interdisciplinares dessa cadeia e, além disso, irá provocar os nossos alunos a conhecer e consequentemente disseminar as diferenças culturais de nossa nação... a meu ver, continuamos ainda monotonizados de paisagem exótica que não permite tomar outros olhares e fazer crer em novas metodologias. As interrogações genéricas ainda continuam no ar e provocam muitas discussões. As ciências humanas sem a metodologia da etnografia cairão no jogo de escleroses que somente prejudicam o ambiente das pesquisas e das investigações. É chover no molhado!] [Os estudos etnográficos visam alimentar uma cadeia imagética para confeccionar novos escritos e verificarmos como a vida desses forasteiros pode favorecer os nossos horizontes...] [Por outro lado, posso dizer que o texto etnográfico é composto por uma miscelânea de fatores que incorporam uma temática de estudos bem amplos das ciências humanas: a História, a Literatura, a Linguística, a Filosofia, entre outras. O complexo de vozes se entrelaçam realizando uma espécie de carnavalização da própria linguagem. É um grandioso trabalho “quixotesco”, entende? Grande reticência de imaginações e utilizações da linguagem! Exemplo nítido disso, foi o que eu consegui realizar na obra *O turista aprendiz*, observando as atitudes e as práticas de vida do povo do Norte e do Nordeste. Registrei tudo e representei através da minha voz nos diários de viagens, a voz coletiva do povo. Por isso sempre admiti que não existe arte sem representação do povo ou do popular! A não ser que esse mesmo escritor etnógrafo viva em uma caverna como um homem isolado e solitário! Talvez seja isso a real necessidade de viajar para lugares distantes com a finalidade de representar realisticamente da melhor forma. Na minha época pude verificar que os etnógrafos desejavam conquistar o campo selvagem e por ele espriar o seu domínio. O etnógrafo é um dos poucos intelectuais que utiliza diversas insígnias culturais que lhe permite atravessar as mais variadas nacionalidades e conjugá-las diplomaticamente ao seu favor! Ao mesmo tempo em que adentra em uma espécie de Arca de Noé para salvar suas inquietudes de um dilúvio, também projeta suas esperanças para uma investigação mais ousada e mais independente. Deste modo, busca fugir das banalidades ou das tarefas menos responsáveis. Na realidade, o discurso etnográfico também se torna importante a definição da localidade de onde se fala, se o sujeito já teve experiência em campo, quanto tempo precisou estudar para poder afirmar suas colocações, onde estudou. A esse artesão da palavra que cunha seu próprio vocábulo, fecunda e retoca à sua maneira, baseado nos documentos que recolhe e outorga sua autenticidade, deixando sua marca registrada, conseguindo explorar entranhas e regiões que ninguém ousou adentrar, nem o mais autêntico dos intelectuais exploraram antes. Para esse artesão, a linguagem etnográfica mesclada com a linguagem literária e tende a se apresentar como uma atitude especulativa, impassível e austera, distante do discurso histórico baseado em fatos e datas. Isto é: as duas atingem seu ponto nevralgico, uma depende da

outra, a etnográfica por ser objetiva e a literária por ser subjetiva, orquestrando acima de tudo uma fusão necessária entre o estilo e a linguagem para lograr êxito no ato de criação. Em outras palavras, é conseguir a proeza de dominar os efeitos linguísticos que a arte ficcional etnográfica impõe ao escritor. Neste sentido, para essa atividade demasiadamente cultural é necessário uma atitude persuasiva que pode ser comparada ao discurso de um representante político. Explicando melhor, de uma excelente retórica persuasiva e uma voz original para aquilo que está representando. Não bastando às vezes esse escritor etnógrafo enriquecer semanticamente palavras em desuso, mas recheá-las de magia e sublimação. Melhor dito, deverá, sim, fazer uso da poeticidade e da ficcionalização. Por isso muitas vezes torna-se difícil ao crítico literário identificar na escritura de um romance etnográfico a distinção de uma voz documental e ficcional. Nas minhas fichas de pesquisa você irá encontrar em “Psicologia dos cantadores”, que sumaria essa minha preocupação de compor o processo criativo popular daquela época. É notável afirmar que a técnica ou metodologia da etnografia têm articulado um pouco de algumas canções para invocar e trazer espíritos de outros rincões. Explicitei muito bem isso na minha conferência “Terapêutica musical”, na Associação Paulista de Medicina”, no ano de 1936, quando pude dialogar melhor sobre esse assunto. Além disso, podemos tomar como exemplo a obra *República*,³⁹⁹ do filósofo Platão, que conseguiu mesclar uma projeção de cidade ideal, onde os efeitos alegóricos surpreendem qualquer profissional da história ou da etnografia. Em suma, a linguagem sendo alegórica ou não, deverá sempre manter sua postura responsável, caso deseje incorporar uma nova e singular maneira de descrever aquilo que queira outorgar para o leitor. [Além disso creio também que esses procedimentos de pesquisa de campo possam ser úteis para abrir as cortinas de pesquisa sobre o estudo do primitivo na construção de um espaço que possa unir o folclore e o científico à moda Câmara Cascudo. Esse mesmo homem primitivo acaba tornando-se objeto de estudo da nossa cultura e da antropologia. A observação de culturas distintas e variadas já é consagrada em outros países, citamos apenas o mais importante que posso lembrar muito bem: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*,⁴⁰⁰ do pesquisador Bronislav Malinowski. Neste estudo, encontramos uma preocupação muito grande do autor etnógrafo em descrever situações corriqueiras dos primitivos nas Ilhas Trombiand. Tenho apenas leituras superficiais sobre tal obra. Não seria tão importante aqui que eu pudesse elaborar malabarismos intelectuais sobre tal perspectiva. No entanto, posso frisar que toda literatura etnográfica que se preze faz alusões ou pode ser vista como uma nota de rodapé de Malinowski. É comum também escritores utilizarem pesquisas etnográficas para confeccionar os seus romances, ou seja, atribuir elementos etnográficos para resgatar o aspecto documental e histórico do próprio texto. Esse condicionamento requer prática e experiência para que o

³⁹⁹ PLATÃO. *A República*. São Paulo: L&M Pocket, 2007.

⁴⁰⁰ BRONISLAW, Malinowski. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

enredo não perca sua áurea estética e o aparato etnográfico possa evocar elementos realísticos a própria obra. Um nítido exemplo disso foi a obra *Coração das Trevas*,⁴⁰¹ do escritor Joseph Conrad. Admirei muito essa majestosa obra literária. Grandes povos e civilizações como esses Brasis, merecem uma atenção especial de um pesquisador comprometido com sua nação e seu povo.] “Esta finalidade social será completada pela cadeira de Etnografia Brasileira, na qual estudando os nossos costumes, as nossas tradições, as suas origens, os seus processos, as tendências populares, as constâncias populares, o artista adquira uma base nacional, e não mais regional e meramente ocasional, de criação, por se tradicionalizar dentro da sociedade brasileira, e se justificar dentro da nacionalidade”.⁴⁰²

2- Entrevistador/ Leitor: A meu ver, implantar a cadeira de etnografia naquela época foi necessário por diversos motivos, inclusive ao saber correlacioná-la com outras vertentes temáticas do universo artístico seria de grande valia para os nossos discentes. O potencial da etnografia serviu para elucidar outros estudos e orientar as ideias das humanidades. O olhar antropológico desses escritores foi fundamental para enriquecer novos discursos e formulações. Tomamos como exemplo os romances *Maíra*,⁴⁰³ de Darcy Ribeiro, *Pathé Baby*,⁴⁰⁴ de Alcântara Machado, que focalizaram todos os seus escritos em uma voz poética antropológica, visando aprofundar e tecer novos desafios para uma nova forma de romance. Acho que realmente está na hora da antropologia mesclar o corpus da literatura e a literatura dramatizar a etnografia, isto é, devemos romper essas fronteiras se desejamos buscar uma autenticidade em tais diálogos. Digo isso, porque recentemente produzi um artigo sobre a obra *Cidade de Deus*,⁴⁰⁵ de Paulo Lins, onde busco identificar todo esse processo de constituição/gênese desse majestoso romance. Ora, o narrador ocular da obra *Cidade de Deus* se comporta como alguém que visualiza e marca presença sobre aquilo tudo que está narrando. Dito de outro modo age como se fosse uma testemunha dos fatos que observa e identifica. E isso, de fato aconteceu, pois Paulo Lins precisou realizar um mapeamento etnográfico anterior à constituição do próprio romance. Colheu entrevistas, depoimentos, dizeres, linguajar peculiar da comunidade, perquirindo todos esses caminhos para no futuro escrever as linhas desse romance tão contemporâneo e tão marcante para a cultura brasileira. Acredito que esses grandiosos romances reforçaram ainda mais a ideia da vasta estirpe de “descendentes” etnográficos e literários. Por outro lado, notamos que ainda somos uma nação que pouco valoriza os resultados de pesquisas antropológicas para fins de aplicação em nossa própria

⁴⁰¹ CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

⁴⁰² ANDRADE, Mário de. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra. 2000, p.398.

⁴⁰³ RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. São Paulo: Record, 1996.

⁴⁰⁴ MACHADO, Alcântara. *Pathé Baby*. São Paulo. Imesp, 1982.

⁴⁰⁵ LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

sociedade. Trocando em miúdos, não investimos necessariamente em criarmos centros de pesquisas que disponibilizem meios e documentos para fomentar nossos projetos culturais e políticos. Sendo assim, acaba ficando difícil criarmos um raciocínio independente aos outros centros mais equipados e bem preparados. Além disso, a temática linguística das obras etnográficas impõe cada vez mais uma espécie de habilidade para lidar com a voz persuasiva que aperfeiçoa todo aquele relato visto com lentes aguçadas. Relato isso, porque, recentemente, em viagem ao Chile consegui verificar a tamanha variedade linguística, assim como alguns ditados populares, que os diferencia de outras nações da América Latina, em especial o seu vizinho argentino. Os termos que encontrei, boa parte circulavam na cabeça dos variados taxistas, que circulavam no Sul do Chile, particularmente na cidade portuária de Porto Montt. Era magnífico todo esse manancial verbal ouvido enquanto trafegava pelas ruas da cidade. Que gostosura como o senhor mesmo fala! Diante disso, fica nítido que para desvencilharmos de tal regionalismo, é uma constante que todo etnógrafo deverá tomar os seguintes cuidados e cautelas. É notável dizer que as diferenças marcam a mentalidade desses cidadãos, ora verificamos um morador no vilarejo paradisíaco de Púcon, ora um morador de Puerto Varas ou um residente do litoral sul chileno da cidade de Valdivia. Exemplo extremo? Creio que não. Esse meu discurso lembra muito bem a obra *Primeiras Viagens*,⁴⁰⁶ do pensador socialista argentino Ernesto Che Guevara, quando realizou um longo trajeto em cima de uma velha motocicleta disseminando as supostas investigações sobre a lepra. Che atravessa todo território argentino, chileno e peruano atrás de um conhecimento *in loco* dessas respectivas cidades. Essa obra daria um belo estudo investigativo sobre literatura ou história latino-americana. Nesta altura cabem duas interrogações para fechar aqui o nosso frutífero diálogo: como o senhor enxerga a problemática entre a teoria e a prática de campo entre tais estudantes da etnografia? Foi fácil naquele período encontrar professores para ministrar essas disciplinas?

Mário de Andrade: [Em primeiro lugar, gostei bastante das suas argumentações e justificativas para chegar as nossas questões. Adoro esse clima de erudição e contemplação! Acredito que essa discussão pode se tornar muito amplas para futuras lições sobre a etnografia. Inclusive, gostei dos exemplos de obras contemporâneas formuladas nas suas considerações. A única que cheguei a ler foi *Pathé Baby*, do meu amigo Alcântara Machado, fantástico diário de viagens por sinal! Coitado, ele faleceu precocemente antes de mim... Este autor conseguiu alimentar através de ingredientes humorísticos uma vasta realidade nacional. É comum encontrarmos na sua linguagem certa velocidade de utilizar frases curtas e sem subordinação, alguns diminutivos, algumas frases exclamativas e rápidas à moda do futurismo pregado por Marinetti. O desenho de sua obra foi dado pelas metrópoles em constante transformação e erupção tecnológica! Vejamos agora se consigo responder suas questões. É notável

⁴⁰⁶ GUEVARA, Ernesto Che. *Primeiras viagens*. São Paulo: Scritta, 1996.

afirmarmos que para essa cadeira tão original e nova sofremos algumas dificuldades de adaptação de alunos e professores. Inclusive, podemos relatar que naquela época éramos ainda uma nação atrasada em relação ao ambiente acadêmico e de pesquisas docentes e de discentes, já que o investimento foi considerado ainda muito fraco e as condições para que isso ocorra são insalubres demais. Postulemos, que um determinado jovem recém-formado em antropologia viaje para o interior do Amazonas e lá por conta própria resolva investigar as tribos indígenas como o escritor francês Levi-Strauss fez ao realizar o mapeamento linguístico e tecer alguns conceitos estruturais que no futuro publicou a obra *As Estruturas Elementares de Parentesco*.⁴⁰⁷ Levi Strauss, ao se preocupar por uma aproximação direta com as culturas e tradições rústicas ou primitivas, penetrando por pesquisas de valor etnográfico, acabou buscando compreender o discernimento da fantasia dos selvagens, assim como representá-las da melhor maneira. A incumbência de sua missão foi registrada em muitos dos seus artigos espalhados em revistas nacionais e internacionais. Em sua antropologia estrutural, Levi-Strauss foi capaz de buscar uma maneira peculiar de estudar a história, a cultura e consequentemente as noções de civilização e barbárie. Quando estudou os mitos dos indígenas, Strauss evidenciou também o comportamento para demonstrar a estrutura dessas sociedades. Deflagrado tudo isso, ele ainda tinha outros projetos para revigorar os estudos literários e linguísticos. Por isso, esse mesmo pesquisador hipotético passa a observar as cabanas desses índios e tudo isso lhe chama bastante sua atenção. Ora, seu “olhar etnógrafo”, irá tentar instrumentalizar suas vivências naquele exato momento e, acima de tudo, encontrar uma maneira de não olhar aquilo com ingenuidade e sem profundidade, mas deverá buscar contracenar com suas experiências. Isto é: esse mesmo jovem não terá apoio governamental, assim como irá lidar com as caóticas condições de sobrevivência, e costumes. Já que esse jovem encontrará condições arriscadas de pesquisa, pois jamais irá imaginar que aqueles mesmos indígenas poderão voltar-se contra ele e atacá-lo de alguma maneira. Ora, nossos povos indígenas não foram acostumados a receberem o homem branco em suas aldeias e tampouco tiveram algum anfitrião amigo que pudesse apresentá-los à alguém interessado em cultivar esse nível de pesquisa. Pelo jeito, você pode perceber que essa preocupação torna-se central, já que precisamos capacitar esses jovens aprendizes a lidar com o universo artístico não de uma maneira apenas conceitual e pragmática, mas sim, submetendo suas reais inquietudes para uma melhor compreensão de nossas riquezas culturais.] “Uma coisa, eu reconheço, é muito nestas duas cadeiras de História da Arte e de Etnografia Brasileira: encontrar professores. Devido às próprias circunstâncias da nossa orientação cultural de até agora, os estudiosos dessas matérias – tão poucos! – se têm seccionado desoladoramente.” [Concordo em admitir que apesar de ser difícil encontrar professores para essa área...] “A parte etnográfica também, recebeu do autor da Rondônia um carinho

⁴⁰⁷ STRAUSS, Lévi. *As estruturas elementares de parentesco*. Petrópolis: Vozes, 2008.

especial e é nisso que fraternizo com ele admiravelmente, apesar da imodéstia deste ‘fraternizar’. Os estudos sobre os tipos antropológicos brasileiros, a secção de etnografia popular criada por Roquette Pinto dão ao Museu uma significação etnográfica especialíssima”.⁴⁰⁸

3- Entrevistador/ leitor: Em carta ao seu amigo do Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo, o senhor escreve que a etnografia teria um papel crucial nos estudos culturais do nosso imenso país. Inclusive, citou vários nomes de autores e estudiosos que fomentaram novas formulações sobre tal respeito. Durante tais cartas, possivelmente o senhor também tenha visto que a etnografia no Brasil ainda continua bastante contraditória e não rema a favor dos pesquisadores menos favorecidos. Disse também que estamos avançando cada vez mais na produção de novas publicações nessa mesma esfera do conhecimento. O senhor poderia tentar reproduzir suas lembranças de escrita nessa carta tão importante? O que de fato o senhor tratou com ele?

Mário de Andrade: [Caro colega, posso te revelar que a etnografia marcou bastante a minha perspectiva de enxergar esse enorme Brasil, inclusive acredito persuasivamente que todos nós possuímos uma forma peculiar de traçarmos os longos passos culturais da nossa nação. Perquirir esses passos significa desestruturar os discursos alheios e reproduzir à maneira menos cruel e determinada. Os nossos estudos foram fortalecidos através da descoberta dessa ferramenta que pude também compor o meu universo ficcional. A obra *Macunaíma* surgiu como fruto dessas especulações teóricas e filosóficas e dessas minhas andanças pelo Brasil afora. Nas suas primeiras redações e esboços fui motivando o meu olhar para fortalecer a nossa cultura. Aliás, como amante da cultura nacional, creio que pude revelar uma enorme capacidade de mesclar esse nosso profundo universo folclórico e tradicional com a minha gênese artística ficcional. Fiquei muito feliz em saber quando a antropóloga Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, na época, conseguiu articular com o meu amigo Rodrigo Mello Franco algumas ideias que pudessem fortalecer uma espécie de parceria do SPHAN com a criação de uma Secção de Etnografia do Museu Nacional, espécie de escritório/departamento que cuidasse dessas partes. Através desse diálogo ela tenta convencer e persuadir Rodrigo para que pudesse intensificar os passos da criação desse novo departamento. Inclusive consegue ressaltar a importância. disso tudo, tecendo comentários sobre a cultura e as tradições indígenas que estava desaparecendo em algumas partes do Brasil. Sua preocupação amplia quando tenta relatar a importância. da criação desse departamento como medida imprescindível para a proteção das jazidas e monumentos culturais. Outrossim, quando também tive contato com Dina Lévi-Strauss pude relacionar ainda mais esse caráter um tanto inovador no Brasil. Foi através dessas leituras já publicadas no Boletim da Sociedade de

⁴⁰⁸ ANDRADE, Mário de. Op.cit., Roquete Pinto. p.223.

Etnografia e Folclore, no ano de 1936, que consegui provocar ainda mais a minha curiosidade pelos estudos do homem em relação a etnografia. A espinha dorsal disso tudo foi reproduzida em outras obras de sua autoria e do próprio Lévi-Strauss quando escreveu a obra *Tristes trópicos*.⁴⁰⁹ Sabemos que nessa respeitosa obra, Strauss delineou um capítulo chamado “Como surge um etnógrafo”,⁴¹⁰ que situa com bastante eficácia produtiva o respectivo ofício desse árduo intelectual de campo. Ensaçando rápido essa minha leitura: Strauss demarca muito bem suas viagens realizadas na região Sudeste e no Nordeste, buscando focalizar suas observações a respeito do cotidiano brasileiros com o qual teve contato. Durante o curso que ministrei juntamente com sua pessoa, pude notar que iríamos contribuir de algumas formas para a criação desse departamento tão pioneiro e tão desejado pelas classes intelectuais. Foi o que de fato ocorreu nesse mesmo ano. Como você teve acesso a essa carta? Bom, depois você me responde... Em relação a correspondência do meu engrandecido amigo Câmara Cascudo, posso basicamente, se ainda me lembro reproduzir aquilo que discuti com ele em uma carta de minha autoria do dia 09 de junho de 1937. Cascudo era dono de uma vigorosa personalidade intelectual que de uma forma ou de outra favoreceu seus conhecimentos e estudos sobre o folclore e o próprio Brasil. Ainda que tenha canalizado seus estudos e escritos, fez questão de não se alhear das experiências, artefatos, ritos e expressões das classes populares. Nessa mesma época consegui admitir que a etnografia faria parte de longos diálogos e reflexões para futuras pesquisas e publicações. Eu disse a ele dessa maneira]: “Você [Câmara Cascudo] já deve ter reparado a importância que damos pra etnografia. Queremos fazer da revista um repositório etnográfico de primeira ordem, que seja pro Brasil mais ou menos o que é a Revista Lusitana pra Portugal”. [O restante ainda me lembro muito bem e posso reproduzir dessa forma...] “Não quis enunciar o seu trabalho que teria então de ser interrompido no próximo número pra não deixar descomunamente desenvolvida a parte etnográfica já com os estudos do Amadeusinho e mais o Romanceiro de Lampião”. [...] [Em outra carta mais adiantada disse que [...]] “Mas você se meteu logo em que? em Etnografia, onde positivamente não se pode fazer muita novidade vivendo em Natal ou S. Paulo. Veja o descomedimento: qualquer individuího que passar dois meses com os Tapirapés, mesmo falho e escrevendo cinco páginas fará coisa de maior interesse etnográfico”. “Ele [Luis Saia] que está se metendo também em folclore (científico, sério, pertencente ao grupinho de pesquisadores que estou formando aqui, com o Curso de Etnografia e agora com a Sociedade de Etnografia e Folclore, ele concordou logo com o jeito anticientífico do estudo de

⁴⁰⁹ STRAUSS, Lévi. *Tristes trópicos*. Lisboa, Portugal: Martins Fontes, 1961.

⁴¹⁰ STRAUSS, Lévi. Como surge um etnógrafo. In: *Tristes trópicos*. Lisboa, Portugal: Martins Fontes, 1961.

você, a ausência de dados sobre como foram colhidos os dados, de quem etc.”⁴¹¹.

4- Entrevistador/ leitor: Após o curso de etnografia creio que o senhor ficou mais entusiasmado e feliz com suas convicções sobre tal perspectiva, chegando naquela época até mesmo a dialogar em cartas com seu amigo Augusto Meyer sobre tal perspectiva. Comentou também a respeito da revista de etnografia que estava sendo respaldada com trabalhos inéditos que envolvia as pesquisas científicas de vários pesquisadores. A meu ver, acontece que devemos demorar bastante para que tudo isso possa ser aplicado pelo profissional de campo ou folclorista que deseja sistematizar melhor os seus estudos e teorias. Creio que as abstrações teóricas levantadas durante o curso tenham sido suficientes para a criação de novas ferramentas de análise do social brasileiro. Lembro aqui as palavras do crítico Silviano Santiago quando diz que: “Se os etnólogos são os verdadeiros responsáveis pela desmistificação do discurso da história, se contribuem de maneira decisiva para a recuperação cultural dos povos colonizados, dissipando o véu do imperialismo cultural”⁴¹². A elucidação de Santiago é, sem dúvida, inteligente; e nos ajuda a pensar a respeito da importância do condicionamento dos etnólogos para transparecer os dizeres dos historiadores, da possível vinculação entre cultura do colonizador e do colonizado. Ora, será que muitos de formulações levantadas em campo serão capazes de afastar esse véu que o crítico Santiago diz que seja necessário para transparecer as nossas tradições e manifestação cultura?

Mário de Andrade: [A etnografia nasceu na minha vida no ano de 1926. Naquela mesma época, pude desfrutar de uma grandiosa viagem ao Norte e Nordeste. Resolvi por minha conta colher variados documentos que pudessem aproximar a minha visão daquilo que era primitivo. Acredito que a etnografia possui amplamente a capacidade de colocar novos horizontes para o progresso das nossas pesquisas antropológicas e das humanidades. Por isso a respeito da sua indagação, acredito, a meu ver, que seremos capazes de escrever uma nova História e remar contra essa retórica inócua que atinge os nossos colonizados. Especificamente, aquilo que Portugal fez com o Brasil. E, a etnografia permitirá tudo isso! Gostaria de falar sobre esse assunto! Por esse viés, podemos estudar o nosso folclore ou nossa literatura com uma espécie de metodologia mais sistemática e com resultados plausíveis. Não basta mais acreditar no imperialismo lanque que somos atrasados e somos considerados tapados pelos seus estudos primórdios. Suponha-se que um dia, após a deterioração das tradições indígenas, um etnógrafo progressista tenha o interesse de apresentar os seus estudos e investigações para uma casta de pessoas jovens que não

⁴¹¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Villa Rica. 1991, p.149. Grifos nossos.

⁴¹² SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos. Ensaio sobre Dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.19.

chegaram a ter esse contato com os índios ou que essa catástrofe humana possa ser melhor amenizada pelos seus estudos e escritos. Mudando um pouco, podemos verificar que é fácil para um etnógrafo mais habilitado possuir certa malícia em descrever aquilo que busca defender e vedar os olhos de uma nação ainda ingênua e incapaz de questionar os seus próprios estudos. Creio que agora estamos diante de um patamar mais revolucionário e disputando igualmente com as outras nações que já possuem esse mesmo sistema de trabalho. Ou seja, seremos capazes de produzir os nossos materiais, sem depender de apenas copiar as referências desses pesquisadores. Por exemplo, não podemos falar de técnicas etnográficas, sem antes evocarmos o clássico escritor positivista Euclides da Cunha, que fez pesquisa etnográfica e geográfica quando escreveu a obra *A Margem da História*,⁴¹³ mas creio que ele não sabia muito das ferramentas que poderia utilizar para descrever melhor o seu objeto de análise. Talvez o escritor positivista sabia como coletar, mas não sabia articular e manejá-las para um profundo entendimento. Pela mesma perspectiva, o livro de Raul Bopp, *Cobra Norato*,⁴¹⁴ também contribuiu bastante pelo aspecto específico da etnografia e da ficção. Figura emblemática do Pará! A estória narra uma paixão incoerente entre um rapaz chamado Honorato e uma serpente. Adorei essa majestosa obra! Nessa mesma época, ainda consigo lembrar que estava de olho para comprar uma grande obra chamada *Bosquejos Etnográficos*,⁴¹⁵ do escritor Carlos von Koseritz, cheguei a trocar correspondência com meu amigo Augusto Meyer sobre tal obra. Ainda continuo admirando também o trabalho de Roquette Pinto, naquela época quando dirigia o Museu Nacional no Rio de Janeiro. Seu trabalho de antropólogo foi bastante proveitoso para muitos profissionais da área e funcionou como laboratório para muitos intelectuais e pesquisadores. Não se pode deixar de falar o nome de Roquette Pinto, quando o caso é originalidade e persuasão nos estudos antropológicos e etnográficos. Não podemos ser uma nação ainda canhestra e carente de novas ferramentas para a pesquisa social e folclórica do nosso povo. Pesquisar a nossa cultura requer responsabilidade técnica e intelectual. Nesse sentido, não devemos apenas acreditar nos “achismos” e “invenções mentirosas”, precisamos sim, de pessoas comprometidas e capacitadas para fomentar e expandir as dimensões do seu objeto folclorístico. Não se pode realizar qualquer metodologia etnográfica achando que conseguirá obter bons resultados. Faz-se necessário uma sistematização urgente das nossas pesquisas folclóricas. A inteligência brasileira clama por melhores condições de trabalho! Não devemos confundir o estudo dos homens primitivos sejam tratados pelo estudo dos oprimidos! Meus maiores mestres da minha biblioteca particular foram Levy-Bruhl e Fraser e esmiucei-os até quanto pude aprofundar e

⁴¹³ CUNHA, Euclides. *A margem da história*. São Paulo: Cultrix, 1975.

⁴¹⁴ BOPP, Raul. *Cobra Norato; nehegatu da margem esquerda do Amazonas*. São Paulo: Irmão Ferraz, 1931.

⁴¹⁵ KOSERITZ, Carlos von. *Bosquejos etnológicos. Selección de textos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

representa-los nos meus escritos. Talvez fosse, com certeza, necessário o grandioso talento desses dois teóricos aqui agora para servir ao menos de amostragem para situarmos o nosso propósito. Posso tomar como exemplo o meu próprio trabalho etnográfico *O turista aprendiz*,⁴¹⁶ que inocentemente não tive uma metodologia tão aprofundada em escrever algumas crônicas, tendo em vista que minha viagem foi anterior à data do curso que promovemos no Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Hoje, após essa rápida ressurreição, posso notar o quanto fui imaturo para descrever utilizando essas ferramentas que a própria estudiosa Dina Lévi-Strauss ministrou nas suas aulas. Não basta apenas que fiquemos reduzidos a estante de livros de nossa biblioteca. O papel preponderante de um pesquisador comprometido com seus pares e seu público será de agora em diante a participação no local daquilo que deseja angariar, isto é, irá atrás desses materiais substanciais que irão compor os seus documentos de trabalho. Dessa forma, podemos postular que um determinado pesquisador possa fazer o levantamento das principais danças do interior de uma cidadezinha no estado da Paraíba, utilizando questionários específicos já previamente formulados como fator documental para a confecção do seu objeto de pesquisa.] “Não foi ao acaso que escolhemos a Etnografia, ela se impôs. Quem quer que, mesmo diletantemente como eu, se dedique a estudos etnográficos e procure na bibliografia brasileira o conhecimento da formação cultural do nosso povo, muitas vezes desanima, pensativo, diante da facilidade, da leviandade detestável, da ausência, muitas vezes total, de orientação científica, que domina a pseudo-etnografia brasileira [...]. E é principalmente nisto, na colheita da documentação popular que a enorme maioria dos nossos livros etnográficos é falsa [...]. Colher, colher cientificamente nossos costumes, nossas tradições populares, nossos caracteres raciais, esta deve ser a palavra de ordem dos nossos estudos etnográficos; e num sentido eminentemente prático vão se orientar os trabalhos deste Curso de Etnografia [...]”.⁴¹⁷

5- Entrevistador/leitor: O senhor ainda lembra e poderia reproduzir seu discurso em pleno jantar com os dois professores franceses na cidade de São Paulo?

Mário de Andrade: [Minha memória ainda está bastante ativa e acredito que consigo lembrar perfeitamente daquela cena magnífica do nosso jantar. Lembranças gostosas! Minha agenda social nesta mesma época estava repleta de compromissos e protocolos que de um jeito ou de outro eram quase inadiáveis, mas, mesmo assim fui impulsionado pela minha paixão e pelo então compromisso já assumido com esse distinto casal europeu. Aquele belo restaurante, cheio de harmonia poética, repleto de adornos, enfim todo um conjunto de coisas boas. Os quadros das paredes lembravam aquelas velhas

⁴¹⁶ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

⁴¹⁷ ANDRADE, Mário de. *Inauguração do Curso de Etnografia do Departamento de Cultura* (minuta da palestra). São Paulo, abril de 1936. 1p. datil., com anotações.

paisagens urbanísticas da cidade de São Paulo. Várias autoridades estavam próximas a nós e inclusive tivemos a oportunidade de concretizar alguns anseios intelectuais da nação brasileira. Somente fiquei chateado porque muitos pares e amigos intelectuais não chegaram a ser convidados e nem tampouco tiveram a oportunidade de ouvir e conversar com Lévi-Strauss e sua esposa. Mesmo assim, foi um momento bastante marcante para o progresso das investigações da nossa cultura folclorística e etnográfica. Estava tudo ligado em um mesmo conjunto à criação da Escola Livre de Sociologia e Política em 1933, da Universidade de São Paulo em 1934 e por último do polêmico Departamento de Cultural de São Paulo no ano de 1935. Esse nobre conjunto fortaleceu muito as pesquisas no Brasil. Além disso, fiquei mais inteiramente apaixonado pelas relações da literatura com a antropologia e vice-versa. Passei a interagir melhor com os grupos de intelectuais da época sobre tal respeito e provoqueei ainda mais a confecção de estudos sobre tal perspectiva.] “Como não posso exprimir por palavras meus agradecimentos a Sra. Lévi-Strauss, proponho que em homenagem à mesma criemos o *Clube de Etnografia*. Seria o primeiro em São Paulo e no Brasil, porque não existe outro no país. Obtive já a autorização do Prefeito Fábio Prado. O essencial agora é recolher sócios. Precisamos pensar nas pessoas que queiram bem a etnografia e por esta ciência se disponham a trabalhar. Os presentes serão considerados sócios-fundadores do *Clube de Etnografia*. Assim declaro fundado o *Clube de Etnografia* como a maior homenagem que poderíamos prestar a Sra. Lévi-Strauss”.⁴¹⁸

6- Entrevistador/leitor: No seu diário das crônicas de viagem de sua brilhante obra *O turista aprendiz*, é comum notarmos um efeito fragmentado e desajeitado nas suas anotações. Apesar do indexador da obra dizer bem claro “Descrição e viagens”; “Diários brasileiros”, quando foi lançado em 1976, podemos notar que esse livro ainda permanece nesse tom híbrido e indefinido por muitos críticos e intelectuais. Inclusive sua crítica Telê Ancona, aponta que existiam “brechas na elaboração”, porém sua obra se sobressaiu, tendo em vista os aspectos da prosa modernista e humorística. Um parêntese: a estudiosa também trabalha com a hipótese que o senhor teve a inspiração para intitular o seu trabalho através da obra *O aprendiz de feiticeiros* de Paul Dukas.⁴¹⁹ Será que foi essa inspiração mesmo? Aliás, o título da sua obra *turista aprendiz*, é amplamente polissêmico e sublime se imaginarmos outras densidades significativas que remetem aspectos dúbios e ambivalentes. A existência de dois sentidos, um literal e outro figurado, são indispensáveis para provar que *turista aprendiz* implica em liberdade e conjuga ares de revolução e compaixão ao exercício de conhecer esse enorme Brasil. Modéstia à parte, acredito que essas minhas digressões ganham foros de diagnóstico interpretativo sobre o tema que aqui resolvi ampliar e discutir com o senhor. Fechando parêntese e retornando

⁴¹⁸ *Diário da Noite*, São Paulo, 4/11/1936.

⁴¹⁹ LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.30.

ao assunto: por outro lado, o efeito que está diretamente relacionado com o caráter fragmentado e caótico da própria atitude da escrita de vários dias de idas e vindas nos meios de transporte que utilizou para viajar por esse enorme Brasil. Concordo que para escrever crônicas em um ambiente desfavorável possa descombinar com aspectos intelectuais que o senhor tentou ao máximo alcançar. É quase nítido também que o senhor mescla efeitos de ficção com experiência etnográfica nos seus diários. Por exemplo, podemos notar que a comunidade “Dó-Mi-Sol” é inventada pelo senhor para tentar apresentar como funciona o comportamento no dia-a-dia dentro de uma aldeia indígena e como isso opera na prática de outras comunidades. Houve muita invenção na obra *O turista aprendiz*? É notável também verificarmos o caráter híbrido do diário de viagens, que ora atinge a referencialidade dos textos informativos, ora alimenta os mesmos pela ficção e imaginação ardente. Como seria o ato de transcrever e, às vezes, ser obrigado a inventar ficcionalmente maneiras para completar tais lacunas e falta de inspiração? O senhor poderia relatar como foi sua experiência junto aos índios da Selva Amazônica? Quais seriam as reais contribuições desses indígenas para a nossa cultura? Como o senhor pretendeu trabalhar com esses indígenas?

Mário de Andrade: [Não acredito na hipótese levantada por você sobre a gênese fragmentada da minha escrita na obra *O turista aprendiz*. Não tive o propósito de deixar o meu texto fragmentado. Avacalharia sua falar e questionar desse jeito! Não fui nenhum marinheiro de primeira viagem quando resolvi escrever esses diários e essas crônicas de viagens, aliás, tive um propósito bem consistente. Consoante, a sua suposta indagação discordo dessa sua postura e tampouco concordo que minhas anotações foram ociosas e desajeitas. Posso lhe dizer que durante a confecção desses escritos jamais fui obrigado ao restauro posterior dos brasileirismos e da própria ortografia que inventei, por isso consegui ficar livre, mais isso não quer dizer que o meu texto tenha ficado desorganizado. Ora, a interação do Mário narrador e a realidade narrada fazem parte dos procedimentos de construção da paisagem do *turista aprendiz*. Talvez isso gere confusões para leitores menos experientes. Sobre a questão das invenções, sou fiel em declarar que o desconhecimento da geografia local por boa parte dos meus leitores do *turista aprendiz*, especificamente aqueles de outras regiões, foi propício para uma possível romantização, e isso de certa forma, acabou também contribuindo para algumas formulações críticas sobre tal respeito. Eu desejei muito fazer dessa obra uma compreensão da América Latina como um todo, por isso desenhei logo na capa uma índia com traços tropicais e uma coroa europeia pendurada na sua cabeça. Eu tive esse propósito de amplitude da América Latina. Não cheguei a conhecer Telê Ancona, mas, sobretudo creio, por pensamentos divinos, que ela tenha amor à minha obra e organizou boa parte dos meus manuscritos. No entanto, ouvi comentários que todos os meus manuscritos estão organizados no museu de São Paulo, criado pelo historiador Sérgio Buarque de Hollanda. Fico feliz em saber disso tudo! Muito cuidado com aquilo que você afirma, pois não podemos

entrar em generalizações arbitrárias aqui neste debate. Durante algumas incursões realizadas em minha estada na Selva Amazônica, enquanto navegava calmamente no rio Madeira, consegui apreender como funcionam alguns aspectos peculiares do cotidiano das tribos. Confesso que fui naquela época um transeunte infatigável! Afirmando que não foi miragem, nem sonho, tampouco alucinações, mas reparei e anotei na minha caderneta de viagem e observação tais comportamentos. Tive pouquíssimo contato com esses indígenas e, além do mais, quase não pude concretizar tais conceitos que já havia formulado em minha cabeça. Não tive vontade de superestimar romanticamente suas formas e características, mas adorná-las de forma harmônica e poética. Sou sincero em afirmar que não discorri melhor sobre tais assuntos, já que desconhecia uma forma melhor de organizar alguns métodos de investigação e também tive que seguir viagem juntamente com os outros que estavam na mesma embarcação. Sei que, durante essas visitas, a minha imaginação estava ardendo de ser aplicada criativamente e representada da melhor maneira.] “Eu creio que com os tais índios que encontrei e têm moral distinta da nossa, posso fazer uma monografia humorística, sátira às explorações científicas, à etnografia e também social. Seria a tribo dos índios Do-Mi-Sol. Será talvez mais rico de invenções humorísticas, dizer que eles, em vez de falarem com os pés e as pernas, como os que vi, no período pré-histórico da separação do som, em som verbal com palavras compreensíveis e som musical inarticulado e sem sentido intelectual, fizeram o contrário: deram sentido intelectual aos sons musicais e valor meramente estéticos aos sons articulados e palavras.” [Sobre as lendas posso te afirmar que ficava e...] “No fim, dar uma série de lendas de pura invenção minha. As lendas etiológicas, se prestam muito para a fantasia. Dar um vocabulário também engraçadíssimo, se prestando a efeitos muito humorísticos, mas só poderiam perceber isso os que soubessem música. E os músicos, em geral, são tão poucos perspicazes... é melhor desistir do vocabulário...”⁴²⁰

7- Entrevistador/ Leitor: Contemporaneamente falando, podemos notar que os intelectuais estão submetidos a representarem suas classes e seus estados. Mesmo apesar dessa pulverização que esse mesmo intelectual está submetido nos dias de hoje. Aquele intelectual “orgânico” que já previa Antonio Gramsci, como um conjunto de talentos e habilidades que formulava a maneira desse homem representar a sociedade está cada vez mais inexistente e ausente. É quase comum também não conseguirmos identificar a posição desse intelectual no campo político, já que sua linguagem acaba caindo no universal sem se apoiar em muitas ideologias. Salvo engano, o primeiro intelectual a notar tudo isso foi o filósofo italiano Julien Benda, no seu clássico *A traição dos clérigos*⁴²¹, o autor submete um olhar tão polêmico e discursivo que marcou os horizontes intelectuais da própria época. Penso aqui na famosa citação de

⁴²⁰ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo. Duas Cidades, 1976. p.127.

⁴²¹ BENDA, Julien. *A traição dos clérigos*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

Roland Barthes sobre tal assunto: “No campo intelectual, a escolha política é uma suspensão de linguagem – portanto uma fruição. Entretanto, a linguagem reaparece, sob a sua forma mais consistente (o estereótipo político). É então preciso engolir essa linguagem, sem náusea”.⁴²² Ora, percebemos uma negação posterior daquilo que parece estar imanente ao intelectual, ou seja, nega no início mas depois acaba transparecendo. Creio que com o surgimento dos novos meios de comunicação, assim como a própria ascensão da modernidade fez o intelectual desaparecer. É notável verificamos que essa sua pulverização no meio da sociedade prejudica a atitude de criarmos um determinado valor sobre sua palavra e sua representação. Ficou nítido no ano de 1965, que Sartre mencionou a seguinte frase: “O intelectual é aquele que se mete naquilo que não é da sua conta”, ou seja, fazer coisas como Zola fez no famoso caso do oficial do exército Dreyfus. Naquela mesma época, final dos oitocentos, o escritor Zola comprou uma briga que não era dele e tentou reivindicar a prisão desse mesmo oficial. Esse intelectual polivalente também perdeu tais características, já que se notarmos os avanços da especialização acadêmica, o cientista tornou-se apenas conhecedor do seu respectivo assunto. Para isso basta tomarmos como exemplo a figura de um professor de letras, que não sabe muito sobre Filosofia ou História do Brasil. Isso, há cinquenta anos era quase impossível. Naquela época, o intelectual tradicional se compreendia por dois fatores: era polivalente e criador de julgamentos de valor. Hoje isso ficou em branco e é cada vez mais comum identificarmos pessoas que não possuem a consciência disso. Tomamos como exemplo a personalidade e o caráter erudito de D. Pedro II, que quando tinha apenas 14 anos de idade resolveu estudar boa parte das humanidades e das Ciências Naturais. Ora, era leitor assíduo das bibliotecas de Petrópolis, gostava de trabalhar sua sabedoria e cultivar o aperfeiçoamento do espírito e da alma. Não foi à toa que logo teve a forte vontade de se candidatar a um cargo de professor e defender o magistério como profissão digna e passiva de orgulho e admiração perante à sociedade. D. Pedro II foi autodidata e conservou uma forte imagem de intelectual comprometido pelo seu Brasil. O imperador organizou várias iniciativas sobre distintos fatos históricos e literários, conjugando temáticas aprofundadas e disseminando o conhecimento para vários brasileiros. Durante seu cargo de rei ofertou várias bolsas de estudos e investigações para conseguir salvaguardar os nossos estudantes. A eclosão do seu pensamento pode ser verificada em várias de suas cartas e diários de viagens que formulou ao redor do Brasil. Foi autor de diversas glosas da nossa história e ainda traduziu muitos escritores antigos. Dentro da sua brochura é possível encontrarmos diversas alusões e citações de autores clássicos europeus e brasileiros. Em suma, foi um intelectual completo, merecendo destaque no campo das letras e das artes. Gostaria que o senhor pudesse descrever com algumas palavras sobre o ofício do intelectual e aquilo que considera mais importante.

⁴²² BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p.53.

Mário de Andrade: [Em primeiro lugar devo admitir que não pode existir um divórcio entre intelectual e imaginação. Ou seja, esse mesmo homem de letras que confecciona um romance de sua autoria deverá adquirir esses aspectos libertários como fator para pressupostos de sua inteligência e enriquecimento pessoal. Acredito que boa parte de nossa imaginação está diretamente imbricado nos nossos sonhos e devaneios. Pelo menos os psicanalistas dizem isso, já que somos provocados por suas inquietudes! De outro modo, esses devaneios também provocam uma espécie de vigília para conseguirmos lançar as ideias como se fossem flashes de luzes do nosso pensamento. Quando escrevi as crônicas de viagens da obra *O turista aprendiz*,⁴²³ tive vários momentos de contemplação da minha escrita em relação aos sonhos e devaneios anteriores que tive. O nosso intelectual deverá ser um homem comprometido pelo papel social que exerce, não fique em busca de conceitos e definições, embelezamentos estéticos, realizações individuais e egoístas, mas que saiba atuar, colocando no cerne da sua obra e dos seus objetivos a verdade dos contrastes desse enorme Brasil, em deformações que apresentem a cara real desse povo brasileiro que já é sofrido desde nascença. Não devemos ser cegos e aceitar as coisas como são impostas pelos homens de poder. Quando visitei as indústrias de cana de açúcar nos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte resolvi desmascarar as condições precárias de trabalho dos moradores daquela região. Sabia e tinha consciência que estava lutando com homens grandes e de autoridade legitimada, mas bati de frente e dei minha cara a tapa e fui responsável por representar aqueles indivíduos oprimidos. Não devemos e não fui nascido para aturar nenhum ‘marasmo’ de leis impostas pelos governantes, e muitas vezes impostas e aceitas por lograrem determinado privilégio a seu favor.] [Ora, devemos ter noção que o intelectual estará sempre trabalhando com as contradições que lhe são impostas e nunca terá um Brasil perfeito e livre de injustiças e discrepâncias. Já ia me esquecendo sobre D. Pedro II, feitor de tarefas laboriosas, não cheguei a ler muito sobre sua pessoa, mas tive conhecimento que foi um grande intelectual inserido nos trópicos.] “Outro dia eu afirmava que a linguagem, instrumento criado pra servir às necessidades da nossa inteligência, era por isso mesmo incapaz de expressar a totalidade da nossa vida sensível. Simplesmente porque a vida sensível excede ao conjunto de faculdades que nos levam ao conhecimento intelectual”⁴²⁴ [Aliás, descrever que Julien Benda foi sempre um intelectual combatente e convicto de seus ideais, buscando sempre uma melhor maneira de manter o seu pensamento livre e independente. Não se apegava a modas, grupos e turmas fechadas, tampouco partidos e movimentos. Sua noção do universal estava implícito nos seus escritos e dizeres, por isso descobriu que para poder atingir determinados homens precisaria antes tocar naquilo de seu interesse ou no mínimo trazer

⁴²³ ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

⁴²⁴ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.93.

benfeitórias para uma determinada comunidade. Benda sempre foi um homem direcionado e vocacionado a resolver os problemas alheios e para isso jamais mediu esforços para concretizar os objetivos coletivos e propaga-los para uma condição de vida melhor. Muito do que Benda realizou serviu como laboratório de experimentos para vários outros estudos e formulações] “Mas, a pena é que Julien Benda tratou quase que só de pensadores e literatos, de ‘intelectuais’. E é certo que estes, não sei se por lidarem com o elemento diretamente intelectual das palavras, em geral são mais foguetes, mais audaciosos, e vivem tomando partido. Felizmente, pra eles que assim pelo menos justificam mais socialmente, pra não dizer: humanamente, a sua maneira-de-ser”.⁴²⁵

8- Entrevistador/ Leitor: Dando continuidade a nossa questão anterior sobre os intelectuais, o senhor cita Julien Benda e discute qual seria a reação dos intelectuais frente aos problemas externos e absolutamente fora de sua alçada de trabalho. Sabemos que nem sempre somos obrigados a fazer aquilo que nós gostamos. Mas, todo intelectual, a meu ver, deverá ter uma noção mais geral daquilo que está participando. É comum observarmos novas fronteiras para esse árduo trabalho. Sartre também participou de diversos afazeres que fugiam a sua órbita de conhecimento e respaldo intelectual, mas mesmo assim soube opinar e dissertar sobre tal assunto. Os intelectuais que interpretaram a nossa nação também fizeram parte de um grupo seletivo que resolveu investigar toda essa conjuntura irreverente e artística. Gilberto Freyre, Amoroso Lima, Sérgio Buarque, Caio Prado Junior, entre outros, autenticaram esse olhar cristalizado de nação. E ao mesmo tempo aliciaram toda uma rede de novos membros e discípulos dentro do contexto brasileiro. Todos esses perseguiram os ecos da nossa brasilidade e dedicaram a enxergar um Brasil livre das desigualdades e das injustiças praticadas pelos burgueses e donos do capital. Será que todo intelectual possui afinidade com os homens das letras ou vice-versa?

Mário de Andrade: [Uma pequena digressão, antes de abordar o sujeito intelectual no Brasil. Em primeiro lugar, sobre o conjunto dos intelectuais que interpretaram a nação brasileira, gostaria de me lembrar do grande Gilberto Freyre, autor da majestosa *Casa Grande e Senzala*.⁴²⁶ É incrível verificarmos como ele delinea o efeito da mestiçagem e do negro. É notório verificarmos que sua obra discorre com uma prosa agradável e solta. Quase não faz apologia e tendências ao marxismo ou as correntes filosóficas pregadas na época. Freyre foi um grande intérprete brasileiro, narrou os costumes, a vida cotidiana, as obrigações dos escravos, a orgia dos portugueses e enfim, conquistou uma série de estudos e discípulos. Confesso que li e reli sua obra, buscando dialogar em carta com o autor pernambucano. Fechando o parêntese: todo intelectual ou

⁴²⁵ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.155.

⁴²⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Record, 1990.

homem de letras se dedica em tempo integral na sua missão de fé. Esse intelectual será sempre um homem insatisfeito com as coisas que observa e verifica ao seu redor. Vivemos em uma sociedade coberta de contradições e ao mesmo tempo carente de diálogo e solidariedade. O intelectual age como se fosse um intermediário entre o sujeito e seus objetivos. Todos nós agimos quando somos impulsionados e motivados a superarmos nossos limites. O intelectual está sempre superando os seus limites. É um ser inquieto e preocupado com a nação que representa e faz parte. Sabe muitas das vezes quase como um político, mas não tem a autoridade de assinar seus projetos ou incrementá-los na sociedade que busca melhorias. Além disso, sou meio aterrorizado para falar de política e conseguir tentar ao menos formular uma prática política social que possa visar um aprofundamento mais consistente. Esse mesmo intelectual não costuma misturar prática com teoria, e por ficar muita na abstração acaba perdendo seu senso prático e objetivo. Mas isso não é um defeito inerente seu, é porque talvez isso fuja da sua alçada. O problema maior é quando esse mesmo intelectual cai na chancela da oportunidade e aproveita tudo aquilo que está ao seu redor. Discordo dessas intenções oportunistas que todo intelectual deverá possuir, ou seja, não basta apenas engajar seu discurso para obter algo em troca, mas precisa agir com o coração e a alma. Por isso, precisa sempre fortalecer suas parcerias e alianças para que os acontecimentos remem a seu favor de forma natural e espontânea, assim como, o erudito Julien Benda odiava os grupos fechados, pois sabia que isso não correspondia as categorias do intelectual comprometido com suas obrigações. Benda acreditava que a verdade e a razão eram talentos intelectuais apenas quando não buscavam algum tipo de finalidade prática. Por isso, resolveu naquela época criar o conceito do ‘clerq’, ou seja, aquela atividade erudita que não exigia fins práticos e objetivos.] “Na realidade a situação pra quem queira se tornar um intelectual legítimo, é terrível. Hoje mais que nunca o intelectual ideal é o protótipo do fora-da-lei, fora de qualquer lei. O intelectual é o ser livre em busca da verdade. A verdade é a paixão dele. E de fato o ser humano socializado, as sociedades, as nações, nada tem a ver com a Verdade. Elas se explicam, ou melhor, se justificam, não pela verdade, mas por um sem número de verdades locais, episódicas, temporárias, que, estas, são frutos de ideologias e idealizações. O intelectual pode bem, e deverá sempre se pôr a serviço duma dessas ideologias verdades temporárias”.⁴²⁷

9- Entrevistador/ Leitor: Transpondo a nossa conversa sobre o intelectual e suas respectivas ideologias, podemos notar que boa parte da obra *Macunaíma* ainda representa a visão do homem de letras dinâmico que buscasse reafirmar uma espécie de nacionalidade brasileira. Como o senhor relaciona a gênese da

⁴²⁷ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.516.

obra *Macunaíma* com os aspectos do povo brasileiro e como isso ocorre na prática?

Mário de Andrade: [Acredito que *Macunaíma* fica nas fronteiras do sujeito civilizado e do primitivo. Mas isso, jamais compromete seu perfil de sujeito sem caráter e sem ética nas relações pessoais. No mesmo espírito de balanço dessa obra são passadas em revista colocações de Theodor Koch-Grunberg, Câmara Cascudo, lendários, contadores de estórias, mitos indígenas, entre outros. Tudo isso formando um contexto demasiadamente exótico de gênero textual. A mistura rendeu formulações etnográficas, rapsódia, livro de lendas, Retrato do Brasil, entre vários outros. Desejo alertar que não foi eu que disse, foi a crítica literária e meus pares de amigos. Acho que a sátira e a mescla de discursos enviesados que utilizei para compor essa obra ajudou também a sua indefinição de gênero e de caracterização pela crítica.] “Veja o “caso” de *Macunaíma*. Ele seria o meu mérito grande de si sáísse o que queria que saísse. Pouco importa si sorri escrevendo certas páginas do livro: importa mais, pelo menos pra mim mesmo, lembrar que quando o herói desiste dos combates da terra e resolve ir viver “o brilho inútil das estrelas”, eu chorei. Tudo, nos capítulos finais foi escrito numa comoção enorme, numa tristeza, por várias vezes senti os olhos umedecidos, porque eu não queria que fosse assim! E até hoje (é o livro meu que nunca pego, não porque ache ruim, mas porque detesto sentimentalmente ele), as duas ou três vezes que reli esse final, a mesma comoção, a mesma tristeza, o mesmo desejo amoroso de que não fosse assim, me convulsionaram. Mas a verdade é que eu fracassei. Si o livro é todo ele uma sátira, um não conformismo revoltado sobre e o que é, o que eu sinto e vejo que é o Brasileiro, o aspecto “gozado” prevaleceu. É certo que eu fracassei. Porque não me satisfaz botar a culpa nos Brasileiros, a culpa tem de ser minha, porque quem escreveu o livro fui eu. Veja no livrinho a introdução com que me saudaram! Pra esses moços, como pra os modernistas da minha geração, o *Macunaíma* é a “projeção lírica do sentimento brasileiro, é a alma do Brasil virgem e desconhecida!”⁴²⁸

10- Entrevistador/ Leitor: Creio que todos os escritores possuem manias e formas de trabalho particulares e isso implica na personalidade e no estilo da escrita de cada um. Ora, se comparássemos a forma e a maneira do trabalho de cada escritor, teríamos que fazer um paralelo com as manias e as circunstâncias que cada um tivesse envolvido. A divina inspiração acaba se misturando com a transpiração ofegante. Os bastidores e os momentos de criação são variados, numerosos e ultrapassam vários escritos. Alguns escritores buscam o isolamento e o silêncio total para adquirir tal complexidade, os ambientes são variados e as formas de usá-los distintas. A solidão não é regra, mas praticamente seria a verdadeira aliada de todos os escritores. Aliás, a maior parte preferia ficar enclausurado no seu gabinete de estudos, junto a exageradas doses de bebida.

⁴²⁸ ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Augusto Meyer*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.44.

Balzac, abstinência total, não dispensava, entretanto, o café. Ingeria dezenas e dezenas de xícaras enquanto escrevia. Hoffman, o célebre autor dos "Contos", inspirava-se sob a influência de uma bebida de ervas. Como o senhor mesmo afirma em alguns escritos o ato de criação não deve ser encarado como a dor de um parto, mas como um prazer ou um gozo de apetite sexual. Parece até que existem sintomas de Freud nessas suas maturações filosóficas a respeito do ato de escrever, mas sei que cada um possui sua forma específica de escrever e trabalhar. Gostaria que o senhor buscasse discorrer sobre essas minhas considerações e tentasse exemplificar com a sua maneira particular de ser intelectual e escrever. Comente e fique a vontade para falar.

Mário de Andrade: [Adoro várias manias e hábitos que acabam virando rotinas de um escritor bastante inquieto. Gosto de ler várias obras de uma só vez. Adoro comprar livros, inclusive sempre solicitei o meu querido funcionário Jose Bento⁴²⁹ a adquirir os meus livros na Civilização Brasileira, naquele lugar mantinha uma conta, mas sempre no fim do mês pagava certinho. José Bento fora um grandioso aluno que tive no Conservatório Musical de São Paulo. Zé Bento também cuidou bastante das minhas correspondências e isso me facilitou no sentido de organização. Trabalho comigo durante doze anos e pode me conhecer de verdade! Por outro lado, continuando nossa conversa, antes de chegar minha precipitada morte no ano de 1945, eu pude agradecer obras díspares no conteúdo. Por exemplo, eu lia Machado de Assis, contracenando o filósofo francês Michel de Montaigne, foi muito útil, pois consegui confeccionar um ensaio bastante original sobre tal assunto. Sobre tudo aquele conto *O imortal*⁴³⁰ de Machado era genial, li e reli várias vezes. Acredito bastante nesse fortalecimento das minhas leituras, pois provoca novos desafios e interesse em continuar sendo um bom escritor. Quanto mais você lê e escreve, mais você consegue conjugar e relacionar outros textos. Boa parte dos meus manuscritos foram queimados, e não tive tempo sequer para terminar. As vezes, creio que sou muito perfeccionista. Quando escrevi o conto *Frederico Paciência*,⁴³¹ fiquei aperfeiçoando vários anos e tive a impressão que nunca iria chegar no fim exato.] “O que eu sinto, ou o que eu faço é enquanto estou escrevendo, e até lendo, é ter o quarto habitado, em geral um, raro dois amigos, que estão ali, juro que estão, lendo por cima dos meus ombros o que escrevo, me aconselhando, me dirigindo, me contradizendo pra firmar bem, por amizade, por dedicação, as minhas argumentações”.⁴³²

⁴²⁹ Entrevista de Zé Bento e Sônia Sterman Ferraz. In: JATOBÁ, Roniwalter; BRITO, Edsel; ANDRADE, Milton de. *Revista Memória*, Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, São Paulo, 1992.

⁴³⁰ ASSIS, Machado. O imortal. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.II.

⁴³¹ ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. São Paulo: Estado de São Paulo, 2003.

⁴³² ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.77.

11- Entrevistador/ Leitor: De acordo com sua resposta poderíamos tentar propor uma aproximação da assertiva que o escritor Jean Paul Sartre refaz ao conceituar o intelectual moderno: “O intelectual é, portanto, um técnico do universal que se apercebe de que, em seu próprio domínio, a universalidade ainda não está pronta, está permanente a fazer. Um dos grandes perigos que o intelectual deve evitar se quiser avançar em seu empreendimento, é universalizar depressa demais”.⁴³³ O senhor concorda com essa passagem polêmica e progressista do escritor francês?

Mário de Andrade: Olha meu caro, assunto um tanto polêmico, mas considero livre para especulações e dizeres filosóficos. Concordo sim, com tal passagem, inclusive, gostaria de manifestar o meu interesse em frisar que as contradições que o intelectual deverá enfrentar são frutos de todo o acervo humanístico que a própria sociedade concebeu. Ora, as Ciências Humanas estão cobertas de subjetividade e as respostas ainda lacunares sobre vários aspectos. Ou seja, quase tudo é discutível e livre para um possível questionamento. O intelectual, estar nesse meio conflitivo, entende! Fruto de novas especulações e hipóteses! Não é o dono da verdade, mas almeja solucionar os problemas que estão à sua volta, mesmo que fuja da sua alçada. A petulância dos seus dizeres impõe sempre um novo olhar e uma nova forma de fazer uma revolução que pode está prestes a explodir. Exemplos? Várias vezes tentei defender algumas problemáticas trabalhistas nas cidades que estavam incipientemente sendo controladas pelas indústrias de cana de açúcar e seus patrões. Ora aquilo não pertencia aos meus afazeres e muito menos as minhas razões de artista e homem de letras. Mas, sabe senti necessidade de agir, tomar consciência, saber direcionar, solucionar tais inquietudes. É somente isso que desejava falar...

12- Entrevistador/ Leitor: Durante suas atividades de produção intelectual e erudita o senhor afirma que sofreu diversas reminiscências de leitura e consequentemente exploraram-nas nas suas produções orais e escritas. Acredito que o senhor tenha sofrido um pouco de descaso em relação ao próprio espaço de tempo destinado a leitura de obras importantes para a sua formação erudita. As obras europeias e brasileiras sempre fizeram parte da sua formação intelectual, tendo em vista o seu grau de responsabilidade em contracenar tudo isso. Acontece que esse tempo sempre deverá ser direcionado ao ócio produtivo e participativo de suas produções artísticas. Quais seriam suas leituras mais influentes sobre tal perspectiva? Como o senhor conseguiu relacionar tal temática?

Mário de Andrade: [Todos nós possuímos leituras anteriores e somos sujeitos penetrados por novas condições de influências. Quando determinado escritor deseja escrever e, sobretudo está na condição de iniciante ou aprendiz, busca abarcar seus gostos e autores prediletos enquanto razão de situar sua voz ou

⁴³³ SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994. p.35.

balizar suas reflexões. Quando comecei a escrever minhas crônicas, fui obrigado a ler bastante Machado de Assis e José de Alencar. Minha cabeça o tempo todo ruminava as ideias desses escritores do século XIX. Esse meio literário cercava os meus escritos, assim como um aquário cerca um peixe. Além do mais, quando ainda estudava no Colégio Marista, senti a real necessidade de pedir uma licença para se dedicar mais aos autores que estava estudando. Todos nós tivemos influências literárias e novas correlações nasceram porque outras já morreram, para isso precisa existir o velho e tradicional. A todo o momento tenho percebido que estamos lidando com novas formas de enfrentar a vida literária e com isso surgem as intromissões e atrevimentos de outras. Encastelava-se na minha cabeça que apenas devemos ler os cânones e clássicos, mas pelo contrário devemos também ler outras obras buscando tecer um paralelo com as regras antigas de se praticar literatura. Não posso ler Machado, sem antes ao menos ter noção de quem foi Swift ou Shakespeare. Cada escritor interage de forma diferente e sob aquilo que cada um escreve...-]. “Não é possível a gente conceber a formação dum espírito sem influências, fruto unicamente de experiência pessoal porque isso contraria as próprias leis da psicologia. Quanto à originalidade, se historicamente ela é duma importância capital na evolução das artes, ela não tem nenhum valor conceitual na verificação da obra-prima-”⁴³⁴

13- Entrevistador/ Leitor: Buscando tomar como gancho sua última frase e dialogarmos com a sequência dessa outra questão que aqui irei formular podemos verificar que o senhor fala de influências em relação ao aperfeiçoamento da formação do ofício do escritor. Verificamos que gradativamente o senhor vai aprofundando temas sobre plágio e cópia do estilo de outros escritores. Naquela época, muitos escritores brasileiros foram acusados de estilizar a maneira de muitos escritores escreverem. Exemplo notório foi o escritor português Eça de Queiroz acusar o romancista Machado de Assis de aproveitar um pouco do seu estilo e vos narrativa. Acredito que isso ficou nítido através de uma espécie de rivalidade que ambos tinham. Sabemos que quando determinado escritor começa seus escritos, geralmente move suas tendências para realizar um trabalho menos genuíno e mesmo assim bastante rico e trabalhoso. Estou me referindo aqueles que buscam uma “voz” para direcionar suas narrativas e acabar com suas angústias. Acredito que o senhor chegou até mesmo ser irreverente com esses assuntos através das suas palavras. Como consegue administrar tudo isso na sua obra? Já precisou copiar o estilo de alguém ou mesmo copiar aquela estrutura de frase que acreditou ser importante para completar os seus trabalhos literários? Relate como foi essa experiência?

⁴³⁴ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.81.

Mário de Andrade: [Acredito que o plágio consciente e saudável pode consagrar muitos escritores e intelectuais. Quando utilizo a expressão ‘saudável’, reflito na hipótese de acreditar em uma espécie de ato inocente e respeitoso, fora dos interesses alheios e da inveja. Confesso que não fiquei sabendo que Machado tinha essa rivalidade com o romancista português, mas creio que tenha sido uma grande polêmica para aquela época. Todo plágio pode ser considerado uma atitude de falta de inspiração e talvez até mesmo desonestidade com o próximo. Na minha época eu conheci muitas artimanhas dos escritores para plagiar. Principalmente aqueles escritores que vinham de fora e causava um pouco de impacto no Brasil. Os tradutores fizeram muito disso, pois tinham em mão materiais suficientes para entregar aos plagiadores. O problema maior é quando descobrem, pois fica uma situação tão constrangedora e difícil para aquele suposto escritor. Sua fama fica ruim e complicada para ganhar novo status ou limpar sua ficha perante os outros. Evidente que esses copistas de textos andam sempre camuflados, ou seja, traduzem um texto bem antigo e colocam uma nova roupagem para aquilo que estão escrevendo. Se tomássemos como exemplo os Almanques Garnier publicados entre os anos de 1904 até 1908, poderíamos observar muitas colocações da Língua Portuguesa arcaica que pudesse ser utilizada por um cronista de jornal atual. É clássico e fica até elegante, você utilizar aquelas mesmas expressões antigas para tentar compor novas crônicas de jornais.] “Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta pras Icamíabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa [...] Enfim, sou obrigado a confessar duma vez por todas: eu copiei o Brasil”⁴³⁵.

14- Entrevistador/ Leitor: Acredito que a originalidade não é algo superficial e tampouco está relacionado ao simples fazer artístico isolado de outras habilidades. Em relação a isso é importante ressaltar que o senhor observa que somos uma nação caracterizada pela sua linguagem própria que luta para adquirir uma espécie de reconhecimento sobre aquilo que produz. Notamos também que nossa linguagem é correspondida diretamente pelas nossas emoções e sentimentos que buscam abarcar o nosso grau de humorismo e emoção. Para isso, cada escritor, deverá utilizar com astúcia a própria linguagem que remará a seu favor. Penso aqui na célebre frase de Adorno: “A própria linguagem conferiu ao dito, às relações de dominação, universalidade que ela própria assumiu enquanto meio de comunicação de uma sociedade burguesa.”⁴³⁶ Falo isso pelo motivo que estamos sempre entrando uma espécie

⁴³⁵ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.56.

⁴³⁶ ADORNO, Theodor. *Conceito de Iluminismo*. São Paulo: Unesp, 2003. p.16.

de acordo fisionômico com aquilo que correspondemos com nosso tom/tonalidade de voz. Ou seja, sempre buscando compreender o outro de acordo com nossa experiência. Quando digo a palavra “acordo”, não se subentende algo credenciado e já estipulado por ambas as partes: *locutor e interlocutor*. Toda linguagem está baseada em uma maneira recíproca de explorarmos o nosso caráter sensível de sermos espontâneos e distraídos com os nossos dizeres. Talvez seja esse o real motivo dessa polêmica discussão. Duas últimas questões para terminar aqui a nossa conversa senhor Mário. Como podemos corresponder as nossas emoções através de nossa linguagem? Como isso condiciona a nossa fisionomia de rosto e muda as nossas características fisionômicas?

Mário de Andrade: [Como já havíamos falado anteriormente, somos uma nação privilegiada de sotaques e regionalismos. Esse caráter difuso, e ao mesmo tempo proveitoso do brasileiro, funciona como se fosse um termômetro que controla as nossas emoções. Ou seja, quando falo muito alto e carregado de sentimentos, sou capaz de me sentir exaltado e numa “vermelhidão” exagerada. Reagimos conforme nosso humor e aquilo que me inquieta. Outro momento, pode acontecer também quando resolvemos mentir e inventar novas ficções sobre alguns acontecimentos do nosso cotidiano. Exemplos? Quando trabalhava no Diário Nacional, fui surpreendido pelo meu próprio editor-chefe contando uma baita mentira e para isso ele articulou sua face conforme sua tonalidade de voz. “Nós publicamos sua crônica, mas foi necessário fazer algumas adaptações”. Ora, ficava nítido naquela época que ele desejava inventar uma grande mentira para não publicar meu artigo. Todos nós alimentamos sentimentos que são provocados e estimulados pela nossa capacidade peculiar de entendermos as coisas ao nosso redor. Somos guiados pelas circunstâncias! Ontem morreu Machado de Assis, hoje nasce Lima Barreto. Vinte anos depois que faleci também tinha entrado um rol de escritores que modificaram a nossa maneira de criação. Entende como funciona? A todo momento tenho percebido um forte exagero nos nossos dizeres e falares. É comum o brasileiro brigar com a mulher e depois em tom de discórdia contar vantagens para seus pares e colegas de bar. Sujeito fica empolgado e saliente! A problemática maior é que muitos brasileiros não são sujeitos sentimentais e reais nas suas fisionomias de rosto. Ou seja, fulano xinga o vizinho e continua rindo da cara dele logo em seguida. Utiliza sua língua com variados palavrões, mas, ao mesmo tempo, subtrai sua face e esconde ela em outro lugar. Essa tática funciona muito bem, mas não transmite de maneira alguma a honestidade e transparência sobre aquilo que está dizendo através das suas palavras.] “Porque o Brasil é uma nação possuidora duma língua só. Essa língua não lhe é imposta. É uma língua firmada gradativa e inconscientemente no homem nacional. É a língua de que todos os socialmente brasileiros têm de se servir, se quiserem ser

compreendidos pela nação inteira. É a língua que representa intelectualmente o Brasil na comunhão universal”⁴³⁷.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. O imortal. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.II.

ANDRADE, Mário. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *Mário de Andrade escreve cartas a Augusto Meyer*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Inauguração do Curso de Etnografia do Departamento de Cultura* (minuta da palestra). São Paulo, abril de 1936. 1p. datil., com anotações.

ADORNO, Theodor. *Conceito de Iluminismo*. São Paulo: Unesp, 2003.

BOPP, Raul. *Cobra Norato; nehegatu da margem esquerda do Amazonas*. São Paulo: Irmão Ferraz, 1931.

BENDA, Julien. *A traição dos clérigos*. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRONISLAW, Malinowski. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

CUNHA, Euclides. *A margem da história*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

⁴³⁷ ANDRADE, Mário de. *Táxi e Crônicas do Diário Nacional Táxi*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p.111.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Record, 1990.

GUEVARA, Ernesto Che. *Primeiras viagens*. São Paulo: Scritta, 1996.

KOSERITZ, Carlos von. *Bosquejos etnológicos*. Seleção de textos. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: L&M Pocket, 2007.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. São Paulo: Record, 1996.

SILVA, E. L. da e MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa*. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p. Disponível em: <www.posarq.ufsc.br/download/metPesq.pdf>. Acesso em: 04 set. 2011.

MACHADO, Alcantâra. *Pathé Baby*. São Paulo: Imesp, 1982.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

Entrevista de Zé Bento e Sônia Stermann Ferraz. In: JATOBÁ, Roniwalter; BRITO, Edsel; ANDRADE, Milton de. *Revista Memória*, Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, São Paulo, 1992.

SARTRE, Jean Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.